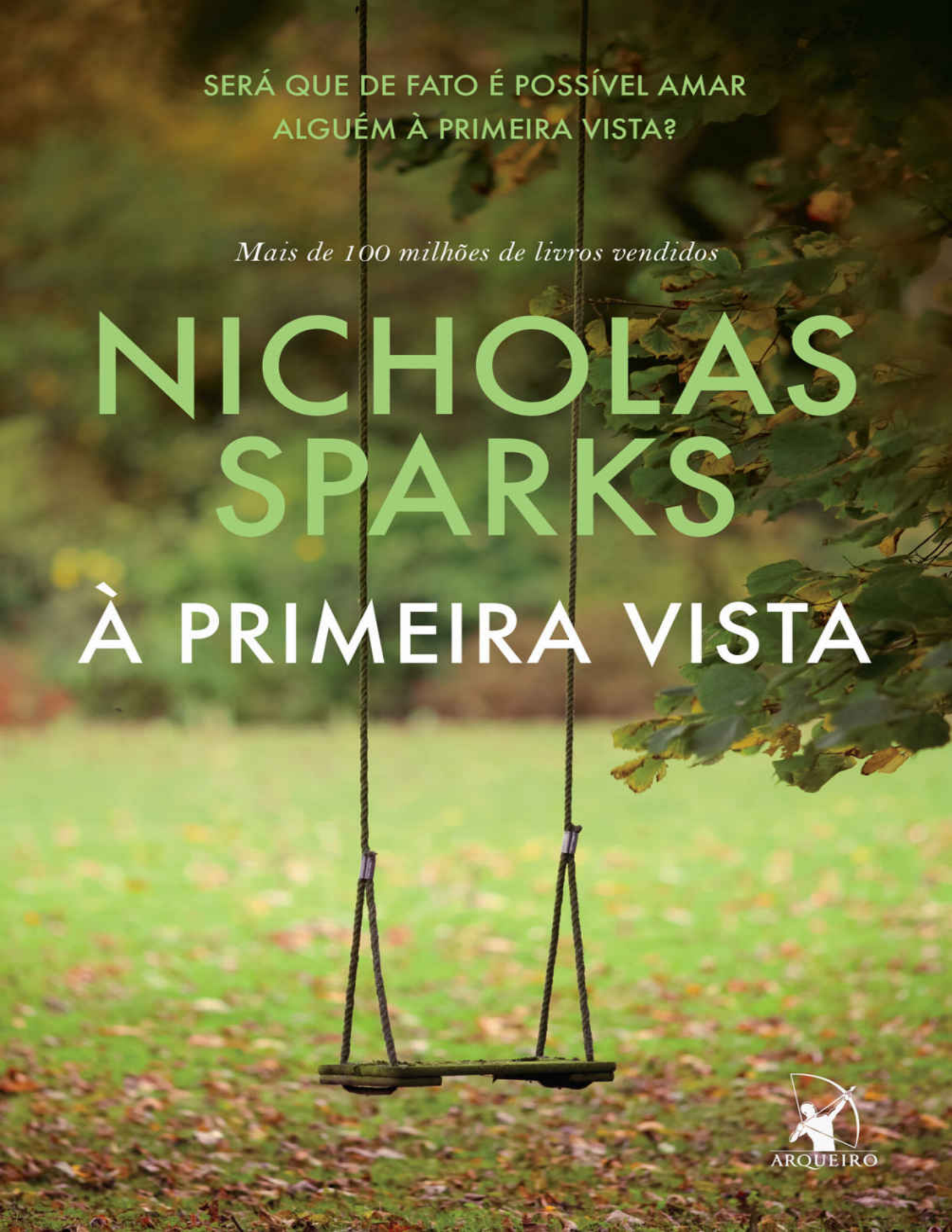

SERÁ QUE DE FATO É POSSÍVEL AMAR
ALGUÉM À PRIMEIRA VISTA?
*Mais de 100 milhões de livros vendidos*
NICHOLAS
SPARKS
À PRIMEIRA VISTA
ARQUEIRO

# À PRIMEIRA VISTA



# O Arqueiro

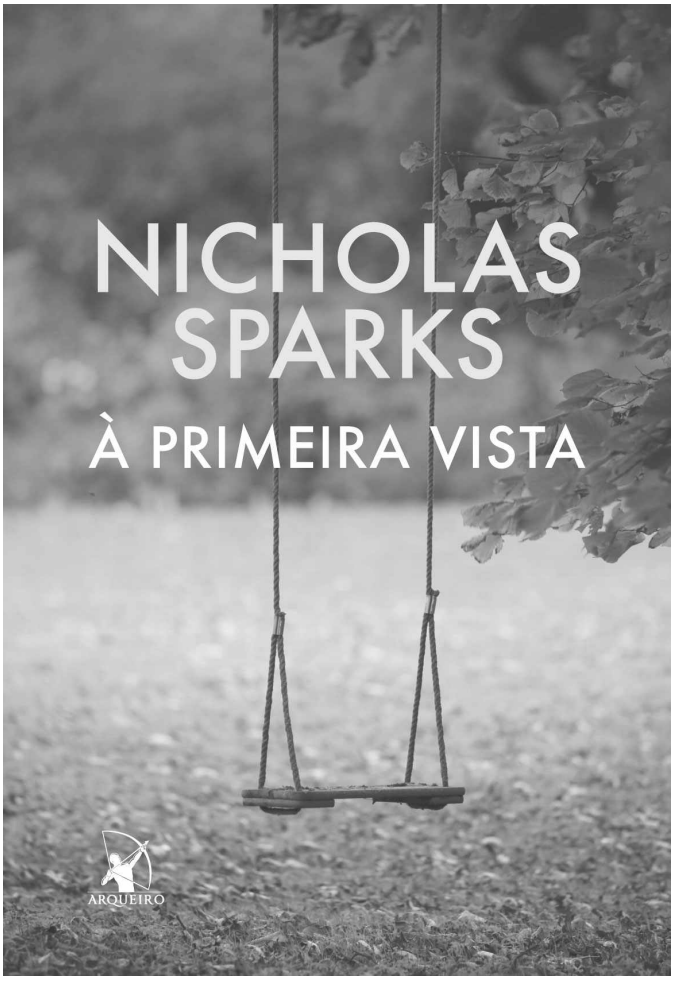
Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


NICHOLAS
SPARKS
À PRIMEIRA VISTA
ARQUEIRO

Título original: *At First Sight*
Copyright © 2005 por Nicholas Sparks
Copyright da tradução © 2012 por Editora Arqueiro Ltda.
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Simone Reisner
preparo de originais: Caroline Mori
revisão: Alice Dias e Rebeca Bolite
diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial
capa: Claire Brown & Jennifer Carrow
imagem de capa: Olivia Bell/ Getty Images
adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S726p

Sparks, Nicholas
À primeira vista [recurso eletrônico] / Nicholas Sparks [tradução de Simone Reisner]; São Paulo: Arqueiro, 2012.
recurso digital

Tradução de: At first sight
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Multiplataforma
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-110-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Alves-Calado, Ivanir, 1953-. II. Título.

12-6973

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

# Prólogo



*Fevereiro de 2005*

Será que de fato é possível amar alguém à primeira vista?

Sentado na sala de estar, ele se fez de novo a pergunta. Devia ser a centésima vez. Do lado de fora, o sol de inverno tinha se posto havia muito tempo. Pela janela entrava apenas o reflexo do nevoeiro cinzento, e, com exceção das batidas suaves de um galho de árvore contra o vidro, tudo estava quieto. Mas ele não estava sozinho, e logo se levantou do sofá e atravessou o corredor, querendo dar uma olhada nela. Enquanto a observava, pensou em deitar-se ao seu lado e fechar um pouco os olhos. Bem que precisava de um descanso, mas não queria se arriscar a pegar no sono e perder a hora. Ele a viu se mexer levemente, e então deixou que a mente divagasse, levada pelas lembranças do passado. Mais uma vez pensou nos caminhos que os uniram. Quem era ele naqueles tempos? E quem era hoje? Analisando superficialmente parecia que responder a essas questões era algo fácil. Ele se chamava Jeremy, tinha 42 anos, era filho de pai irlandês e de mãe italiana e trabalhava escrevendo artigos para revistas. Essas seriam as respostas que daria, se quisessem saber sobre ele. Embora fossem informações verdadeiras, muitas vezes Jeremy se questionava se deveria acrescentar algo. Deveria, por exemplo, mencionar que, cinco anos atrás, viajara até a Carolina do Norte para investigar um mistério? Que lá se apaixonara, e não uma, mas duas vezes? Ou

que a beleza das lembranças daquela época estava permeada de tristeza, e, mesmo agora, ele não tinha certeza de qual dos sentimentos iria perdurar?

Afastou-se da porta do quarto e voltou para a sala. Embora não se permitisse ficar preso aos acontecimentos do passado, também não evitava pensar neles. Não podia apagar aquele capítulo da vida, assim como não seria possível alterar o dia de seu aniversário. Apesar de às vezes desejar voltar o relógio do tempo e apagar todas as tristezas, sentia que, se o fizesse, a alegria também diminuiria. E essa era uma hipótese que ele se negava a considerar.

Com frequência, era nas horas mais escuras da madrugada que se lembrava da noite em que fora com Lexie ao cemitério, quando vira as luzes fantasmagóricas que viajara de Nova York especialmente para investigar. Naquele momento ele se deu conta, pela primeira vez, de quanto Lexie era importante para ele. Enquanto esperavam juntos, na escuridão do cemitério, ela lhe contou sobre sua vida e lhe explicou que tinha ficado órfã ainda criança. Jeremy já tinha conhecimento disso, mas não sabia que ela começara a ter pesadelos alguns anos depois de perder o pai e a mãe. Eram sonhos terríveis e recorrentes, nos quais presenciava a morte dos dois. Sem saber o que mais podia fazer, sua avó, Doris, resolveu levá-la ao cemitério e mostrar à neta as luzes misteriosas. Aos olhos de uma criança ainda muito pequena, as luzes eram miraculosas, celestiais, e Lexie logo imaginou que fossem a alma de seus pais. De certa forma, ela precisava acreditar naquilo, e os pesadelos nunca mais a atormentaram.

Jeremy se sentiu emocionado com a história que ela lhe contara, comovido pela perda de Lexie e pelo poder das crenças inocentes e puras. Entretanto, mais tarde naquela mesma noite, depois de ver as luzes por si mesmo, ele quis saber o que ela achava que fossem de fato. Lexie se inclinou para perto dele e sussurrou:

– Eram meus pais. Provavelmente queriam conhecê-lo.

E então ele soube que queria tê-la em seus braços. Para Jeremy, aquele instante preciso ficou assinalado como o início de seu amor

por Lexie. E ele nunca mais deixaria de amá-la.

Lá fora, o vento típico de fevereiro retomava sua força. Nada era visível além da escuridão sombria. Suspirando, cansado, ele se deitou no sofá, sentindo o peso daqueles anos puxando-o de volta ao passado. Ele poderia ter se esforçado para se livrar daquelas imagens, mas olhou fixamente para o teto e deixou que elas viessem. Ele sempre permitia que voltassem.

# 1



*Cinco anos antes*
*Nova York, 2000*

– Está vendo? É simples – começou Alvin. – Primeiro você conhece uma garota bacana e namoram por algum tempo, até terem certeza de que partilham os mesmos valores. Observam se são compatíveis nos pontos essenciais e nas decisões do dia a dia, e depois verificam se compartilham o pensamento do tipo “esta é a nossa vida e estamos juntos nela”. Quero dizer, vocês devem conversar sobre qual das famílias irão visitar nos feriados, se querem morar em casa ou em apartamento, se terão um cachorro ou um gato, quem será o primeiro a tomar banho de manhã. Então, se ambos ainda estiverem de acordo, *aí*, *sim*, se casam. Está acompanhando meu raciocínio?

– Estou – respondeu Jeremy.

Jeremy Marsh e Alvin Bernstein estavam no apartamento de Jeremy, no Upper West Side, numa fria tarde de sábado, em fevereiro. Fazia horas que empacotavam coisas e havia caixas espalhadas por toda parte. Algumas já estavam cheias e tinham sido empilhadas perto da porta, já prontas, à espera do caminhão de mudança. Outras estavam em diferentes estágios de conclusão. De modo geral, parecia que um demônio-da-tasmânia tinha entrado ali, feito a festa e saído depois de não encontrar mais nada que pudesse destruir. Jeremy não podia acreditar na quantidade de inutilidades que tinha acumulado com o passar dos anos, fato que sua noiva, Lexie Darnell, passara a manhã inteira comentando.

Vinte minutos antes, demonstrando estar completamente frustrada, ela saíra para almoçar com a mãe de Jeremy, deixando os dois homens a sós pela primeira vez.

– Então, se está acompanhando meu raciocínio, o que você pensa que está fazendo? – provocou Alvin.

– Exatamente o que você disse.

– Não, de jeito nenhum. Você está mudando a ordem dos acontecimentos. Vai dar o grande passo e dizer o "sim" antes mesmo de saber se vocês são os parceiros certos um para o outro. Você mal conhece a Lexie.

Jeremy despejou o conteúdo de mais uma gaveta de roupas em uma caixa, desejando que Alvin mudasse o assunto.

– Eu conheço a Lexie.

Alvin começou a recolher e a amontoar alguns papéis que havia sobre a escrivaninha e os colocou na mesma caixa que Jeremy estava enchendo. Como melhor amigo do noivo, ele se sentia à vontade para dizer o que pensava.

– Só quero ser honesto, e você deveria saber que estou falando o que todos da sua família têm pensado nessas últimas semanas. O fato é que você não a conhece o suficiente que justifique se mudar para lá, muito menos se casar com ela. Vocês só passaram uma semana juntos. Não é como a sua história com a Maria – acrescentou, referindo-se à ex-mulher de Jeremy. – E lembre-se de que eu também conheci a Maria. Se compararmos, eu a conhecia bem melhor do que você conhece a Lexie, mas, ainda assim, nunca me senti íntimo nem próximo dela o bastante para que assumíssemos um compromisso de casamento.

Jeremy pegou as folhas de papel que Alvin colocara na caixa e a pôs de volta sobre a mesa, recordando que de fato o amigo conhecera Maria antes dele e que continuava a manter com ela uma relação de amizade.

– E daí?

– Como assim, e daí? E se fosse eu que estivesse fazendo uma coisa dessas? E se eu chegasse, do nada, e lhe dissesse que tinha

conhecido uma mulher fantástica e que, por isso, estava abrindo mão de minha carreira, abandonando meus amigos e minha família e me mudando para o Sul, só para me casar com ela? Se fosse uma garota como aquela que eu conheci... qual era mesmo o nome dela... Rachel?

Rachel trabalhava no restaurante da avó de Lexie, e Alvin se impressionara com ela durante uma visita breve que fizera a Boone Creek. Ele até mesmo a tinha convidado para ir a Nova York.

– Eu ficaria feliz por você. E lhe diria isso.

– Ah, não diga! Já se esqueceu do que você me disse quando eu pensei em me casar com a Eva?

– Não me esqueci, não. Aliás, eu me lembro muito bem. Mas meu caso com a Lexie é diferente.

– Ah, é? Entendi. Porque você é mais maduro que eu.

– Por isso e também pelo fato de que a Eva não era exatamente o tipo de mulher com quem um homem sonhe em se casar.

Isso era verdade, Alvin podia admitir. Enquanto Lexie era bibliotecária em uma pequena cidade rural do Sul do país, uma pessoa com vontade de formar uma família, Eva era uma tatuadora da cidade de Jersey. Tinha sido a responsável pela maior parte das tatuagens nos braços de Alvin, além de ter colocado os piercings nas orelhas dele, o que o fazia parecer um criminoso que acabara de sair da prisão. Mas nada disso o tinha perturbado. A causa do fim do relacionamento fora o namorado com quem Eva morava, e que ela, simplesmente, tinha se esquecido de mencionar.

– Até Maria acha que você está fazendo uma loucura.

– Você contou a ela sobre meu casamento?

– Claro que contei. Nós conversamos sobre tudo.

– Fico feliz por você ser tão próximo de minha ex-mulher. Mas ela não tem de se meter nisso. Nem você.

– Só estou tentando enfiar algum juízo nessa sua cabeça. Isso está acontecendo depressa demais. Você não conhece a Lexie.

– Por que você está sempre repetindo isso?

– E vou continuar repetindo, até você reconhecer que, basicamente, vocês são dois estranhos.

Alvin, assim como os cinco irmãos mais velhos de Jeremy, nunca conseguiu aprender a hora de mudar de assunto. *Ele é como um cachorro que não quer largar o osso*, pensou Jeremy.

– Ela não é nenhuma estranha, Alvin.

– Não? Então me diga qual é o primeiro sobrenome dela.

– O quê?

– Você me ouviu, cara. Qual é o primeiro sobrenome da Lexie?

– Por que isso, agora? O que isso tem a ver com o que a gente está discutindo? – perguntou Jeremy, piscando.

– Nenhuma. Mas, se você vai se casar com ela, não acha que deveria saber a resposta à minha pergunta?

Instintivamente, Jeremy abriu a boca para falar, mas percebeu que não sabia a resposta. Lexie nunca lhe dissera seu primeiro sobrenome, e ele também nunca perguntara.

Ao se dar conta de que, finalmente, estava conseguindo se comunicar com o amigo, que agora dava sinais de estar um pouco confuso e inseguro, Alvin decidiu pressioná-lo ainda mais.

– Muito bem, e que tal essas informações básicas: em que ela é formada? Quem eram os amigos dela na faculdade? Qual a cor favorita da Lexie? Ela prefere pão branco ou integral? Qual é seu filme predileto? E o programa de TV? De qual escritor ela gosta mais? Você ao menos sabe quantos anos ela tem?

– Trinta e poucos – arriscou Jeremy.

– Trinta e poucos? Eu mesmo poderia ter dado essa resposta.

– Estou quase certo de que ela tem 31 anos.

– Quase certo? Você tem noção de quanto isso soa ridículo? Você não pode se casar com uma mulher e não saber nem mesmo a idade dela.

Jeremy abriu mais uma gaveta e a esvaziou dentro de outra caixa. Sabia que Alvin tinha certa razão, mas não queria admitir isso. Então, respirou fundo antes de dizer:

– Pensei que você estivesse feliz por eu ter encontrado alguém.

– É claro que estou feliz. Mas não imaginava que você fosse realmente se casar com ela e se mudar de Nova York. Pensei que estivesse brincando quando disse isso. Você sabe que a considero uma boa garota. Ela é bacana, de verdade, e se vocês ainda estiverem apaixonados assim daqui a um ou dois anos, eu mesmo farei questão de arrastá-lo para a igreja. Mas você está se precipitando, e não há razão para isso.

Jeremy se virou em direção à janela e ficou observando os tijolos cinza, cobertos de fuligem, que emolduravam as janelas retangulares do prédio vizinho. Algumas imagens sombreadas passavam, ligeiras, diante de seus olhos: uma mulher que falava ao telefone; um homem que seguia para o banheiro enrolado em uma toalha; uma mulher que passava roupa enquanto assistia à televisão. Ele percebeu que, durante todo o tempo em que vivera ali, nunca dirigira a qualquer um deles mais que um “olá”.

– Ela está grávida – disse Jeremy, por fim.

Por um instante, Alvin achou que não tivesse ouvido bem. Foi só quando viu a expressão no rosto do amigo que reparou que ele não estava brincando.

– Ela está grávida?

– É uma menina.

Alvin caiu estatelado sobre a cama, como se suas pernas de repente tivessem perdido completamente as forças.

– Por que não me contou antes?

Jeremy deu de ombros.

– Ela me pediu que não contasse a ninguém, por enquanto. Então, por favor, prometa que não vai sair espalhando a notícia por aí. Posso confiar em você?

– Claro – respondeu Alvin, aturdido. – É claro que sim.

– E tem mais uma coisa.

Alvin levantou o olhar quando Jeremy pôs a mão em seu ombro, pedindo:

– Quero que você seja meu padrinho.

Como tudo tinha acontecido?

No dia seguinte, enquanto passeava com Lexie, que vasculhava uma loja de brinquedos, Jeremy tentava responder a essa pergunta. E ainda tinha dificuldade de fazê-lo. Claro que não no que dizia respeito à gravidez, que acontecera em uma noite da qual ele provavelmente se lembraria por toda a vida. Mas, apesar de ter se mostrado valente diante do amigo, muitas vezes tinha a sensação de que estava representando um papel em uma comédia romântica daquelas bem água com açúcar, do tipo em que tudo é possível e nada nunca dá certo até que os créditos finais apareçam na tela.

Afinal de contas, o que ocorreu a ele não foi algo comum, corriqueiro. Na verdade, foi um acontecimento dos mais raros. Que pessoa viaja a uma pequena cidade com o objetivo de escrever um artigo para a revista *Scientific American,* conhece uma bibliotecária e se apaixona perdidamente em pouquíssimos dias? Quem decide deixar para trás a vida em Nova York e a chance de trabalhar nos programas matinais da televisão para mudar-se para Boone Creek, na Carolina do Norte, uma cidade que não é mais que um ponto microscópico perdido no mapa?

Tantas perguntas nos últimos dias...

Não que ele se sentisse em dúvida sobre o que estava prestes a fazer. Na realidade, ao observar Lexie remexer as pilhas de brinquedos – ela queria fazer uma surpresa aos vários sobrinhos de Jeremy, levando-lhes presentes, na esperança de causar uma boa impressão –, ele teve mais certeza que nunca da decisão que tinha tomado. Ele sorriu, já imaginando o tipo de vida que o esperava: jantares tranquilos, caminhadas românticas, carinhos e abraços na frente da televisão. Coisas boas, dessas que fazem a vida valer a pena. Ele não era ingênuo a ponto de acreditar que eles nunca discutiriam nem ficariam zangados um com o outro, mas tinha certeza de que navegariam com sucesso pelas águas turbulentas,

sempre percebendo, no final, que formavam um par perfeito. Na maior parte do tempo, a vida seria maravilhosa.

Mas quando Lexie esbarrou nele ao passar, concentrada nos brinquedos, Jeremy ficou observando um casal que tinha parado perto de uma prateleira de bichinhos de pelúcia. Era impossível não notar aqueles dois: pareciam ter trinta e poucos anos e estavam impecavelmente vestidos. Ele tinha uma aparência de dono de banco de investimentos ou advogado, enquanto ela dava a impressão de ser uma mulher que passava o dia inteiro fazendo compras. Ambos carregavam sacolas de meia dúzia de lojas diferentes. O diamante que ela usava no dedo era do tamanho de uma bola de gude – muito maior que o anel de noivado que Jeremy tinha acabado de comprar para Lexie. Enquanto os observava, ele não teve dúvidas de que o casal costumava levar uma babá quando saía às compras, porque eles demonstravam estar completamente desnorteados, sem saber como agir.

No carrinho, o bebê gritava sem parar, aquele tipo de choro agudo e penetrante, capaz de estourar vidraças. E chamava a atenção de todos os que estavam na loja. Exatamente ao mesmo tempo, o irmão mais velho – que devia ter uns 4 ou 5 anos – gritava ainda mais alto que a menininha e, de repente, se jogou no chão. Os pais tinham aquela expressão de pânico e sobressalto típica de soldados sob fogo cruzado e era impossível não notar suas olheiras e palidez. Apesar da fachada impecável, não conseguiam esconder que estavam no limite da paciência. A mãe, finalmente, tirou o bebê do carrinho e o segurou no colo. O pai se inclinou na direção da esposa, para dar palmadinhas nas costas do bebê.

– Não está vendo que estou tentando acalmá-la? – esbravejou a mãe. – Entenda-se com o Elliot.

Constrangido, o homem se abaixou para falar com o garoto, que não parava de chutar e esmurrar o chão, tirando a mãe do sério com toda aquela birra.

– Pare de gritar agora mesmo – ordenou o pai com firmeza, balançando o dedo indicador em sinal de ameaça.

*Ah, sei... Como se isso fosse resolver a situação!*, pensou Jeremy.

Enquanto isso, Elliot começou a ficar roxo à medida que se contorcia no chão.

Nesse ponto, até Lexie parou de olhar os brinquedos e se virou para observar a cena. *Era como olhar uma mulher cortar a grama usando biquíni: um espetáculo impossível de ignorar*, pensou Jeremy. A neném gritava, Elliot gritava, a mulher gritava, querendo que o marido tomasse alguma atitude, e o homem gritava de volta, dizendo que estava tentando.

Uma pequena multidão se juntou ao redor da "família feliz". As mulheres pareciam observá-los com um misto de emoções. Sentiam-se gratas pelo fato de aquilo não estar acontecendo a elas, mas sabiam – era muito provável que por experiência própria – exatamente como o jovem casal estava se sentindo. Os homens, por sua vez, pareciam não querer nada além de se distanciar o máximo possível de todo aquele barulho.

Elliot bateu a cabeça no chão e começou a chorar ainda mais alto.

– Vamos logo embora daqui – exigiu a mãe, impaciente e ríspida.

– Você ainda não percebeu que é isso que estou tentando fazer? – retrucou o pai, enfurecido.

– Pegue-o no colo.

– Estou tentando – gritou ele, exasperado.

Elliot não estava propenso a ajudar o pai. Quando, finalmente, foi agarrado, começou a se agitar como se fosse uma cobra raivosa. A cabeça balançava de um lado para o outro e as pernas não paravam de se mexer nem um instante. Quanto ao pai, gotas de suor começaram a se formar em sua testa e ele fazia caretas, devido ao grande esforço. Por sua vez, Elliot parecia ficar maior, como se fosse um pequeno Hulk que se expandia de raiva.

De alguma maneira, os pais conseguiram se movimentar, recurvados devido ao peso das sacolas, empurrando o carrinho e lidando com as duas crianças. A multidão se dividiu, como quando Moisés se aproximou do mar Vermelho, e a família enfim foi embora,

até desaparecer de vista: os gritos, que iam ficando mais e mais longínquos, eram agora a única prova de sua passagem por ali.

A aglomeração de espectadores começou a se dispersar, mas Jeremy e Lexie permaneceram imóveis, completamente sem ação.

– Coitados! – exclamou Jeremy, imaginando se aquela seria a vida que teria dali a alguns anos.

– Nem me fale! – concordou Lexie, e parecia que ela compartilhava os temores do noivo.

Jeremy continuou a olhar para o nada, vidrado, até que os últimos gritos desapareceram por completo. A família já devia estar fora da loja.

– Nossos filhos nunca farão uma birra dessas – anunciou ele.

– Nunca. – Conscientemente ou não, Lexie colocou a mão sobre a barriga. – Aquilo não foi nem um pouco normal.

– E parecia que os pais não tinham a mínima ideia do que estavam fazendo – comentou Jeremy. – Você viu quando ele tentou conversar com o garoto? Foi como se estivesse em uma reunião de negócios, falando com diretores de uma empresa.

– Ridículo mesmo. E a maneira agressiva como falavam um com o outro? As crianças percebem quando há tensão entre os pais. Não me admira que não tenham conseguido controlá-las.

– Eles estavam atordoados, como se não soubessem o que fazer.

– Acho que não sabiam mesmo.

– Mas como poderiam não saber?

– Talvez estejam ocupados demais com a própria vida e não dediquem tempo aos filhos.

Jeremy, ainda paralisado, notou quando a última pessoa que estivera presente àquela cena foi embora.

– Definitivamente, aquilo não foi normal – repetiu ele.

– Era exatamente isso que eu estava pensando.

Está certo, é verdade: eles estavam se enganando. Lá no fundo, Jeremy sabia disso, e Lexie também, mas era mais fácil fingir que acreditavam que nunca se veriam diante de uma situação como aquela que tinham acabado de presenciar. Quando chegasse a hora, estariam mais bem-preparados. Seriam mais dedicados, gentis e pacientes. Mais amorosos, enfim.

E a filha… ora, ela cresceria e floresceria no ambiente saudável que ele e Lexie iriam criar. Disso ele não tinha dúvidas. Ela dormiria a noite inteira desde bebê. Assim que crescesse um pouco, encantaria todos com as primeiras palavras, que aprenderia cedo, e as habilidades motoras acima da média. Atravessaria com desenvoltura os campos minados da adolescência, ficaria longe das drogas e desaprovaria os filmes não indicados à sua idade. Na época de sair de casa para ir à faculdade, seria uma moça instruída e de boas maneiras, com notas suficientemente altas para ser aceita em Harvard e fazer parte da equipe de natação. E ainda encontraria tempo, durante as férias, para realizar trabalho social voluntário.

Jeremy se apegou a essa fantasia até sentir que ela pesava em seus ombros. Apesar de não ter nenhuma experiência como pai, sabia que não seria assim tão fácil. Além disso, estava se deixando levar pela imaginação, entregue a devaneios.

Uma hora depois, estavam em um táxi, presos no trânsito, a caminho do Queens, onde os pais de Jeremy moravam. Lexie folheava um livro que tinha acabado de comprar, chamado *O que esperar quando você está esperando*, e ele observava o mundo que se estendia além da janela. Seria a última noite dos dois em Nova York – ele iria apresentar a noiva à família – e seus pais tinham planejado uma pequena reunião. Pequena, é claro, era um termo relativo: com seus cinco irmãos e as respectivas esposas, mais seus dezenove sobrinhos e sobrinhas, a casa estaria cheia, como de costume. Embora estivesse ansioso por encontrar todos e desejando chegar logo, ele não conseguia parar de pensar no casal da loja. Os dois pareciam tão... normais. Tirando o esgotamento que demonstravam, é claro. Jeremy ficou imaginando se ele e Lexie

também acabariam daquele jeito ou se, de alguma forma, seriam poupados.

Talvez Alvin estivesse certo. Ao menos em parte. Embora adorasse Lexie – e tinha certeza de que a adorava, caso contrário não a teria pedido em casamento –, ele não podia afirmar que realmente a conhecesse. Não houve tempo para isso, e, quanto mais ele refletia sobre a questão, mais acreditava que teria sido bom para ambos se eles tivessem tido a chance, mesmo que pequena, de ser um casal comum. Ele já fora casado e sabia que havia um período de adaptação até que dois indivíduos aprendessem a viver sob o mesmo teto. É preciso dar tempo para que cada um se acostume às peculiaridades do outro, por assim dizer. Todos têm as suas manias, mas elas tendem a ficar escondidas até que de fato se conheça o outro. Ele se perguntava quais seriam as particularidades de Lexie. E se ela dormisse com uma daquelas máscaras verdes usadas para evitar rugas? Será que ele se sentiria verdadeiramente feliz se desse de cara com aquilo todas as manhãs?

– Em que você está pensando? – perguntou Lexie.

– Hã?

– Perguntei em que você estava pensando. Você está com uma expressão engraçada.

– Ah! Não é nada.

– Um nada importante ou um nada nada? – perguntou ela, encarando-o.

Jeremy se virou para ela e perguntou, arqueando as sobrancelhas:

– Qual é seu primeiro sobrenome?

Nos minutos seguintes, Jeremy lhe fez as perguntas propostas por Alvin e ficou sabendo que o primeiro sobrenome de Lexi era Marin, ela se formara em inglês, sua melhor amiga na faculdade se chamava Susan e sua cor favorita era o roxo. Ela preferia pão integral, gostava de assistir ao programa *Minha casa, sua casa*,

achava Jane Austen fantástica e, de fato, faria 32 anos no dia 13 de setembro.

Então, era isso.

Satisfeito, ele se recostou no banco, enquanto Lexie continuava a folhear o livro. Como ele podia ver que ela não o estava lendo de fato, imaginou que estivesse apenas passando os olhos aqui e ali, na esperança de encontrar uma parte que atraísse sua atenção para o início da leitura. Ele se perguntou se na época da faculdade ela também fazia isso sempre que precisava estudar.

Realmente, como Alvin tinha sugerido, havia bastante coisa sobre Lexie que ele não sabia. Mas havia também muitas e muitas coisas que ele sabia: filha única, ela foi criada em Boone Creek, na Carolina do Norte. Os pais morreram em um acidente de carro quando ela era jovem e foram os avós maternos que a criaram, Doris e... e... (Ele decidiu que deveria perguntar mais sobre isso...) Bem, mas ele sabia, também, que ela foi para a Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill, que se apaixonou por um sujeito chamado Avery e que morou em Nova York durante um ano, quando fez estágio na biblioteca da Universidade de Nova York. Avery a traiu e ela voltou para casa e se tornou bibliotecária-chefe em Boone Creek, como a mãe tinha sido, antes de morrer. Algum tempo depois, ela se apaixonou por um sujeito a quem se referia vagamente como Sr. Renaissance, mas ele deixou a cidade sem nem olhar para trás. Desde então, Lexie tinha levado uma vida tranquila, saindo de vez em quando com o inspetor de polícia local, até que Jeremy apareceu. E, ah, é claro! Doris – que era dona de um restaurante em Boone Creek, o Alecrim – dizia que possuía poderes mediúnicos, inclusive a capacidade de prever o sexo dos bebês, o que explicava por que Lexie tinha certeza de estar esperando uma menina.

Jeremy tinha de admitir que esses detalhes da vida de sua noiva todas as pessoas de Boone Creek também sabiam. Mas será que elas sabiam que Lexie colocava os cabelos atrás das orelhas quando estava nervosa? Que era uma excelente cozinheira? Que,

quando precisava descansar, gostava de ir a um pequeno chalé próximo ao farol do cabo de Hatteras, onde seus pais tinham se casado? Que, além de ser inteligente e linda, com seus olhos cor de violeta, o rosto oval ligeiramente exótico e os cabelos negros, tinha resistido às suas primeiras e desajeitadas tentativas de levá-la para a cama? Jeremy adorava o fato de ela não deixar que ele saísse impune de nenhuma situação, de sempre dizer o que estava pensando e de nunca dar o braço a torcer quando achava que ele estava errado. De alguma maneira, Lexie conseguia fazer tudo isso com encanto e feminilidade, ainda mais destacados por seu sotaque do Sul. Acrescentem-se à lista os fatos de que ela ficava absolutamente deslumbrante com calça jeans justa e de que Jeremy tinha ficado completamente apaixonado por ela.

E quanto a ele? O que ela poderia dizer sobre ele? As coisas básicas, ele concluiu. Que cresceu no Queens, era o mais novo dos seis filhos de uma família ítalo-irlandesa. Que pensou em ser professor de matemática, mas percebeu que tinha jeito para escrever e acabou se tornando colunista da *Scientific American*, especializado em desmascarar fenômenos considerados sobrenaturais. Que anos antes tinha sido casado com uma mulher chamada Maria, que o deixou quando descobriu que Jeremy não poderia ser pai, após várias idas do casal a uma clínica de tratamento da infertilidade. Que, depois disso, ele passou vários anos frequentando bares e namorando incontáveis mulheres, evitando relacionamentos sérios, como se inconscientemente achasse que não poderia ser um bom marido. Que, aos 37 anos, viajou até Boone Creek para investigar as luzes fantasmagóricas que apareciam regularmente no cemitério local, com esperança de se tornar comentarista convidado do *Bom dia, América!,* um programa de enorme audiência nos Estados Unidos.

Em vez de se dedicar totalmente ao trabalho, porém, Jeremy descobriu que, durante a maior parte do tempo, só conseguia pensar em Lexie. Eles tinham passado juntos quatro dias maravilhosos, que terminaram com uma discussão acalorada, e,

embora ele tivesse voltado para Nova York, percebeu que não conseguia mais imaginar a vida sem ela, então retornou a Boone Creek para lhe provar isso. Em resposta, ela colocara a mão dele sobre sua barriga e ele, de homem cético e pragmático, passou finalmente a ser um crente fervoroso – ao menos no que dizia respeito ao milagre da gravidez e da chance de ser pai, algo que jamais sonhara ser possível.

Jeremy sorriu, pensando que aquela era uma bela história. Talvez boa o bastante para virar um romance.

O ponto principal era que, por mais que tivesse tentado resistir aos encantos de Jeremy, ela também tinha se apaixonado. Olhando para ela, ele se perguntou por quê. Não que se considerasse repulsivo, mas o que será que levava duas pessoas a ficar juntas? Ele já tinha escrito várias colunas sobre a lei da atração e poderia debater sobre o papel dos feromônios, da dopamina e dos instintos biológicos, mas nada disso chegava perto de explicar a maneira como ele se sentiu em relação à Lexie. Ou como ela se sentiu em relação a ele, possivelmente. Não havia nenhuma explicação para isso. Tudo o que ele sabia era que os dois se encaixavam com perfeição e que ele sentia como se tivesse passado a vida inteira percorrendo um caminho que o levaria, inexoravelmente, até ela.

Era uma visão romântica, até mesmo poética, e Jeremy nunca tivera nenhuma tendência a pensamentos poéticos. Talvez essa fosse outra razão que o fizesse ter certeza de que ela era a mulher certa. Porque tinha sido ela a responsável por abrir seu coração e sua mente a novas sensações e ideias. Mas, fosse qual fosse o motivo, ali naquele táxi, ao lado de sua adorável futura esposa, ele se sentia feliz com todas as possibilidades que o futuro pudesse reservar aos dois.

Jeremy procurou a mão de Lexie.

Afinal, teria mesmo tanta importância o fato de ele abandonar sua casa em Nova York e adiar seus planos profissionais para se mudar para o meio do nada? Ou que ele estivesse para enfrentar um ano

no qual teria de planejar uma festa de casamento, montar uma casa e formar uma família, preparando-se para a chegada de um bebê?

Seria assim tão difícil?

# 2



Ele a pediu em casamento no topo do edifício Empire State, no Dia dos Namorados.

Sabia que era um clichê, mas todas as propostas de casamento não o são? Afinal, não havia muitas maneiras de fazer aquilo. Ele poderia estar sentado, de pé, ajoelhado ou deitado. Poderiam estar comendo ou não, estar em casa ou em qualquer outro lugar, com ou sem velas, com ou sem vinho, ao amanhecer ou ao pôr do sol, ou em qualquer outra situação considerada romântica. Jeremy sabia que tudo isso já tinha sido feito por alguém, em algum lugar, em algum momento, portanto, não havia muito sentido em preocupar-se com a possibilidade de Lexie se sentir decepcionada. Ele também sabia, é claro, que alguns homens faziam coisas mais exóticas, como escrever no céu, em outdoors, esconder o anel de noivado para ser encontrado em uma romântica caça ao tesouro... Mas ele tinha certeza de que Lexie não era do tipo que exigia originalidade absoluta. Além disso, a vista de Manhattan era de tirar o fôlego e, desde que ele acertasse nas partes mais importantes – dizer à Lexie por que queria passar o resto da vida ao lado dela, mostrar o anel e fazer o pedido de casamento –, Jeremy acreditava que tudo daria certo.

De qualquer maneira aquilo não era nenhuma surpresa. Eles nunca tinham conversado especificamente sobre o assunto, mas a mudança de Jeremy para Boone Creek, além das inúmeras

conversas das últimas semanas, todas repletas de frases em que o sujeito era sempre “nós”, não deixaram nenhuma dúvida de que o pedido estava para acontecer. Como quando ela dizia: “*Nós* precisamos comprar um berço para colocar ao lado de nossa cama.” Ou: “*Nós* precisamos visitar seus pais.” E porque Jeremy não contradisse nenhuma daquelas afirmações, a conclusão mais óbvia era de que Lexie já o tinha pedido em casamento.

Contudo, mesmo não tendo sido de todo inesperado, Lexie ficou claramente emocionada com o gesto de Jeremy. Sua primeira reação – depois, claro, de se jogar nos braços dele e de enchê-lo de beijos – foi ligar para Doris a fim de contar a novidade, uma conversa que durou vinte minutos. Embora não se sentisse incomodado de verdade, pensou que já devia ter esperado aquele comportamento. E sua calma aparente não revelava que o fato de ela ter aceitado passar o restante da vida ao lado dele o tinha deixado aflito e exaltado.

Quase uma semana havia passado. Ainda no táxi que os levava à casa de seus pais, Jeremy observou o anel no dedo de Lexie. Ficar noivo significava dar o *Próximo Grande Passo*, uma situação que a maioria dos homens, Jeremy inclusive, apreciava. Porque ele poderia fazer com Lexie coisas que passariam a ser proibidas a qualquer outro indivíduo no mundo. Como beijá-la. Se, por exemplo, ele a beijasse ali, no banco de trás do táxi, naquele exato instante, era mais que provável que ela não se ofendesse. Provavelmente, ficaria até feliz. *Experimente fazer isso com uma mulher estranha e veja até onde consegue chegar*, ele pensou. Essas reflexões fizeram Jeremy se sentir satisfeito e feliz com o passo que tinha dado.

Lexie, por outro lado, parecia nervosa enquanto olhava para fora, pela janela do carro.

– Algum problema? – perguntou Jeremy.

– E se eles não gostarem de mim?

– Eles vão adorar você. Por que não a adorariam? Além do mais, você e minha mãe não tiveram um almoço agradável? Não foi isso

que você me disse? Que se deram muito bem?

– Eu sei – respondeu ela, mas sem soar muito convencida.

– Então, qual é o problema?

– E se eles acharem que estou levando o filho deles embora? E se sua mãe apenas quis ser gentil, mas, no fundo, estiver ressentida?

– Ela não está. E estou lhe pedindo que não se preocupe tanto assim. Em primeiro lugar, você não está me levando embora nem para longe deles. Estou deixando Nova York porque prefiro estar ao seu lado, e eles sabem disso. Acredite em mim: eles estão satisfeitos com o nosso casamento. Minha mãe insistia comigo para que eu me casasse outra vez havia anos.

Ela franziu os lábios e pareceu pensar no que ele dissera.

– Tudo bem. Mas, mesmo assim, ainda não quero que eles saibam que estou grávida.

– Por que não?

– Porque terão uma impressão errada sobre mim.

– Você sabe que eles vão acabar descobrindo.

– Eu sei, mas não precisa ser nesta noite, precisa? Deixe que, antes, eles me conheçam um pouco mais. E que tenham a chance de se acostumar com a ideia de que vamos nos casar. Isso já é novidade suficiente para uma noite. Depois lidaremos com o resto da surpresa.

– Claro, como você preferir. – Ele se recostou no banco. – Mas, só para você saber, mesmo que alguma coisa escape, não precisa se preocupar.

– Como alguma coisa poderia escapar? Não me diga que você já contou a eles? – perguntou ela, piscando, ansiosa.

Jeremy balançou a cabeça, negando.

– Não, claro que não. Mas talvez eu tenha mencionado o fato ao Alvin.

– Você contou ao Alvin? – O rosto de Lexie estava pálido.

– Desculpe-me. Saiu sem querer. Mas não se preocupe, ele não vai contar a ninguém.

Ela hesitou, mas acabou concordando.

– Está bem.

– Não vai acontecer de novo – prometeu Jeremy, segurando a mão de Lexie. – E não há nenhum motivo para você ficar nervosa.

Ela deu um sorriso forçado.

– Para você, é fácil falar.



Lexie se virou novamente para olhar pela janela. Como se já não bastasse todo o nervosismo que estava sentindo, agora teria de lidar com mais esse imprevisto. Será que guardar um segredo era assim tão difícil?

Ela sabia que Jeremy não tinha feito de propósito e que Alvin seria discreto. Mas a questão não era essa, e sim o fato de o noivo não entender que a reação da família dele a esse tipo de novidade era algo que eles não podiam prever. Lexie tinha certeza de que eram pessoas sensatas – a mãe dele parecia muito gentil – e duvidava de que fossem vê-la como uma mulher fácil, mas, mesmo assim, sabia que o casamento marcado com toda essa rapidez, por si só, já causaria surpresa. Quanto a isso, Lexie não tinha nenhuma dúvida. Bastava que se pusesse no lugar deles: há seis semanas, ela e Jeremy ainda nem se conheciam, e agora, depois do maior dos vendavais, de uma louca reviravolta, eles estavam oficialmente noivos. Esse já era um choque grande o bastante.

Mas e se descobrissem que ela estava grávida?

Ah! Aí, sim, iriam *entender* tudo! Presumiriam que essa era a única razão de Jeremy estar se casando com ela e, em vez de acreditarem no filho quando ele dissesse que a amava, apenas balançariam a cabeça e comentariam: “Que bom!” Mas Lexie podia apostar que, assim que ela e Jeremy fossem embora, eles se juntariam, às pressas, para discutir a situação. Eram todos muito ligados, uma família à moda antiga, que se reunia com frequência, ao menos duas vezes por mês. Jeremy já não tinha mencionado isso? Ah, ela não era nenhuma moça ingênua! E sobre o que uma

família conversa? Sobre a família, lógico! Alegrias, tragédias, decepções, sucessos… famílias unidas compartilham tudo. Por isso ela sabia muito bem o que iria acontecer se o noivo contasse além do que deveria: em vez de falarem do noivado, todos só falariam da gravidez. Nem que fosse para duvidar, às claras, de que Jeremy soubesse o que estava fazendo. Ou, pior, para questionar se tudo não seria uma armação de Lexie para prendê-lo.

Havia a possibilidade de que ela estivesse enganada, é claro. Podia ser que todos ficassem felicíssimos. Talvez achassem tudo natural, completamente aceitável. Talvez acreditassem que não havia nenhuma relação entre a gravidez e o noivado, até porque não havia mesmo. Talvez... ela devesse bater as asinhas e voar de volta para casa, isso, sim. Lexie não queria ter problemas com a família de seu futuro marido e, embora soubesse que às vezes esse tipo de conflito seria inevitável, não estava nem um pouco interessada em entrar com o pé esquerdo naquela relação familiar. E tinha mais: mesmo que não quisesse admitir, a verdade é que ela também não acreditaria, se estivesse no lugar deles. Se o casamento já é um passo muito importante para qualquer casal, imagine quando o homem e a mulher mal se conhecem...

Durante todo o almoço que fora marcado para que ela e a mãe de Jeremy se conhecessem um pouco mais, Lexie pôde sentir que era observada com cuidado, embora a futura sogra não a tivesse deixado constrangida. Essa seria a atitude que se poderia esperar de toda boa mãe, e então Lexie se comportou da melhor maneira possível e, no fim, ganhou um abraço e um beijo de despedida.

Aquele tinha sido um bom sinal, admitiu para si mesma. Ou um bom começo, ao menos. Levaria tempo até que a família a aceitasse de verdade e ela de fato se tornasse uma deles. Ao contrário das outras noras, Lexie não estaria por perto nos finais de semana e provavelmente ficaria em período de experiência até que o tempo demonstrasse que Jeremy não tinha cometido um erro. Isso deveria levar um ou dois anos, talvez mais, até. Ela imaginou a

possibilidade de acelerar o processo com cartas e telefonemas regulares...

*Tarefa urgente: comprar papel de carta*, pensou.

Honestamente, Lexie precisava admitir que até ela estava um pouco assustada com a velocidade dos acontecimentos. Será que ele estava mesmo apaixonado por ela? E ela? Estava apaixonada por ele? Ao longo das duas últimas semanas, Lexie fizera essa pergunta a si mesma uma dezena de vezes ao dia, todo dia, e sempre obtinha as mesmas respostas. Então, sim, ela estava grávida, e, sim, o filho era de Jeremy, mas ela não teria concordado em se casar com ele se não acreditasse que seriam felizes juntos.

E eles seriam felizes. Não seriam?

Ela ficou imaginando se Jeremy também se questionava sobre como tudo estava acontecendo depressa demais. E logo concluiu que sim, que era bastante provável que isso acontecesse: afinal, era impossível não duvidar. Mas, comparado a ela, ele parecia muito mais relaxado, e Lexie se perguntou por que isso estava acontecendo. Será que era por que ele já fora casado? Ou, quem sabe, a explicação estivesse no fato de ter sido ele que tomara a iniciativa para a aproximação dos dois, naquela semana em Boone Creek, quando eles se conheceram? Qualquer que fosse a razão, porém, ele sempre parecia estar mais certo do relacionamento que ela, o que era muito curioso, vindo de um homem que se dizia cético.

Ela pousou o olhar sobre Jeremy, observando o cabelo escuro e as covinhas, e se sentiu feliz. Lembrou-se de tê-lo achado atraente assim que o viu, já no primeiro instante. O que foi mesmo que Doris tinha dito quando o conheceu? “Ele não é o que você pensa que é.”

*Ora! Logo ela iria descobrir, não era mesmo?*

Eles foram os últimos a chegar. Lexie ainda estava nervosa e, quando se aproximaram da porta, parou diante dos degraus.

– Eles vão adorar você. Acredite em mim – repetiu Jeremy, procurando tranquilizá-la.

– Fique sempre perto de mim, está bem?

– Onde mais eu ficaria?



Não foi tão ruim quanto Lexie temia. Na verdade, ela se sentiu bastante calma e segura, então, apesar de ter prometido permanecer ao lado dela, Jeremy pôde ir até a varanda dos fundos e ficou lá, apoiando o peso do corpo ora num pé, ora no outro, com os braços cruzados, tentando se proteger do ar frio, enquanto observava o pai cuidar do churrasco. O pai de Jeremy adorava fazer churrasco e o clima nunca fora um impedimento. Quando criança, Jeremy o viu tirar a neve da churrasqueira usando uma pá e desaparecer em meio à nevasca para reaparecer meia hora depois com uma travessa de carne nas mãos e uma camada de gelo no lugar das sobrancelhas.

Jeremy preferia ter ficado dentro de casa, mas sua mãe lhe pedira que fizesse companhia ao pai, para ter certeza de que tudo ficaria bem. Seu pai tinha sofrido um ataque cardíaco cerca de dois anos antes e, embora ele jurasse nunca sentir frio, a mãe ficava preocupada. Ela mesma teria feito o churrasco, mas as trinta e cinco pessoas espremidas na pequena casa de fachada de arenito faziam o lugar parecer um hospício. Havia quatro panelas no fogão, os irmãos de Jeremy tinham ocupado todos os lugares da sala e os sobrinhos e as sobrinhas eram constantemente expulsos do ambiente e mandados para o porão. Mas, ao observar pela janela, Jeremy verificou que a noiva continuava a se sair bem.

Noiva. Ele achou que havia algo estranho nessa palavra. Não que fosse esquisito ter uma noiva: o estranho era como a palavra soava quando pronunciada por suas várias cunhadas, que já a tinham repetido algumas centenas de vezes. Assim que eles puseram os pés na casa, e antes mesmo que Lexie tivesse tirado o casaco,

Sophia e Anna vieram correndo na direção do casal, colocando a palavra *noiva* praticamente em cada frase que diziam.

– Já estava na hora de conhecermos sua *noiva*!

– E o que você e sua *noiva* têm feito?

– Você não acha que deveria pegar uma bebida para a sua *noiva*?

Os irmãos, ao contrário, se mostraram um pouco hesitantes e evitaram completamente a palavra.

– Então, você e Lexie, hein?

– A Lexie está gostando da viagem?

– Conte como você e Lexie se conheceram.

Jeremy imaginou que aquilo devia ser coisa de mulher, uma vez que, como os irmãos, ele mesmo ainda não tinha usado a palavra. Então se perguntou se conseguiria escrever uma coluna sobre esse fato intrigante, mas logo concluiu que o editor não iria aprová-la: alegaria não se tratar de assunto sério o suficiente para a *Scientific American*. Isso vindo de um sujeito que já devotou adoração a artigos sobre óvnis e sobre o Pé Grande. Embora tivesse concordado em deixá-lo escrever as colunas para a revista lá de Boone Creek, seu editor não deixaria saudades.

Jeremy esfregou as mãos, vendo o pai virar um dos bifes. Estava com o nariz e as orelhas vermelhos, por causa do frio.

– Filho, pegue para mim, por favor, uma travessa que sua mãe deixou ali no parapeito? As salsichas já estão quase prontas.

Jeremy pegou a travessa e voltou para o lado do pai.

– Você tem noção do frio terrível que está fazendo aqui, não tem?

– Este frio? Isto não é nada. Além disso, o carvão me esquenta.

O pai de Jeremy só gostava de fazer churrasco usando carvão.

Certa vez, em um Natal, Jeremy lhe comprou uma churrasqueira a gás. Mas o presente acabou empoeirado na garagem, até que seu irmão Tom finalmente perguntou se poderia ficar com ele.

O pai começou a empilhar as salsichas na travessa.

– Ainda não tive chance de conversar muito com ela, mas a Lexie parece ser uma ótima moça.

– Ela é mesmo, pai.

– Ah, que bom! Você merece. Eu nunca gostei muito da Maria mesmo. Desde o início, tive a sensação de que ela não era a pessoa certa.

– Você devia ter me dito isso.

– Que nada! Você não teria ouvido. Você sempre achava que sabia de tudo, lembra?

– O que a mamãe achou da Lexie? Ontem, no almoço.

– Sua mãe gostou dela. Achou que ela vai conseguir mantê-lo na linha.

– E isso é um elogio?

– Vindo de sua mãe? É o melhor elogio que você pode arrancar dela.

– E quanto a você? Tem algum conselho que queira me dar, pai? – perguntou Jeremy, sorrindo.

O pai colocou a travessa de lado antes de, finalmente, balançar a cabeça e responder:

– Não. Você não precisa de nenhum conselho. É um homem adulto, capaz de tomar as próprias decisões. E, além do mais, não existe muita coisa que eu possa lhe dizer. Sou casado há quase cinquenta anos e em alguns momentos ainda não tenho a mínima ideia do que sua mãe gosta.

– Saber disso é muito reconfortante, pai.

– Você se acostuma. – Ele pigarreou. – Mas talvez eu tenha uma coisa a lhe dizer, sim...

– E o que é?

– Na verdade, são duas coisas. A primeira: não leve para o lado pessoal se ela ficar irritada. Todos nos aborrecemos de vez em quando, então não deixe que isso o perturbe.

– E a segunda coisa?

– Telefone para a sua mãe. Sempre. Ela tem chorado todos os dias desde que soube que você vai se mudar. E não comece a falar com aquele sotaque do Sul. Sua mãe não lhe dirá nada, mas, em alguns momentos, ela sentiu dificuldade de entender o que a Lexie estava falando.

Jeremy riu.

– Está prometido, pai!



– Não foi assim tão ruim, foi? – perguntou Jeremy.

Horas mais tarde, os dois estavam a caminho do hotel Plaza. Como o apartamento de Jeremy estava todo desmontado, ele optou por esbanjar um pouco e decidiu que passariam em um hotel a última noite dos dois na cidade.

– Foi maravilhoso. Sua família é muito especial. Agora entendo por que você não queria se mudar daqui.

– Vou continuar a vê-los com alguma frequência, sempre que tiver de vir à sede da revista.

Ela balançou a cabeça, concordando. Lexie ia observando os arranha-céus e o trânsito, maravilhada com o tamanho e o movimento da cidade. Embora já tivesse vivido em Nova York, se esquecera da multidão de gente, da altura gigantesca dos edifícios, do barulho – tudo muito diferente da cidade em que eles iriam morar, um mundo completamente distinto. Toda a população de Boone Creek era menor que o número de pessoas de um único quarteirão daquela cidade.

– Você vai sentir saudades de Nova York?

Jeremy olhou pela janela antes de admitir:

– Um pouco. Mas tudo o que sempre quis está no Sul.

E, depois de uma última noite maravilhosa no Plaza, eles começariam a nova vida dos dois.

# 3



Na manhã seguinte, quando os raios de sol começaram a se insinuar pela fresta entre as cortinas como prismas de luz, os olhos de Jeremy piscaram e por fim se abriram. Lexie estava de costas, dormindo, e seus cabelos negros se espalhavam pelo travesseiro. Pela janela, era possível ouvir ao longe o barulho do trânsito matinal de Nova York: as buzinas e o acelerar e o desacelerar dos motores dos caminhões que passavam pela Quinta Avenida.

Mas Jeremy achou que nenhum barulho deveria chegar até ali, que ele não tinha de estar ouvindo nada, afinal de contas aquela suíte custara uma pequena fortuna e ele imaginou que houvesse janelas à prova de som. Ainda assim, não estava se queixando, porque Lexie tinha adorado tudo naquele lugar: o pé-direito alto e os lambris clássicos, o jeito cerimonioso do funcionário que lhes trouxera a cidra que eles substituíram por champanhe e os morangos com cobertura de chocolate, o roupão felpudo e os chinelos confortáveis, a maciez da cama. Tudo.

Tocando de leve os cabelos da noiva, pensou em como ela estava linda, deitada ao seu lado, e não conseguiu evitar um suspiro de alívio quando se deu conta de que ela não estava usando a máscara verde horrorosa que ele imaginara no dia anterior. Melhor ainda: Lexie não usava rolinhos no cabelo, nem pijamas feios, tampouco demorava meia hora no banheiro, como algumas mulheres. Antes de se deitar na cama, na noite anterior, ela tinha

apenas lavado o rosto e passado uma escova no cabelo, para logo em seguida se aconchegar nele, exatamente como ele gostava que ela fizesse.

É claro que ele a conhecia. Sim, ele a conhecia, apesar de tudo o que Alvin dissera. Óbvio que ainda não sabia tudo sobre ela, mas haveria tempo para isso. Aprenderiam todas as coisas um sobre o outro e, aos poucos, estabeleceriam uma rotina. Ah, sim! Haveria algumas surpresas, ele sabia disso. Elas sempre existiriam, mas isso fazia parte da vida de um casal. Com o tempo, ela conheceria o verdadeiro Jeremy, livre da tensão provocada pela necessidade de impressionar a todo instante. Perto dela, ele poderia ser natural, alguém que, de vez em quando, andaria de moletom pela casa ou comeria biscoitos vendo televisão.

Ele cruzou as mãos atrás da cabeça, sentindo-se inesperadamente alegre e animado. Ela iria amar o *verdadeiro* Jeremy. Não iria?

De repente, ele franziu a testa, imaginando se ela teria ideia da situação em que estava se metendo. Ele se deu conta de que conhecer o verdadeiro Jeremy talvez não fosse tão bom assim. Não que ele se considerasse uma pessoa ruim ou se achasse indigno dela, mas, como todo mundo, ele tinha... *peculiaridades*... e poderia ser que demorasse um tempo até que Lexie se acostumasse a elas. Ela iria perceber, por exemplo, que ele invariavelmente deixava o assento do vaso sanitário levantado. Sempre agira assim e não iria mudar, mas, e se isso fosse um problema para ela? Ele tivera uma namorada que encarara isso como um grande empecilho ao relacionamento. E o que ela acharia do fato de ele, em geral, se preocupar muito mais com o desempenho de seu time de basquete que com qualquer assunto que tivesse relação com a última seca enfrentada por um país africano? E o que pensaria sobre ele não se importar de comer algo que tenha caído no chão, desde que o chão esteja com uma aparência limpa? Esse era o Jeremy *real*, mas, e se ela não o aprovasse? E se ela visse essas manias não como particularidades, mas como falhas de caráter? E se...

– Em que você está pensando? – A voz de Lexie interrompeu suas reflexões. – Você está com uma cara estranha.

Ele percebeu que ela o observava, intrigada.

– Eu não sou perfeito, você sabe disso.

– Do que você está falando?

– Só estou lhe dizendo que tenho defeitos.

Ela achou aquilo divertido.

– É mesmo? E eu que pensei que você fosse capaz de caminhar sobre as águas!

– Não estou brincando. Só achei que você deveria saber no que está se metendo, antes de nos casarmos.

– Ah, sim! Porque pode ser o caso de eu querer desistir, é isso?

– Exatamente. Tenho algumas manias.

– Por exemplo?

Ele pensou bem e achou que deveria começar com coisas mais leves.

– Eu deixo a torneira aberta enquanto escovo os dentes. Não sei por quê. Mas deixo. E não sei se consigo mudar.

– Acho que posso conviver com isso – respondeu Lexie, balançando a cabeça afirmativamente e tentando manter uma expressão de seriedade.

– E, algumas vezes, só para você saber, fico um tempão com a porta da geladeira aberta, tentando decidir o que comer. Sei que, fazendo isso, estou deixando o ar frio sair, mas não consigo evitar. Faz parte de mim.

Ela balançou a cabeça novamente, ainda achando graça.

– Entendo. Mais alguma coisa?

Ele deu de ombros ao responder:

– Não como biscoitos quebrados. Quando só há biscoitos quebrados no pacote, jogo tudo fora. Sei que é desperdício, mas sempre fui assim. Eles ficam com um gosto diferente.

– Hum... vai ser difícil, mas acho que consigo suportar isso.

Jeremy franziu os lábios, imaginando se deveria mencionar a questão do assento sanitário. Sabendo que esse era um assunto

delicado para algumas mulheres, preferiu deixar para depois.

– Você vê algum problema nessas coisas?

– Acho que serei obrigada a deixar passar.

– De verdade?

– Sem a menor dúvida.

– E se eu lhe dissesse que corto as unhas dos pés na cama?

– É melhor não passar dos limites, meu caro.

Jeremy sorriu, puxando-a para perto de si.

– Você me ama, mesmo sabendo que eu não sou perfeito?

– É claro que sim.

*Incrível*, pensou ele.



As estrelas começavam a aparecer quando Jeremy e Lexie se aproximaram de Boone Creek, e a primeira coisa em que ele pensou foi que o lugar não tinha mudado nada. Não que ele esperasse que algo estivesse diferente. Pelo que sabia, tudo ali sempre estivera como nos últimos cem anos – trezentos, talvez. Desde que tinham deixado para trás o aeroporto de Raleigh, o cenário de ambos os lados da estrada era o mesmo, como se estivessem presos em uma exibição contínua do filme *Feitiço do tempo*: casas de fazenda em ruínas, campos áridos e improdutivos, celeiros para armazenamento de tabaco praticamente abandonados, árvores e mais árvores... por quilômetros e quilômetros. Tinham passado por uma ou outra cidadezinha, é claro, mas era quase impossível identificá-las, a não ser que se conhecesse muito bem a região.

Mas, com Lexie a seu lado, até que Jeremy não achou a viagem de carro tão ruim assim. Ela estivera bem-humorada o dia todo e, quanto mais se aproximavam da casa dela – *da casa deles*, ele logo se corrigiu, mentalmente –, maiores ficavam sua alegria e animação. Eles tinham passado as duas últimas horas relembrando a viagem a Nova York, mas era impossível não perceber a expressão de

contentamento no rosto de Lexie quando, ao atravessarem o rio Pamlico, iniciaram o último trecho do caminho.

Jeremy lembrou que na primeira vez em que estivera ali quase não conseguiu encontrar o lugar. A única entrada para o centro da cidade ficava fora da estrada principal. Ele perdeu a saída mais próxima e teve de parar o carro e consultar o mapa. Entretanto, ao virar na rua principal, ficou encantado.

No carro, Jeremy meneou a cabeça, corrigindo as lembranças: na verdade, tinha pensado em Lexie, não na cidade. Esta, ainda que incomum e peculiar como costumam ser todas as cidades pequenas, não tinha nada de encantador – ao menos à primeira vista. Ele se lembrou de que, em sua primeira visita, tudo ali lhe pareceu estar sendo lentamente consumido pela ferrugem. O centro da cidade se estendia por alguns pequenos quarteirões, apenas, e neles havia muitas lojas fechadas e lacradas com tábuas e outras cujas fachadas decadentes iam aos poucos perdendo toda a cor, sem dúvida por causa da poeira gerada pela grande quantidade de vans que levavam pessoas para outros lugares. Antes próspera, Boone Creek vinha lutando com grande dificuldade desde que a mina de fósforo e a fábrica de tecidos tinham fechado, e Jeremy já se perguntara muitas vezes se a cidade iria sobreviver. Suas respostas sempre levavam a uma conclusão: a de que seu futuro ninguém poderia prever.

Mas, se aquele era o lugar em que Lexie queria estar, isso lhe bastava. Além do mais, depois que a sensação de estar em uma futura cidade-fantasma se dissipava, Boone Creek se tornava *pitoresca*, de um jeito sulista. Beirando o rio Pamlico, havia um calçadão do qual era possível admirar os barcos navegando. E, na primavera, as azaleias e as árvores que se espalhavam por todo o centro da cidade explodiam “em uma cacofonia de cores que só rivalizava com o pôr do sol encenado pela queda das folhas de outono a cada outubro”, conforme anunciava a Câmara de Comércio local – o que quer que isso significasse. De qualquer forma, eram as pessoas que tornavam aquela cidade especial, ao menos era isso

que Lexie dizia. Como muitas pessoas de cidades pequenas, ela enxergava os demais moradores como parte da própria família. O que Jeremy preferia guardar para si mesmo era que sempre havia alguns tios ou primos malucos em quase todo grupo familiar, o que naquela “grande família” não era diferente. Com os moradores de Boone Creek, ele aprendera um significado completamente novo para as palavras personalidade e temperamento.

Jeremy passou pela lanchonete Lookilu – o ponto de encontro depois do expediente –, pela pizzaria e pela barbearia. Virando a esquina, ele sabia, ficava o enorme edifício em estilo gótico que abrigava o local de trabalho de sua noiva, a biblioteca pública. Enquanto desciam a rua e se aproximavam do Alecrim, o restaurante de Doris, ela se ajeitou no banco do carro. Por ironia, tinha sido a avó de Lexie a principal causa da primeira visita de Jeremy à cidade. Na qualidade de médium local, ela era, definitivamente, uma das principais “personalidades” dali.

Mesmo a distância, Jeremy já podia avistar as luzes acesas dentro do restaurante, uma construção vitoriana que dominava o final do quarteirão. Estranhamente, havia carros parados ao longo de toda a rua.

– Pensei que o restaurante só abrisse para o café da manhã e o almoço.

– E você está certo.

Lembrando-se da pequena “reunião” que o prefeito fizera em sua homenagem durante sua visita anterior – na qual parecia ter incluído quase todos os habitantes do lugar –, Jeremy ficou paralisado atrás do volante.

– Não me diga que estão nos esperando.

– Não, pode acreditar, o mundo não gira ao nosso redor. É a terceira segunda-feira do mês – respondeu ela, achando graça.

– E isso significa...

– Que é a reunião do conselho municipal. E quando ela termina, eles jogam bingo.

– Bingo? – Jeremy piscou, parecendo buscar uma correlação entre as coisas.

– É assim que conseguem trazer as pessoas à reunião.

– Ah! – exclamou ele, pensando em seguida: *Não critique. É apenas um mundo diferente, só isso. E daí que você nunca tenha conhecido ninguém que jogasse bingo?*

Observando a expressão no rosto do noivo, Lexie sorriu.

– Não censure, Jeremy. Está vendo todos esses carros? Ninguém vinha às reuniões do conselho antes de eles começarem a jogar bingo. Há prêmios e tudo o mais.

– Deixe-me adivinhar. Foi ideia do prefeito Gherkin?

– E de quem mais? – rebateu ela, rindo.



O prefeito Gherkin estava sentado mais ao fundo do restaurante, espremido atrás de duas mesas que tinham sido colocadas juntas. De cada lado, havia duas pessoas que Jeremy reconheceu como membros do conselho municipal: um advogado esquelético e um médico de prestígio na cidade. Na cabeceira da mesa estava Jed, com os braços cruzados e uma expressão carrancuda. Ele era o maior homem que Jeremy já conhecera, e isso, somado à barba que lhe escondia quase todo o rosto e à juba selvagem, lhe conferia a aparência de um mamute peludo. O que, por sua vez, era muito apropriado, já que Jed era, além de proprietário da única hospedaria de toda a cidade, a Folhas Secas, o taxidermista local. Durante uma semana, Jeremy dormira em um dos quartos da hospedaria, cercado das versões empalhadas de várias criaturas conhecidas naquela parte do mundo.

O prefeito Gherkin cantava os números ao microfone, enquanto as pessoas, todas de pé, se amontoavam em volta das mesas nas quais tinham disposto suas cartelas de bingo, marcando freneticamente as casas sorteadas. Uma nuvem de fumaça de cigarro pairava como se fosse neblina, apesar dos barulhentos

ventiladores de teto que giravam acima dela. Quase todas as pessoas usavam macacão, camisa xadrez e boné de corrida de stock car, e Jeremy teve a impressão de que elas os tinham comprado na mesma loja em liquidação. Vestido de preto da cabeça aos pés – o estilo preferido dos nova-iorquinos –, ele experimentou a estranha sensação de descobrir subitamente como o famoso cantor *country* Johnny Cash devia se sentir nos palcos de seus shows pelas cidadezinhas rurais país afora.

Em meio a todo aquele barulho, Jeremy mal conseguia ouvir o prefeito falando ao microfone.

– B11... N26...

A cada número chamado, os jogadores ficavam mais agitados. Os que não tiveram sorte em conseguir uma mesa apoiavam suas cartelas nos peitoris das janelas ou nas paredes. Cestas de bolinhos de milho fritos passavam de mão em mão, como se a fritura tivesse o poder de acalmar os nervos naquela busca frenética de vitória. Lexie e Jeremy se meteram entre a multidão e conseguiram avistar Doris colocando mais cestas de bolinhos em uma bandeja. Um pouco mais ao lado, Rachel, a garçonete namoradeira, tentava afastar com as mãos a fumaça de cigarro. Diferentemente do que acontecia em Nova York, o pessoal de Boone Creek não censurava o cigarro. Na verdade, o fumo parecia quase tão popular quanto o bingo.

– Estou ouvindo os sinos da igreja? – Jeremy escutou o prefeito entoar.

De repente, os números pararam de ser cantados e, enquanto todos os rostos se voltavam para Jeremy e Lexie, o único som que se ouvia era o dos ventiladores. Em toda a vida, Jeremy nunca tinha visto tantos cigarros pendurados em tantas bocas. Então, lembrando-se de como as pessoas agiam por ali, balançou a cabeça em sinal de concordância e acenou.

Todos balançaram a cabeça e acenaram, em retribuição.

– Com licença... estou passando... – anunciava Doris.

As pessoas foram abrindo caminho, apertando-se umas contra as outras, e Doris surgiu na frente dos dois. Ela logo puxou Lexie para um abraço.

Quando a soltou, Doris olhou de Lexie para Jeremy e então de volta para a neta. Pelo canto do olho, Jeremy percebeu que a multidão fazia o mesmo, como se todos eles fossem parte daquilo, daquele reencontro. O que, considerando tamanha proximidade, era provável.

– Que surpresa! – exclamou Doris. Ela tinha um sotaque bastante típico de quem nasceu e foi criada no Sul. – Só esperava vocês de volta mais tarde.

Lexie indicou Jeremy com um movimento da cabeça.

– Agradeça ao pé de chumbo aqui. Ele considera que o limite de velocidade é apenas uma sugestão, não uma lei.

– Que bom, Jeremy! – comemorou Doris, piscando. – Puxa, temos tanta coisa que conversar! Quero saber tudo sobre a semana de vocês em Nova York. Quero saber todos os detalhes. E onde está aquele anel de que você tanto me falou?

Todos os olhares do salão convergiram para Lexie. Quando ela levantou a mão, os pescoços se esticaram e as bocas se abriram em exclamações admiradas. As pessoas se aproximavam, desejando espiar um pouco mais do anel, e Jeremy sentiu que alguém respirava em sua nuca.

– Puxa, isso, sim, é uma beleza de anel! – Jeremy ouviu uma voz que vinha de trás de si dizer.

– Levante um pouco mais a mão, Lexi. Também quero ver – pediu outra pessoa.

– Parece que é feito daquelas pedras de zircônio que são vendidas na televisão – comentou uma voz de mulher.

Pela primeira vez, Lexie e Doris se deram conta de que eram o centro das atenções.

– Está bem, está bem... O show acabou, pessoal – disse Doris. – Deixem que eu fique um pouco sozinha com a minha neta. Temos muito que conversar.

Entre murmúrios de decepção, o grupo tentou se afastar, mas não havia para onde ir. Na verdade, as pessoas apenas mudaram de posição.

– Vamos lá para trás – sugeriu Doris. – Venham...

Doris pegou a mão de Lexie e as duas começaram a andar. Jeremy lutava para segui-las até o escritório de Doris, que ficava logo atrás da cozinha.

Quando chegaram lá, Doris não parou de fazer perguntas. Lexie contou à avó sobre a Estátua da Liberdade, a Times Square e também, é claro, sobre o Empire State. Quanto mais e mais rapidamente falavam, mais acentuado era o sotaque das duas e, apesar de ter se esforçado, Jeremy não conseguiu acompanhar tudo o que diziam. Conseguiu entender, porém, que Lexie tinha gostado de sua família, mas não achou nem um pouco engraçado quando ela disse que a noite a fez se lembrar “das famílias gregas e italianas retratadas nos filmes, só que seis vezes maior, com sogro, sogra, cunhados e cunhadas excêntricos, mas de uma maneira diferente”.

– Parece divertido – comentou Doris. – Agora, deixe-me ver esse anel outra vez.

Lexie lhe estendeu a mão, alegre e vaidosa como uma garotinha. Então Doris se voltou para Jeremy.

– Você o escolheu sozinho?

Jeremy deu de ombros.

– Com um pouquinho de ajuda.

– Bem, é maravilhoso.

Naquele instante, Rachel enfiou a cabeça pelo vão da porta.

– Oi, Lex. Oi, Jeremy. Desculpem se estou atrapalhando. Doris, os bolinhos de milho estão acabando. Você quer que eu faça mais?

– Acho que sim. Mas, espere: antes, venha ver o anel de Lexie.

O anel. Mulheres de todo o mundo adoram admirar um anel de noivado, mais que dizer e repetir a palavra *noiva*.

Rachel se aproximou. Com seus cabelos ruivos e o corpo alto e esguio, ela estava bonita como sempre, embora Jeremy tenha

achado que parecia mais cansada que o habitual. Durante o ensino médio, Rachel e Lexie tinham sido melhores amigas, mas, embora ainda fossem próximas – era impossível deixar de ser próximo de alguém em uma cidade tão pequena –, tinham se distanciado um pouco quando Lexie foi para a faculdade. Rachel observou o anel.

– Muito lindo! – exclamou ela. – Parabéns, Lex. E para você também, Jeremy. A cidade inteira está agitada desde que todos ficaram sabendo.

– Obrigada, Rach – disse Lexie. – Como vão as coisas com Rodney?

Rodney, o inspetor de polícia local, que tinha um fraco por levantamento de peso, gostava de Lexie desde que eram crianças e não ficou nem um pouco feliz quando ela e Jeremy ficaram juntos. Não fosse pelo fato de ele ter começado a namorar a Rachel logo depois, Jeremy estava certo de que Rodney teria preferido que ele permanecesse em Nova York.

Rachel titubeou antes de responder à pergunta da amiga.

– Mais ou menos, as coisas vão indo.

Lexie a observou, sabendo que não deveria insistir. Rachel afastou uma mecha de cabelo que teimava em cair sobre o rosto.

– Bem, adoraria ficar e bater papo, mas lá fora está uma loucura. Não sei por que você permite que o prefeito use este lugar para as reuniões dele, Doris. Bolinhos de milho e bingo enlouquecem as pessoas. Vejo vocês mais tarde. Talvez possamos conversar mais um pouquinho.

Assim que ela saiu, Lexie se inclinou na direção de Doris e perguntou:

– Ela está bem?

– Ah! Isso é coisa dela e do Rodney – respondeu Doris. Então fez um gesto com a mão, como se o que tivesse dito e o que fosse dizer não significassem nenhuma novidade. – Eles tiveram uma discussão acho que uns dois dias atrás.

– Espero que não tenha sido por minha causa – disse Lexie.

– Não, é claro que não – garantiu Doris.

Mas Jeremy não ficou convencido. Apesar de saber que Rodney estava namorando Rachel, ele não tinha a menor dúvida de que o inspetor continuava interessado em Lexie. As paixões de infância, mesmo na idade adulta, nunca são esquecidas com facilidade, e a briga dos namorados parecia coincidir com as notícias sobre o noivado.

– Ah, vocês estão aqui! – disse o prefeito Gherkin, interrompendo os pensamentos de Jeremy.

Gherkin, um homem gordo e quase careca, sofria de daltonismo no que dizia respeito a roupas: estava usando calça de poliéster roxa, uma camisa amarela e uma gravata estampada, de cores bastante vivas. Um exemplo do político perfeito, parecia não respirar enquanto falava. E não parava de falar – o sujeito era um verdadeiro tufão de palavras.

Como já era de esperar, Gherkin prosseguiu:

– ...escondidos nos fundos... se eu não conhecesse vocês, diria que estão tramando planos secretos para fugir e privar esta cidade da cerimônia que ela merece. – Ele se aproximou, segurou a mão de Jeremy e a balançou para cima e para baixo, com toda a força. – É bom ver vocês, bom ver vocês – disse ele, quase como se fizesse uma reflexão tardia, antes de prosseguir: – Eu estava pensando que poderíamos fazer na praça da cidade, sob as luzes, ou talvez nos degraus da biblioteca. Com bastante empenho e planejamento, podemos conseguir que o governador venha à festa. Ele é meu amigo e se a data do casamento coincidir com a campanha... bem, nunca se sabe. – Ele olhou fixamente para Jeremy, com as sobrancelhas levantadas.

Jeremy pigarreou antes de explicar:

– Nós ainda não conversamos sobre a cerimônia do casamento, mas, para dizer a verdade, estávamos pensando em algo mais simples.

– Simples? De jeito nenhum. Não é todo dia que uma de nossas mais proeminentes cidadãs se casa com uma celebridade.

– Sou jornalista, não uma celebridade. Pensei que já tivéssemos discutido esse assunto...

– Não precisa ser modesto, Jeremy. Já posso até ver... – Ele olhou de soslaio para o rapaz, como se de fato pudesse prever. – Hoje, escreve colunas na *Scientific American*; amanhã, terá o próprio programa de entrevistas, que será transmitido para o mundo todo, diretamente daqui, de Boone Creek, na Carolina do Norte.

– Duvido muito...

– Você precisa pensar grande, meu filho. Se não sonhasse alto, Cristóvão Colombo nunca teria navegado para o Novo Mundo e Rembrandt nunca teria pegado em um pincel.

Ele deu um tapa nas costas de Jeremy, inclinando-se em seguida para beijar o rosto de Lexie.

– E você está mais linda que nunca, Lexie. O noivado, definitivamente, lhe fez bem, minha querida.

– Obrigada, Tom – respondeu ela.

Doris revirou os olhos e estava prestes a mandá-lo embora quando Gherkin novamente voltou sua atenção para Jeremy.

– Você se importa se conversarmos sobre negócios por um minutinho? – Ele nem esperou a resposta. – Ora, eu não seria um agente público zeloso se não lhe perguntasse se você está planejando escrever alguma coisa especial sobre Boone Creek, agora que mora aqui. Quero dizer, essa pode ser uma boa ideia. E seria bom para a cidade, também. Por exemplo: você sabia que três dos maiores peixes-gatos encontrados na Carolina do Norte foram pescados aqui, em Boone Creek? Pense nisso… três entre os quatro maiores. Nossa água deve ter algum poder mágico.

Jeremy não sabia o que dizer. Ah, sim, seu editor iria adorar essa história! Principalmente o título: “Água mágica é responsável por aparecimento de peixes-gatos gigantes.” Sem chance. Ele já estava atravessando um campo minado por ter saído de Nova York. Se houvesse qualquer corte na revista, Jeremy estava quase certo de que seria o primeiro a ser mandando embora. Não que ele precisasse do salário: quase toda a sua renda vinha dos artigos que

escrevia para outros jornais e revistas. Além disso, ao longo dos anos, ele soubera investir bem o dinheiro. Possuía mais que o suficiente para sobreviver por um tempo, mas sem dúvida a coluna na *Scientific American* era o que lhe dava mais prestígio.

– Na verdade, minhas próximas seis colunas já estão escritas, e ainda não me decidi sobre o assunto da seguinte. Mas vou pensar bastante no peixe-gato.

O prefeito meneou a cabeça, satisfeito.

– Faça isso, meu rapaz. E, veja bem, quero oficialmente dar as boas-vindas a vocês dois. Não imaginam como estou emocionado por terem escolhido nossa querida comunidade como morada permanente. Mas preciso voltar para o bingo. Rhett está cantando os números, mas ele mal sabe ler. Tenho medo de que ele faça besteira e dê alguma confusão. Só Deus sabe o que as irmãs Garrison podem fazer caso se sintam enganadas.

– As pessoas levam o bingo a sério – concordou Doris.

– Você está absolutamente certa. Agora, se me dão licença, o dever me chama.

Virando-se rapidamente – um grande feito, considerando-se a circunferência de sua cintura –, o prefeito saiu da sala e tudo o que Jeremy pôde fazer foi balançar a cabeça, despedindo-se. Doris deu uma espiada pela porta, querendo certificar-se de que ninguém mais se aproximava e, em seguida, inclinou-se na direção de Lexie, tocando a barriga da neta.

– Como você está se sentindo?



Ao ver Doris e Lexie sussurrando a respeito da gravidez, Jeremy começou a pensar que o fato de ter filhos e criá-los era, de certa forma, irônico.

Sabia que a maioria das pessoas tinha consciência das responsabilidades que envolviam gerar e criar filhos. Por observar os irmãos e as cunhadas, Jeremy estava ciente de quanto a vida

dele e de Lexie poderia mudar com o nascimento de uma criança. Nada mais de dormir até tarde nos fins de semana, por exemplo. Nem de resolver jantar fora sem planejamento. Mas eles diziam não se importar, já que enxergavam a paternidade como um ato de altruísmo e, sendo assim, estavam dispostos a fazer sacrifícios pelo bem de seus filhos. E não eram os únicos. Em Manhattan, Jeremy tinha a impressão de que esse entendimento era, frequentemente, levado a extremos. Todos os pais e mães que conhecia faziam questão de que os filhos estudassem nas melhores escolas, tivessem os melhores professores de piano e praticassem esportes nos melhores clubes, tudo isso com o objetivo de habilitá-los a, um dia, estudar nas melhores universidades.

Mas todo esse altruísmo não requeria também uma dose de egoísmo?

Jeremy acreditava que essa era, justamente, toda a ironia da questão. Afinal, as pessoas não eram obrigadas a ter filhos. Para ele, a procriação tinha dois significados essenciais: era o passo seguinte em um relacionamento, mas, no fundo, era também a expressão de um desejo intenso de criar uma miniatura de "você" mesmo. Ora, quando as pessoas dizem que "você" é tão especial, torna-se inconcebível que o mundo tenha de carregar o enorme peso de constatar que só existe um "você" por aí. E o resto? E os sacrifícios que levam às melhores universidades? Jeremy tinha certeza de que o único motivo para que uma criança de 5 anos já tivesse ouvido falar de qualquer uma das boas universidades do país era o fato de essas instituições serem importantes para seus pais. Em outras palavras, ele chegou à conclusão de que grande parte dos pais não desejava apenas criar outro "eu mesmo", mas também um "outro" que fosse a versão melhorada desse "eu mesmo", pois ninguém gostaria de estar em uma festa, trinta anos mais tarde, dizendo coisas do tipo "Oh, Jimmie está ótimo! Está sob condicional e quase largou o vício em drogas". Nada disso, eles querem dizer: "Emmett, além de multimilionário, concluiu o ph.D. em microbiologia e o *New York Times* acabou de fazer uma reportagem

sobre suas mais recentes pesquisas, voltadas à descoberta da cura do câncer.”

É claro que nenhuma dessas questões dizia respeito a Lexie e a ele, e Jeremy se sentia um pouco envaidecido ao perceber isso. Eles não eram futuros pais típicos, pelo simples fato de que a gravidez não tinha sido planejada. Quando ela aconteceu, eles não estavam pensando em um “pequeno eu e pequeno você”, e um filho não era o próximo passo lógico no relacionamento, uma vez que, tecnicamente, eles ainda nem tinham desenvolvido um relacionamento. Não, a criança fora concebida na beleza e na ternura, sem nenhuma característica de egoísmo por parte dos pais. O que significava que ele e Lexie eram melhores e mais altruístas e, no longo prazo, concluiu Jeremy, esse altruísmo daria à criança o tão importante impulso para ser aceita em Harvard.



– Você está bem? – perguntou Lexie. – Está tão calado desde que saímos do restaurante...

Eram quase dez horas e eles estavam na casa de Lexie, um local pequeno e desgastado pelo tempo, que tinha nos fundos um bosque de pinheiros antigos. Pela janela, Jeremy viu o topo das árvores balançando com a brisa. À luz da lua, suas folhas pontiagudas pareciam feitas de prata. Estavam sentados no sofá, com Lexie enroscada sob os braços de Jeremy. A chama de uma pequenina vela tremulava na mesa de canto, lançando uma luz sobre a travessa com o que restara da comida que Doris preparara para o casal.

– Eu estava pensando no bebê – respondeu Jeremy.

– É mesmo? – perguntou ela, inclinando a cabeça para o lado.

– É. Por quê? Você acha que eu não penso no bebê?

– Não, não é isso. É que eu tive a impressão de que você se desligou quando Doris e eu falamos sobre nosso filho. O que você estava pensando?

Ele a puxou para mais perto de si, achando que era melhor não mencionar a palavra “egoísta”.

– Estava pensando em como o bebê tem sorte por ter você como mãe.

Ela sorriu antes de se virar de frente para estudá-lo.

– Tomara que nossa filha tenha as suas covinhas.

– Você gosta das minhas covinhas?

– Adoro. Mas quero que ela tenha os meus olhos.

– E o que há de errado com os meus olhos?

– Não há nada de errado com eles.

– Mas os seus são muito mais bonitos, é isso? Pois minha mãe adora os meus olhos.

– Eu também adoro. Em você, eles são sedutores. Só não quero que nossa filha tenha olhos sedutores. Ela é apenas um bebê.

Ele achou graça.

– E o que mais?

Lexie o olhou fixamente e se concentrou, antes de responder:

– Também quero que ela tenha o meu cabelo. E meu nariz e meu queixo. – Ela enfiou uma mecha de cabelo atrás da orelha. – E minha testa também.

– Sua testa?

Ela balançou a cabeça afirmativamente.

– Você tem uma ruga entre as sobrancelhas.

Sem pensar, ele colocou um dedo no lugar da ruga, como se nunca a tivesse percebido.

– É porque eu fico franzindo a testa. – E fez uma demonstração. – Está vendo? É de tanto me concentrar. É de tanto pensar. Você não quer que a sua filha pense?

– Você está me dizendo que quer que nossa filha tenha rugas?

– Bem... não, mas você está dizendo que a única coisa que eu tenho de bom são as covinhas?

– E se ela tiver suas orelhas?

– Orelhas? Quem se importa com orelhas?

– Acho que as suas são lindas.

– Acha mesmo?

– Suas orelhas são perfeitas. Provavelmente, as mais perfeitas do mundo. Já ouvi comentários sobre como suas orelhas são maravilhosas.

Ele riu.

– Está bem. Minhas orelhas e minhas covinhas, seus olhos, nariz, queixo e testa. Algo mais?

– Que tal pararmos por aqui? Odiaria pensar no que você diria se eu lhe contasse que também queria que ela tivesse as minhas pernas. Você está muito sensível hoje.

– Não estou sensível. Mas acontece que acho que tenho mais a oferecer, além das minhas orelhas e das minhas covinhas. E minhas pernas... bem, devo confessar que elas sempre foram muito elogiadas – disse Jeremy.

Lexie deu uma risadinha.

– Está certo, está certo. Já entendi seu ponto de vista. E quais são suas ideias sobre a festa de casamento?

– Está mudando de assunto?

– Nós precisamos falar sobre o casamento. Tenho certeza de que você tem alguma coisa a dizer.

– Acho que vou deixar você decidir quase tudo.

– Eu estava pensando em fazer o casamento perto do farol. Do lado de fora, próximo à cabana...

– Eu me lembro – disse ele, sabendo que Lexie estava se referindo ao farol do cabo de Hatteras –, foi onde seus pais se casaram.

– É um parque estadual, portanto precisamos de permissão oficial. E eu estava pensando em fazer o casamento no fim da primavera, ou no início do verão. Não quero que minha barriga apareça nas fotos.

– Faz sentido para mim. Afinal, você não quer que as pessoas achem que você está grávida. O que elas iriam pensar, não é mesmo?

Ela riu.

– Então você não quer opinar sobre o casamento? Não tem nada que seja especial para você, alguma coisa com a qual sempre tenha sonhado?

– Não, na verdade, não. Agora, com relação à despedida de solteiro, a história é outra...

Brincando, Lexie lhe deu um soco na barriga.

– Cuidado, ouviu bem? – Depois, acomodando-se outra vez no sofá, ela acrescentou: – Estou feliz por você estar aqui.

– Também estou feliz por estar aqui.

– Quando você quer começar a procurar casas?

Essas mudanças súbitas de assunto durante a conversa serviam para lembrar Jeremy a todo o instante de que sua vida tinha passado por uma transformação drástica e repentina.

– Como?

– Procurar casas. Nós vamos ter que comprar uma casa nova.

– Pensei que a gente fosse morar aqui.

– Aqui? Este lugar é minúsculo. Onde você montaria seu escritório?

– No quarto extra. Tem bastante espaço.

– E o bebê? Onde o bebê vai dormir?

É claro, o bebê. Por um segundo, ele se esqueceu da criança.

– Você tem alguma coisa em mente?

– Acho que gostaria de uma casa perto da água, se você concordar.

– A ideia me agrada.

Uma expressão sonhadora tomou conta do rosto de Lexi enquanto ela falava.

– Algum lugar com uma varanda bem ampla. Que seja acolhedor, com cômodos espaçosos e janelas que deixem o sol entrar. E com telhado de zinco. Ninguém pode dizer que viveu de verdade se não ouviu a chuva caindo e batendo em um telhado de zinco. É o som mais romântico do mundo.

– Eu gosto dos sons românticos.

Ela franziu a testa, refletindo sobre as respostas de Jeremy.

– Você está sendo incrivelmente flexível.

– Você está se esquecendo de que eu morei em um apartamento nos últimos quinze anos. Nós temos preocupações diferentes, como, por exemplo, se o elevador está funcionando.

– Pelo que eu me lembro, o do seu prédio não funcionava.

– O que é uma prova de que eu não sou exigente.

Lexie sorriu.

– Bom, não podemos procurar casas nesta semana. Certamente há uma montanha de papéis me esperando na biblioteca e vou levar um tempão até colocar tudo em dia. Mas talvez possamos ir no fim de semana.

– Parece ótimo.

– O que você vai fazer enquanto eu estiver trabalhando?

– Provavelmente, despetalar algumas flores à medida que definho de saudades de você.

– Estou falando sério.

– Ah, você sabe. Vou tentar me ajeitar. Instalar o computador e a impressora, ver se consigo algum tipo de conexão rápida para fazer pesquisas na internet. Gosto de deixar pelo menos quatro ou cinco colunas adiantadas. Assim, se alguma história boa aparecer, tenho tempo de desenvolvê-la. Além disso, dessa forma meu editor dorme mais tranquilo.

Ela ficou pensativa.

– Acho que você não vai conseguir conexão rápida na hospedaria. Eles nem têm cabo.

– E quem está falando da hospedaria? Vou instalar tudo aqui na sua casa mesmo.

– Então é melhor você usar a biblioteca. Quero dizer, se vai ficar na hospedaria do Jed.

– E quem disse que vou ficar lá?

Lexie o encarou.

– E onde mais você ficaria?

– Pensei que eu fosse ficar aqui.

– Aqui?

– Aqui, é claro. Com você – disse ele, como se fosse óbvio.

– Mas nós ainda não estamos casados.

– E daí?

– Sei que parece coisa antiga, mas por aqui os casais não moram juntos antes do casamento. As pessoas não iriam aprovar. Concluiriam que estamos dormindo juntos.

Jeremy a olhou fixamente, sem se preocupar em disfarçar sua perplexidade.

– Mas nós estamos dormindo juntos. Você está grávida, lembra?

Ela sorriu.

– Sou a primeira a admitir que não faz muito sentido e, se eu pudesse fazer o que acho certo, você ficaria aqui. Sei que, daqui a pouco, todos vão perceber que estou grávida, no entanto o mais louco é que as pessoas daqui entendem quando você comete erros. Estão totalmente dispostas a perdoar, mas isso não significa que possamos morar juntos. Irão falar pelas nossas costas, fazer fofoca e precisarão de um bom tempo até se esquecerem de que “vivemos em pecado”. E durante anos será dessa maneira que irão nos descrever. – Ela balançou a cabeça em sinal de desaprovação antes de tomar a mão de Jeremy. – Sei que estou pedindo muito, mas você faria isso por mim?

Recostando-se no sofá, ele se lembrou de como era a Hospedaria Folhas Secas: uma série de cabanas decrépitas, situadas em meio a um pântano de águas repletas de cobras. Jed, o assustador e monossilábico proprietário. Os animais empalhados que decoravam todos os cômodos. Hospedaria Folhas Secas... meu bom Deus!

– Está bem – concordou ele. – Está certo. Mas... tenho que ficar na hospedaria?

– Não existe outro lugar. Quero dizer, se você quiser, há um pequeno galpão atrás da casa da Doris, acho que tem um banheiro lá, mas não é tão bom quanto a hospedaria.

Ele engoliu em seco, refletindo sobre o que seria melhor.

– Aquele Jed me assusta – confessou.

– Eu sei. Mas Jed me prometeu que iria tratá-lo melhor, agora que você é membro de nossa comunidade. E a boa notícia é que, como você vai ficar mais tempo, ele não vai cobrar o preço normal. Você terá um desconto.

– Que sorte a minha! – comentou Jeremy, com ironia.

Ela passou o dedo pela testa de Jeremy.

– Vou compensá-lo. Por exemplo, se você for bastante discreto, poderá me visitar quando quiser. E ainda vou preparar seu jantar.

– Discreto?

Ela confirmou.

– Isso significa que você não deverá deixar seu carro estacionado aqui na frente, ou, se o fizer, deverá sair antes do amanhecer, para que ninguém veja.

– Por que estou com a sensação de que tenho 16 anos e estou fazendo alguma coisa que meus pais não podem saber?

– Porque é exatamente isso que vamos fazer. Só que essas pessoas não são tão compreensivas quanto seus pais. São muito piores.

– Então, por que vamos morar aqui?

– Porque você me ama – explicou ela.

# 4



Ao longo do mês seguinte, Jeremy começou a se adaptar à vida em Boone Creek. Em Nova York, os primeiros sinais da primavera surgiam em abril, mas, em Boone Creek, eles apareciam muitas semanas antes, mais ou menos no início de março. As árvores começavam a florescer, as manhãs frias ficavam um pouco mais quentes e, quando não estava chovendo, as temperaturas brandas da tarde não exigiam mais que uma camisa de manga comprida. Os gramados, que adquiriam uma cor marrom no inverno, quando a grama se mantinha em estado latente, começavam, de maneira imperceptível, a adquirir uma cor verde-esmeralda, chegando ao seu ápice quando floriam os cornos e as azaleias. O ar ficava impregnado do perfume das flores, do pinho e da neblina salgada, e o azul do céu só era bloqueado por uma ou outra nuvem visível no horizonte. Quando chegava o fim de março, a cidade parecia mais luminosa e viva. Era como se a lembrança da paisagem local no inverno não passasse de um sonho melancólico.

A mobília de Jeremy, que finalmente tinha chegado, estava guardada no galpão atrás da casa de Doris e, em vários momentos de sua estada na hospedaria, ele se perguntou se não teria ficado melhor junto com seus móveis. Não que ainda não estivesse adaptado à vida, tendo Jed como único vizinho. Até aquele momento, Jed não lhe dirigira uma única palavra, mas Jeremy conseguia decifrar as mensagens que ele deixava ocasionalmente.

Elas eram difíceis de entender e, algumas vezes, tinham manchas de... alguma coisa – líquido para embalsamar, talvez, ou qualquer substância que ele usasse para rechear as criaturas empalhadas –, mas, o que quer que fosse, esse ingrediente fazia com que os papéis ficassem colados na porta e, nem Jeremy nem Jed se importavam com a mancha que deixavam.

Ele também estabeleceu um tipo de rotina. Lexie estava certa – não havia a mínima possibilidade de acesso rápido à internet na hospedaria, mas ele improvisara uma maneira de receber e-mails e fazer pesquisas em câmera lenta, tendo de esperar cinco minutos para baixar uma única página. O lado positivo era que a conexão lenta lhe dava um bom motivo para ir à biblioteca quase todos os dias. Algumas vezes, ele e Lexie se encontravam na sala dela, outras, almoçavam juntos, mas, após uma hora, ela dizia algo como "Eu adoraria passar o dia inteiro com você, mas preciso trabalhar". Ele entendia a deixa e voltava para um dos terminais de computador, onde praticamente fixara residência para sua pesquisa. Seu agente, Nate, telefonava repetidas vezes, deixando mensagens para saber se Jeremy tinha alguma boa ideia para uma história futura, "já que a possibilidade de algum trabalho na televisão ainda não fora totalmente descartada". Como a maioria dos agentes, Nate era um otimista. Jeremy ainda não encontrara nenhuma história nem escrevera uma coluna que fosse desde que tinha se mudado para o Sul. Com tantos novos eventos, era fácil perder a concentração.

Pelo menos era disso que ele tentava se convencer. O fato era que ele tivera duas ideias, mas nada que gerasse algum resultado prático. Toda vez que se sentava para escrever, parecia que seu cérebro tinha se derretido e que seus dedos estavam artríticos. Ele escrevia uma frase ou duas, passava quinze ou vinte minutos avaliando o trabalho até, finalmente, apagá-las, sem conseguir chegar a lugar nenhum. Algumas vezes, ele se perguntava por que o teclado, de repente, passou a odiá-lo, mas deixava de lado o assunto, sabendo que tinha coisas mais importantes na cabeça.

Como Lexie. E o casamento. E o bebê. E, é claro, a festa de despedida de solteiro, que Alvin tentava marcar desde a partida de Jeremy. Mas tudo dependia de o Departamento de Parques e Jardins liberar o local para a realização do casamento. Apesar dos incontáveis lembretes de Lexie sobre o assunto, Jeremy ainda não conseguira entrar em contato com ninguém que pudesse ajudá-los. No final, ele acabou pedindo a Alvin que marcasse a festa para o último fim de semana de abril, pois o casamento não poderia demorar muito mesmo. Alvin estava bastante agitado ao desligar o telefone, prometendo fazer com que aquela fosse uma noite inesquecível.

Não iria demorar. Por mais que ele estivesse se acostumando com a cidade, Boone Creek não era Nova York, e ele percebeu que sentia falta do antigo endereço. É claro que, antes de se decidir pela mudança, ele sabia que não seria uma adaptação fácil, mas ainda estava impressionado com a total falta do que fazer. Em Nova York, ele podia sair de seu apartamento, caminhar dois quarteirões em qualquer direção e encontrar uma infinidade de filmes para assistir, desde o último lançamento do gênero de ação até algo mais artístico. Boone Creek, por sua vez, não possuía nenhum cinema, e o mais próximo – em Washington – tinha apenas três salas, e uma delas só exibia os últimos filmes da Disney. Em Nova York, sempre havia um restaurante novo para ser testado e comidas para todos os gostos e desejos possíveis, da vietnamita à italiana, da grega à etíope. Em Boone Creek, sair para jantar significava pizza de massa pronta, pré-cozida, ou comida caseira no restaurante do Ned, um lugar no qual tudo era frito e havia tanto óleo no ar que era preciso limpar a testa com um guardanapo antes de ir embora. Certa vez, Jeremy ouvira clientes no balcão conversando sobre a melhor maneira de filtrar a gordura do bacon para aumentar o sabor e sobre quanto toucinho era preciso acrescentar à couve antes de cobrir toda aquela coisa com manteiga. Os sulistas são mestres em descobrir um jeito de comer verduras de uma maneira pouco saudável.

Ele achou que estivesse sendo rude, mas, sem nenhum lugar no qual pudessem comer nem filmes aos quais assistir, o que os jovens casais tinham para fazer? Ainda que quisesse fazer uma agradável caminhada pela cidade, só era possível andar alguns minutos em qualquer direção antes de ser obrigado a voltar. Lexie, é claro, achava tudo isso normal e parecia completamente feliz sentada na varanda depois do trabalho, bebendo chá ou limonada e acenando para um ou outro vizinho que estivesse passeando pelo quarteirão. Ou, se a natureza ajudasse e chovesse no dia anterior, outra forma de ter uma noite emocionante de entretenimento era sentar-se na varanda e observar os raios. Para que ele não ficasse desapontado com a ideia de se sentar na varanda, Lexie garantiu que “no verão, você vai ver tantos vaga-lumes que vai pensar que o Natal chegou”.

– Mal posso esperar – respondeu Jeremy, com um suspiro.

Quanto ao lado positivo, nas últimas semanas Jeremy havia, finalmente, atingido um marco: a compra de seu primeiro carro. Essa era a experiência que ele aguardava com mais ansiedade desde que se mudara para Boone Creek, o que era um desejo e uma atitude tipicamente masculinos. Todos aqueles anos de economia e investimentos não teriam sido em vão. Após escrever um artigo sobre o futuro da internet, ele comprara ações da Yahoo! e da AOL e tivera sorte: elas atingiram o topo e ele resgatou parte do lucro quando se mudou. Ele já antecipava cada momento da compra, desde a leitura cuidadosa de revistas sobre automóveis até a visita às concessionárias só para sentar-se ao volante e experimentar o “cheiro de carro novo”. Inúmeras vezes se arrependera amargamente de morar em Nova York, porque possuir um automóvel na cidade era totalmente supérfluo. Ele mal podia esperar para entrar em um conversível de duas portas e levá-lo para um teste pelas estradas calmas de Boone Creek. Na manhã em que ele e Lexie foram até a loja, ele não conseguia parar de rir ao fantasiar sentar-se ao volante de seu carro novo.

O que ele realmente não esperava era a reação de Lexie quando viu o conversível de duas portas e passou os dedos pelas elegantes

curvas do automóvel.

– O que você acha? – indagou ele.

Ele tinha certeza de que ela também não conseguiria resistir.

Lexie olhou para o carro com uma expressão confusa.

– Onde vamos colocar a cadeirinha do bebê?

– Podemos usar o seu carro para isso. Esse é um carro para nós dois. Para viagens rápidas até a praia ou as montanhas, para fins de semana em Washington.

– Meu carro não vai durar muito mais tempo. Você não acha que seria melhor se comprássemos algo para toda a família?

– Algo como?

– Que tal uma minivan?

Ele pestanejou.

– De jeito nenhum. Sem chance. Não esperei trinta e sete anos para comprar uma minivan.

– Então, que tal um belo sedã?

– Um sedã? Meu pai tem um sedã. Sou muito jovem para ter um sedã.

– Um utilitário? É um carro esporte e elegante. E poderemos usá-lo nas montanhas.

Jeremy tentou se imaginar atrás de um volante de um utilitário esportivo antes de começar a balançar a cabeça, em desacordo.

– Esses carros são usados por mães e donas de casa que moram longe do centro da cidade. Já vi muito mais desses tipos na porta de supermercados do que nas montanhas. Além disso, poluem mais que os carros comuns e eu *me preocupo* com o meio ambiente. – Ele colocou a mão sobre o peito, para dar mais ênfase e parecer determinado.

Lexie refletiu sobre aquela resposta.

– E, então, em que posição nós ficamos?

– Na que eu escolhi. Imagine que maravilha de vida... dirigir pelas estradas, sentindo o vento nos cabelos...

Lexie achou graça.

– Você está falando como se estivesse em um comercial. E, acredite, eu também acho que seria maravilhoso. Adoraria andar por aí em um carro tão chamativo como esse. Mas você tem de admitir que não é muito prático.

Ele a observou por alguns instantes, sentindo a boca ficar seca ao ver seu sonho se esvaecer. É óbvio que ela tinha razão e ele se mexeu, inquieto, até finalmente dizer, num sopro:

– Qual deles você prefere?

– Acho que este aqui seria muito bom para a família – disse ela, dirigindo-se ao sedã de quatro portas. – Esse foi considerado a melhor compra pela melhor revista de automóveis do país no quesito segurança. Além disso, é confiável e tem garantia de até dez mil quilômetros.

Econômico. Sensato. Responsável. Ela pensou em todos os aspectos, ele tinha de reconhecer, mas mesmo assim ficou abalado quando viu o automóvel que ela escolhera. Na opinião de Jeremy, ele poderia ter destaques em madeira nas laterais e pneus de banda branca, como os daqueles carros muito antigos, tamanha a sensualidade que suas linhas evocavam.

Observando a expressão no rosto de Jeremy, Lexie se aproximou dele e jogou os braços ao redor de seu pescoço.

– Sei que esse não é o carro com que você sonhou, mas, e se o encomendarmos em uma cor vermelha bastante intensa, como a dos carros dos bombeiros?

Ele levantou a sobrancelha.

– Com chamas pintadas na capota?

– Se você quiser de verdade – respondeu ela, rindo outra vez.

– Não quero. Só estava vendo até onde você iria.

Ela o beijou.

– Obrigada. E, só para você saber, acho que vai ficar muito sexy quando estiver na direção.

– Vou ficar é com a cara do meu pai.

– Nada disso. Você vai ficar com a cara do pai da nossa filha, e nenhum homem neste mundo pode chegar nem perto disso.

Ele sorriu, sabendo que ela tentava fazê-lo se sentir melhor. Ainda assim, a tristeza continuou a incomodá-lo um pouco quando pensou em como tudo poderia ser diferente no momento de assinar os papéis, uma hora mais tarde.



Além da pontinha de decepção que ele sentia cada vez que se colocava ao volante, a vida não ia de todo mal. Como ele não estava escrevendo, tinha muito tempo livre, muito mais do que costumava ter. Durante anos, Jeremy correra atrás de histórias por todo o mundo, investigando tudo, desde o Abominável Homem das Neves, no Himalaia, ao Sudário de Turim, na Itália, expondo fraudes e derrubando mitos. Nos intervalos, escrevia artigos desmascarando charlatões, médiuns e curandeiros, ainda encontrando tempo para escrever doze colunas anuais. Era uma vida de constante pressão, algumas vezes desgastante e, na maior parte do tempo, implacável. Quando era casado com Maria, suas constantes viagens se tornaram uma fonte de tensão e ela lhe pediu que parasse de trabalhar por conta própria e conseguisse um emprego fixo em um dos jornais de Nova York. Ele nunca levou essa ideia a sério, mas, pensando em sua vida agora, ele se perguntou se não devia ter feito o que ela pedira. A pressão constante para descobrir e escrever, ele percebeu, se manifestara em outras áreas de sua vida. Durante muitos anos ele precisou fazer alguma coisa – qualquer uma – a todo o instante em que estivesse acordado. Não podia se sentar quieto por mais de alguns minutos: sempre havia algo a ser lido ou estudado, algo a ser escrito. Aos poucos, acabou perdendo a capacidade de relaxar, e o resultado foi um longo período em sua vida no qual os meses passavam sem que nada os diferençasse.

O último mês em Boone Creek, por mais tedioso que tivesse sido, fora também renovador. Simplesmente, não havia nada que ele pudesse fazer e, considerando o ritmo acelerado de sua vida nos últimos quinze anos, quem poderia reclamar? Era como tirar férias

sem ter planejado, mas estava descansado como havia muito tempo não se sentia. Pela primeira vez no que parecia ser uma eternidade, ele estava ditando o ritmo de sua vida, em vez de deixar que ela própria o fizesse. O fastio, ele decidiu, era uma forma de arte subestimada.

Ele gostava especialmente de ficar sem fazer nada ao lado de Lexie. Não tanto na hora de sentar-se na varanda, mas apreciava a sensação de tê-la com ele enquanto assistiam aos jogos da NBA. Estar com Lexie era confortável e ele se deliciava com as conversas calmas durante o jantar e o calor do corpo dela quando se sentavam juntos no alto do monte Riker. Ele ansiava por aqueles momentos simples com um entusiasmo que o surpreendia. Contudo, o que ele mais apreciava eram as manhãs, em que podiam dormir até mais tarde e, depois, levantar-se juntos sem nenhuma pressa. Era um prazer com culpa – ela só permitia isso quando ia buscá-lo na hospedaria após o trabalho, evitando que o carro dele fosse visto na estrada por algum vizinho fofoqueiro –, mas, qualquer que fosse o motivo, o fato de se esconderem deixava tudo mais excitante. Depois que se levantavam, eles liam o jornal sentados à pequena mesa da cozinha, enquanto tomavam o café da manhã. Em geral, ela ainda estava usando pijamas e pantufas e tinha os cabelos desalinhados e os olhos ainda um pouco inchados do sono. Mas, quando o sol da manhã atravessava as janelas, ele tinha certeza de que ela era a mulher mais linda que já tinha visto.

Algumas vezes, ela o pegava a observá-la e procurava sua mão. Jeremy retomava a leitura e, quando os dois se sentavam um ao lado do outro, de mãos dadas, perdidos em seus pensamentos, Jeremy se perguntava se poderia existir prazer maior na vida.



Eles já estavam procurando uma casa havia algum tempo e, como Lexie sabia exatamente o que queria e Boone Creek não tinha um número tão grande de opções, Jeremy achou que eles não

demorariam muito a encontrá-la. Talvez mais uns dois dias, ou, se tivessem sorte, até mesmo naquela tarde. Mas, por algum motivo, Jeremy achou a situação mais desalentadora que excitante. Havia alguma coisa em relação a visitar a casa dos outros que o fazia se sentir como se as estivesse criticando e, em geral, não da maneira mais gentil. O que, é claro, ele estava fazendo mesmo. Embora a cidade fosse histórica e as casas parecessem charmosas por fora, sempre que entrava nelas, sentia-se decepcionado. Na metade do tempo era como entrar em outra época, lá pelos anos 1970. Ele nunca vira tantos tapetes felpudos bege, papel de parede alaranjado e pias de cozinha verde-limão, desde o fim do seriado *A Família Dó-Ré-Mi*. De vez em quando, havia odores estranhos, alguns dos quais incomodavam o nariz – amontoados de inutilidades e sujeira de gato, talvez, ou fraldas sujas e pão mofado – e, com bastante frequência, só a mobília era suficiente para fazê-lo balançar a cabeça em sinal de reprovação. Em seus 37 anos de vida, ele jamais havia pensado na possibilidade de ter cadeiras de balanço no quarto e sofás na varanda da frente. Mas estava se acostumando à ideia.

Havia incontáveis razões para dizer não, mas, até quando encontravam alguma coisa que parecia agradar a eles e lhes dava vontade de dizer sim, também não era nada muito atraente.

– Olhe! Essa casa tem um quarto escuro! – exclamou Jeremy certo dia.

– Mas você não é fotógrafo – respondeu Lexie. – Você não precisa de um quarto escuro.

– Mas *algum dia* eu posso vir a ser fotógrafo.

Ou:

– Eu amo pés-direitos altos – dizia ela, maravilhada. – Sempre sonhei com um quarto que tivesse o pé-direito alto.

– Mas o quarto é minúsculo! Não vai caber uma cama tamanho queen aqui.

– Eu sei. Ah, mas o pé-direito é tão alto!

Depois de algum tempo, eles encontraram um lugar. Ou melhor, um lugar que Lexie adorou. Jeremy, por sua vez, ainda não tinha certeza. Uma casa de dois andares, em estilo georgiano, com uma varanda sem cobertura, vista para Boone Creek e o interior decorado bem no estilo da cidade. Como o imóvel estava no mercado havia quase dois anos, o preço era excelente – pelos padrões de Nova York, era quase de graça –, mas o lugar precisava de reforma. Quando Lexie insistiu para que andassem pela casa pela terceira vez, até a Sra. Reynolds, a corretora, sabia que a isca tinha sido mordida e um peixe faminto estava preso ao anzol. Magra e grisalha, ela estampava um sorriso satisfeito no rosto delicado, enquanto garantia a Jeremy que a reforma "não custaria mais que o preço da compra".

– Ótimo – disse Jeremy, fazendo mentalmente as contas, para ver se tinha dinheiro suficiente.

– Não se preocupe – acrescentou a Sra. Reynolds. – A casa é perfeita para um casal jovem, especialmente se estão pensando em começar uma família. Casas como esta não aparecem todos os dias.

*Na verdade, elas aparecem, sim*, pensou Jeremy. *Esta casa poderia ter sido comprada por qualquer um nos últimos dois anos*.

Ele estava pronto para interrompê-la quando viu Lexie caminhando em direção à escada.

– Posso subir as escadas mais uma vez? – perguntou ela.

A Sra. Reynolds voltou-se para ela com um sorriso, já calculando a comissão que iria receber.

– É claro, querida. Vou com você. A propósito, vocês estão planejando começar uma família? Porque, se estiverem, precisam ver o sótão. Daria um quarto de brinquedos fantástico.

Enquanto observava a Sra. Reynolds acompanhar Lexie escada acima, ele se perguntou se ela, de alguma forma, percebera que já tinham ido muito além do planejamento.

Mas concluiu que não. Lexie ainda estava mantendo a gravidez em segredo, pelo menos até o casamento. Somente Doris sabia, e ele

achava que poderia conviver com isso, não fosse o fato de que, nos últimos tempos, ele começara a se envolver nas mais estranhas conversas com Lexie, algumas das quais ele preferia que ela compartilhasse com as amigas. Por exemplo, quando estava sentada no sofá, ela de repente dizia: “Meu útero vai ficar inchado por várias semanas depois que o bebê nascer”, ou “Você acredita que o colo do meu útero vai dilatar dez centímetros?”

Desde que ela começara a ler livros sobre gravidez, ele ouvia palavras como “placenta”, “umbilical” e “hemorroidas” com muito mais frequência do que gostaria e, se ela mencionasse mais uma vez que seus mamilos ficariam inchados enquanto estivesse amamentando – “a ponto de sangrar” –, ele estava certo de que teria de sair dali correndo. Como a maioria dos homens, ele só tinha uma vaga noção sobre “como uma criança inteira cresce dentro de você” e não se interessava muito em saber mais. Em geral, ele se preocupava mais com o ato específico que deu início a todo aquele processo. *Esse* era um assunto sobre o qual ele gostaria muito de conversar, principalmente se ela estivesse olhando para ele através de uma taça de vinho, em um quarto à luz de velas, falando de modo bem sensual.

O problema era que ela dizia aquelas palavras como se estivesse lendo os ingredientes descritos em uma caixa de cereal e, em vez de deixá-lo mais excitado em relação a tudo o que estava acontecendo, aquelas conversas o enjoavam.

Mas, apesar disso, ele estava empolgado. Havia algo emocionante no fato de ela estar carregando uma criança *dele*. Era uma fonte de orgulho saber que ele tinha feito a parte que lhe cabia na preservação da espécie, cumprindo, dessa forma, o seu papel de criador de uma vida – tanto que, na verdade, ele desejava que Lexie não tivesse pedido segredo sobre a gravidez.

Perdido em seus pensamentos, ele precisou de um segundo para perceber que Lexie e a Sra. Reynolds estavam descendo as escadas.

– É esta a casa – disse Lexie, radiante, enquanto procurava pela mão de Jeremy. – Podemos comprá-la?

Ele sentiu uma pequena pressão no peito, pensando que teria de se desfazer de parte substancial de seus investimentos para comprar a casa.

– Como você quiser – respondeu, esperando que ela prestasse atenção no tom magnânimo de sua voz.

Naquela noite, eles preencheram os papéis da proposta. A oferta que fizeram foi aceita na manhã seguinte. Ironicamente, eles fechariam o negócio em 28 de abril, o mesmo dia em que ele voltaria a Nova York para a festa de despedida de solteiro. Só mais tarde ele percebeu que naquele último mês ele tinha se tornado uma pessoa completamente diferente.

# 5



– Você *ainda* não reservou o farol? – perguntou Lexie.

Era a última semana de março e ela e Jeremy caminhavam para o carro, após o trabalho.

– Eu tentei – explicou Jeremy. – Mas você não faz ideia do que é precisar tratar com essa gente. Metade nem fala comigo se antes eu não preencher formulários. A outra metade está sempre de férias. Até agora, ainda não sei direito o que preciso fazer.

Lexie balançou a cabeça, em sinal de reprovação.

– Quando você conseguir a reserva, já será junho.

– Vou dar um jeito – prometeu Jeremy.

– Sei que vai. Mas eu preferiria que a gravidez não estivesse aparente, e já é quase abril. Não acredito que eu consiga disfarçar até julho. Minhas calças estão ficando apertadas e acho que a minha bunda já cresceu.

Jeremy hesitou, pois sabia que aquele era um campo minado no qual não queria se meter. Nos últimos dias, isso vinha acontecendo com mais frequência. Falar a verdade – *Ora, é claro que a sua bunda está crescendo, afinal você está grávida!* – significaria passar uma semana inteira dormindo na Hospedaria Folhas Secas.

– Para mim, você não mudou nada – achou melhor dizer.

Lexie balançou a cabeça, pensativa.

– Fale com o prefeito Gherkin – ela sugeriu.

Jeremy a olhou, mantendo uma expressão de seriedade.

– Ele acha que a sua bunda está crescendo?

– Não! Sobre o farol. Tenho certeza de que ele pode nos ajudar.

– Está bem – respondeu Jeremy, segurando a vontade de rir. – Pode deixar que farei isso.

Eles caminharam alguns passos antes que ela o cutucasse de brincadeira no ombro.

– E a minha bunda *não* está crescendo.

– Não, é claro que não.



Como sempre, a primeira parada do casal antes de chegar à casa de Lexie era visitar a futura casa dos dois e verificar como iam as obras.

Embora só fossem fechar o negócio oficialmente no final do mês seguinte, o proprietário – que recebera a casa de herança, mas morava em outro estado – permitiu que eles começassem a trabalhar na reforma e Lexie se dedicou totalmente a esse processo. Como conhecia todo mundo que morava na cidade – inclusive carpinteiros, bombeiros, ladrilheiros, pedreiros e eletricistas – e conseguia visualizar a casa pronta, ela assumiu o controle do projeto. O papel de Jeremy era preencher cheques. Considerando-se que ele não queria mesmo estar no comando da reforma, achou que fosse uma troca justa.

Embora não soubesse muito bem o que esperar, certamente não imaginava o que estava acontecendo diante de seus olhos. Equipes inteiras tinham trabalhado a semana toda e Jeremy ficou impressionado com a quantidade de mudanças que encontrou já no primeiro dia. A cozinha fora destruída, telhas estavam espalhadas pelo gramado da frente, o carpete e várias janelas tinham sido removidos. Enormes pilhas de entulho podiam ser vistas por toda a casa e ele começou a achar que a única coisa que os operários faziam era mudar as pilhas de entulho de um lugar para o outro. Até quando ele vinha ver a obra durante o dia, ninguém parecia

trabalhar de verdade. Sentar-se em círculo tomando café, fumar na varanda dos fundos, isso, certamente, eles faziam, mas *trabalhar*? Para Jeremy, eles pareciam estar sempre à espera de alguma entrega, ou aguardando a volta do mestre de obras, ou fazendo uma "pequena pausa". É óbvio que a maioria dos operários era paga por hora de trabalho e Jeremy sempre sentia uma pontada de pânico financeiro toda vez que retornava à hospedaria.

Por outro lado, Lexie estava satisfeita com o progresso da obra e percebia detalhes que ele jamais teria notado: "Você viu que começaram a trabalhar na fiação do segundo andar?", ou "Passaram o novo encanamento pelas paredes. Vamos poder colocar a pia sob a janela."

Em geral, Jeremy balançava a cabeça, concordando.

– É, eu vi.

Além dos cheques para o construtor, ele não tinha escrito mais nada. Olhando pelo lado positivo, porém, tinha certeza de ter entendido por que não estava conseguindo produzir: não era um bloqueio, mas uma exaustão mental. Tudo estava mudando demais – não apenas o que era óbvio, mas também as pequenas coisas. Como a escolha de suas roupas, por exemplo. Ele sempre achou que possuísse um senso de estilo inato, com um toque nova-iorquino, e suas ex-namoradas costumavam elogiar sua aparência. Há anos ele assinava revistas de moda masculina, comprava sapatos de grife e usava camisas italianas feitas sob medida. Mas Lexie parecia ter uma opinião totalmente diferente. Duas noites atrás, ela o surpreendera ao entregar-lhe uma caixa embalada para presente. Ele se sentira realmente emocionado com tamanha atenção... ao menos até abrir a embalagem.

Dentro, encontrou uma camisa xadrez. *Xadrez*. Como as que os lenhadores usavam. E calças jeans básicas.

– Obrigado – ele se forçou a dizer.

Ela o olhou fixamente.

– Você não gostou.

– Não, não... gostei, sim – mentiu ele, sem querer ferir os sentimentos da noiva. – É bonita.

– Você não parece sincero.

– Mas é verdade.

– Só achei que você fosse querer ter no armário alguma coisa que o ajudasse a se misturar aos rapazes.

– Que rapazes?

– Os rapazes da cidade. Seus amigos. No caso de você… sei lá, querer sair para jogar pôquer, caçar, pescar, ou qualquer outra coisa.

– Eu não jogo pôquer. Não caço e não pesco, também.

*Nem tenho amigos*, pensou Jeremy, achando incrível que ele ainda não tivesse percebido isso.

– Eu sei. Mas talvez, um dia, você queira fazer alguma dessas coisas. É o que os homens fazem por aqui, com os amigos. Sei, por exemplo, que Rodney se junta com amigos para jogar pôquer uma vez por semana e Jed é, provavelmente, o melhor caçador das redondezas.

– Rodney e Jed? – perguntou ele, tentando, sem conseguir, imaginar como seria passar algumas horas ao lado deles.

– E qual é o problema com Rodney e Jed?

– Jed não vai com a minha cara. E acho que Rodney também não.

– Isso é ridículo. Como eles poderiam não gostar de você? Quer saber de uma coisa? Por que você não conversa com a Doris amanhã? Ela pode ter algumas ideias mais interessantes.



– Jogar pôquer com o Rodney? Sair para caçar com o Jed? Ah, eu pagaria para ver uma coisa dessas! – gritou Alvin ao telefone.

Como fora Alvin quem filmara as luzes misteriosas no cemitério, ele sabia exatamente a quem Jeremy se referia e ainda se lembrava muito bem de ambos os sujeitos. Com base em falsas acusações, Rodney colocara Alvin na prisão, depois de ele ter flertado com

Rachel na lanchonete Lookilu. Jed, por sua vez, o assustava, assim como assustava Jeremy.

– Posso até imaginar... você andando furtivamente pela floresta com seus sapatos finos e elegantes e camisa de lenhador...

– Sapatos de grife! – corrigiu Jeremy. Ele estava passando a noite na hospedaria e ainda pensava no fato de não ter feito amigos.

– Não importa. – Alvin riu outra vez. – Ah! Mas isso é o máximo... rato da cidade vai caçar, só porque a mulherzinha mandou. Você precisa me contar quando isso acontecer. Vou fazer uma viagem especial até aí com minha câmera e gravar, para a posteridade.

– Pode deixar. Dispenso sua visita.

– Mas ela não deixa de ter razão. Você precisa fazer alguns amigos por aí. O que me faz lembrar... sabe aquela garota que eu conheci?

– Rachel?

– Ela mesma. Você a vê de vez em quando?

– Algumas vezes. Na verdade, como ela é a dama de honra, você também irá vê-la.

– Como ela está?

– Você não vai acreditar, mas ela está namorando o Rodney.

– O inspetor de polícia cheio de músculos? Ela conseguiria coisa melhor. Mas tive uma ideia: talvez você e a Lexie pudessem promover uma saída a quatro. Almoço no Alecrim, talvez sentar na varanda...

Jeremy riu.

– Acho que você não teria dificuldades para se adaptar à vida aqui. Você conhece todas as coisas emocionantes que podemos fazer.

– Eu sou assim. O Sr. Adaptável. Mas se você vir a Rachel, diga a ela que mandei um “alô” e que estou ansioso para vê-la outra vez.

– Pode deixar.

– Tem escrito bastante ultimamente? Aposto que está louco para correr atrás de uma história nova, hein?

Jeremy se mexeu na poltrona.

– Bem que eu queria.

–Você não está escrevendo?

– Nem uma palavra desde que cheguei aqui – confessou ele. – O casamento, a casa e a Lexie não me permitem nem um minuto livre.

Houve uma pausa.

– Deixe-me entender direito. Você não está escrevendo nada? Nem para a sua coluna?

– Não.

– Mas você adora escrever...

– Eu sei. E vou voltar a escrever assim que as coisas se acalmarem.

Jeremy pôde sentir o ceticismo do amigo diante de sua resposta.

– Ótimo – disse Alvin, finalmente. – Agora, em relação à sua despedida de solteiro... vai ser incrível. Todo mundo aqui já está a postos e eu prometi que seria uma noite da qual você nunca irá se esquecer.

– Não se esqueça... nada de dançarinas. E não quero nenhuma mulher vestida com lingerie saindo de um bolo nem coisas do tipo.

– Ora, pare com isso. É uma tradição!

– Não estou brincando, Alvin. Estou apaixonado, esqueceu?



– Lexie está aflita por sua causa – disse Doris. – Ela se preocupa com você.

Doris e Jeremy almoçavam no dia seguinte, no Alecrim. Quase todos já tinham acabado de comer e o lugar estava ficando vazio. Como sempre, Doris insistira para que Jeremy se alimentasse. Sempre que se encontravam, ela dizia que Jeremy era “pele e osso”. Hoje, ele estava comendo um sanduíche de frango ao pesto no pão de centeio.

– Não há com que se preocupar – protestou ele. – É que tem muita coisa acontecendo, só isso.

– Ela sabe disso. Mas também quer que você se sinta parte de Boone Creek. Quer que seja feliz aqui.

– Eu estou feliz.

– Você está feliz porque está com Lexie, e ela sabe disso. Mas precisa entender que, lá no fundo, a Lexie quer que você goste de Boone Creek como ela. Ela não quer que fique aqui só por causa dela, mas porque esse é o lugar em que seus amigos estão. Porque é aqui que você se sente em casa. Ela sabe que foi um sacrifício a mudança de Nova York, mas não quer que você encare a situação dessa forma.

– Mas eu não faço isso. Pode acreditar, eu seria o primeiro a dizer a ela, se sentisse que está sendo um sacrifício. Mas… pelo amor de Deus… Rodney e Jed?

– Você pode não acreditar, mas eles são bons sujeitos quando a gente os conhece um pouco mais, e Jed conta as piadas mais engraçadas que eu já ouvi. Mas, tudo bem, se vocês não gostam das mesmas coisas, talvez eles não sejam os mais indicados. – Doris colocou um dedo sobre os lábios, pensativa. – O que você fazia com seus amigos em Nova York?

*Frequentava alguns bares com Alvin, azarava as mulheres*, pensou Jeremy.

– Só fazia... coisas de homem – respondeu ele. – Ia ao estádio, jogava sinuca de vez em quando. Nada especial. E tenho certeza de que vou fazer amigos, mas, como já disse, ando muito ocupado no momento.

Doris avaliou a resposta de Jeremy.

– Lexie me disse que você não está escrevendo.

– Realmente, não estou.

– E isso porque...

– Não, não... – disse ele, balançando a cabeça. – Não tem nenhuma relação com a possibilidade de eu me sentir deslocado, ou coisas do tipo. Escrever não é como outros trabalhos. Não é como chegar ao escritório e executar algumas tarefas. Tem a ver com criatividade e ideias e, algumas vezes... bem, você não se sente criativo. Até que eu gostaria de saber como abrir minha fonte de inspiração no instante em que desejasse, mas não sei. Porém, se

há algo que aprendi nos últimos quinze anos sobre escrever, é que a inspiração, em algum momento, acaba chegando.

– Você não consegue ter nenhuma ideia?

– Ao menos não uma que seja original. Já imprimi centenas de páginas no computador da biblioteca, mas, toda vez que alguma coisa me vem à cabeça, descubro que já escrevi sobre esse tema. Em geral, mais de uma vez.

Doris refletiu sobre o que ele disse.

– Você gostaria de usar meu diário? Sei que não vai acreditar no que está escrito nele, portanto talvez quisesse... sei lá, fazer um artigo sobre o que investigasse a respeito das informações que estão lá.

Ela estava se referindo ao diário em que fazia anotações e no qual afirmava ser capaz de prever o sexo dos bebês. Centenas de nomes e datas estavam incluídas nas páginas, inclusive o registro que previa o nascimento de Lexie e o fato de ela ser uma menina.

Para ser honesto, Jeremy já tinha pensado nessa possibilidade – Doris já lhe fizera essa proposta anteriormente –, e, embora a tivesse rejeitado no início por saber que aquelas habilidades não poderiam ser verdadeiras, nos últimos tempos ele a rejeitara por não querer que seus verdadeiros sentimentos causassem divergências entre ele e Doris. Ela estava prestes a se tornar membro de sua família.

– Não sei...

– Vou lhe dar uma ideia. Tome a decisão mais tarde, depois de estudar o diário. E não se preocupe: prometo que vou saber lidar com a fama, se você resolver escrever sobre ele. Ainda serei a mulher encantadora de sempre. Está no meu escritório. Espere aqui.

Antes que Jeremy tivesse a chance de recusar, ela se levantou para ir buscá-lo. Enquanto Doris estava no escritório, a porta da frente se abriu com um rangido e ele viu o prefeito Gherkin entrar.

– Jeremy, meu rapaz! – exclamou Gherkin, aproximando-se da mesa. Ele cumprimentou Jeremy com um tapinha nas costas. – Não

esperava encontrá-lo aqui. Pensei que você estivesse por aí, coletando amostras da água, procurando evidências sobre o nosso mais recente mistério.

O peixe-gato.

– Desculpe-me por decepcioná-lo, Sr. Prefeito. Como vai o senhor?

– Bem, bem. Mas muito ocupado. Os assuntos da cidade não param, sempre há muito que fazer. Quase não tenho dormido nestes últimos dias, mas não se preocupe com a minha saúde. Nunca mais precisei dormir muito, desde que o desumidificador quase me eletrocutou uns dez anos atrás. Água e eletricidade não combinam.

– Ouvi falar disso. Ah, escute... foi bom termos nos encontrado. Lexie achou que eu deveria falar com o senhor sobre o casamento.

As sobrancelhas de Gherkin se levantaram.

– Vocês estão reconsiderando a minha oferta de fazer da festa um grande evento para toda a cidade, inclusive com a vinda do governador?

– Não, não é isso. Lexie quer que a cerimônia seja no farol do cabo de Hatteras e eu não consegui entrar em contato com ninguém no Departamento de Parques e Jardins para que me dessem uma autorização. Será que o senhor tem como nos ajudar?

O prefeito Gherkin pensou por alguns instantes e, em seguida, assoviou baixinho.

– Isso aí não é muito fácil, não – disse, por fim, balançando a cabeça. – Lidar com o estado pode ser um negócio um tanto complicado. Bastante complicado. Como caminhar num campo minado: é preciso conhecer alguém para saber por onde andar.

– É por isso que precisamos de sua ajuda.

– Adoraria ajudar, mas estou muito ocupado arrumando as coisas para o Festival Heron deste verão. É o maior evento que temos por aqui. Você nem vai acreditar, mas é maior até que o *tour* pelas casas históricas. Temos atrações de parque de diversão para as crianças, barracas por toda a rua principal, paradas e todo tipo de competições. De qualquer maneira, a grande homenageada deveria

ser Myrna Jackson, de Savannah, mas ela acabou de telefonar dizendo que não poderá fazer isso, por causa do marido. Você conhece Myrna Jackson?

Jeremy tentou se lembrar do nome.

– Acho que não.

– A famosa fotógrafa?

– Desculpe-me, mas não conheço – respondeu Jeremy.

– Mulher famosa, a Myrna – o prefeito prosseguiu, ignorando o comentário de Jeremy. – Provavelmente a mais famosa fotógrafa do Sul do país. Ela tem um trabalho fenomenal. Passou um verão aqui em Boone Creek quando criança e tivemos muita sorte em conseguir que ela aceitasse o convite. Mas, assim, do nada, o marido dela ficou doente, com câncer. Coisa terrível, realmente terrível, e nós vamos rezar por ele. Mas isso também nos coloca em uma situação difícil. Estamos com um grande problema, porque vou levar um tempão para arranjar um novo homenageado. Vou passar horas ao telefone tentando encontrar alguém. Alguém famoso... É uma pena que eu não conheça ninguém no mundo das celebridades. Quer dizer, fora você, é claro.

Jeremy olhou fixamente para o prefeito.

– O senhor está pedindo que eu seja o grande convidado do Festival?

– Não, é claro que não. Você já recebeu a chave da cidade. Outra pessoa... alguém cujo nome as pessoas reconheçam. – Ele balançou a cabeça. – Apesar da beleza estonteante de nossa cidade e da admiração de nossos valorosos cidadãos, não é fácil vender Boone Creek a alguém das grandes metrópoles. Francamente, não é uma tarefa para a qual eu esteja muito animado, não com todas as outras coisas que precisam ser providenciadas para o festival. E, ainda por cima, ter de lidar com aqueles caras no governo estadual... – Ele parou no meio da frase, como se estivesse pensando que o pedido era demasiado complexo para ser levado em consideração.

Jeremy sabia exatamente o que o prefeito estava fazendo. Gherkin levava as pessoas a fazer tudo o que ele queria e elas ainda achavam que a ideia tinha sido delas mesmas. Era óbvio que ele queria que Jeremy assumisse o problema do convidado homenageado em troca da autorização e a única dúvida de Jeremy era se estava disposto a entrar no jogo. Francamente, ele não estava, mas Lexie e ele precisavam de uma data...

Jeremy suspirou.

– Talvez eu possa ajudar. Em quem o senhor estava pensando?

Gherkin colocou a mão sobre o queixo, como se o destino da humanidade dependesse da solução daquele dilema.

– Poderia ser qualquer um, acho. Estou procurando por um nome que seja reconhecido, que possa arrebatar a multidão e trazê-la para as ruas.

– E se eu conseguisse alguém em troca da autorização?

– Ora, essa é uma boa ideia. Não sei como eu mesmo não cogitei isso. Deixe-me pensar um pouco. – Gherkin bateu o dedo contra o queixo. – Acho que pode funcionar. Quer dizer, desde que você consiga a pessoa certa. Em quem está pensando?

– Já entrevistei muita gente esses anos todos. Cientistas, professores, ganhadores do prêmio Nobel...

O prefeito já estava balançando a cabeça de um lado para o outro, enquanto ouvia as palavras de Jeremy.

– ...médicos, químicos, matemáticos, exploradores, astronautas... – Jeremy prosseguiu.

Gherkin olhou para cima.

– Você disse astronautas?

Jeremy concordou.

– Os caras que voam no ônibus espacial. Escrevi uma grande história sobre a Nasa uns dois anos atrás e fiz amizade com alguns deles. Eu poderia telefonar...

– Temos um acordo – disse Gherkin, estalando os dedos. – Já posso ver os cartazes: “Festival Heron: quando o espaço sideral vem até a porta de sua casa.” Podemos explorar esse tema a

semana inteira. Faremos não apenas um concurso de quem come mais tortas, mas também um concurso de Tortas da Lua. Podemos fazer balões que reproduzam foguetes e satélites.

– Você está perturbando o Jeremy outra vez com essa história ridícula de peixe-gato, Tom? – perguntou Doris, quando voltava para a sala, com o diário debaixo do braço.

– De jeito nenhum – respondeu Gherkin. – Jeremy foi muito gentil e se ofereceu para encontrar nosso homenageado da parada deste ano e nos prometeu um astronauta de verdade. O que você acha de o tema ser o espaço sideral?

– Muito inspirador – ironizou Doris. – Uma tacada de mestre.

O prefeito se sentiu orgulhoso.

–Isso mesmo, você está absolutamente certa. Gosto de sua maneira de pensar. Agora, Jeremy, em que semana vocês estão pensando em fazer o casamento? O verão é bastante difícil, você sabe, com tantos turistas.

– Maio?

– Início ou fim?

– Tanto faz. Desde que tenhamos uma data, qualquer uma será boa. Mas, se for possível, quanto mais cedo, melhor.

– Está com pressa, hein? Pois considere o seu problema resolvido. E assim que falar com o astronauta, você me avisa, pois eu mal posso esperar.

Com uma virada rápida, Gherkin foi embora e Doris riu baixinho ao se sentar.

– Ele o colocou em uma sinuca outra vez, não é?

– Não, eu sabia o que ele estava fazendo, mas Lexie está cada vez mais ansiosa por causa dessa autorização.

– Mas, fora isso, o resto vai bem?

– Acho que sim. Temos as nossas diferenças: ela quer uma cerimônia pequena e íntima. Eu disse a ela que, mesmo que só venha o meu lado da família, não haverá hotéis suficientes para acomodar todos. E quero que meu agente, Nate, venha. Ela diz que se eu convidar um amigo, teremos de convidar todos. Coisas do

tipo... Mas vai dar tudo certo. Minha família vai entender o que quer que façamos e eu já expliquei a situação aos meus irmãos. Eles não ficaram muito satisfeitos, mas entenderam.

Quando Doris ia abrir a boca para fazer um comentário, Rachel chegou apressada, com os olhos vermelhos e inchados. Ela fungou quando viu Doris e Jeremy, parou por um instante e, em seguida, se dirigiu aos fundos da casa. Jeremy viu a preocupação nos olhos de Doris.

– Acho que ela precisa conversar com alguém – comentou ele.

– Você não se importa?

– Claro que não. Depois a gente continua nossa conversa sobre os planos de casamento.

– Ok... obrigada. – Doris passou o diário para as mãos de Jeremy. – E leve isso. É uma excelente história, pode acreditar. E você não vai achar nenhum truque, porque não há nenhum.

Jeremy aceitou o diário, ainda indeciso sobre usá-lo ou não.

Dez minutos depois, Jeremy estava aproveitando o sol da tarde a caminho de seu chalé na hospedaria, quando avistou o escritório. Primeiro, hesitou, mas de repente decidiu ir até lá e abriu a porta. Não havia nenhum sinal de Jed, o que significava que ele devia estar no galpão no final da propriedade, onde guardava as ferramentas de taxidermista. Jeremy titubeou, pensou bem e então perguntou a si mesmo: “Por que não?” Ele poderia tentar quebrar o gelo e, além disso, Lexie jurara que o sujeito sabia falar.

Ele foi caminhando pela estradinha esburacada que levava ao pequeno galpão. O cheiro de morte e decomposição chegou até Jeremy muito antes de ele cruzar a porta. No centro do local havia um comprido banco de madeira coberto de manchas, que Jeremy concluiu serem de sangue, e, espalhadas por toda parte, havia dezenas de facas e outras ferramentas variadas: parafusos, furadeiras e alguns dos alicates mais assustadores que ele já vira.

Pelas paredes, sobre as prateleiras e enfiados nos cantos, estavam inúmeros exemplos do trabalho de Jed, de robalos a gambás e veados, embora ele tivesse o hábito peculiar de fazer com que qualquer animal que empalhasse parecesse prestes a atacar. À esquerda de Jeremy ficava o que aparentemente era um balcão no qual os negócios eram feitos. O balcão também estava manchado e Jeremy começou a ficar enjoado.

Jed, usando um avental de açougueiro enquanto trabalhava num porco-do-mato, olhou para cima quando Jeremy entrou. Ele gelou.

– Oi, Jed, tudo bem?

Jed não respondeu.

– Pensei em vir aqui conhecer o lugar em que você trabalha. Acho que nunca mencionei meu interesse, mas considero seu trabalho fantástico.

Ele esperou para ver se algum som sairia da boca de Jed. Mas o sujeito simplesmente olhou para Jeremy, como se ele fosse um inseto que tivesse batido contra o para-brisa. Então Jeremy tentou mais uma vez, se esforçando para ignorar o fato de que Jed era absolutamente gigantesco e peludo, tinha na mão uma faca e não parecia viver seu melhor dia. Ele prosseguiu:

– Sabe, esse jeito que você faz para que pareçam estar rosnando, com as garras expostas, prontos para dar o bote. Nunca tinha visto isso. No Museu de História Natural, lá em Nova York, a maioria dos animais parece amigável. Os seus parecem furiosos.

Jed lançou um olhar de desconfiança. Jeremy teve a sensação de que sua estratégia de conversa não se desenvolvia muito bem.

– Lexie me disse que você é um excelente caçador – arriscou ele, imaginando por que, de repente, e tinha começado a sentir muito calor. – Eu nunca cacei, é claro. A única coisa que a gente caçava no Queens eram ratos.

Ele riu; Jed não riu e, no silêncio que dominou o ambiente, Jeremy começou a se sentir nervoso.

– Quero dizer, a gente não tinha veados correndo pela rua ou coisa assim. Mas, mesmo que tivéssemos, nós não os teríamos matado.

Você sabe, depois de assistir ao filme do Bambi e tudo o mais.

De olhos fixos na faca que Jed tinha nas mãos, Jeremy percebeu que estava começando a divagar, mas não podia evitar.

– Mas esse é só o meu jeito – prosseguiu. – Não que eu ache que caçar seja errado, é claro... associações de caçadores, caça esportiva, porte de arma, sou a favor de tudo isso. Quero dizer, caçar é uma tradição norte-americana, não é mesmo? Coloque os animais em fila e... pum. Lá se vão as cabeças dos bichinhos.

Jed passou a faca de uma mão para a outra e Jeremy engoliu em seco, desejando apenas sair dali.

– Mas só passei mesmo para dar um “alô”. E boa sorte com o seu... bem com o que quer que você esteja fazendo agora. Mal posso esperar para ver quando estiver pronto. Quer mandar algum recado para alguém? – Jeremy passou o peso do corpo de um pé para o outro. – Não? Está certo, então. Foi um prazer conversar com você.

Em seu quarto Jeremy se sentou à escrivaninha e olhou para a tela em branco do computador, tentando esquecer o que acabara de acontecer em seu encontro com Jed. Sentiu um desejo desesperador de ter uma boa ideia sobre a qual escrever, mas, aos poucos, chegou à conclusão de que o poço tinha secado.

Ele sabia que isso acontecia a todos os escritores, em diferentes momentos, e que não havia nenhuma cura mágica, simplesmente porque cada um abordava seu trabalho de uma maneira diferente. Alguns escreviam de manhã, outros à tarde, outros no meio da madrugada. Alguns trabalhavam ouvindo música, outros precisavam de silêncio total. Havia um escritor que, segundo diziam, trabalhava sem roupas, trancado no próprio quarto e dando a seu assistente rígidas instruções para que só lhe devolvesse as roupas depois que ele tivesse passado cinco páginas escritas por baixo da porta. Ele ouvira falar de outros que assistiam ao mesmo filme inúmeras vezes

e daqueles que não conseguiam escrever sem beber ou fumar em excesso. Jeremy não era tão excêntrico. No passado, escrevia sempre que precisava, e onde tivesse de fazê-lo, por isso não era possível esperar que alguma pequena mudança resolvesse tudo.

Embora ainda não tivesse entrado em pânico, ele estava começando a ficar preocupado. Mais de duas semanas haviam transcorrido, e ele ainda não escrevera nem uma linha, mas devido ao esquema de publicação da revista – em geral, tudo era organizado com seis semanas de antecedência – ele tinha escrito colunas suficientes para atravessar o mês de julho. O que significava que ele ainda tinha um pouco de folga antes de passar por sérios problemas com a *Scientific American*. Mas, como os artigos que escrevia por conta própria eram sua maior fonte de renda, e ele praticamente tinha esvaziado a poupança com a compra do carro e da casa, as diárias da hospedaria e a reforma, Jeremy não sabia nem se teria tanto tempo. Ele sentia que seu dinheiro estava sendo sugado por um vampiro cheio de anabolizantes.

E Jeremy *estava* com um bloqueio, ele começou a perceber. Não é que estivesse ocupado, ou que sua vida tivesse mudado, como ele mesmo sugerira a Alvin e Doris. Afinal, ele conseguiu escrever depois do divórcio com Maria. Na verdade, ele precisou trabalhar, de modo que não ficasse pensando no fim do casamento. Escrever fora uma válvula de escape naquele momento, mas e agora? E se ele nunca mais se recuperasse desse problema?

Ele perderia o emprego. Perderia sua renda, e então como faria para sustentar Lexie e a filha? Será que ele teria de assumir o papel de “mãe” enquanto Lexie trabalharia para sustentar a família? Essa perspectiva era desconcertante.

Pelo canto do olho, viu o diário de Doris. Ele poderia, quem sabe, aceitar a oferta. O diário talvez fosse exatamente aquilo de que ele precisava para recuperar a inspiração – repleto de elementos sobrenaturais, interessante, original. Se, é claro, fosse verdade. Será que ela podia mesmo prever o sexo dos bebês?

Não, ele pensou melhor. E ponto final. Não poderia ser verdade. Poderia até ser uma das maiores coincidências da história, mas não seria verdade. Simplesmente, não era possível dizer o sexo de um bebê colocando a mão sobre a barriga da grávida.

Então, por que ele estava tão disposto a acreditar que seu próprio bebê era uma menina? Por que ele tinha tanta certeza quanto Lexie? Quando se imaginava carregando a criança nos braços, ela estava sempre enrolada em uma manta cor-de-rosa. Ele se recostou na cadeira, pensando, e decidiu que, de fato, não tinha certeza sobre o assunto. Era Lexie quem não tinha a menor dúvida, não ele, que apenas refletia a opinião dela. E o fato de que ela sempre se referia ao bebê como menina reforçava essa postura.

Em vez de ficar pensando no assunto – ou de tentar escrever, Jeremy decidiu passear por seus sites favoritos, na esperança de que surgisse alguma inspiração. Sem acesso rápido, o progresso era tão lento que o deixava tonto, mas ele insistiu. Visitou quatro sites sobre óvnis, o site oficial sobre as mais recentes casas assombradas, um site de James Randi que, como ele, dedicava-se a descobrir mistificações e fraudes. Durante anos, Randi vinha oferecendo um milhão de dólares a qualquer médium que provasse a própria capacidade submetendo-se a demonstrações cientificamente controladas. Até o momento, ninguém – nem os médiuns mais famosos, que apareciam regulamente na televisão ou que tinham escrito livros – aceitara o desafio. Uma vez, em uma de suas colunas, Jeremy fez a mesma oferta (em uma escala bem menor, é claro) e obteve resultados idênticos. As pessoas que se consideravam médiuns eram especialistas em autopromoção, não em paranormalidade. Jeremy se lembrou de quando expôs Timothy Clausen, um sujeito que afirmava ter a capacidade de conversar com os espíritos dos que já tinham partido. Fora a sua última história importante antes de viajar para Boone Creek à procura de fantasmas e, em vez deles, encontrar Lexie.

No site de Randi havia a habitual coleção de histórias, eventos supostamente mágicos temperados com a descrença do autor, mas,

depois de algumas horas, Jeremy se desconectou, percebendo que nada daquilo lhe despertara novas ideias.

Olhando para o relógio, viu que já eram quase cinco da tarde e perguntou a si mesmo se deveria passar na casa para verificar o andamento da obra. Quem sabe eles teriam mexido em alguma pilha, qualquer coisa que desse a impressão de que o projeto terminaria ainda naquele ano. Apesar das intermináveis contas, Jeremy estava começando a duvidar de que, algum dia, eles fossem conseguir se mudar. O que antes parecia administrável, agora se afigurava ameaçador e ele resolveu deixar a visita para depois. Para que fazer de um dia sombrio algo ainda pior?

Em vez disso, ele foi direto para a biblioteca para ver como estava Lexie. Vestiu uma camisa limpa, passou uma escova nos cabelos e colocou água de colônia. Alguns minutos mais tarde, estava passando em frente ao Alecrim, a caminho da biblioteca. As árvores e as azaleias já estavam peladas e cansadas, mas, ao longo dos edifícios e ao pé das árvores, tulipas e narcisos começavam a se abrir, com cores ainda mais vívidas. A brisa amena do Sul fazia parecer que era início de verão, embora ainda fosse fim de março, o tipo de temperatura que atrairia uma multidão ao Central Park.

Jeremy ficou em dúvida se deveria estacionar e comprar um buquê de flores para Lexie e decidiu que essa era mesmo uma boa ideia. Só havia um florista na cidade e a loja também vendia iscas vivas e artigos para pesca. Embora as opções não fossem muitas, alguns minutos depois ele saiu de lá com um buquê de flores primaveris e com a certeza de que Lexie adoraria a surpresa.

Em poucos minutos, ele chegou à biblioteca, mas torceu o nariz quando viu que o carro de Lexie não estava na vaga em que ela costumava parar. Ao olhar para a janela do escritório, percebeu que a luz estava apagada. Imaginando que ela estava no Alecrim, Jeremy voltou naquela direção, procurando, sem sucesso, o carro dela. Seguiu então para a casa de Lexie, concluindo que ela havia saído mais cedo do trabalho. Provavelmente, ela estava atarefada com pequenas incumbências ou algumas compras.

Jeremy retornou e refez o caminho pela cidade, dirigindo bem devagar. Quando viu o carro de Lexie parado perto de uma caçamba atrás da pizzaria, ele freou e estacionou ao lado do carro da noiva, imaginando que ela optara por caminhar pela calçada num dia tão bonito.

Ele pegou as flores e caminhou por entre as edificações, pensando em surpreendê-la, mas, ao virar a esquina, parou de repente.

Lexie estava lá, exatamente como ele esperava. Estava sentada no banco que ficava de frente para o rio, mas o que o impediu de seguir em frente foi o fato de ela não estar sozinha.

Ao lado dela, Jeremy viu Rodney e percebeu que Lexie estava quase aninhada a ele. De costas, não era possível perceber mais nada. Jeremy lembrou a si mesmo de que eles eram apenas amigos. Conheciam um ao outro desde a infância e, por alguns instantes, essa explicação foi suficiente.

Até, é claro, eles se mexerem no banco e ele perceber que os dois estavam de mãos dadas.

# 6



Jeremy sabia que aquela cena não deveria perturbá-lo. No fundo, tinha certeza de que Lexie não estava interessada em Rodney, mas enquanto o mês de abril ganhava mais uma semana, ele não conseguia deixar de pensar na cena que tinha presenciado. Quando perguntou à Lexie se alguma coisa diferente havia acontecido naquele dia, ela respondeu que não, afirmando que passara a tarde na biblioteca. Ele poderia tê-la questionado mais sobre aquela mentira, mas não achou que fosse necessário. Lexie ficara emocionada com as flores e lhe dera um beijo assim que as recebera. Jeremy tentou analisar se havia algo diferente naquele beijo – se era hesitante, se fora mais longo que o normal, como se significasse uma confissão de culpa –, mas não percebeu nada. A conversa na hora do jantar também transcorrera normalmente, assim como a magia ao sentarem-se na varanda.

Mesmo assim, ele não conseguia esquecer a imagem de Lexie de mãos dadas com Rodney. Quanto mais pensava no assunto, mais se dava conta de que eles pareciam um casal de namorados, embora achasse que essa hipótese não fazia sentido. Lexie e Rodney não poderiam estar se encontrando às escondidas: ele fora quase todos os dias à biblioteca para fazer pesquisas e estivera durante todas as noites ao lado de Lexie. Era impossível acreditar que ela passara um único momento que fosse sonhando com a vida que poderia ter tido ao lado de Rodney se o noivo nunca tivesse

aparecido. A própria Lexie contara que Rodney era apaixonado por ela desde criança e que, vez por outra, eles tinham frequentado alguns eventos como um casal, mas que tudo isso tinha ficado no passado. Lexie nunca desejou dar um passo adiante no relacionamento e ele não poderia acreditar que ela fosse mudar de ideia logo agora. Sim, ele os tinha visto de mãos dadas, mas isso não significava necessariamente que os sentimentos de Lexie em relação a Rodney tivessem mudado. Quantas vezes Jeremy não ficara de mãos dadas com amigas, pelo amor de Deus! Seria um sinal de afeto ou apoio, ou apenas uma forma de demonstrar que ela estava ouvindo com atenção enquanto ele se abria e falava sobre os próprios problemas. Num relacionamento como o de Lexie e Rodney, poderia ter sido um gesto confortador, já que se conheciam havia anos.

Ele não podia querer que Lexie começasse a ignorar as pessoas com quem convivera a vida toda, certo? Ou que parasse de se importar com elas, não é mesmo? Não fora exatamente isso que o levara a se apaixonar por ela? É claro que sim. Lexie tinha um jeito de fazer com que as pessoas ao redor se sentissem as mais importantes do mundo, e isso incluía Rodney, o que não queria dizer que ela o amasse. Sendo assim, não havia motivo para preocupações.

Então, por que ele ainda estava pensando naquela cena? E por que, quando os viu, Jeremy se sentiu ferido pelo ciúme?

Porque ela tinha mentido. Talvez fosse mais correto usar a palavra “omissão”, mas não deixava de ser uma mentira. Finalmente, incapaz de suportar nem mais um minuto, Jeremy se levantou da cadeira, pegou as chaves do carro e foi até a biblioteca.

Ao se aproximar, ele diminuiu a velocidade e viu o carro de Lexie parado no exato local em que deveria estar e observou que a luz da sala dela estava acesa. Ficou ali durante alguns minutos e voltou depressa quando a viu. Apesar de se sentir um idiota diante dessa nova obsessão, Jeremy suspirou aliviado. Ele disse a si mesmo, mais uma vez, que não havia motivos para se preocupar, que era

ridículo até mesmo admitir a possibilidade de que Lexie estivesse em outro lugar e a sensação de idiotice o acompanhou até a hospedaria.

*Sim, ele e Lexie estavam bem*, pensou enquanto se acomodava de novo diante do computador, e então se censurou por suas suspeitas, prometendo que daria um jeito de recompensar a noiva no dia seguinte. *Ele poderia fazê-lo*, pensou, *ele deveria fazê-lo – mesmo que jamais admitisse o motivo*. Talvez eles saíssem da cidade nesta noite, para um jantar romântico.

Isso mesmo, ele decidiu, além de se sentar na varanda, não havia nada premente na antiga rotina e uma pequena mudança de ritmo faria muito bem aos dois. Mais que isso, ela ficaria feliz com a demonstração de carinho. Se havia alguma coisa que ele aprendera sobre o mundo dos relacionamentos era que as mulheres amam surpresas, e, se isso fizesse com que ele se sentisse aliviado da culpa por ter ido espioná-la, melhor ainda.

Jeremy ficou satisfeito. Eles precisavam mesmo de uma noite especial. Ele até compraria mais um buquê de flores e passou os vinte minutos seguintes navegando na internet para descobrir um bom lugar ao qual pudessem ir. Descobriu um, telefonou para Doris, querendo saber se ela já ouvira falar dele – ela disse que era excelente – e em seguida fez as reservas, antes de tomar banho.

Como teria de esperar mais duas horas até o fim do expediente de Lexie, sentou-se diante do computador, com os dedos posicionados sobre o teclado. Porém, mesmo depois de um dia inteiro sentado à mesa de trabalho, Jeremy percebeu que continuava tão longe de escrever quanto pela manhã, quando saiu da cama.



– Eu o vi hoje de manhã – disse Lexie, olhando para Jeremy por cima do cardápio.

– Você me viu?

Ela meneou a cabeça, confirmando.

– Vi você passar pela biblioteca. Aonde estava indo?

– Ah! – reagiu ele, satisfeito por ela não tê-lo visto espiando pela janela. – Na verdade, não ia a lugar nenhum. Só estava tentando desanuviar a mente antes de recomeçar a trabalhar.

Surpreendida com o buquê de narcisos e com as reservas para um jantar fora da cidade, Lexie ficara entusiasmada, como era de esperar. Mas, é claro, o entusiasmo também significava voltar em casa para trocar de roupa e se arrumar, o que acabara atrasando a saída em quase quarenta e cinco minutos. Quando chegaram ao restaurante, nos arredores de Greenville, a mesa já tinha sido ocupada por outras pessoas e eles tiveram de esperar cerca de vinte minutos sentados no bar.

Lexie parecia relutante em fazer a pergunta seguinte – que era óbvia, esperada. Isso tinha razão de ser: todos os dias, ela perguntava como o trabalho dele estava se desenvolvendo e Jeremy respondia que continuava tudo na mesma. E essa situação já estava começando a desgastar os dois – provavelmente a ela tanto quanto a ele.

– Alguma ideia lhe veio à cabeça? – arriscou ela.

– Na verdade, sim – mentiu Jeremy. Tecnicamente falando, era verdade. Mas ele sabia que Lexie não se referia àquele tipo de ideia.

– É mesmo?

– Ainda estou matutando sobre ela. Vamos ver aonde irá me levar.

– Que ótimo, querido! – comemorou ela, mostrando-se ainda mais feliz. – Então, vamos comemorar. Ela olhou em volta, observando o salão, que era iluminado por uma luz suave. Os garçons de preto e as velas brancas dispostas sobre as mesas contribuíam para a elegância do ambiente. – Como você descobriu este lugar? Nunca estive aqui, mas sempre tive vontade de conhecer.

– Pesquisei um pouquinho e depois liguei para a Doris – respondeu ele.

– Ela adora este lugar. Acho que, se ela pudesse, teria um restaurante como este, em vez do Alecrim.

– Mas é preciso pagar as contas, certo?

– Exatamente – concordou Lexie. – Você está pensando em pedir o quê?

– Estava pensando numa bisteca – Jeremy respondeu, analisando o cardápio. – Não como uma boa carne desde que saí de Nova York. E batatas gratinadas.

– A bisteca não tem muita gordura?

– É por isso que acho uma delícia – disse ele, fechando o cardápio, já sentindo água na boca. Mas, ao olhar para Lexie, percebeu uma ruga no rosto da noiva. – Que foi? – indagou.

– Quantas calorias você acha que isso tem?

– Não faço nem quero fazer a mínima ideia.

Ela forçou um sorriso, olhando de novo para o menu.

– Tem razão – disse. – A gente não vem a um lugar como este todos os dias, portanto, qual é o problema? Mesmo que sejam... o quê? Quinhentos ou setecentos gramas de carne vermelha?

Jeremy sentiu a testa franzir.

– Eu não disse que iria comer tudo.

– Não tem importância, mesmo que você coma. Não tenho que dizer nada. Peça o que você quiser.

– Vou pedir – afirmou ele, sentindo-se desafiador. No silêncio, ele a observou estudar o cardápio. Pensando bem, era *mesmo* um bocado de carne vermelha, cheia de colesterol e gordura. Os nutricionistas não dizem que só se deve comer noventa gramas de cada vez? E esse filé... quantos gramas tinha? Quatrocentos e cinquenta? Setecentos? Dava para alimentar uma família inteira. Ah, e daí? Ele era jovem e já decidira se exercitar no dia seguinte. Correr, fazer algumas abdominais extras. – O que você está pensando em pedir?

– Ainda não decidi. Não sei o que estou com vontade de comer, mas acho que vou pedir o atum grelhado ou o peito de frango recheado, com molho à parte. E legumes no vapor.

*É claro que é isso que você vai pedir, algo leve e saudável*, Jeremy pensou. Ela vai se manter magra e em forma, mesmo grávida,

enquanto ele vai sair rolando do restaurante.

Jeremy pegou o cardápio novamente, observando que ela fazia de tudo para ignorá-lo. O que demonstrava, obviamente, que ela tinha percebido. Analisando os pratos oferecidos, ele foi para a seção de frutos do mar e aves. Tudo parecia delicioso. Só não era tão delicioso quanto a bisteca. Ele fechou o cardápio mais uma vez, pensando que aquela era uma culpa da qual ele não precisava.

Desde quando comida começara a ser reflexo do caráter? Se ele pedisse algo saudável, era uma boa pessoa, e, se pedisse uma comida pouco saudável, seria uma pessoa ruim? Ele resolveu pedir a bisteca, mas só comeria metade, talvez menos. E não seria nenhum desperdício: ele levaria o restante para casa. Balançou a cabeça, satisfeito com a decisão que tinha tomado.

Quando o garçom apareceu, Lexie pediu um suco e o peito de frango recheado. Jeremy disse que queria o mesmo suco.

– E para comer?

Ele sentiu o olhar de Lexie.

– O... atum – respondeu ele. – Malpassado.

Quando o garçom se retirou, Lexie sorriu.

– Atum?

– É. Ele me pareceu bom quando você mencionou.

Ela deu de ombros, e Jeremy não entendeu o significado daquele gesto.

– Que foi agora?

– É que este lugar é famoso pela carne. Eu estava pensando em experimentar um pouquinho da sua.

Jeremy sentiu os ombros vergarem.

– Fica para a próxima – respondeu.



Por mais que tentasse, Jeremy tinha certeza de que nunca entenderia as mulheres. Houve algumas vezes, quando estava namorando, que ele achou que estivesse quase conseguindo, que

seria capaz de ler as expressões sutis e os maneirismos femininos e usá-los a seu favor. Mas esse jantar com Lexie demonstrava que ele ainda tinha um longo caminho a percorrer.

O problema não estava no fato de ele ter pedido atum em vez de carne. Era mais profundo. O verdadeiro problema era que a maioria dos homens desejava a admiração da mulher. Consequentemente, para alcançarem esse objetivo, fariam qualquer coisa. Jeremy suspeitava de que as mulheres nunca conseguiriam apreender esse simples fato. Por exemplo, elas acham, que, se o homem passa muito tempo no escritório, ele o faz porque acha que o trabalho é o mais importante em sua vida, quando não é nada disso. Não tem nenhuma relação com o poder pelo próprio poder – para alguns homens, é mesmo, mas só para a minoria –, é o fato de que as mulheres são atraídas pelo poder pelas mesmas razões que os homens são atraídos por mulheres jovens. São traços evolucionários, passados de pais para filhos desde os homens das cavernas, e ninguém tem controle sobre isso. Muitos anos atrás, Jeremy escrevera uma coluna sobre as bases evolucionárias do comportamento, assinalando que, entre outros fatores, os homens se sentem atraídos por mulheres jovens, bonitas e de corpo bem-feito porque elas tendem a ser férteis e a ter boa saúde – em outras palavras, são parceiras com toda a possibilidade de gerar filhos fortes –, e que, por sua vez, as mulheres se sentem atraídas por homens que parecem poderosos o bastante para protegê-las e cuidar delas e de sua prole.

Ele recebeu muitas mensagens a respeito da coluna, mas o mais estranho foram as reações. Enquanto os homens tendiam a concordar com essa tese sobre a evolução, as mulheres discordavam dela, com frequência de forma veemente. Poucos meses mais tarde, ele escreveu outra coluna sobre as diferenças, usando trechos das cartas como exemplos.

Mas, ainda que conseguisse entender, de maneira objetiva, que optara pelo atum para que Lexie o admirasse – dessa forma, tornando-o poderoso –, Jeremy não era capaz de entender o que

fazia o coração dela palpitar, e a gravidez só piorava a situação. Ele não possuía nenhum conhecimento sobre gravidez, mas, se tinha alguma certeza na vida, era a de que as mulheres grávidas têm desejos estranhos. Lexie podia ser especialista em praticamente tudo, mas ele estava pronto para o que quer que ela lhe pedisse nesse departamento específico. Seus irmãos o tinham alertado de que deveria esperar qualquer coisa. Uma cunhada teve desejos de comer salada de espinafre; outra, pastrami com azeitonas; outra acordava no meio da noite para tomar sopa de tomate com queijo cheddar. Logo, quando não tentava escrever, Jeremy estava a caminho do mercado, para encher o carrinho com tudo o que podia imaginar, qualquer coisa que pudesse satisfazer os desejos de Lexie, por mais estranhos que fossem.

Entretanto, o que ele não podia esperar eram as mudanças de humor irracionais. Certa noite, cerca de uma semana depois do jantar no restaurante em Greenville, Jeremy acordou com o choro da noiva. Quando se virou, viu que ela estava sentada na cama, com as costas apoiadas na cabeceira. Como ainda estava escuro, ele mal pôde vê-la, mas percebeu a pilha de lenços de papel usados no colo dela. Ele se sentou.

– Lex? Você está bem? Algum problema?

– Desculpe-me – disse ela, com a voz de quem estivesse resfriada. – Não queria acordá-lo.

– Não se preocupe... não tem problema. O que aconteceu?

– Nada.

Ela parecia ter dito “dada”. Jeremy a observou, ainda sem saber o que estava acontecendo. O fato de ele estar olhando não a impediu de chorar e ela fungou outra vez.

– Só estou triste – explicou ela.

– Quer que eu lhe traga alguma coisa? Pastrami? Sopa de tomate?

Lexie pestanejou em meio às lágrimas, como se tentasse ter certeza de que tinha entendido direito o que o noivo dissera.

– Por que eu iria querer pastrami?

– Por nada – respondeu ele. Arrastando-se para perto dela, ele a abraçou. – Então você não está com fome? Não está com desejos estranhos?

– Não. Só estou triste.

–E você não sabe por quê?

De repente, Lexie caiu em prantos outra vez, um choro sentido que fazia seus ombros tremerem. Jeremy ficou com um nó na garganta. Não havia nada pior que o choro de uma mulher e ele tentou acalmá-la.

– Fique tranquila – murmurou. – Vai ficar tudo bem, seja lá o que for que você esteja sentindo.

– Não vai, não – respondeu ela, debulhando-se em mais lágrimas. – Não vai ficar nada bem. Nunca vai ficar bem.

– Mas, o que aconteceu?

Depois de um longo tempo, Lexie conseguiu recuperar algum controle. Finalmente, ela o encarou, e seus olhos estavam vermelhos e inchados.

– Eu matei o meu gato – anunciou ela.

Havia muitas respostas possíveis que ele poderia esperar que ela desse: que ela estava se sentindo sobrecarregada com tantas mudanças na vida, por exemplo. Ou que ela estava sentindo muita saudade dos pais, que estava emotiva, e talvez a explicação para isso estivesse nas taxas hormonais. Jeremy não tinha a menor dúvida de que a crise emocional tinha relação com a gravidez, mas aquela explicação não tinha nada de previsível. Logo, só lhe restou esperar em silêncio.

– O seu gato? – arriscou ele, depois de esperar e de quase se recuperar da surpresa.

Ela balançou a cabeça afirmativamente e pegou outro lenço de papel, falando entre soluços.

– Eu... matei... o gato.

– Hum – fez Jeremy.

Na verdade, ele não sabia o que dizer. Ele jamais vira um gato por ali nem nunca a ouvira comentar sobre um. Ele tampouco sabia que

ela gostava de gatos.

Enquanto ele tentava entender, ela continuou falando, com a voz ainda rouca, e pela linguagem corporal de Lexie ele pôde perceber que ela ficara magoada com aquela resposta.

– É só isso... que você... tem a dizer?

Jeremy estava totalmente perdido. Deveria concordar com ela? *Você não devia ter matado o gato!* Deveria apoiá-la? *Eu ainda acho que você é uma boa pessoa, mesmo tendo matado aquele gato.* Deveria mostrar-se compreensivo? *O danado daquele gato bem que mereceu!* Ao mesmo tempo, buscava freneticamente na memória a lembrança da existência de um gato e, se o animal tivesse existido de fato, como ele se chamava. E se esforçava para entender como é que ele podia ter passado tanto tempo lá sem nunca ter visto o tal bichano. Mas, num momento de inspiração quase divina, a resposta perfeita lhe veio à cabeça.

– Por que você não me conta o que aconteceu? – pediu ele, em um tom tranquilizador.

Era exatamente isso que ela precisava ouvir, graças a Deus, e os suspiros começaram a serenar. Mais uma vez, ela assoou o nariz.

– Eu estava lavando a roupa e esvaziei a secadora para colocar mais uma leva de peças limpas. Sabia que ele gostava de lugares mais quentinhos, mas não me preocupei em verificar se ele estava ali e fechei a porta. Eu matei o Boots.

*Boots. Já entendi. O nome do gato era Boots*, pensou ele. Entretanto, essa descoberta não esclarecia outros pontos da história.

– Quando foi isso? – ele fez uma nova tentativa.

– No verão. – E Lexie suspirou. – Enquanto eu fazia as malas para ir a Chapel Hill.

– Ah, nós estamos falando de quando você foi para a faculdade – concluiu ele, com uma sensação de triunfo.

Ela o olhou, demonstrando estar confusa e irritada.

– É claro. Você achou que eu estivesse falando sobre o quê?

Jeremy sabia que era melhor não responder.

– Desculpe-me por interromper. Continue – pediu ele, fazendo o máximo para se mostrar compreensivo.

– Boots era meu bebê – prosseguiu Lexie, com a voz branda. – Ele foi abandonado e eu o encontrei quando ainda era um filhotinho. Durante todo o ensino médio, ele dormia comigo, na minha cama. Era muito fofo: os pelos eram um pouco avermelhados, e as patinhas, brancas. Eu sabia que Deus o tinha enviado a mim para que eu o protegesse. E eu protegi... até deixá-lo trancado na secadora.

Lexie pegou outro lenço de papel.

– Ele deve ter entrado na máquina quando eu não estava prestando atenção. Boots já tinha feito isso outras vezes, por isso eu sempre ficava atenta para ver se ele não estava lá dentro, mas, não sei por quê, naquele dia eu não olhei. Fui passando as roupas da máquina de lavar para a secadora, fechei a porta e apertei o botão. – As lágrimas recomeçaram a brotar de seus olhos e ela continuou o relato com as palavras entrecortadas. – Eu estava lá embaixo... meia hora depois... e então ouvi o... barulho... Quando fui verificar... eu o achei...

Nesse momento, ela perdeu todo o controle e se recostou em Jeremy. Instintivamente, ele a puxou para perto de si, murmurando palavras de conforto.

–Você não matou o gato. Foi um acidente.

Os soluços se intensificaram.

– Mas... você... não percebe?

– Perceber o quê?

– Que... eu serei… uma péssima mãe. Eu... eu… tranquei meu gato... na secadora...

– Eu simplesmente a abracei e ela continuou a chorar – contou Jeremy durante o almoço, no dia seguinte. – Por mais que eu dissesse que tinha certeza de que ela seria uma excelente mãe, ela

não acreditava. Chorou durante horas e nada que eu dizia ou fazia ajudava, até que, finalmente, ela adormeceu. E, quando acordou, estava ótima.

– É a gravidez – explicou Doris. – É como um enorme amplificador. Tudo fica maior: o corpo, a barriga, os braços, e também as emoções e as lembranças. As mulheres fazem umas loucuras de vez em quando e têm as atitudes mais estranhas. Atitudes que jamais teriam em circunstâncias normais.

O comentário de Doris trouxe de volta à mente de Jeremy a imagem de Lexie de mãos dadas com Rodney e, por um instante, ele se perguntou se deveria mencionar o fato. Mas imediatamente descartou a ideia. Doris leu a expressão em seu rosto.

– Jeremy? Tudo bem com você? – interessou-se em saber.

Ele balançou a cabeça e respondeu:

–Tudo bem. Muita coisa tem acontecido nos últimos dias.

– Em relação ao bebê?

– Em relação a tudo. O casamento, a casa. Tudo. Há tanta coisa que precisamos fazer. Vamos fechar a compra da casa no fim do mês e Gherkin só conseguiu a autorização para a primeira semana de maio. Têm sido dias muitos estressantes. – Ele olhou para Doris. – Aliás, obrigado por ajudar Lexie com os planos para a festa.

– Não precisa me agradecer. Depois de nossa última conversa, achei que seria o mínimo que eu poderia fazer. Na verdade, nem há tanta coisa assim. Vou preparar o bolo e levar petiscos para a recepção ao ar livre, mas, fora isso, não há muito que fazer. O importante era a autorização. Vou cobrir as mesas de piquenique na parte da manhã, o florista vai colocar uns arranjos e o fotógrafo já foi contratado.

– Ela me disse que, finalmente, escolheu um vestido.

– É verdade. E escolheu também o de Rachel, que será a dama de honra.

– O vestido disfarça a barriga de Lexie?

Doris riu.

– Essa foi a única exigência que ela fez. Mas não se preocupe, ela estará linda. Mal se vê que está grávida. De qualquer forma, acho que as pessoas já estão começando a suspeitar. – Ela fez um sinal em direção a Rachel, que estava limpando outra mesa. – Acho que ela sabe.

– Como ela poderia saber? Você disse alguma coisa?

– É claro que não. Mas as mulheres sabem quando outra está grávida. E já ouvi gente comentando o assunto em voz baixa na hora do almoço. É claro que o fato de Lexie ficar olhando roupas de bebê na loja do Gherkin também não ajuda muito. As pessoas percebem essas coisas.

– Lexie não vai ficar nem um pouco satisfeita quando souber disso.

– Ela não vai se importar. De qualquer maneira, não com o passar do tempo. Além disso, ela mesma não acredita que tenha conseguido manter a gravidez em segredo por tanto tempo.

– Isso que dizer que agora posso contar à minha família?

– Acho – Doris começou a explicar, bem devagar – que é melhor você perguntar isso à Lexie. Ela ainda tem medo de que não gostem dela, principalmente por estarmos fazendo um casamento com tão pouca gente. Ela se sente mal por não poder convidar todo o "clã". – Ela sorriu. – Aliás, foi ela quem usou essa palavra, só a estou repetindo.

– E ela se aplica bem. Eles formam um clã. Mas um clã controlável.

Quando Doris pegou o copo sobre a mesa, Rachel foi até lá e levou uma jarra de chá.

– Querem mais?

– Obrigado, Rach – agradeceu Jeremy.

Ela encheu os copos.

– Está animado com o casamento?

– Começando a ficar. Como foram as compras com a Lexie?

– Divertido. Foi agradável sair um pouco da cidade. Aposto que você me entende muito bem.

*É claro que entendo*, pensou Jeremy.

– Aliás, falei com o Alvin e ele mandou lembranças – disse Jeremy.

– Mandou?

– Ele disse que está ansioso para ver você outra vez.

– Mande minhas lembranças a ele também. – Ela mexeu no avental. – Vocês querem torta de nozes? Acho que ainda sobraram alguns pedaços.

– Não, obrigado – respondeu Jeremy. – Não aguento comer mais nada.

– Para mim, também não – disse Doris.

Enquanto Rachel se dirigia à cozinha, Doris pôs o guardanapo sobre a mesa e voltou a atenção para Jeremy.

– Fui ver a casa ontem. A obra está indo bem.

– Está? Nem notei.

– Tudo vai ficar pronto – ela procurou acalmá-lo, ao perceber seu tom de voz. – As pessoas podem trabalhar num ritmo lento por aqui, mas tudo acaba sendo feito.

– Só espero que a casa fique pronta antes de o bebê ir para a faculdade. Acabamos de descobrir alguns danos causados por cupim.

– O que você esperava? É uma casa velha.

– É igual à do filme *Um dia a casa cai*. Tem sempre mais alguma coisa que precisa de conserto.

– Eu poderia ter lhe dito isso de antemão. Por que você acha que a casa ficou à venda por tanto tempo? E, por favor, por mais cara que seja, ainda é mais barata que qualquer lugar em Manhattan, não é?

– Certamente é mais frustrante.

Doris o encarou.

– Pelo que estou sabendo, você ainda não está escrevendo.

– Como?

– Você me ouviu muito bem – replicou ela, com a voz macia. – Sua escrita é quem você é, é como você se define. E se você não consegue escrever... bem, é como a gravidez de Lexie, no sentido de que amplia tudo.

Doris tinha razão, Jeremy concluiu. Não era o custo da casa nova, nem os planos para o casamento, nem o bebê, nem tampouco o fato de ele ainda estar se adaptando à vida a dois. Qualquer estresse que ele estivesse sentindo se devia, basicamente, ao fato de ele não conseguir escrever.

No dia anterior, ele enviara a coluna seguinte, restando agora apenas quatro já escritas, e seu editor começara a deixar mensagens no celular, indagando o porquê da falta de contato. Até Nate estava começando a se preocupar: em vez das mensagens sobre a possibilidade de Jeremy escrever algo para a TV, Nate agora queria saber se ele estava trabalhando em qualquer coisa que fosse.

No início, foi fácil inventar desculpas. Tanto o editor quanto Nate entenderam como sua vida tinha mudado. Mas quando continuou a desfiar a mesma ladainha-padrão, até Jeremy percebeu que suas palavras pareciam exatamente o que eram: apenas desculpas. Mesmo assim, ele não podia entender o que estava errado. Por que seus pensamentos ficavam tão confusos toda vez que ele se sentava na frente do computador? E por que isso só acontecia quando ele precisava escrever algo que o habilitasse a pagar as contas?

Esse era o problema. Alvin mandava e-mails regularmente e Jeremy era capaz de digitar uma longa resposta em apenas alguns minutos. O mesmo acontecia quando seus pais ou irmãos lhe enviavam mensagens, ou se tivesse de escrever uma carta, ou fazer anotações sobre algo interessante que vira na internet. Conseguia escrever sobre programas de televisão. Conseguia escrever sobre negócios ou política e ele sabia disso porque tinha tentado. De fato, era fácil escrever sobre qualquer tema... desde que não tivesse nenhuma relação com os assuntos no quais ele era especialista. Nessas situações, ele simplesmente era dominado por um branco

total, uma ausência completa de ideias. Ou, pior ainda: sentia que nunca mais seria capaz de escrever.

Jeremy suspeitava que seu problema estivesse ligado à falta de confiança. Era um sentimento diferente, que ele jamais experimentara antes de se mudar para Boone Creek.

Perguntou a si mesmo se este seria o diagnóstico: a mudança. Foi depois da mudança que o problema começara. Não tinha nenhuma ligação com a casa, os preparativos para o casamento ou qualquer outro assunto. Jeremy ficara bloqueado desde sua chegada à cidade, como se a decisão de se mudar para Boone Creek tivesse um preço oculto a ser pago. Essa hipótese sugeria que ele seria capaz de escrever em Nova York, entretanto... será que seria mesmo? Ele refletiu por uns instantes e balançou a cabeça, em sinal de negação. Não fazia diferença. Ele estava ali. Em menos de três semanas, no dia 28 de abril, ele fecharia a compra da casa e, logo depois, seguiria para sua despedida de solteiro. Uma semana mais tarde, no dia 6 de maio, seria um homem casado. Querendo ou não, este era o seu lar agora.

Ele pousou o olhar sobre o diário de Doris. Como poderia começar uma história sobre ele? Não que ele tivesse essa intenção, mas só como experiência...

Abrindo um documento em branco na tela do computador, Jeremy começou a refletir sobre o assunto, com os dedos sobre o teclado. Mas, nos cinco minutos seguintes, suas mãos não se moveram. Não havia nada, nada mesmo. Não conseguia pensar em uma única ideia com a qual pudesse começar.

Passou as mãos nos cabelos, frustrado, ansiando por mais um intervalo, imaginando o que fazer. Decidiu que não visitaria a obra da casa de jeito nenhum, pois voltaria de péssimo humor. Em vez disso, entrou na internet, desejando passar o tempo. Ouviu o barulho do *modem* funcionando, observou a tela carregar e deu uma olhada geral na página que se abriu. Percebendo que tinha duas dezenas de mensagens novas, clicou na caixa de entrada.

Quase todas as mensagens eram lixo eletrônico, e ele as deletou sem abrir. Nate também tinha enviado uma mensagem, perguntando se Jeremy prestara atenção em alguns artigos sobre uma chuva de meteoros que tinha acontecido na Austrália. Ele respondeu que já tinha escrito quatro colunas sobre meteoros, uma delas no ano anterior, mas que agradecia a ideia.

Ele quase deletou o último e-mail, cujo assunto estava em branco, mas mudou de ideia e se viu olhando fixamente para a mensagem, tão logo ela carregou na tela. Sentiu a boca secar e não conseguiu desviar os olhos. De repente, sentiu que não podia respirar. Era uma mensagem simples e o cursor intermitente parecia zombar dele: *como você sabe que a filha é sua?*

# 7



*Como você sabe que a filha é sua?*

Jeremy tentou levantar-se, mas caiu de volta na cadeira, sem conseguir tirar os olhos da mensagem. *É claro que a filha é minha*, ele quis gritar. *Eu sei porque sei!*

Sim, a mensagem parecia questionar: Você diz que sabe. Mas *como* você sabe?

As respostas viajaram pela mente de Jeremy. Porque ele e Lexie passaram uma noite maravilhosa juntos. Porque ela afirmou que a filha era dele e ela não tinha motivos para mentir. Porque iam se casar. Porque não poderia ser de mais ninguém. Porque era sua filha…

Não era?

Se ele fosse outra pessoa, se sua história tivesse sido diferente, se ele conhecesse Lexie há muitos anos, a resposta teria sido óbvia, mas...

A vida era assim mesmo, ele refletiu. Sempre havia um *mas*.

Jeremy balançou a cabeça, tentando livrar-se daquele pensamento, concentrando-se na mensagem, tentando controlar as emoções. Não havia motivo para exaltar-se, ele disse a si mesmo, mesmo que a mensagem fosse não apenas ofensiva, mas também algo que beirava o... diabólico. Era dessa maneira que ele a encarava. Diabólica. Que tipo de ser humano poderia escrever algo

assim? E por que razão? Para fazer uma brincadeira? Para gerar uma discussão entre ele e Lexie? Porque…

Sua cabeça ficou vazia por um instante, como se tateasse no escuro, a mente acelerada, sabendo a resposta, mas sem querer admiti-la.

Porque...

*Porque*, uma vozinha interior finalmente respondeu, *quem quer que tenha enviado aquela mensagem sabia que, lá no fundo, houve um instante em que você também duvidou.*

Não, ele pensou de repente, isso era mentira. Ele sabia que a filha era dele.

*Exceto, é claro, pelo fato de que você não pode ter filhos*, lembrou-lhe a mesma voz.

Num clarão repentino, tudo voltou – o primeiro casamento com Maria, a dificuldade para engravidar, as visitas à clínica para tratamento de infertilidade. Os exames que ele fizera, culminando com as palavras finais do médico: *É altamente improvável que você, algum dia, consiga engravidar uma mulher.*

O médico escolhera palavras amenas: durante aquela visita, Jeremy entendera que, em todos os sentidos, ele era estéril, uma realidade que acabou por levar Maria a pedir o divórcio.

Ele se recordou do médico lhe dizendo que sua contagem de esperma era baixa – na verdade, quase desprezível – e os poucos que ele produzia apresentavam muito pouca mobilidade. Jeremy se viu outra vez naquele consultório, em estado de choque, agarrando-se a qualquer possibilidade. *E se eu usar cuecas largas? Ouvi dizer que dá certo,* ou *E quanto aos tratamentos?* Não havia nada que pudessem fazer, o médico explicou. Nada que fosse realmente eficaz.

Aquele fora um dos dias mais tristes de sua vida. Até então ele sempre pensara que teria filhos e, após o divórcio, sua reação foi tornar-se outra pessoa, completamente diferente. Procurava mulheres só para transar por uma noite e acreditava que passaria o resto da vida sem uma companheira. Até conhecer Lexie. E o

milagre daquela gravidez, uma criança gerada pela paixão e pelo amor, o fez perceber como sua vida fora vazia durante todos aqueles anos.

A menos que…

*Não, apague essa ideia*, Jeremy pensou. Não havia nenhum *a menos que*. É claro que a criança era dele. Tudo – a data, o comportamento de Lexie, a maneira como Doris o tratava – lhe dava a certeza de que ele era o pai do bebê. Jeremy repetiu esses pensamentos como se eles fossem um mantra, na esperança de se livrar da realidade das palavras do médico, proferidas tanto tempo atrás.

A mensagem continuava a provocá-lo. Quem enviou o e-mail?

E, perguntou-se novamente, por quê?

Anos e anos de pesquisas investigativas o tinham ensinado muito sobre a internet e, embora o remetente tivesse usado um endereço que ele não reconhecia, Jeremy sabia da possibilidade de rastrear qualquer e-mail. Com uma boa dose de persistência e os telefonemas certos para alguns contatos que fizera durante todos aqueles anos, ele conseguiria chegar ao servidor e, de lá, ao computador de onde ele fora enviado. Ele notou que a mensagem havia chegado há menos de vinte minutos, no momento em que ele estava voltando para a hospedaria.

Mas, a pergunta que continuava a incomodá-lo era *por quê?* Por que alguém lhe enviara aquela mensagem?

Com exceção de Lexie, Jeremy nunca contara a ninguém – nem aos próprios pais ou amigos – sobre sua incapacidade de gerar filhos, e embora a gravidez tivesse acontecido, contrariando todas as possibilidades, ele não deu importância àquela hipótese. Mas, se somente Maria e Lexie sabiam – e nenhuma das duas, é claro, tinha mandado o e-mail – então, qual seria o motivo? Seria uma brincadeira?

Doris tinha mencionado que algumas pessoas começavam a suspeitar da gravidez – Rachel, por exemplo. Mas ele não conseguia imaginar a amiga de Lexie como a responsável pela

mensagem. Ela e Lexie eram amigas havia anos e esse não era o tipo de peça que amigos pregam.

Mas, se não fosse uma brincadeira, a única razão concebível para enviar aquela mensagem era criar problemas entre Lexie e Jeremy. Quem faria algo assim?

*O pai verdadeiro?*, sussurrou uma voz interior, fazendo-o lembrar-se de Lexie e Rodney de mãos dadas.

Jeremy balançou a cabeça, rejeitando aquela ideia. Rodney e Lexie? Ele já refletira sobre isso e achava que era impossível. A simples ideia de Rodney e Lexie juntos era ridícula.

*Exceto pelo fato de que essa hipótese explica o e-mail*, sussurrou a voz outra vez. Não, ele pensou, dessa vez com mais convicção. Lexie não era desse tipo. Ela não estava dormindo com outra pessoa naquela semana. Ela nem estava namorando. E Rodney não era o tipo de homem que escreveria um e-mail: teria confrontado Jeremy.

Jeremy apertou o botão para apagar o e-mail. Entretanto, quando a janela de confirmação apareceu na tela, seus dedos congelaram. Será que ele queria mesmo apagar a mensagem naquele momento, sem descobrir quem a enviara?

Não, ele decidiu. Ele queria saber. Levaria algum tempo, mas descobriria quem enviara o e-mail e faria essa pessoa perceber que tinha sido uma brincadeira de muito mau gosto. E se fosse Rodney... bem, não seria apenas Jeremy a confrontá-lo, pois, sem dúvida, Lexie também lhe diria algumas verdades.

Jeremy balançou a cabeça, concordando consigo mesmo. Ah, ele acharia o responsável de qualquer jeito! E, com a intenção de começar a busca de imediato, salvou a mensagem. E, assim que tivesse qualquer informação, Lexie seria a primeira a saber.



Passar a tarde ao lado de Lexie aplacou qualquer dúvida que ele ainda pudesse ter sobre ser o pai da criança. Enquanto jantavam,

Lexie conversou normalmente. Na verdade, na semana que se seguiu, ela agiu como se nada a estivesse perturbando, o que, para ser sincero, Jeremy achou um pouco esquisito. Isso porque só faltavam cerca de duas semanas para a festa do casamento, eles iriam fechar a compra da casa dali a poucos dias – embora ela estivesse longe de ser habitável – e Jeremy já começava a imaginar em voz alta onde iria trabalhar em Boone Creek, já que não se lembrava mais de como escrever um artigo. Ele enviara outra coluna das que escrevera anteriormente, deixando apenas três de reserva. O remetente do e-mail ainda era um mistério: quem o enviou tomou todos os cuidados para não deixar nenhuma pista. O endereço era não apenas anônimo, mas também tinha passado por uma série de servidores diferentes – um fora do país, outro que não queria divulgar nenhuma informação sem uma ordem judicial. Por sorte, ele conhecia uma pessoa em Nova York que talvez pudesse descobrir, mas precisaria de tempo. O sujeito trabalhava como *freelancer* para o FBI e eles o mantinham ocupado. A boa notícia era que, fora outro episódio de choro no meio da noite, Lexie parecia menos estressada que ele. É claro, isso não queria dizer que ela era exatamente a mulher que ele imaginara que fosse. Com a convivência, ele percebeu que ela estava completamente no comando da gravidez. É óbvio que era ela quem carregava o bebê na barriga e era ela quem tinha altos e baixos emocionais e fora ela quem tinha lido todos os livros, mas Jeremy não era nenhum desinformado. Nem ficava entediado com os detalhes que ela considerava tão interessantes. Na manhã do sábado seguinte, sob o sol forte e brilhante de abril, Lexie balançava as chaves do carro na mão quando estavam prestes a sair para ir às compras, como se desse mais uma chance a Jeremy de se livrar de suas obrigações paternas.

– Tem certeza de que quer vir comigo hoje? – indagou ela.

– Absoluta.

– Hoje não tem nenhum jogo de basquete que você queria ver? Você vai perder o jogo.

Ele sorriu.

– Não tem problema. Amanhã tem mais jogos.
– Você sabe que isso vai demorar.
– E daí?
– É que eu não quero que você fique aborrecido.
– Eu não fico aborrecido. Adoro fazer compras – afirmou Jeremy.
– Desde quando? Além disso, são só coisas de bebê.
– Adoro comprar coisas de bebê.
Lexie balançou a cabeça, discordando.
– Você é que sabe.

Uma hora mais tarde, depois de chegar a Greenville, Jeremy entrou num gigantesco galpão onde funcionava a loja de artigos para bebês e, de repente, achou que Lexie podia ter razão. Era um lugar diferente de tudo o que ele já vira em Nova York: além de cavernoso, com corredores largos e pés-direitos altos, as opções de itens expostos à venda provocavam tontura. Se comprar artigos para os filhos fosse uma prova de amor por eles, aquele era, sem dúvida, o lugar ideal. Jeremy passou os primeiros minutos perambulando pelo local, sem querer acreditar no que via e imaginando quem teria inventado todas aquelas coisas.

Por exemplo, quem sabia que havia, literalmente, milhares de móbiles deferentes para pendurar em um berço? Com animais, com figuras coloridas, com figuras geométricas em preto e branco, alguns que tocavam música e ainda outros que rodavam. Era evidente que cada um fora cientificamente desenhado para estimular o desenvolvimento intelectual da criança, e ele e Lexie ficaram quase vinte minutos em pé naquele corredor examinando as opções e, nesse tempo, Jeremy teve a oportunidade de perceber que suas opiniões não ajudavam em nada.

– Eu li que os bebês reagem mais ao preto e branco – explicou Lexie.

– Então, vamos comprar este – definiu Jeremy, apontando para um móbile com desenhos em preto e branco.

– Mas eu tinha pensado em um tema de animais e acho que esse não vai combinar.

– Mas é só um móbile. Ninguém vai perceber.

– Eu vou perceber.

– Então vamos comprar este outro: tem hipopótamos e girafas.

– Mas não é preto e branco.

– Você acha mesmo que isso é importante? Acha que, se nossa filha não tiver um móbile preto e branco quando recém-nascida, vai ser reprovada no jardim da infância?

– Não, é claro que não – respondeu Lexie. Ela ficou parada no corredor, de braços cruzados, sem conseguir tomar uma decisão.

– E este aqui? – propôs Jeremy, finalmente. – Ele pode alternar figuras em preto e branco com desenhos de animais, além de rodar e tocar música.

A expressão de Lexie era quase de tristeza quando ela olhou para Jeremy.

– Você não acha que pode ser um excesso de estímulos?

De alguma maneira, eles conseguiram escolher o móbile (animais em preto e branco, que giravam, mas sem música), e, por algum motivo, Jeremy achou que tudo correria com mais tranquilidade dali em diante. De fato, nas horas que se seguiram, algumas escolhas *foram* fáceis – lençóis, chupetas e, surpreendentemente, o próprio berço –, mas, quando chegaram à seção das cadeirinhas para carro, eles ficaram perdidos outra vez. Jeremy jamais teria imaginado que uma única cadeirinha não fosse suficiente. Nada disso: havia a indicada “para bebês com menos de seis meses de idade”, que eram colocadas viradas para o encosto, a que era “leve e fácil de remover”, a que “podia ser acoplada ao carrinho de passeio” e aquela que devia ser instalada “virada para a frente”, além da que oferecia “extraproteção, em caso de acidentes de trânsito”. Acrescentem-se a isso as incontáveis cores, a facilidade ou a dificuldade de ser retirada do carro e os mecanismos para afivelar cadeirinha e criança e, no final, Jeremy se sentiu um homem de sorte por eles terem comprado apenas duas, ambas altamente recomendadas pelos consumidores, o que era possível aferir pelos comentários. Essa recomendação parecia um tanto irônica em vista

do preço exorbitante e do fato de que a cadeirinha acabaria jogada no sótão poucos meses depois de o bebê ter nascido.

Mas segurança era primordial, como Lexie fez questão de lembrar:

– Você quer nossa filha em segurança, não quer?

Não era possível discordar, era?

– Você tem razão – concordou Jeremy, acomodando as duas caixas sobre a montanha de produtos que tinham comprado. Dois carrinhos de compras já estavam repletos e eles começavam a encher o terceiro.

– Aliás, que horas são? – perguntou ele.

– Três e dez. Cerca de dez minutos mais tarde que da última vez em que você perguntou.

– Jura? Parece ser mais tarde.

– Foi o que você disse dez minutos atrás.

– Desculpe-me.

– Eu tentei avisá-lo de que seria tedioso.

– Mas eu não estou entediado – mentiu ele. – Ao contrário de muitos pais, eu me preocupo com a minha filha.

Lexie parecia estar se divertindo.

– Ótimo. Mas praticamente já terminamos.

– É mesmo?

Só quero dar uma olhada rápida em algumas roupas.

– Ótimo – Jeremy se forçou a responder.

– É só um minutinho.

– Não se apresse – disse ele, como se quisesse provar quanto era gentil e paciente.

E ela não se apressou. Somando tudo, ele calculou que passaram uns seis anos escolhendo roupinhas naquela tarde. Com as pernas doloridas e sentindo-se um burro de carga, Jeremy encontrou uma beirada em que se sentar enquanto Lexie se mostrava decidida a examinar cada uma das roupas de bebê que a loja tinha a oferecer. Uma por uma, ela selecionava as peças, levantava-as e ora franzia a testa, ora sorria satisfeita, imaginando sua filhinha dentro delas. O

que, é claro, não fazia nenhum sentido para Jeremy, já que não tinham a mínima ideia de como seria o bebê.

– O que você acha de Savannah? – perguntou Lexie, enquanto erguia mais uma roupa. Essa, Jeremy observou: era rosa, com coelhinhos lilás.

– Só estive lá uma vez – respondeu Jeremy.

Lexie baixou a roupa de bebê.

– Estou falando do nome para o bebê. O que você acha de Savannah?

Jeremy pensou um pouco.

– Não, sulista demais – declarou.

– E o que tem isso? Ela é sulista.

– Mas o papai dela é um ianque, lembra?

– Está bem. De que nomes você gosta?

– Que tal Anna?

– Mas esse não é o nome de metade das mulheres de sua família?

*É verdade*, pensou ele.

– Realmente, mas pense em como cada uma delas vai se sentir lisonjeada! – respondeu.

Lexie balançou a cabeça, discordando.

– Não vamos chamá-la de Anna. Quero que ela tenha um nome só dela.

– Que tal Olivia?

Lexie balançou a cabeça outra vez.

– Não. Não podemos fazer isso com ela.

– Mas o que há de errado com Olivia?

– Eu tive uma colega de escola chamada Olivia. Ela tinha o rosto coberto de acne.

– E daí?

– O nome me traz lembranças ruins.

Jeremy achou que fazia sentido. Ele não daria o nome de Maria à própria filha, por exemplo.

– Que outras ideias você tem?

– Estava pensando em Bonnie também. O que você acha?

– Não, namorei uma moça chamada Bonnie. Tinha mau hálito.

– Sharon?

Ele deu de ombros.

– Mesmo problema, só que a Sharon que eu namorei era cleptomaníaca.

– E que tal Linda?

Ele não gostou.

– Sinto muito. Essa aí atirou um sapato em mim.

Lexie observou Jeremy com bastante cuidado.

– Quantas mulheres você namorou nos últimos dez anos?

– Não tenho a mínima ideia. Por quê?

– Porque estou achando que você namorou mulheres com todos os nomes que existem.

– Isso não é verdade.

– Cite uma, então.

Jeremy refletiu.

– Gertrude. Posso afirmar com toda a honestidade que nunca namorei uma Gertrude.

Lexie revirou os olhos, ergueu a roupinha outra vez, examinou-a mais um pouco e colocou-a de lado, procurando outra peça.

*Só faltam dez zilhões de roupinhas,* calculou Jeremy*. Neste ritmo, sairemos da loja na hora de o bebê nascer.*

Lexie ergueu mais uma peça de roupa antes de olhar para Jeremy.

– Humm...

– Humm o quê?

– Gerturde, hein? Eu tive uma tia chamada Gertrude e ela foi a pessoa mais meiga e gentil que conheci. – Lexie parecia estar puxando pela memória. – Pensando bem, essa pode ser uma boa ideia. Vou pensar nisso.

– Um momento – interrompeu ele, sem conseguir imaginar-se chamando a própria filha de Gertrude. – Não é possível que você esteja falando sério.

– Poderíamos dar a ela o apelido de Gertie. Ou Trudy.

Jeremy se levantou.

– Não. Eu posso aceitar um monte de coisas, mas não vamos chamar nossa filha de Gertrude. Você pediu um nome de alguém que eu não tivesse namorado.

– Tudo bem – respondeu Lexie, baixando a peça de roupa. – De qualquer maneira, eu só estava brincando. Nunca fui fã desse nome. – Ela se aproximou de Jeremy e o abraçou. – Tenho uma ideia. Por que você não me deixa recompensá-lo por arrastá-lo para as compras o dia inteiro? Que tal um jantar romântico em minha casa? Com velas e vinho... bem, para você. E talvez, depois do jantar, a gente possa inventar alguma outra coisa para fazer.

Ele percebeu que só mesmo Lexie era capaz de fazer com que um dia como aquele de repente valesse a pena.

– Acho que já inventei.

– Mal posso esperar para saber o que é.

– Acho mais fácil demonstrar.

– Melhor ainda – brincou Lexie, mas, quando foi beijá-lo, o celular dela tocou. O encanto se quebrou e ela passou a procurar o aparelho na bolsa, conseguindo atender à chamada no terceiro toque.

– Alô? – atendeu ela e, embora não tivesse dito mais nada de imediato, Jeremy percebeu que havia algo errado.

Uma hora mais tarde, depois de pagar as compras e ajeitá-las no carro bem depressa, eles estavam sentados a uma mesa do Alecrim, diante de Doris. Embora já tivessem ouvido toda a história, a avó de Lexie falava tão rapidamente que Jeremy tinha dificuldades para entender.

– Vamos começar do princípio – pediu ele, levantando as mãos.

Doris suspirou profundamente.

– Não sei explicar. Quero dizer, sei que a Rachel é uma pessoa distraída, mas nunca desse jeito. E ela deveria ter vindo trabalhar hoje. E ninguém sabe aonde ela foi.

– E o Rodney?

– Está tão preocupado quanto eu. Passou o dia inteiro procurando por ela, assim como os pais dela. Não é do feitio de Rachel não dizer aonde vai. E se alguma coisa aconteceu?

Doris estava quase chorando. Rachel trabalhava no restaurante havia doze anos e já era amiga de Lexie antes disso. Jeremy sabia que Doris a considerava parte da família.

– Tenho certeza de que não é motivo para nos preocuparmos. Talvez ela precisasse de um descanso e tenha resolvido sair da cidade por um dia.

– Sem dizer nada a ninguém? Sem se dar o trabalho de me ligar e me avisar de que não viria? Sem falar com Rodney?

– O que Rodney disse exatamente? Eles tiveram alguma briga ou...? – perguntou Jeremy.

– Ele não disse nada – respondeu Doris, balançando a cabeça. – Ele apareceu hoje de manhã e perguntou se a Rachel estava e, quando eu lhe disse que ela ainda não tinha chegado, ele apenas se sentou e ficou esperando. Como ela não apareceu, ele resolveu ir até a casa dela. Quando eu menos esperava, ele voltou aqui para saber se ela tinha chegado, porque ela não estava em casa.

– Ele estava zangado? – perguntou Lexie, juntando-se, enfim, à conversa.

– Não – respondeu Doris, pegando um guardanapo. – Ele estava preocupado, mas não me pareceu zangado.

Lexie balançou a cabeça, mas não disse mais nada. Em meio ao silêncio, Jeremy se ajeitou na cadeira.

– E ela não estava em nenhum outro lugar? – continuou Lexie.

– Doris retorcia o guardanapo como se ele fosse uma toalha.

– Rodney não me disse nada, mas você sabe como ele é. Sei que não desistiu depois de procurar na casa dela. Deve ter esquadrinhado todos os lugares.

– E o carro dela também sumiu? – insistiu Jeremy.

Doris sinalizou que sim ao dizer:

– É por isso que estou tão preocupada. E se alguma coisa aconteceu a ela? E se alguém a levou?

– Você acha que ela pode ter sido sequestrada?

– E o que mais eu poderia achar? Mesmo que ela quisesse ir embora, aonde iria? Ela cresceu aqui, a família dela está aqui, os amigos estão aqui. Nunca ouvi Rachel mencionar que conhecia alguém em Raleigh, ou em Norfolk, ou em qualquer outro lugar. Ela não é o tipo de pessoa que iria embora sem avisar para onde estava indo.

Jeremy não disse nada. Apenas olhou para Lexie e observou que, embora estivesse ouvindo, seu olhar era o de quem não estava prestando atenção, como se estivesse ocupada com outros pensamentos.

– Como estava o relacionamento de Rachel e Rodney? – indagou Jeremy. – Você mencionou que eles andavam tendo algum tipo de problema.

– E qual a relação disso com o resto? – perguntou Doris. – Rodney está mais preocupado que eu. Ele não teve nada com isso.

– Não estou dizendo que teve. Só estou tentando entender por que ela poderia ter ido embora.

Doris olhou para Jeremy com uma expressão decidida.

– Sei em que você está pensando, Jeremy. É fácil culpar Rodney, achar que ele fez alguma coisa, ou que disse alguma coisa que tenha feito Rachel ir embora. Mas eu sei que não é nada disso. Rodney não tem nada com isso. O que quer que tenha acontecido, tem a ver com a Rachel. Ou com outra pessoa. Deixe o Rodney fora disso. Alguma coisa aconteceu à Rachel. Ou ela foi embora. É simples assim.

A voz de Doris demonstrava que ela não estava aberta a discussões.

– Só estou tentando imaginar o que está acontecendo – argumentou ele.

Diante dessas palavras, o tom de voz de Doris se tornou mais ameno.

– Eu sei, e sei também que, provavelmente, não há motivos para preocupação, mas... mas tem alguma coisa errada nessa história. A não ser que eu desconheça algum fato, posso afirmar que Rachel não faria isso.

– Rodney chamou a polícia? – quis saber Jeremy.

– Não sei – respondeu Doris. – Tudo o que sei é que ele está procurando por ela agora mesmo. E prometeu que me manteria informada, mas tenho um pressentimento ruim sobre tudo isso. Sei que alguma coisa terrível está para acontecer, se é que já não aconteceu. – Ela fez uma pausa. – E eu acho que tem relação com vocês dois.

Quando ela terminou, Jeremy teve certeza de que ela falara mais com base nos instintos que nos sentimentos. Embora ela se dissesse uma adivinha, capaz de prever o sexo dos bebês antes do nascimento, Doris não afirmava ter poderes de clarividência em relação a outros assuntos. Mesmo assim, suas palavras deixaram Jeremy com a certeza de que ela acreditava no que dissera. O desaparecimento de Rachel, de alguma forma, afetaria todos.

– Não estou entendendo o que você quer dizer – admitiu ele.

Doris suspirou e se levantou, jogando o guardanapo amassado sobre a mesa.

– Eu também não – respondeu, virando-se para as janelas. – Eu mesma não estou entendendo. Rachel sumiu e eu sei que deveria estar preocupada, e estou... mas tem alguma coisa a mais nesta história... alguma coisa que eu não estou conseguindo perceber. Tudo o que sei é que nada disso deveria ter acontecido e que...

– Alguma coisa ruim vai acontecer – completou Lexie.

Tanto Jeremy quanto Doris se viraram para Lexie. Ela parecia tão convencida quanto Doris, mas havia algo em sua voz, um tom de entendimento, como se ela soubesse exatamente aquilo que Doris não estava conseguindo perceber. Mais uma vez, Jeremy se sentiu um estranho naquele lugar.

Doris não disse nada – nem precisou. Qualquer percepção que as duas tenham compartilhado, qualquer informação que tivesse sido

passada entre as duas, era incompreensível para ele. De repente, Jeremy teve certeza de que, se quisessem, ambas poderiam ser mais específicas, mas, por alguma razão, tinham decidido mantê-lo no escuro. Assim como Lexie optara por não falar nada sobre aquela tarde ao lado de Rodney.

Como se pudesse ler os pensamentos de Jeremy, Lexie pousou a mão sobre as do noivo.

– Talvez seja melhor eu ficar com Doris por algum tempo.

Jeremy retirou a mão. Doris permaneceu em silêncio.

Ele fez um sinal de que compreendera o que ela queria dizer e se levantou, sentindo-se, mais uma vez, um intruso.

Jeremy tentou se convencer de que Lexie queria apenas dar algum conforto a Doris e se forçou a sorrir.

– É mesmo. Acho que é uma boa ideia.



Após sair do Alecrim, Jeremy foi até a casa de Lexie e deixara lá todas as compras para o bebê. Ficou em dúvida se deveria esperar por ela ali mesmo, mas optou por voltar à hospedaria. Não para escrever, mas para conversar com Alvin. Apesar de não querer pensar no assunto, Jeremy começou a se questionar sobre quanto ele realmente conhecia Lexie. Na cabeça dele, Lexie pareceu mais preocupada com Rodney que com Rachel, e ele se perguntou, mais uma vez, qual seria o significado da partida inesperada de Rachel.

– Tenho certeza de que Rachel está bem – disse Alvin, ao celular. – Ela é adulta e sabe muito bem o que está fazendo.

– Eu sei, mas é esquisito, você não acha? Você a conheceu. Ela lhe deu a impressão de ser o tipo de pessoa que some sem dar a mínima satisfação a quem quer que seja?

– Quem pode saber? – respondeu Alvin. – Mas é provável que tenha relação com Rodney.

– Por que você acha isso?

– Eles estão namorando, não estão? Sei lá, talvez tenham brigado. Talvez ela ache que ele ainda gosta da Lexie, ou qualquer coisa assim, e só quisesse sumir por uns dias para desanuviar a cabeça. Como Lexie fez quando fugiu para a praia.

Jeremy refletiu, lembrando-se de sua experiência com Lexie, imaginando se aquilo era alguma característica das mulheres do Sul.

– Pode ser. Mas Rodney não falou nada com Doris.

– Isso é o que ela diz. Você não tem certeza. Talvez seja sobre isso que as duas estejam conversando agora e por isso quisessem ficar sozinhas. Quem sabe Doris está preocupada tanto com Rodney quanto com Rachel?

Jeremy não disse nada, tentando decidir se o amigo tinha razão. Nesse meio-tempo, Alvin acrescentou:

– Mas talvez não seja nada disso. Tudo vai se esclarecer, tenho certeza.

– É. Você deve ter razão.

Ele pôde ouvir a respiração de Alvin.

– O que está acontecendo de verdade? – quis saber o amigo.

– Como assim?

– Você... tudo isso. Cada vez que nos falamos você me parece mais deprimido.

– Só ando muito ocupado – explicou Jeremy, repetindo, mais uma vez, a resposta-padrão. – Tem muita coisa acontecendo.

– Sei, você já me disse isso. A reforma da casa está acabando com o seu dinheiro, você vai se casar, vai ter um bebê. Mas você já esteve sob pressão outras vezes e tem de admitir que a sua vida não está tão estressante quanto na época em que você e Maria estavam se divorciando. Naqueles tempos, você ainda tinha senso de humor, o que não está acontecendo agora.

– Eu ainda tenho senso de humor. Se eu não fosse capaz de rir de tudo isso, é provável que estivesse encolhido sobre a cama, murmurando coisas desconexas o dia inteiro.

– Você já voltou a escrever?

– Não.

– Alguma ideia?

– Não.

– Quem sabe se você trabalhar pelado, com Jed ao seu lado, segurando as suas roupas enquanto escreve?

Pela primeira vez, Jeremy riu.

– Ah, isso funcionaria muito bem. Aposto que o Jed iria adorar.

– E o melhor da história é que ele nunca contaria a ninguém. Quero dizer, já que ele nunca fala – brincou Alvin.

– Não, ele fala, sim.

– Fala?

– De acordo com Lexie, ele fala. Só não fala com você e comigo.

Alvin achou graça.

– Você já se acostumou com os animais esquisitos dentro do quarto?

Jeremy se deu conta de que nem prestava mais atenção neles.

– Acredite se quiser, mas já, sim.

– Não sei se isso é bom ou se é ruim.

– Para ser sincero, nem eu.

– Olhe, tenho uma visita aqui e não estou sendo muito hospitaleiro, então preciso desligar. Ligue no fim da semana. Ou eu ligo para você.

– Combinado – respondeu Jeremy, e em seguida desligou.

De olhos fixos no computador, balançou a cabeça demonstrando que ainda não era possível. *Quem sabe amanhã*, ele pensou. Quando estava se levantando, o telefone voltou a tocar. Pensando que fosse Alvin, que o amigo tivesse se esquecido de lhe contar alguma novidade, ele atendeu:

– Fale.

– Oi. Jeremy – saudou Lexie, do outro lado da linha. – Que jeito engraçado de atender ao telefone!

– Desculpe-me. Tinha acabado de desligar. Estava falando com Alvin e achei que fosse ele. E aí?

– Odeio ter de fazer isso com você, mas preciso cancelar nosso jantar de hoje à noite. Vamos deixar para amanhã, tudo bem?

– Por quê?

– Ah, é a Doris. Estamos a caminho da casa dela, mas ela continua preocupada, então devo ficar com ela ainda por um tempo.

– Você quer que eu vá até aí? Posso levar comida para o jantar.

– Não precisa. Doris tem muita comida em casa e, para ser honesta, nem sei se ela está disposta a comer. Mas, com os problemas cardíacos que ela tem, vou me sentir melhor se tiver certeza de que está tudo sob controle aqui.

– Sem problemas. Eu entendo.

– Tem certeza? Eu me sinto mal com isso.

– De verdade. Está tudo bem.

– Prometo recompensá-lo. Amanhã. Talvez eu até use uma roupa bem pequenininha enquanto estiver preparando nosso jantar.

– Tudo bem – Jeremy não alterou a voz, apesar de decepcionado.

– Eu ligo para você mais tarde, certo?

– É claro.

– Eu amo você. Você sabe disso, não sabe?

– Sei – respondeu Jeremy. – Sei.

Do outro lado da linha, Lexie ficou calada e só depois de desligar Jeremy se deu conta de que não havia retribuído, dizendo que também a amava.



A confiança precisa ser conquistada? Ou é simplesmente uma questão de fé?

Jeremy ainda não tinha certeza. Por mais que se fizesse as mesmas perguntas milhões de vezes, ele não sabia o que fazer. Deveria permanecer na hospedaria? Ou ir até a casa de Lexie e esperar por ela? Ou verificar se ela estava mesmo na casa de Doris?

*A que ponto eu cheguei*, ele pensou. Será que ela estava mesmo lá? Ele achou que poderia pensar em uma desculpa plausível para telefonar para Doris e descobrir, mas fazer isso não seria prova de que ele não confiava em Lexie? E, se não confiava, por que eles estavam se casando?

*Porque você a ama*, respondeu uma voz interior.

E amava, Jeremy admitiu. Porém, sozinho no silêncio de seu chalé na hospedaria, ele não conseguiu afastar a ideia de que talvez fosse um amor cego. Nos anos em que estivera casado com Maria, jamais tivera qualquer suspeita sobre onde ela estava, nem mesmo no final do relacionamento. Ele jamais ligara para a casa dos pais dela para certificar-se de que ela estava mesmo lá. Raramente ligava para ela no trabalho e quase nunca aparecia sem avisar. Maria nunca lhe dera motivos para que ele a questionasse, e Jeremy, por sua vez, nunca nem tinha pensado nessa possibilidade. Mas o que isso queria dizer sobre seu relacionamento com Lexie?

Ele tinha a sensação de que a enxergava de duas maneiras: uma quando passavam o tempo juntos, e então ele se censurava por ter essa paranoia, e outra quando estavam separados e ele permitia que sua imaginação corresse solta.

Mas, agora, não era apenas imaginação. Ele mesmo vira Lexie e Rodney de mãos dadas. Quando perguntou a ela o que tinha feito naquele dia, ela nem mencionou ter visto Rodney. Ele recebera um e-mail estranho, de alguém que teve muito trabalho para não ser rastreado, para esconder sua identidade. E quando Doris falou sobre Rachel, a única pergunta de Lexie fora se Rodney parecia zangado.

Por outro lado, se ela amasse Rodney, por que não admitir esse amor? Por que concordar em se casar com ele? E comprar uma casa e sair para fazer compras para o bebê e passar quase todas as noites ao lado dele? Pela criança? Ele sabia que Lexie era conservadora, mas não tinha a cabeça de uma moça dos anos 1950. Morara com um rapaz em Nova York, teve um caso cheio de paixão com o Sr. Renaissance.... ela não era do tipo que joga fora

uma vida com o homem que ama de verdade – admitindo que fosse Rodney – só por causa de um filho. O que queria dizer, é claro, que ela amava Jeremy, exatamente como acabara de dizer ao telefone. E como sussurrava quando estavam um nos braços do outro.

Não havia motivos para não acreditar nela. Nenhum. Lexie era sua noiva e, se disse que estava na casa de Doris, era lá mesmo que ela estava. Fim da história, exceto por um detalhe: ele duvidava de que ela estivesse lá.

Do lado de fora, o céu já estava negro e, de onde estava sentado, ele podia ver os galhos das árvores balançando ao sabor da brisa, cobertos pelas folhas novas da primavera, que adquiriam um brilho prateado à luz da lua crescente.

Ele pensou que era melhor ficar ali e esperar que ela telefonasse. Iriam se casar e ele confiava nela. Quantas vezes, desde o dia em que vira Lexie e Rodney juntos, ele suspeitara dela, verificando onde estava, para, no fim, sentir-se um idiota ao vê-la na biblioteca? Seis vezes? Doze? Por que seria diferente agora?

*Não seria*, ele disse a si mesmo, sem, no entanto, deixar de procurar as chaves do carro. Como uma mariposa atraída pela luz, ele também não tinha escolha e continuou a repreender-se enquanto saía e se ajeitava atrás do volante.

A noite estava escura e silenciosa, o centro da cidade, deserto, e naquela penumbra o Alecrim parecia estranhamente ameaçador. Ele passou sem desacelerar e rumou para a casa de Doris, sabendo que encontraria Lexie lá. Quando viu o carro de Doris estacionado na entrada da garagem, suspirou, sentindo uma estranha mistura de alívio e remorso. Até aquele instante, ele tinha se esquecido de que deixara Lexie no Alecrim sem um carro para voltar para casa e quase riu de si mesmo.

*Tudo bem*, *isso já está resolvido*, pensou ele, e então começou a fazer o caminho da casa de Lexie, pensando em esperá-la voltar. Quando ela chegasse, ele lhe daria todo o apoio e, em silêncio, a ouviria desabafar suas preocupações e prepararia um chocolate

quente, se ela quisesse. Jeremy tinha criado uma enorme tempestade num copo d'água.

Entretanto, quando virou a esquina e viu a casa de Lexie no final da rua, Jeremy, instintivamente, procurou o pedal do freio. Diminuiu a marcha e inclinou-se para perto do vidro, piscando, para ter certeza de que estava enxergando direito. De repente, apertou o volante com toda a força.

O carro de Lexie não estava na garagem e as luzes da casa estavam apagadas. Ele meteu o pé no freio e fez a volta com o carro, sem se importar com o barulho provocado pelos pneus. Depois de acelerar com força e ao mesmo tempo manobrar para virar a esquina, Jeremy passou pela cidade em alta velocidade, sabendo exatamente onde encontrá-la. Se ela não estava na biblioteca nem na hospedaria, se não estava na casa de Doris, nem no Alecrim, só havia um lugar onde ela poderia estar. E ele estava certo, pois, quando chegou à rua na qual Rodney morava, lá estava o carro de Lexie, estacionado na entrada da garagem.

# 8

Jeremy esperou na varanda da casa de Lexie.

Ele tinha a chave e poderia ter entrado, mas não quis. Preferiu ficar sentado no degrau que havia do lado de fora. Ou melhor, ficar fervendo de raiva no degrau do lado de fora. Uma coisa era conversar com Rodney. Outra, completamente diferente, era mentir sobre isso. E Lexie mentira. Ela desmarcara o compromisso do jantar romântico, telefonara para ele e mentira sobre onde estava. Mentira na cara dele.

Jeremy ficou esperando o carro dela aparecer, com a mandíbula cerrada, tensa.

Ele não queria nem saber que desculpa Lexie daria. Não havia desculpas para uma atitude como aquela. Tudo o que ela precisava ter feito era dizer a ele que queria conversar com Rodney, que estava preocupada com ele, e não haveria nenhum problema. Jeremy não teria ficado muito entusiasmado, é verdade, mas entenderia. Então, por que tanto segredo?

Não era assim que deveria ser. Ela não deveria tratá-lo daquela maneira... não só a ele, mas também a ninguém por quem tivesse alguma consideração. E se atitudes como essa continuassem depois que estivessem casados? Ele não ia querer passar o resto de seus dias duvidando de que ela estivesse onde disse que estaria.

Não, de jeito nenhum. Um casamento não era para ser assim e ele não se mudara para o Sul do país, não deixara *tudo* para trás, para

ser enganado. Ou ela o amava, ou não – era simples assim. E o fato de ela cancelar o jantar só para ficar ao lado de outro homem deixava bem claro como ela se sentia.

Jeremy não queria nem saber se Lexie e Rodney eram amigos e, com toda a honestidade, nem se importava se ela estava apenas tentando ajudar. Ela devia ter dito a verdade. Esse era o ponto principal.

Por mais zangado que estivesse, ele teve de admitir que também estava magoado. Ele se mudara de Nova York para dividir a vida com Lexie; ele se mudara para Boone Creek por causa dela. Não por causa do bebê, não porque sonhasse com uma casinha com uma cerca branca, não porque tivesse uma crença oculta sobre o romantismo da vida no Sul. Sua decisão se devia ao fato de que ele queria ter Lexie como esposa.

E, agora, ela estava mentindo. Não uma, mas duas vezes e, ao sentir um aperto no estômago, Jeremy não teve certeza se dava um soco de raiva na parede ou se começava a chorar.

Ele ainda estava sentado no degrau quando Lexie chegou, uma hora depois. Ao sair do carro, ela ficou surpresa ao vê-lo, mas caminhou na direção de Jeremy como se nada de anormal tivesse acontecido.

– Oi – cumprimentou ela, colocando a bolsa sobre os ombros. – O que você está fazendo aqui?

Jeremy se levantou.

– Só estou esperando. – Olhando para o relógio, ele percebeu que faltavam alguns minutos para as nove. Era tarde, mas não muito tarde...

Embora Jeremy não fizesse nenhum movimento na direção de Lexie – e ela percebeu essa atitude –, ela se abaixou para beijá-lo assim mesmo. Se observou a falta de reação do noivo, Lexie não demonstrou nada.

– Que bom ver você – disse ela.

Jeremy olhou para Lexie. Apesar de toda a raiva (ou medo, para ser honesto consigo mesmo) que sentia, ela estava linda. A ideia de outro homem tê-la nos braços era arrasadora.

Percebendo o turbilhão em que ele se encontrava, Lexie puxou a manga da camisa de Jeremy.

– Você está bem?

– Bem – respondeu ele.

– Mas parece chateado.

Era a oportunidade perfeita para dizer o que ele estava pensando, mas ele se esquivou.

– Só estou cansado. Como está Doris?

Lexie colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

– Preocupada. Rachel ainda não deu notícias nem apareceu.

– E ela ainda acha que alguma coisa ruim aconteceu a Rachel?

– Não tenho muita certeza. Você sabe como é a Doris. Quando enfia uma ideia na cabeça, não tira mais e nunca existe uma explicação lógica. Tenho a impressão de que ela acha que Rachel está... bem, digamos assim, por falta de uma palavra melhor, mas que o motivo que a fez ir embora... – Lexie balançou a cabeça em sinal de desaprovação. – Na verdade, eu não sei o que Doris está pensando. Ela apenas tem a sensação de que a Rachel não deveria ter ido embora e está muito preocupada.

Jeremy meneou a cabeça, embora não tivesse entendido muito bem.

– Se ela está bem, então tudo vai acabar bem, certo?

Lexie deu de ombros.

– Não sei. Já desisti de tentar entender como a mente de Doris funciona. Tudo o que sei é que, em geral, ela acerta. Já vi isso acontecer muitas e muitas vezes.

Jeremy a observou, sentindo que ela estava falando a verdade... sobre o tempo que passara com Doris. Mas ela não disse nada sobre onde estivera depois de sair da casa da avó.

Ele se sentou com as costas mais eretas.

– Pelo que entendi, você passou a noite toda com Doris, não é?
– Praticamente.
– Praticamente?
Jeremy percebeu que ela estava tentando avaliar quanto ele sabia.
– É – disse ela, finalmente.
– O que isso quer dizer?
Lexie não respondeu.
– Eu passei na casa da Doris esta noite, mas você não estava lá.
– Você foi até a casa da Doris?
– E vim aqui também – acrescentou.
Dando um pequeno passo para trás, ela cruzou os braços.
– Você estava me seguindo?
– Chame como quiser – respondeu Jeremy, tentando manter-se calmo. – De qualquer maneira, você não me disse a verdade.
– Do que você está falando?
– Onde você esteve esta noite? Depois que saiu da casa de Doris?
– Vim para cá – respondeu ela.
– E antes disso? – indagou Jeremy, esperando que ela lhe desse a informação espontaneamente, rezando para que ela fosse honesta, sentindo o buraco no estômago crescer.
– Você *estava* me seguindo, não estava?
Talvez o motivo que o fez perder a calma tenha sido a retidão expressa no tom de voz dela.
– O assunto aqui não sou eu. Responda à pergunta.
– Por que você está gritando? – perguntou ela. – Eu disse onde eu estava.
– Não, você não disse – gritou ele. – Você me contou onde estava antes de ter ido a algum outro lugar. Você esteve em algum lugar depois que saiu da casa de Doris, não esteve?
– Por que você está gritando comigo? – Lexie exigiu que ele respondesse, levantando o tom de voz. – O que deu em você?
– Você foi à casa do Rodney! – gritou Jeremy.
– O quê?

– Você me ouviu muito bem. Você foi à casa do Rodney! Eu vi você lá!

Lexie deu mais um passo para trás.

– Você me seguiu?

– Não. Eu não segui você. Eu fui até a casa de Doris, depois vim aqui, procurando você. E adivinhe o que descobri?

Lexie fez uma pausa, como se tentasse decidir qual seria a melhor resposta.

– Não é o que você está pensando – protestou ela, com a voz mais suave do que ele esperava.

– E o que é que eu estou pensando? – perguntou Jeremy. – Que a minha noiva não deveria estar na casa de outro homem? Que talvez ela devesse ter dito aonde estava indo? Que, se ela confiasse em mim, teria dito alguma coisa? Que, se gostasse de mim, não desmarcaria o nosso jantar para fazer companhia a outro homem?

– Isso não tem nada a ver com você! E eu não desmarquei nosso encontro. Eu perguntei se poderia ser amanhã e você disse que não tinha problema!

Jeremy se aproximou de Lexie.

– Eu não estou falando sobre o jantar, Lexie. Estou falando sobre o fato de você ter ido à casa de outro homem nesta noite.

Lexie não se intimidou.

– E o que mais? Você acha que eu fui para a cama com o Rodney? Acha que passamos essas últimas horas namorando no sofá? Nós conversamos, Jeremy! Foi só isso. Conversamos! Doris estava cansada e, antes de ir embora, eu quis saber se o Rodney poderia me explicar o que estava acontecendo. Então, parei na casa dele e tudo o que fizemos foi conversar sobre a Rachel.

– Você devia ter me contado.

– Eu teria contado! E você nem teria de me perguntar. Não tenho segredos para você.

As sobrancelhas de Jeremy se levantaram.

– Ah, não? E quanto àquele dia no calçadão, às margens do rio?

– Que dia?

– No mês passado, quando vi vocês dois de mãos dadas.

Lexie o olhou como se o visse pela primeira vez.

– Há quanto tempo você vem me espionando?

– Eu não estou espionando! Mas vi você de mãos dadas com ele.

Lexie continuou a encará-lo.

– Quem é você? – perguntou ela, finalmente.

– O seu noivo – respondeu Jeremy, e sua voz ficava cada vez mais alta. – E acho que mereço uma explicação. Primeiro, vejo vocês de mãos dadas, depois descubro que você está desmarcando nossos encontros para ficar com ele...

– Cale essa boca – berrou Lexie. – Fique quieto e me escute.

– Estou tentando escutar – gritou ele de volta. – Mas você não está me dizendo a verdade! Você tem mentido para mim!

– Não tenho, não!

– Não? Então por que você não me conta sobre a sua pequena aventura de mãozinhas dadas?

– Estou tentando lhe dizer que você está tirando conclusões precipitadas.

– É mesmo? – rosnou ele, interrompendo-a. – E se você tivesse me visto de mãos dadas com uma ex-namorada e descobrisse que eu estava saindo às escondidas para me encontrar com ela?

– Eu não estava saindo às escondidas! – disse Lexie, jogando as mãos para o alto. – Eu já falei... Estive com a Doris quase a noite inteira, mas ainda não tinha entendido o que estava acontecendo. Fiquei preocupada com a Rachel, por isso parei na casa do Rodney: para saber se ele tinha descoberto alguma coisa.

– Depois de ficar de mãos dadas com ele, é claro.

Lexie piscou, mas, quando começou a falar, ouviu a própria voz falhar.

– Não, não fiquei. Nós nos sentamos na varanda dos fundos e conversamos. Quantas vezes preciso repetir isso?

– Quem sabe até você admitir que está mentindo?

– Eu não estou mentindo!

Ele a olhou fixamente, e sua voz saiu num tom ríspido.

– Você mentiu e sabe disso. – Ele apontou um dedo acusador para ela. – Isso já é ruim o bastante, mas não é a única coisa que machuca. O que dói mais é ver que você continua a negar.

Dito isso, ele foi embora, caminhando pesadamente até o carro, sem sequer olhar para trás.



Jeremy atravessou a cidade acelerando, sem saber o que fazer. Tinha certeza de que não queria voltar para a hospedaria nem se imaginava indo até a lanchonete Lookilu, o único bar da cidade que ainda estaria aberto. Embora já tivesse estado lá uma ou duas vezes, não tinha vontade de passar o resto da noite sentado num bar, simplesmente porque sabia do tumulto que isso iria causar. Se ele aprendera alguma coisa sobre cidades pequenas era que as novidades se espalhavam depressa, em especial quando ruins, e ele não tinha nenhuma vontade de que outras pessoas passassem a especular sobre ele e Lexie. Portanto, resolveu dirigir pela cidade, sem nenhum destino em mente.

Lexie poderia dizer o que quisesse sobre o belo cenário e os habitantes do local, que ela considerava membros de sua família, mas Jeremy já deveria ter imaginado algo assim. Filha única e órfã desde pequena, ela nunca fizera parte de uma grande família, como era o caso de Jeremy, e muitas vezes ele teve vontade de dizer a ela que a realidade era diferente. Sem dúvida, a maioria das pessoas que ele conhecera em Boone Creek era gentil e hospitaleira, mas ele começava a se perguntar se essa atitude não seria apenas para manter as aparências. Por trás daquela fachada, havia segredos e maquinações, como em qualquer outro lugar. Como Doris, por exemplo: enquanto ele fazia perguntas, ela e Lexie trocavam sinais ocultos, todos com a intenção de mantê-lo no escuro. Ou o prefeito Gherkin: em vez de ajudar Jeremy a conseguir as autorizações, ele tinha os próprios planos. *Havia algo que precisava ser reconhecido sobre os nova-iorquinos*, pensou Jeremy.

Quando estavam zangados, eles deixavam isso bem claro, em vez de fingirem que estava tudo bem – em especial quando se tratava de assuntos de família. As pessoas diziam aquilo em que estavam pensando.

Ele desejou que Lexie tivesse se comportado mais daquele jeito. Enquanto dirigia, Jeremy não conseguia decidir o que era preferível: voltar para a casa de Lexie e esclarecer a situação ou tentar entender tudo sozinho. Ele suspeitava de que ela estivesse escondendo algo, mas não tinha a menor ideia do que pudesse ser. Apesar de toda aquela raiva e das provas, Jeremy não acreditava que Lexie tivesse um caso com Rodney. A não ser que estivesse totalmente enganado, o que ele duvidava, essa ideia era ridícula. Mas alguma coisa estava acontecendo entre os dois, algo sobre o que Lexie se sentia pouco à vontade para falar. E, é claro, havia também aquele e-mail...

Ele balançou a cabeça, tentando clarear as ideias. Depois de dar a terceira volta pela cidade, Jeremy pegou o caminho em direção ao campo. Dirigiu em silêncio por algum tempo, depois deu meia-volta e, minutos mais tarde, estacionou na porta do Cemitério Cedar Creek – o lugar das luzes misteriosas, que o trouxeram a Boone Creek.

Fora ali que ele vira Lexie pela primeira vez. Após chegar à cidade, ele se dirigira ao cemitério para tirar algumas fotografias, antes de começar a pesquisa para o artigo que pretendia escrever. E ainda podia se lembrar de como ela apareceu de repente, pegando-o desprevenido. Podia visualizar a maneira como ela se movia e como a brisa provocava ondas em seus cabelos. Fora também naquele cemitério que ela lhe contara sobre os pesadelos que tivera quando criança.

Ao sair do carro, Jeremy ficou impressionado com a diferença do local, agora que não havia neblina. Na noite em que ele vira pela primeira vez as luzes misteriosas, o manto de neblina que cobria o lugar o fez parecer sobrenatural, como se estivesse perdido no tempo. Agora, sob o estrelado céu de abril e a lua brilhante, ele era

capaz de distinguir as sombras de lápides individuais e conseguia até mesmo refazer o caminho que seguira para registrar as luzes.

Jeremy atravessou os portões de ferro forjado e ouviu o barulho leve do cascalho sob seus pés. Ele não voltara ali desde que se mudara para Boone Creek e, enquanto passava pelas lápides quebradas, seu pensamento voltou-se para Lexie outra vez.

Teria ela dito a verdade? Parcialmente. Ela teria mesmo lhe contado aonde fora? Talvez. E ele tinha o direito de estar zangado? *Sim*, pensou ele, *tinha, sim*.

Entretanto, ele não gostou de discutir com Lexie. E não aprovou a maneira como ela o olhou quando percebeu que ele a andava seguindo. Mas Jeremy também teve de confessar que não gostou daquele aspecto de sua própria personalidade. Verdade seja dita, ele desejava jamais ter visto Lexie e Rodney juntos. Essa experiência só serviu para fazer dele um homem desconfiado e, ele se lembrou mais uma vez, não havia nenhum motivo para suspeitas. Sim, ela fora ver Rodney, mas Rachel estava desaparecida e Rodney era, sem dúvida, a pessoa com quem ela deveria conversar.

Mas o e-mail...

Ele também não queria pensar sobre aquilo.

No silêncio, o cemitério parecia que começava a brilhar. Não era possível, é claro – as luzes fantasmagóricas só apareciam nas noites de neblina – mas, quando uma luz piscou, ele percebeu que não era imaginação. O cemitério estava mesmo ficando mais claro. Jeremy franziu a testa, sem entender nada, e ouviu o som inconfundível de um motor de automóvel. Olhando por cima dos ombros, viu as luzes traseiras de um carro fazendo a curva. Ficou pensando em quem poderia ser e surpreendeu-se ao ver que o veículo desacelerou, parando logo atrás de seu carro.

Apesar da escuridão, ele reconheceu o carro do prefeito Gherkin e, momentos depois, Jeremy viu a sombra do prefeito emergir.

– Jeremy Marsh? – chamou o prefeito. – Você está aí?

Jeremy pigarreou, surpreendendo-se uma vez mais. Pensou se deveria ou não responder, até perceber que seu carro o havia traído.

– Sim, Sr. Prefeito. Estou aqui.

– Onde? Não consigo vê-lo.

– Aqui – gritou Jeremy. – Perto da árvore grande.

O prefeito andou em sua direção. Enquanto se aproximava, Jeremy ouvia seus passos.

– Você vai aos lugares mais estranhos, Jeremy. Foi tudo em que consegui pensar quando quis encontrá-lo. Mas eu não devia me surpreender, sabendo de sua história com este lugar e tudo mais. Mas, mesmo assim, posso pensar em uma dezena de lugares melhores do que este para um sujeito que deseja ficar sozinho. Imagino que se sinta inclinado a voltar à cena do crime, certo?

Quando ele terminou de falar, já estava diante de Jeremy. Até no escuro, ele pôde identificar o que o prefeito estava vestindo: calças vermelhas de poliéster, uma camisa roxa e um paletó amarelo. Parecia um ovo de Páscoa.

– O que o senhor está fazendo aqui, Sr. Prefeito?

– Ora, vim conversar com você, é claro.

– É sobre o astronauta? Deixei um recado no seu escritório...

– Não, é claro que não. Recebi seu recado, portanto não se preocupe com isso. Não tinha dúvidas de que você conseguiria, sendo uma celebridade e tudo o mais. O que aconteceu é que eu estava trabalhando no meu escritório, terminando algumas funções burocráticas de minha loja, no centro da cidade, e o vi passando. Eu fiz um sinal, mas acho que você não me viu, então eu pensei: *Onde será que Jeremy vai com tanta pressa?*

Jeremy levantou os braços para interrompê-lo.

– Sr. Prefeito, não estou com nenhuma disposição para...

O prefeito continuou, como se não tivesse ouvido Jeremy.

– Mas é claro que não pensei que fosse importante. Não no início. Mas você passou por ali pela segunda vez, depois pela terceira, e comecei a imaginar que talvez precisasse de alguém com quem conversar. Então, perguntei a mim mesmo *Aonde Jeremy Marsh iria e...* – O prefeito fez uma pausa, para dar um efeito dramático, bateu

na perna para dar ênfase e prosseguiu – a resposta desabou sobre minha cabeça como um raio. Ora, ele iria ao cemitério!

Jeremy o olhou fixamente.

– Por que o senhor achou que eu viria ao cemitério?

O prefeito sorriu satisfeito, mas, em vez de responder diretamente, apontou para a magnífica árvore de magnólias no centro do cemitério.

– Você está vendo aquela árvore, Jeremy?

Jeremy seguiu o olhar do prefeito. A árvore deveria ter mais de cem anos, a julgar pelas raízes retorcidas e os galhos esparramados.

– Já lhe contei a história daquela árvore?

– Não, mas...

– Aquela árvore foi plantada por Coleman Tolles, um dos mais proeminentes cidadãos de nossa cidade, antes da Guerra de Secessão, aquela agressão do Norte. Ele administrou a loja de alimentos e os mercados em geral e teve a mulher mais bonita de toda a redondeza. O nome dela era Patricia, e, embora seu único retrato pintado tenha sido destruído no incêndio da biblioteca, meu pai jurava que costumava ir até lá só para admirá-la.

Jeremy balançou a cabeça com impaciência.

– Sr. Prefeito...

– Deixe-me terminar a história. Acho que ela pode lançar alguma luz sobre seu pequeno problema.

– Que problema?

– Ora, o problema que você está tendo com a Srta. Lexie. Se fosse você, acho que não ficaria muito satisfeito ao saber que ela tem passado algum tempo com outro homem.

Jeremy ficou totalmente sem palavras.

– Mas, como eu ia dizendo, essa Patricia era uma mulher belíssima e, antes de se casarem, Coleman a tinha cortejado por muitos anos. Quase todo mundo na cidade queria namorá-la. E ela adorava aquela atenção. Mas foi o velho Coleman quem conquistou seu coração, e o casamento foi a maior festa já vista por aqui. Eles

poderiam ter vivido felizes para sempre, eu acho, mas o destino não quis. Coleman era ciumento, você sabe como é, e Patricia não era do tipo que seria rude com os outros rapazes que a cortejassem. Coleman não aguentou.

O prefeito balançou a cabeça, em sinal de reprovação.

– Eles acabaram tendo uma briga horrível e o padecimento foi demais: Patricia não suportou. Ela caiu doente e passou duas semanas na cama antes que o Bom Deus a chamasse. Coleman ficou em frangalhos e, depois que ela foi enterrada neste cemitério, ele plantou esta árvore, em homenagem à esposa. E aqui ela cresceu, essa versão viva do nosso Taj Mahal.

Jeremy olhou fixamente para o prefeito.

– Essa história é verdadeira? – perguntou ele.

O prefeito levantou a mão direita como se estivesse fazendo um juramento.

– Que um raio caia sobre a minha cabeça se não for verdade!

Jeremy não tinha certeza de como deveria responder e não tinha a mínima ideia de como o prefeito tinha conhecimento de seus problemas.

O prefeito enfiou as mãos nos bolsos.

– Mas, como você pode ver, é bastante natural, considerando-se as suas circunstâncias. Assim como a chama atrai a mariposa, esta árvore deve ter atraído você para o cemitério.

– Sr. Prefeito...

– Eu sei o que você está pensando, Jeremy. Está imaginando por que não mencionei a história antes, quando você estava planejando escrever sobre o cemitério.

– Não exatamente.

– Então você estava imaginando como é que a uma cidade tão bela e pequena como a nossa pode ter tantas histórias fascinantes. Tudo o que posso dizer é que nós somos um bastião da história. Eu poderia lhe falar sobre acontecimentos históricos de metade das construções do centro da cidade que o deixariam encantado.

– Também não é isso – explicou Jeremy, ainda tentando entender o que estava acontecendo.

– Então, você está se perguntando como eu sabia sobre a Srta. Lexie e Rodney. – Os olhos de Jeremy fixaram os de Gherkin, que simplesmente deu de ombros. – Em cidades pequenas, as notícias se espalham.

– Isso quer dizer que todo mundo sabe?

– Não, é claro que não. Ao menos não sobre isso. Acho que só alguns sabem, mas não somos de ficar espalhando fofocas que possam magoar outras pessoas. O fato é que, como todo mundo, eu também estou preocupado com o misterioso sumiço da Rachel. Antes de você conversar com Doris nesta noite, eu passei algum tempo com ela, e ela estava muito aflita. Doris ama aquela garota, como você sabe. Na verdade, eu estava lá quando Rodney apareceu e resolvi voltar depois que você foi para a hospedaria.

–Mas, e o resto da história?

– Ah, isso foi apenas dedução – disse Gherkin, dando de ombros.

– Rodney e Rachel estão namorando, mas eles têm problemas. Rodney e Lexie são amigos e eu vejo você dando voltas pela cidade e dirigindo depressa demais, parecendo um cego ao volante. Não precisei de muito tempo para concluir que Lexie devia ter ido à casa de Rodney para conversarem e que você devia estar zangado por causa disso, ainda mais com todo o estresse que você está vivendo.

– Estresse?

– Claro. Com a festa de casamento e a casa e a gravidez de Lexie.

– O senhor sabe disso também?

– Jeremy, meu rapaz, já que você agora também é um residente de nossa bela cidade, precisa entender que as pessoas são muito observadoras por aqui. Não há muito a se fazer além de tentar adivinhar o que está acontecendo na vida dos outros. Mas não se preocupe; meus lábios permanecerão selados até o anúncio oficial. Como um servidor eleito pelo povo, tento ficar acima das fofocas que circulam pela cidade.

Jeremy fez uma anotação mental de ficar escondido na hospedaria o maior tempo possível.

– Mas o motivo principal que me trouxe até aqui foi para lhe contar uma história sobre as mulheres.

– Mais uma história?

Gherkin levantou as mãos.

– Bem, não chega a ser uma história, é mais uma lição. É sobre minha esposa, Gladys. Agora, ela é uma das melhores esposas que você poderia encontrar, mas houve um tempo durante nosso casamento em que não era muito confiável. Por um longo período, isso me incomodou e em alguns momentos chegamos a levantar as vozes um para o outro, mas, com o passar dos anos, o que eu compreendi foi que, se uma mulher o ama de verdade, você não pode esperar que ela sempre lhe diga a verdade. Veja bem, as mulheres são muito mais sintonizadas com os sentimentos que os homens e, se elas não dizem a verdade, em geral é porque acham que a verdade pode ferir nossos sentimentos. Mas isso não quer dizer que não nos amem.

– O senhor está dizendo que não vê problemas no fato de elas mentirem?

– Não, estou dizendo que, quando elas mentem, é porque se importam conosco.

– E se eu quiser que ela me diga a verdade?

– Aí, meu rapaz, é melhor você estar preparado para aceitar a verdade com o mesmo espírito com que ela lhe foi oferecida.

Jeremy refletiu sobre aquelas ideias, mas não disse nada. No silêncio da noite, o prefeito Gherkin ficou trêmulo.

– Está ficando muito frio aqui, não é mesmo? Portanto, antes de ir embora, só quero lhe dizer o seguinte: você sabe, no fundo do seu coração, que Lexie o ama. Doris sabe disso, eu sei disso, a cidade inteira sabe disso. Quando as pessoas veem vocês juntos, é quase como se esperassem que vocês saíssem de mãos dadas cantando, por isso não há razões para ficar preocupado com o fato de ela ter ido à casa do Rodney quando ele precisou.

Jeremy desviou o olhar. Embora o prefeito ainda estivesse de pé ao lado dele, de repente, Jeremy se sentiu muito só.



De volta à Hospedaria Folhas Secas, Jeremy refletiu consigo mesmo se deveria ligar de novo para Alvin. Ele sabia que, se falasse com o amigo, acabaria revivendo aquela noite inteira, e não estava disposto a passar por isso. Também não estava pronto para aceitar os conselhos de Gherkin. Mentiras ocasionais podiam funcionar no casamento do prefeito, mas não era o que ele desejava ter com Lexie.

Ele balançou a cabeça, cansado de tantos problemas com Lexie, cansado de fazer planos de casamento e de reforma, cansado de não conseguir escrever. Desde que chegara a Boone Creek, sua vida fora uma sequência de problemas e tristezas, e para quê? Porque ele amava Lexie? Então, como é que ele estava enfrentando tantas adversidades e ela estava ótima? Por que ele tinha de ser o bode expiatório?

Não, ele admitiu, isso não era totalmente verdade. Ela também estava estressada. Não apenas com os planos para o casamento e a casa, mas era ela que estava grávida, ela que acordava chorando no meio da noite, que tinha de prestar atenção ao que comia e bebia. Ela apenas parecia mais capaz que Jeremy de lidar com tudo aquilo.

Sem saber o que fazer, Jeremy ficou observando o computador, sabendo que não conseguiria escrever, mas ciente de que poderia, pelo menos, conferir seus e-mails. Quando abriu a primeira mensagem, entretanto, tudo o que pôde fazer foi ficar paralisado, olhando fixamente para a tela do computador.

*ela disse a verdade? leia o diário de doris. você descobrirá a resposta lá.*

# 9

– Não sei o que dizer – comentou Alvim, parecendo totalmente perdido. – O que você acha que significa?

Após ler a mensagem uma dezena de vezes, Jeremy, enfim, resolvera telefonar para o amigo.

– Não sei – respondeu ele.

– Você verificou no diário da Doris?

– Não. Acabei de receber o e-mail. Não tive tempo de fazer nada. Estou tentando entender.

– Talvez você devesse fazer como a mensagem orientou – sugeriu Alvin. – Procurar no diário da Doris.

– Procurar o quê? – perguntou Jeremy. – Nem sei o que devo procurar. E posso garantir que o diário da Doris não tem nenhuma relação com os últimos acontecimentos.

– Do que você está falando?

Jeremy se ajeitou na cadeira, em seguida se levantou para dar alguns passos e logo depois desabou na cadeira outra vez, enquanto relatava os eventos das últimas horas. Quando terminou, Alvin estava em silêncio.

– Só quero ter certeza de que ouvi direito – disse, finalmente, Alvin. – Ela estava na casa do Rodney?

– Estava – confirmou Jeremy.

– E não lhe contou nada?

Jeremy se inclinou para a frente na cadeira, tentando encontrar a melhor maneira de responder.

– Não, mas ela disse que iria contar.

– E você acredita nela?

Esse era o cerne da questão, não era? Será que Lexie teria mesmo lhe contado?

– Não sei – confessou ele.

Após uma pausa breve, Alvin respondeu:

– Mais uma vez, não sei o que dizer.

– O que você acha que significa? Por que alguém está me mandando e-mails como esses?

– Talvez alguém que saiba algo que você não sabe – assinalou Alvin.

– Ou talvez alguém queira nos fazer brigar – refletiu Jeremy.

Alvin não respondeu diretamente. Em vez disso, perguntou:

– Você a ama?

Jeremy passou a mão pelos cabelos.

– Mais que a vida.

Como se estivesse tentando fazer o amigo se sentir melhor, Alvin comentou, animado:

– Bem, ao menos você vai passar para a próxima fase de sua vida com uma bela festa na semana que vem. Daqui a seis dias.

Pela primeira vez em muitas horas, Jeremy sorriu.

– Vai ser divertido.

– Sem dúvida. Não é todo dia que meu melhor amigo se casa. Estou doido para a gente se encontrar. Além disso, uma pequena viagem para a cidade grande vai lhe fazer bem. Eu já estive aí e sei que não tem mais nada que fazer a não ser assistir às unhas do pé crescerem.

*E observar as pessoas*, Jeremy se lembrou. Porém não disse nada.

– Mas, preste atenção, telefone para mim se descobrir qualquer coisa no diário da Doris. Por mais que eu deteste admitir, estou começando a viver indiretamente suas aventuras.

– Eu não consideraria esses e-mails uma aventura.

– Chame-os como quiser. Mas você tem de admitir que eles têm feito você pensar, certo?

– Ah, claro – admitiu Jeremy. – Eles têm me feito pensar.

– Afinal, se você vai se casar com ela, precisa confiar nela.

– Eu sei disso. Acredite, eu sei.



Pela segunda vez naquele dia, Jeremy se pegou pensando no que significava confiar em alguém. No final das contas, essa era a essência do problema. Na maioria das vezes, ele confiava, mas nos últimos tempos não vinha sendo nada fácil.

Mas os e-mails. Não um, mas dois. E o segundo…

E se ele pegasse o diário e visse algo sobre a Lexie que desconhecesse ou não desejasse saber? Será que isso afetaria seus sentimentos por ela? Será que o faria desistir e fugir dali, sem nem mesmo olhar para trás?

Jeremy tentou montar o quebra-cabeça. Quem quer que tivesse mandado a mensagem não apenas sabia que Lexie estava grávida e que ele tinha o diário de Doris, mas também tinha a coragem de sugerir que ele descobriria algo que Lexie estava escondendo. Isso implicava, mais uma vez, que alguém quisesse que eles terminassem o relacionamento.

Mas quem? É claro que qualquer um na cidade poderia saber da gravidez de Lexie. Entretanto, poucos sabiam que o diário de Doris estava com ele e, fora Lexie, ele só conseguia se lembrar de uma pessoa que conhecia as informações contidas nele.

Doris.

Mas não fazia sentido. Para começar, fora Doris quem empurrara Lexie para ele. Fora Doris quem explicara o comportamento da neta, para que ele pudesse compreendê-la mais. Fora Doris, também, a pessoa com quem Jeremy conversara sobre o seu bloqueio como escritor.

Ele estava tão perdido nos próprios pensamentos que levou algum tempo até perceber que estavam batendo à porta. Atravessou o quarto e a abriu.

Lexie forçou um sorriso. Apesar da expressão corajosa, seus olhos estavam vermelhos e inchados, e ele percebeu que ela estivera chorando. Primeiramente, nenhum dos dois disse nada. Então...

– Oi – cumprimentou Lexie.

– Oi, Lex – respondeu ele.

Como Jeremy não se moveu na direção dela, Lexie olhou para o chão.

– Você deve estar imaginando por que eu estou aqui, certo? Esperei que você voltasse, mas você não voltou.

Quando Jeremy não respondeu, ela enfiou uma mecha de cabelos atrás da orelha.

– Só queria lhe dizer que sinto muito. Você tinha razão sobre tudo. Eu devia ter contado a você, o que eu fiz foi errado.

Jeremy a analisou bem antes de dar um passo para trás. Com essa permissão tácita, Lexie entrou no quarto e se sentou na cama. Jeremy se acomodou na cadeira em frente à escrivaninha.

– Por que você não me contou? – perguntou ele.

– Eu não planejava ir. Sei que você pode não acreditar, mas quando saí da casa de Doris, minha intenção era ir para casa e... sei lá... de repente achei que eu precisava conversar com o Rodney. Imaginei que talvez ele soubesse onde a Rachel poderia estar.

– E antes? – quis saber Jeremy. – Na calçada. Por que você não me falou sobre aquilo?

– Rodney é apenas um amigo e está passando por uma fase difícil. Eu imagino como você entendeu aquela cena, mas a nossa amizade vem de muito tempo e eu só queria dar apoio a um amigo.

Jeremy percebeu a maneira cuidadosa como ela evitava responder à pergunta. Ele se inclinou para a frente.

– Chega de jogos, certo, Lexie? – pediu, com a voz calma e séria. – Não estou com disposição para isso. Só quero saber por que você não me contou.

Lexie se virou na direção da janela, mas ele podia ver o reflexo da luz da lâmpada em seus olhos.

– Foi... difícil. Eu não queria me envolver, em primeiro lugar. E não queria envolver você. – Ela riu, com um tom de preocupação. – Mas acabei envolvendo, não foi? – Lexie balançou a cabeça e suspirou profundamente, antes de prosseguir. – O problema é que o Rodney e a Rachel têm brigado muito nos últimos tempos por minha causa.

A voz dela assumiu um tom mais suave.

– Rachel tem passado momentos difíceis porque eu e Rodney namoramos no passado. Mas, pior ainda, ela sabe como ele se sentia sobre mim. E é aí que está o problema. Rachel acha que Rodney ainda não me esqueceu e, segundo Rachel, ele ainda fala meu nome de vez em quando, em geral, nas horas erradas. Mas, se você conversa com o Rodney, ele diz que ela está exagerando. Era sobre isso que estávamos conversando na calçada.

– Ele ainda gosta de você?

– Não sei.

Quando Lexie viu a expressão de incredulidade no rosto de Jeremy, ela prosseguiu, muito depressa.

– Sei que parece uma desculpa, mas não sei o que dizer. Rodney ainda me ama? Sim, eu acho que sim, mas nós nos conhecemos desde crianças. A pergunta a que você quer que eu responda é se ele estaria namorando Rachel se nós não estivéssemos noivos, e tudo o que posso dizer é que eu acho que estaria, sim. Já lhe disse uma vez que sempre achei que eles foram feitos um para o outro. Mas...

A voz de Lexie sumiu, e sua testa estava franzida de preocupação.

– Você não tem certeza – Jeremy terminou a frase por ela.

Se ele fosse Lexie, também não teria certeza da resposta.

– Não. – E continuou ela: – Mas ele entende que estou noiva de outra pessoa. Ele aceita que nada vai acontecer entre nós dois e eu sei que ele gosta da Rachel. Mas ela é muito sensível em relação a mim e acho que, sem perceber, Rodney torna tudo mais complicado. Ele me disse que Rachel ficou com muita raiva dele certa tarde,

quando estavam no carro, porque ele olhou para a biblioteca. Ela o acusou de estar me procurando e eles passaram horas brigando. Ele explicou que era apenas um hábito, que não significava nada, e Rachel continuou a afirmar que ele nunca iria me esquecer e que estava dando desculpas. No dia seguinte, ele ainda estava chateado e passou lá na biblioteca para me pedir conselhos, então fomos até a calçada para conversar.

Ela se ajeitou na cama, dando um suspiro.

– E hoje à noite, como eu disse, simplesmente aconteceu. Como eu conheço os dois, como eu me importo com eles e quero que tudo dê certo, achei que deveria fazer alguma coisa para ajudar. Ou pelo menos ouvir quando um deles quisesse conversar comigo. Eu me sinto como se estivesse presa no meio de algo e não sei como sair ou o que fazer.

– Talvez você tenha agido certo em não me contar. Essas novelas do Sul não são as minhas favoritas.

Pela primeira vez desde que ela chegara, Jeremy se mostrou mais relaxado.

– Nem as minhas. Há momentos em que eu preferiria estar outra vez em Nova York, onde ninguém se conhece. Essas histórias parecem não ter fim e acabam ficando piores, porque eu fiz você se aborrecer. Fiz com que você suspeitasse de mim e, depois, piorei tudo tentando encobrir a história. Você não tem ideia de quanto me arrependo por ter agido dessa maneira. Isso nunca mais vai acontecer.

A voz de Lexie se tornou ainda mais suave e começou a titubear. Quando ela enxugou uma lágrima no canto do olho, Jeremy se levantou da cadeira e se sentou ao lado dela na cama. Quando tomou suas mãos, ela tremia e respirava com dificuldade.

– Ei – sussurrou ele. – Está tudo bem, não chore.

Essas palavras libertaram as emoções de Lexie, que baixou a cabeça e a colocou entre as mãos. Os suspiros eram profundos e pesados, como se ela os tivesse segurado por muito tempo e, quando ele a abraçou, o choro se tornou ainda mais intenso.

– Está tudo bem – sussurrou ele novamente.

– Não... está... não – respondeu ela, entre engasgos e soluços, com o rosto ainda enfiado nas mãos.

– Estou falando de verdade – disse ele. – Eu lhe perdoo.

– Não... você... não perdoa. Eu vi... como você estava… me olhando… na porta… quando eu cheguei.

– Naquele momento eu ainda estava chateado. Mas não estou mais.

Ela tremeu, com os olhos escondidos.

– Está, sim. Você... me odeia... Vamos ter um bebê e só sabemos... brigar... o tempo... todo.

*A situação não vai nada bem*, pensou Jeremy. Sentindo-se perdido, ele se lembrou das mudanças hormonais. Como a maioria dos homens, ele achava que os hormônios fossem explicação para qualquer explosão emocional, mas, naquele momento, parecia ser a mais pura verdade.

– Eu não odeio você. Só estava muito zangado, mas já passou.

– Eu não amo o Rodney... eu amo você...

– Eu sei.

– Eu nunca mais vou falar com o Rodney...

– Você pode falar com ele. Mas não na casa dele, está bem? E não fique de mãos dadas com ele, combinado?

Como se fosse possível, aquele comentário a fez chorar ainda mais.

– Eu sabia que você... ainda estava... com raiva de mim...

Lexie passou ainda meia hora chorando sem parar. No final, Jeremy decidiu que seria melhor não dizer mais nada e apenas negar que estivesse chateado. Qualquer outra coisa só pioraria a situação. Como uma criança depois de um violento colapso emocional, a cada trinta segundos ela tinha uma nova crise de soluços e seu rosto se contraía, como se fosse começar a chorar outra vez. Sem querer

correr o risco de provocar mais uma crise choro, Jeremy ficou sentado, em silêncio, enquanto ela tentava se recuperar.

– Uau! – exclamou ela, com a voz rouca.

– É mesmo – concordou ele. – Uau!

– Desculpe-me – pediu ela, parecendo tão aturdida quanto ele. – Não sei o que aconteceu comigo.

– Você chorou – respondeu Jeremy.

Ela lançou um olhar para Jeremy. Com os olhos inchados, o efeito sobre ele não foi o mesmo de sempre.

– Você descobriu alguma coisa sobre Rachel? – perguntou ele.

– Não muito. Exceto pelo fato de que Rodney tem certeza de que ela não foi embora hoje. Ele acha que foi ontem, depois do trabalho. Eles tinham brigado na quinta-feira à noite e, segundo Rodney, ela lhe disse que estava tudo acabado entre os dois e que nunca mais queria vê-lo. Mais tarde, quando ele passou na casa de Rachel, o carro dela não estava lá.

– Ele a estava seguindo? – provocou Jeremy, feliz por não ser o único.

– Não, ele queria acalmar a situação. Mas, de qualquer maneira, se ela saiu na sexta-feira depois do trabalho... sei lá, talvez planejasse passar o fim de semana fora. Mesmo assim, isso não explica por que ela não avisou à Doris de que não viria hoje de manhã e também não explica por que ela não disse aonde estava indo.

Jeremy refletiu um pouco, lembrando-se de que tanto Doris quanto Lexie disseram que Rachel nunca mencionara ter amigos fora da cidade.

– E ela não teria ido à praia ou algo parecido? Talvez quisesse ficar sozinha. Ou, ao menos, longe de Rodney por algum tempo.

– Quem sabe? – Lexie deu de ombros. – Mas, mesmo antes disso... sei lá. – Ela parecia se esforçar para escolher as palavras certas. – Ela vinha agindo de maneira estranha ultimamente, até comigo. Como se estivesse numa crise de meia-idade.

– Ela é muito nova para isso – observou Jeremy. – Como você disse, é provável que tenha a ver com o relacionamento dela com Rodney.

– Eu sei… mas é mais que isso. É como se ela estivesse guardando algum segredo. Normalmente, ela fala muito, mas, quando saímos para comprar o vestido de dama de honra, ela quase não falou. Como se estivesse escondendo alguma coisa.

– Vai ver ela já estava planejando esse fim de semana há algum tempo.

– Pode ser. Eu, não sei, de verdade.

Por um longo momento, nenhum dos dois disse nada. No silêncio, Lexie tentou segurar um bocejo, e ficou encabulada quando não conseguiu.

– Desculpe-me. Estou ficando cansada.

– Passar uma hora chorando causa isso.

– E estar grávida também – observou ela. – Tenho me sentido muito cansada ultimamente, e no trabalho eu fecho a porta para poder deitar a cabeça sobre a mesa.

– Ora, vá devagar. Você está carregando o meu bebê. Deveria ir para casa e dormir um pouco.

Lexie arqueou as sobrancelhas para Jeremy.

– Você quer ir comigo?

Ele pensou.

– Acho melhor não. Você sabe o que acontece quando eu passo a noite lá.

– Você quer dizer que a gente não dorme nem um pouquinho?

– Não consigo evitar.

Ela balançou a cabeça, concordando, mas com a expressão bastante séria.

– Tem certeza de que não está preferindo ficar aqui por causa...

– Não – ele a interrompeu com um sorriso. – Não estou zangado. Agora entendi o que estava acontecendo. Estou muito bem.

Ela o beijou e em seguida se levantou da cama.

– Está certo – disse ela, enquanto se espreguiçava.

Ele percebeu que a barriga de Lexie não se projetava para dentro como antes, e seu olhar parou ali por mais tempo.

– Pare de olhar para a minha gordura – reclamou ela, mostrando-se envergonhada.

– Você não está gorda – respondeu ele automaticamente, sentindo-se satisfeito. – Você está grávida, e está linda.

Ela o observou enquanto falava, e parecia não estar certa de que ele dissera a verdade sobre o motivo de ter resolvido ficar, mas, em seguida, achou melhor não recomeçar a conversa. Ele lhe deu um beijo, desejando-lhe boa noite, e a observou caminhar até o carro, rememorando a noite.

– Lexie?

Ela se virou.

– Sim?

– Esqueci de lhe perguntar. Você sabe se a Doris possui um computador?

– Doris? Não.

– Nem no escritório?

– Não – reiterou Lexie. – Ela é bastante antiquada. Acho que não sabe nem mesmo ligar um computador. Por quê?

– Por nada.

Ele percebeu, pelo semblante de Lexie, que ela estava confusa, mas não quis prosseguir com o assunto.

– Durma bem. Eu amo você.

– Também amo você – respondeu ela, com a voz fraca. Lexie abriu a porta do carro e se ajeitou ao volante.

Jeremy a observou enquanto ela ligava o motor, dava marcha a ré e pegava a estrada de cascalho, com as luzes traseiras desaparecendo à medida que ela ia se distanciando. Alguns minutos mais tarde, ele estava diante da escrivaninha, reclinado na cadeira, com os pés para cima.

Naquela noite muitas dúvidas tinham sido esclarecidas e tudo fazia o mais completo sentido. Suas suspeitas em relação a Rodney

estavam superadas – se é que ele realmente chegara a acreditar nelas –, mas ainda havia a questão dos e-mails.

Se Lexie falara a verdade, não fora Doris quem enviara as mensagens. Mas, então, quem tinha sido?

Sobre a escrivaninha, estava o diário de Doris e Jeremy pousou os olhos sobre ele. Quantas vezes ele pensara se deveria ou não ler aquelas anotações, na esperança de encontrar um assunto que pudesse se transformar em um artigo. Por alguma razão, ele evitara fazê-lo, mas pensou outra vez no mais recente e-mail:

*ela disse a verdade? leia o diário de doris. você descobrirá a resposta lá.*

Que verdade? O que ele poderia descobrir no diário da Doris? Que resposta ele deveria encontrar?

Jeremy não sabia. E também não tinha certeza de que quisesse saber. Entretanto, com a mensagem ainda viva na mente, ele pegou o diário.

# 10



Jeremy passou boa parte da semana seguinte estudando o diário.

Em sua maior parte, Doris fora meticulosa com as anotações. Ao todo, havia 232 nomes no diário, todos escritos à caneta. Outras 28 mulheres estavam listadas apenas pelas iniciais, embora Doris não tivesse escrito nada que justificasse o fato de elas não terem sido claramente nomeadas. Em geral, os pais eram identificados, mas nem sempre. Na maioria das vezes, ela incluíra a data da visita, uma estimativa do estágio da gravidez e a previsão do sexo do bebê. Em seguida, cada mãe assinava. Em três momentos, as mulheres sobre as quais Doris escrevera nem sabiam que estavam grávidas. Abaixo de cada previsão, ela tinha deixado um espaço no qual, posteriormente, anotara o nome e o sexo do bebê, às vezes usando uma caneta de cor diferente. De vez em quando, ela colocara, juntamente com suas anotações, o recorte do jornal que noticiara o nascimento. Como Lexie dissera a ele, Doris acertara todas as previsões – ao menos as que ela realmente fizera. Em 13 casos, Doris não fizera nenhuma previsão, fato que nem ela nem Lexie tinham mencionado. Nesses casos, Jeremy pressupôs, por meio das notas de Doris, que a mãe tivesse sofrido um aborto espontâneo.

As informações, listadas uma após a outra, pareciam misturadas:

19 de fevereiro de 1995, Ashley Bennet, 23 anos, doze semanas de gravidez.
Pai, Tom Harker. MENINO. *Ashley Bennett*
*Toby Roy Bennett, nascido no dia 31 de agosto de 1995.*

12 de julho de 1995, Terry Miller, 27 anos, nove semanas de gravidez. Muitos enjoos matinais. Segundo filho. MENINA. *Terry Miller*
*Sophie May Miller*, nascida no dia 11 de fevereiro de 1996.

Jeremy continuou a leitura, em busca de padrões, à procura de qualquer detalhe que fosse pouco comum. Leu todo o diário, entrada por entrada, meia dúzia de vezes. Lá pelo meio da semana, começou a se sentir inquieto, atormentado por uma sensação estranha, como se ele estivesse deixando algo escapar. Então releu o diário, e dessa vez de trás para a frente. Em seguida, leu tudo outra vez.

Era sexta-feira de manhã quando ele, enfim, encontrou. Em meia hora ele deveria buscar Lexie para fecharem a compra da casa e ainda não tinha feito as malas para a viagem a Nova York, mas tudo o que conseguia fazer era olhar fixamente para a anotação que Doris rabiscara com uma caligrafia trêmula.

28 de setembro de 1996: L.M.D, 28 anos, sete semanas de gravidez.
Trevor Newland, provável pai. Descoberto acidentalmente.

Nada mais estava escrito abaixo, o que significava que a mãe tinha sofrido um aborto.

Jeremy apertou o diário com força, sentindo uma súbita dificuldade para respirar. Apenas um nome, um que ele não reconhecera, mas cujas iniciais ele conhecia muito bem.

*L.M.D. Lexie Marin Darnell.*
Grávida do filho de outra pessoa. Outra mentira por omissão.

Outra mentira...

Os pensamentos de Jeremy se aceleraram diante daquela revelação. Lexie mentira ao omitir aquilo, assim como ao falar do tempo que passara com Rodney. Exatamente como fizera ao contar aonde fora depois de sair da casa da Doris... e antes disso, ao esconder a verdade sobre as luzes misteriosas no cemitério.

Mentiras e verdades ocultadas...

Um padrão?

Seus lábios se apertaram, formando uma linha sombria. Quem era ela? Por que estava fazendo aquilo? E por que cargas-d'água não dissera nada? Isso ele teria entendido.

Ele não sabia se devia ficar zangado ou magoado. Ou ambos. Precisava de tempo para refletir, porém um problema se impunha: não havia tempo. Logo, ele e Lexie seriam proprietários de uma casa e em uma semana estariam casados. Alvin estivera certo durante todo o tempo. Ele não a conhecia, jamais conhecera. E também não confiava nela de olhos fechados, Jeremy percebeu de repente. Sim, ela tinha falado de suas desilusões e, isoladamente, cada uma delas fora explicada. Mas esses acontecimentos seriam recorrentes? Ele teria de viver com verdades distorcidas? Ele *conseguiria* viver dessa maneira?

E quem enviara as mensagens? Mais uma vez, voltamos a elas, certo? O conhecido a quem ele pedira que rastreasse os e-mails misteriosos tinha telefonado no início da semana para dizer que o e-mail provavelmente havia sido enviado de fora da cidade e que, em breve, ele talvez tivesse uma resposta. O que queria dizer... *o quê*?

Jeremy não sabia. E não tinha tempo para descobrir. A reunião com o advogado para que fechassem a compra da casa estava marcada para dali a vinte minutos. Será que ele deveria adiar a compra? Ele conseguiria, ainda que o quisesse?

Ele tinha muito em que pensar, muito a fazer.

Agindo como se tivesse ligado o piloto automático, saiu do seu quarto na hospedaria. Dez minutos mais tarde, com os

pensamentos em turbilhão, estacionou na frente da casa de Lexie. Viu um movimento através da janela, e ela surgiu na varanda.

Sem prestar muita atenção, ele percebeu que ela se vestira especialmente para a ocasião. Estava usando um conjunto de calça social e blazer, com uma blusa azul-clara por baixo. Enquanto descia as escadas, sorriu e acenou para Jeremy. Por um instante, era fácil esquecer que ela estava grávida.

Grávida...

*Exatamente como antes.* Essa percepção trouxe de volta à superfície o sentimento de raiva, mas ela não demonstrou ter percebido nada quando entrou no carro.

– Oi, amor, tudo bem? Eu estava achando que a gente não chegaria a tempo.

Ele não conseguia responder. Não conseguia olhar para ela. Não tinha certeza nem se queria confrontá-la naquele momento ou se preferia esperar até que tivesse mais tempo para processar o significado de tudo aquilo.

Ela colocou a mão sobre o ombro de Jeremy.

– Tudo bem com você? – arriscou ela. – Você parece distraído.

Ele apertou o volante, tentando manter o controle.

– Só estou pensando.

Ela o observou ao perguntar:

– Quer falar sobre o assunto?

– Não – respondeu ele.

Ela continuou a observá-lo, sem saber se deveria se preocupar. Depois de alguns instantes, Lexie se ajeitou no assento do carro e colocou o cinto de segurança.

– Não é emocionante? – disse ela, tentando, ao mesmo tempo, mudar de assunto e tornar o ambiente mais leve. – Nossa primeira casa. Precisamos comemorar depois de assinar os papéis. Quem sabe não poderíamos almoçar antes de você ir ao aeroporto? Além do mais, vou ficar dois dias longe de você.

Jeremy trocou a marcha e seguiu em frente.

– Pode ser.

– Isso que é entusiasmo.

Ele fingiu estar atento à estrada, e suas mãos apertavam com força o volante.

– Eu disse que pode ser.

Lexie balançou a cabeça em sinal de desaprovação, e se virou para a janela.

– Muito obrigada – resmungou ela.

– O que foi? Agora, *você* está com raiva?

– Só não estou entendendo por que você está tão mal-humorado. Era para você estar muito entusiasmado. Vamos comprar uma casa, você vai para a sua despedida de solteiro. Devia estar feliz. No entanto, está agindo como se estivesse indo a um funeral.

Jeremy abriu a boca para dizer alguma coisa, mas pensou melhor e ficou calado. Se tivessem uma briga naquele momento, jamais acabariam antes de chegar ao escritório do advogado, ele tinha certeza. Não queria tornar o assunto público nem sabia como começar. Mas eles discutiriam a situação mais tarde. Sem a menor sombra de dúvida.

Passaram o resto do caminho em silêncio e, a cada minuto, o ambiente ficava mais pesado. Quando chegaram e avistaram a Sra. Reynolds à espera deles na porta do escritório, Lexie não demonstrou nenhuma vontade de olhar para Jeremy. Assim que o carro parou, abriu a porta, saiu e se encaminhou até a corretora sem esperar.

*Ótimo. Ela está com raiva? Bem-vinda ao clube, minha querida!*, ele pensou. Jeremy fechou a porta e caminhou devagar atrás de Lexie, não demonstrando nenhuma vontade de andar ao lado dela.

– Então, hoje é o grande dia – comentou a Sra. Reynolds, sorrindo, ao ver Lexie se aproximar. – Vocês estão prontos?

Lexie balançou a cabeça concordando. Jeremy continuou em silêncio. A Sra. Reynolds olhou para Lexie, em seguida para Jeremy, e depois para Lexie outra vez. O sorriso que havia em seu rosto se desvaneceu. Ela já vivera o bastante para reconhecer uma briga quando estava diante de uma. Comprar uma casa era algo

estressante e as pessoas reagiam de maneiras diferentes. Mas não era problema dela. O que *competia* a ela era fazer com que os dois entrassem e assinassem os documentos, antes que a discussão se transformasse em algo capaz de cancelar a compra.

– Sei que eles já estão nos esperando – comentou ela, fingindo não perceber a expressão emburrada do casal. – Ficaremos na sala de conferências. – Ela deu um passo na direção da porta. – É por aqui. Vocês estão fazendo um negócio da China. Quando a casa ficar pronta, vocês serão os proprietários de uma mansão cinematográfica.

Ela segurou a porta aberta, esperando alguma reação.

– No final do corredor – insistiu ela. – É a segunda porta à esquerda.

Assim que todos entraram, a Sra. Reynolds passou na frente deles, forçando-os a segui-la. Eles o fizeram, mas quis o destino que o advogado não estivesse na sala.

– Sentem-se. Tenho certeza de que ele deve ter saído por um minutinho. Vou verificar onde ele está, ok?

Lexie e Jeremy se sentaram numa posição diagonal, enquanto a Sra. Reynolds saía de cena. Jeremy pegou um lápis e começou a batê-lo sobre a mesa, distraidamente.

– O que há com você hoje? – perguntou Lexie, finalmente.

Jeremy percebeu o tom de desafio na voz dela, mas não respondeu.

– Você não vai falar comigo?

Lentamente, ele levantou a cabeça e olhou nos olhos da noiva.

– Conte o que aconteceu a Trevor Newland – pediu ele, em voz baixa. – Ou seria melhor chamá-lo de Sr. Renaissance?

Lexie arregalou um pouco os olhos e já ia responder quando a Sra. Reynolds reapareceu, acompanhada do advogado. Eles se sentaram à mesa e o advogado abriu a pasta diante deles.

O advogado começou a explicar os procedimentos, mas Jeremy mal ouvia. Em vez disso, sua mente buscava imagens do passado. A última vez em que estivera em uma sala daquelas foi quando

finalizara o divórcio com Maria. Tudo parecia igual, desde a grande mesa de cerejeira cercada de cadeiras estofadas até as prateleiras repletas de livros jurídicos e as enormes janelas que deixavam a luz do sol entrar.

Nos minutos seguintes, o advogado explicou o contrato página por página. Expôs todos os números, os totais relacionados com o empréstimo bancário, a inspeção da casa, a avaliação e os impostos. O número, de repente, lhe pareceu esmagador, assim como o fato de que teria de passar os próximos trinta anos pagando pela casa. Com uma sensação ruim no estômago, Jeremy assinou onde era preciso e, em seguida, passou os papéis para Lexie. Nenhum dos dois fez perguntas, nenhum dos dois atrapalhou o processo. Em determinado momento, Jeremy percebeu que o advogado trocou olhares com a Sra. Reynolds, que nada mais fez além de dar de ombros.

O advogado montou três conjuntos de documentos: um para o vendedor, um para ser arquivado e um para Lexie e Jeremy. Ele entregou um conjunto a Jeremy, que o pegou enquanto se levantava da cadeira.

– Parabéns – disse o advogado.

– Obrigado – respondeu Jeremy.

Enquanto a Sra. Reynolds conduzia Jeremy e Lexie até a porta, o silêncio era total. Quando chegaram à rua, ela também cumprimentou o casal antes de seguir apressadamente para seu automóvel.

Na rua, sob a luz do sol, nenhum dos dois sabia o que dizer, até que Lexie, finalmente, quebrou o silêncio.

– Podemos ir até a casa? – pediu.

Jeremy a observou bem antes de responder.

– Você não acha que, primeiro, precisamos conversar?

– A gente conversa quando chegar lá.

Assim que saíram do carro Jeremy viu os balões amarrados a um poste perto da porta de entrada e a faixa de boas-vindas sob os balões. Ele olhou para Lexie.

– Coloquei os balões e a faixa hoje de manhã – explicou ela. – Achei que seria uma boa surpresa.

– E é. – Jeremy sabia que devia dizer algo mais, mas ficou quieto.

Lexie balançou a cabeça, um movimento leve, quase imperceptível, mas extremamente eloquente. Sem falar nada, ela abriu a porta do carro e saiu. Jeremy a observou andar até a casa, percebendo que ela não esperou por ele nem olhou para trás.

Ele sentiu que ela estava tão decepcionada com ele quanto ele estava com ela, que a raiva dele espelhava a dela. Ele sabia o que acontecera a Trevor Newland e ela sabia que ele sabia.

Mesmo assim, ela parecia não querer falar no assunto.

Jeremy saiu do carro. Lexie já estava em pé, na porta da frente, de braços cruzados, olhando para o lado oposto ao dele, na direção de um antigo bosque de ciprestes. Jeremy foi até ela, percebendo o barulho que os próprios passos faziam. Ao chegar próximo à varanda, parou.

A voz de Lexie era quase um sussurro.

– Eu tinha pensado em tudo, sabe? Para o dia de hoje. Estava tão animada quando comprei os balões e a faixa e tinha tudo planejado na minha cabeça. Depois que fechássemos o negócio, eu iria sugerir um piquenique e pegaríamos sanduíches e refrigerantes no Alecrim e eu o surpreenderia trazendo-o até aqui. Até a nossa casa, em nosso primeiro dia como proprietários. Pensei que nos sentaríamos na varanda dos fundos e... sei lá, ficaríamos emocionados por saber que um dia como esse nunca mais aconteceria. – Ela fez uma pausa. – Não vai ser assim, não é?

As palavras de Lexie o fizeram sentir certo arrependimento por suas atitudes, mas só por alguns instantes. Porém nada daquilo era culpa de Jeremy, que apenas tinha descoberto algo sobre Lexie que ela não lhe contara, por não ter confiado nele o suficiente. E ele queria explicações.

Ele a ouviu respirar fundo antes de encará-lo.

– Por que você quer saber sobre Trevor Newland? Já lhe falei sobre ele. Ele apareceu na cidade durante um verão há alguns anos, tivemos um namorico e ele foi embora. Só isso.

– Não foi isso que eu perguntei. Eu perguntei o que aconteceu.

– Não entendo por que isso é importante – respondeu ela. – Eu gostava dele e ele foi embora e eu nunca mais o vi. Nunca mais ouvi falar dele.

– Mas alguma coisa aconteceu – pressionou Jeremy.

– Por que você está fazendo isso? Eu tinha 31 anos antes de nos conhecermos, Jeremy. Não vivia isolada, não passei a vida escondida no sótão. É verdade, eu namorei outras pessoas antes de você aparecer, certo? E é verdade que eu gostei de algumas dessas pessoas, também. Mas você também fez isso, e eu não fico perguntando sobre Maria ou suas antigas namoradas. Não sei o que está acontecendo com você ultimamente. É como se eu tivesse de pisar ovos quando tratamos de qualquer assunto, para não ofendê-lo. Sim, talvez eu devesse ter lhe contado sobre o Trevor, mas, do jeito que você vem agindo nos últimos tempos, acabaríamos brigando.

– Do jeito que eu tenho agido?

– Sim – respondeu ela, levantando a voz. – Um pouco de ciúme é normal, mas isso é ridículo. Primeiro Rodney, agora Trevor? Onde isso vai parar? Você vai me perguntar o nome de cada namorado que eu tive na faculdade? Vai querer todos os detalhes? Quando é que isso vai acabar?

– Isso não tem nada de ciúme! – respondeu ele, abruptamente.

– Não? Então é sobre o quê?

– É sobre confiança.

– Confiança? – A expressão no rosto dela era de incredulidade. – Como é que eu posso confiar em você, se você não confia em mim? Durante toda esta semana, tive medo de dizer “oi” para o Rodney, principalmente depois que a Rachel voltou, por medo do que você poderia pensar. Até agora não sei aonde ela foi ou o que está

acontecendo na vida dela, mas tenho feito o maior esforço para que você se sinta feliz, por isso não tive nem tempo de perguntar. Mas quando eu começo a achar que está tudo voltando ao normal entre nós, você vem com perguntas sobre Trevor. É como se você estivesse procurando desculpas para arranjar uma briga, e eu estou cansada disso.

– Não me culpe pelo que está acontecendo – respondeu Jeremy. – Não sou eu que vive escondendo segredos.

– Eu não estou escondendo nada.

– Eu li o diário da Doris – retrucou Jeremy. – Eu vi suas iniciais lá.

– Do que você está falando?

– Do diário – repetiu ele. – Está bem ali, nas anotações dela, que LMD estava grávida, mas que Doris não podia dizer o sexo do bebê. Que, para Doris, isso queria dizer que a mãe poderia abortar. L-M-D, Lexie Marin Darnell! Era você, não era?

Lexie engoliu em seco, sem esconder sua perplexidade.

– Isso estava no diário?

– Estava, assim como o nome de Trevor Newland.

– Espere... – disse ela, a perplexidade ainda mais evidente.

– Apenas me conte – exigiu ele. – Vi suas iniciais. Vi o nome dele, e juntei dois mais dois. Você estava grávida, não estava?

– E daí? – gritou ela. – Que importância tem isso?

– Fico triste em saber que você não confiou em mim o suficiente para me contar. Estou cansado desses segredos entre nós.

Lexie o interrompeu antes que ele tivesse chance de terminar.

– Fica triste? Alguma vez você parou para pensar sobre os meus sentimentos quando viu o diário? Que eu posso ter sofrido? Que talvez eu não tenha contado por não querer me lembrar do que aconteceu? Que foi um período terrível da minha vida e que eu nunca mais queria revivê-lo? Não tem nenhuma relação com confiança. Não tem nada a ver com você. Eu fiquei grávida. Perdi a criança. E daí? As pessoas cometem erros, Jeremy.

– Você não está entendendo o que eu estou querendo dizer.

– E o que você quer dizer? Que queria arranjar outra briga hoje de manhã e estava procurando alguma desculpa? Bem, você conseguiu encontrar uma. Portanto, parabéns! Mas estou ficando cansada. Sei que você está estressado, mas isso não lhe dá o direito de descontar em mim.

– O que isso quer dizer?

– A sua incapacidade de escrever – retrucou ela, levantando as mãos. – Esse é o problema e você sabe muito bem! Você não está conseguindo escrever e está descontando em mim, como se fosse minha culpa. Você exagera tudo e eu é que estou pagando o pato. Um amigo está com problemas, eu vou lá e converso com ele e, de repente, é porque não confio em você. Eu não conto que sofri um aborto há quatro anos e é porque eu não confio em você. Estou cansada de me sentir responsável porque você não consegue escrever um artigo.

– Não ponha a culpa em mim. Fui eu que fiz o sacrifício de me mudar para cá...

– Está vendo? É exatamente a isso que estou me referindo! Você fez o *sacrifício*. – Ela praticamente cuspiu a última palavra. – É exatamente assim que você vem agindo! Como se tivesse arruinado a sua vida inteira porque se mudou para cá.

– Eu não disse isso.

– Não, mas foi o que quis dizer! Você está estressado porque não consegue escrever e desconta em mim! Eu não tenho culpa! E você alguma vez parou para pensar que eu também estou estressada? Eu fiz todos os planos do casamento! Assumi a reforma da casa! Tenho feito tudo isso carregando uma criança na barriga! E o que recebo em troca? “Você não me disse a verdade.” Mesmo se eu tivesse lhe contado tudo, você teria achado outro motivo para ficar com raiva de mim! Nada do que eu faço presta mais. É como se você tivesse se transformado em uma pessoa que eu nem conheço.

Jeremy sentiu que a raiva lhe subia à cabeça outra vez.

– É porque você acha que tudo o que eu faço está errado. Não sei me vestir, não sei pedir a comida certa no restaurante, não sei

comprar o carro certo, nem pude escolher a casa em que vou morar. Você é quem toma todas as decisões, minhas ideias não valem nada!

Os olhos dela brilharam de raiva.

– Isso é porque eu penso na família. Você só pensa em si mesmo!

– E você? – berrou ele. – Eu tive de abandonar minha família porque você não podia fazer isso. Moro em um hotel de quinta categoria, cercado de animais mortos, porque você não quer que as pessoas façam comentários sobre nós! E eu, não você, é que pago por tudo o que você quer.

– Dinheiro? Você está com raiva por causa do dinheiro também?

– Eu estou quase falido e você nem percebe! Podíamos ter esperado mais um pouco para fazer uma parte da reforma! E não precisávamos de um berço de quinhentos dólares! Não precisávamos de um armário cheio de roupas! A criança ainda nem nasceu! – Ele jogou as mãos para cima. – Portanto, você pode ver o motivo de eu estar estressado por não conseguir escrever: é assim que eu pago as coisas que você quer e não consigo fazer isso aqui. Neste lugar não acontece nada, aqui não tem energia, não tem nada!

Quando Jeremy terminou de falar, eles se entreolharam por um longo tempo, em silêncio.

– É isso que você pensa de verdade? Que *não tem nada aqui*? E eu e o bebê? Nós não significamos nada?

– Você sabe muito bem o que eu quis dizer.

Lexie cruzou os braços.

– Não sei, não. Por que você não me conta?

Jeremy balançou a cabeça, sentindo-se repentinamente exausto. Ele só queria que ela ouvisse. Sem dizer nem uma única palavra, foi andando em direção ao carro, mas pensou bem e decidiu deixá-lo lá. Lexie precisaria dele para voltar. Ele daria um jeito mais tarde. Tirou as chaves do bolso e atirou-as perto de um dos pneus. Encaminhou-se para a estrada e nem sequer olhou para trás.

# 11



Horas depois, ele estava sentado numa poltrona na casa dos pais, no Queens, olhando fixamente para a janela. No início daquela mesma tarde, ele pedira o carro de Doris emprestado para ir à hospedaria trocar de roupa e fazer a mala e, em seguida, correr para o aeroporto. Observando a expressão no rosto dele, Doris não fez nenhuma pergunta. No caminho, Jeremy reviveu aquela discussão uma centena de vezes.

No início, não fora difícil ficar zangado com Lexie, pela maneira como ela distorceu os fatos a seu favor, mas, à medida que os quilômetros ficavam para trás e suas emoções serenavam, ele começou a pensar se ela não estaria certa. Não em todos os pontos – ela também fora responsável pelo nível ao qual a discussão chegara –, mas, por certo, em alguns deles. Ele realmente estava com raiva da falta de confiança de Lexie, ou estava mesmo descontando nela a angústia de não conseguir escrever? Para ser honesto, ele precisava admitir que sua ansiedade fazia parte da equação, mas ela não estava somente ligada ao trabalho. Havia também a questão dos e-mails.

Mensagens com o propósito de fazê-lo questionar se era de fato o pai da criança. Que tinham o objetivo de fazê-lo suspeitar de Lexie. E que pareciam ter alcançado seu objetivo. Mas quem as teria enviado?

Quem sabia da gravidez de Lexie? Doris, é claro, o que fazia dela a opção mais lógica. Mas Jeremy não conseguia enxergá-la como alguém que tivesse esse tipo de atitude e, segundo Lexie, ela nem sabia usar um computador. A pessoa que enviara os e-mails era perita no assunto.

Em seguida, havia Lexie. Ele se lembrou da expressão dela quando ouviu que o seu nome constava no diário de Doris. A menos que a expressão confusa fosse uma farsa, ela nem sabia que seu nome estava lá. Doris teria comentado com Lexie que sabia daquela gravidez? Lexie teria comentado com Doris? Dependendo da data do aborto, elas podiam nem ter conversado sobre o assunto.

Então, quem sabia?

Ele fez uma ligação para seu amigo, o tal hacker, e deixou um recado dizendo que era urgente e que ele realmente precisava da informação. Antes de desligar, pediu ao amigo que ligasse para o celular dele assim que descobrisse alguma coisa.

Em menos de uma hora ele estaria a caminho de sua despedida de solteiro, mas não se sentia muito disposto. Por melhor que fosse passar algumas horas com Alvin, ele não gostaria de conversar sobre esse assunto. Aquela noite deveria ser de divertimento puro, mas, naquele momento, parecia impossível se divertir.

– Você não devia estar se arrumando?

Jeremy viu o pai saindo da cozinha.

– Já estou pronto – respondeu.

– Mas que camisa é essa? Você parece um lenhador.

Na pressa para fazer as malas e sair da cidade – e percebendo que a roupa que usara para ir ao advogado estava coberta de suor –, Jeremy pegara a camisa de flanela xadrez. Olhando para baixo, ele se perguntou se seria um esforço inconsciente para admitir que Lexie tinha razão.

– Você a acha feia?

– É, no mínimo, diferente – respondeu o pai. – Você comprou lá no Sul?

– Lexie me deu.

– É melhor você conversar com ela sobre moda. Eu até poderia ficar bem numa camisa dessas, mas está horrível em você. Principalmente se vai sair à noite.

– Vou pensar.

– Faça o que achar melhor – disse o pai, sentando-se no sofá. – E aí, o que está acontecendo? Brigou com a Lexie antes de viajar?

Jeremy levantou as sobrancelhas. Primeiro o prefeito, agora o pai. Será que ele era tão transparente assim?

– Por que você me perguntou isso? – quis saber.

– Pelo seu modo de agir. Ela ficou com raiva por causa da despedida de solteiro?

– Não, de jeito nenhum.

– Porque algumas mulheres ficam furiosas. É claro que elas dizem que não tem problema, mas, lá no fundo, não gostam da ideia de seus noivos babando por belas mulheres.

– Não vai ser esse tipo de festa. Eu disse a Alvin que não queria nada disso.

O pai se ajeitou no sofá.

– Então, qual o motivo da briga? Você quer falar sobre isso?

Jeremy pensou bastante e achou melhor não falar nada.

– Acho que não. É particular.

O pai balançou a cabeça, demonstrando compreender.

– Aliás, essa é sempre uma boa ideia. Pode acreditar. Os motivos das brigas entre um casal devem sempre permanecer entre os dois. Caso contrário, vira um inferno. Mas isso não quer dizer que eu não possa lhe dar algum conselho, não é?

– Isso nunca o impediu.

– Todos os casais brigam. É disso que você tem de se lembrar.

– Eu sei.

– É, mas você está pensando que vocês brigam mais do que deveriam. Eu não posso lhe dizer se isso é verdade ou não, mas conheci aquela mocinha quando ela veio nos visitar e posso lhe dizer que ela serve para você e que você é um idiota se não tentar resolver esses problemas, sejam eles quais forem. Ela é especial e

sua mãe acha que você tirou a sorte grande. Aliás, todo mundo aqui acha o mesmo.

– Vocês nem a conhecem. Só a viram uma vez.

– Você sabia que ela escreve para a sua mãe toda semana desde que esteve aqui? E para as suas cunhadas?

O rosto de Jeremy revelou surpresa.

– Foi o que pensei – disse o pai. – E telefona sempre, também. E manda fotografias. Sua mãe já a viu com o vestido de noiva, já viu o bolo, a reforma da casa. Ela até mandou uns cartões-postais do farol, para que sua mãe visse como é. Nós sentimos que somos parte do que está acontecendo. Sua mãe mal pode esperar para ir até lá e elas poderem passar mais tempo juntas.

Jeremy se manteve em silêncio.

– Por que eu não sei nada disso? – perguntou ele, afinal.

– Não sei. Talvez ela quisesse fazer uma surpresa no casamento e sinto muito se a estraguei. Mas, o que quero dizer é que a maioria das pessoas não age dessa maneira. Ela sabia que sua mãe não estava muito satisfeita por você ir embora, mas não tomou isso como pessoal. Muito pelo contrário, fez de tudo para melhorar a situação. É preciso ser uma pessoa muito especial para se preocupar dessa maneira.

– Não acredito – murmurou Jeremy, achando que Lexie era mesmo cheia de surpresas. Mas aquela era uma das boas.

– Sei que você já foi casado, mas esse é um recomeço. Se existe algo de que você não pode se esquecer é de ter uma visão global. Quando as coisas ficam difíceis, você deve lembrar a si mesmo por que você se apaixonou por ela. Ela é uma mulher especial e você teve sorte em encontrá-la, da mesma forma como ela teve sorte em encontrar você. A Lexie tem um coração de ouro, e isso não é algo que se possa fingir.

– Por que estou com a impressão de que você está do lado dela e acha que a briga foi culpa minha?

– Porque conheço você desde que nasceu – respondeu o pai, piscando. – Você sempre foi bom em arranjar uma briga. O que

você acha que faz quando escreve seus artigos?

Apesar de tudo, Jeremy riu.

– E se você estiver errado sobre mim? E se for culpa dela?

O pai deu de ombros.

– Bem, eu diria que quando um não quer dois não brigam. Imagino que os dois estejam certos e que os dois estejam errados. É assim com todas as brigas. As pessoas são o que são, ninguém é perfeito, mas casamento significa formar um time. Vocês vão passar o resto da vida aprendendo um sobre o outro e, de vez em quando, a coisa explode mesmo. Mas a beleza do casamento é que, se você escolheu a pessoa certa, se os dois se amam, sempre encontrarão uma maneira de resolver as questões.



Mais tarde, naquela mesma noite, Jeremy estava recostado contra a parede do apartamento de Alvin, com uma cerveja na mão, analisando o grupo de amigos, muitos do quais assistiam à televisão. Alvin era fã de Allen Iverson, o grande jogador de basquete do Philadelphia 76ers, e quis o destino que o time de Allen estivesse jogando contra os Hornets nas eliminatórias. Embora a maioria dos convidados preferisse estar vendo os Knicks, o time já tinha jogado na quarta-feira. Mesmo assim, todos estavam ao redor da televisão, usando a despedida de solteiro como desculpa para assistir ao jogo com uma animação que suas esposas não costumavam permitir em casa. Se é que tinham esposas. Jeremy não tinha muita certeza em relação a alguns deles, que tinham o corpo coberto de tatuagens e piercings, assim como Alvin. Mas pareciam se divertir. Alguns estavam bebendo desde que chegaram ali e já falavam com a voz arrastada. De vez em quando, alguém se lembrava do motivo que os levara até o apartamento de Alvin e ia falar com Jeremy.

– Está se divertindo? – perguntava um deles. – Quer que eu pegue outra cerveja para você?

– Estou bem, obrigado – respondia Jeremy.

Embora não visse aquele pessoal havia dois meses, poucos demonstravam vontade de saber suas novidades, o que fazia sentido, já que a maioria era mais amiga de Alvin que dele. Na verdade, ao observar a sala, ele percebeu que não conhecia metade das pessoas presentes, fato que achou engraçado, uma vez que aquela era a festa dele. Jeremy teria ficado satisfeito em passar a noite com Alvin, Nate e seus irmãos, mas o amigo era conhecido por aproveitar qualquer oportunidade para se divertir. E Alvin parecia estar se divertindo bastante, em especial levando-se em consideração que seu time estava vencendo. Ele estava entre os que gritavam e torciam cada vez que o 76ers marcava. Assim como os irmãos de Jeremy. Somente Nate, que nunca fora fã de esportes, parecia desinteressado do jogo: ele estava ocupado, enchendo o prato com mais uma fatia de pizza.

A festa começou animada. Assim que chegou, Jeremy foi saudado como se tivesse acabado de voltar da guerra. Os irmãos logo o rodearam e o bombardearam com perguntas sobre Lexie, Boone Creek e a casa. Nate trouxera uma lista de histórias que Jeremy poderia escrever, todas referentes ao uso cada vez mais popular da astrologia nos investimentos. Ele ouviu com atenção, fazendo anotações mentais, e admitiu para si mesmo que aquele era um assunto bastante original para uma coluna, se não um artigo. Agradeceu a Nate, com a promessa de pensar no assunto. Não que isso fosse resolver alguma coisa.

Mas até que estava sendo fácil esquecer os problemas ali. A distância tinha o poder de fazer com que as dificuldades da vida em Boone Creek parecessem cômicas. Quando contou aos irmãos sobre a reforma da casa, eles não pararam de rir da descrição que ele fizera dos operários, e Jeremy também achou divertido. Eles morreram de rir quando Jeremy contou que Lexie o obrigara a ficar na hospedaria e imploraram a ele que tirasse fotos do quarto, de modo que pudessem ver as criaturas empalhadas. Queriam também uma foto de Jed que, durante a conversa, adquiriu proporções

míticas em suas mentes. E suplicaram, como Alvin também fizera, que mandasse notícias assim que fosse caçar.

Com o tempo, eles foram atraídos pela televisão, como os demais, e entraram no espírito da noite. Jeremy se sentiu satisfeito observando a distância.

– Bela camisa – comentou Alvin enquanto se aproximava.

– Já sei – respondeu Jeremy. – Você já me disse isso duas vezes.

– E vou continuar a dizer. Não quero nem saber se foi ou não a Lexie que comprou. Você está parecendo turista.

– E daí?

– E você ainda pergunta? Nós vamos sair hoje à noite. Vamos destruir esta cidade e nos divertir à beça, em homenagem às suas últimas noites de solteiro, e você está vestido como se tivesse passado a tarde inteira ordenhando vacas. Nem parece você.

– É meu novo eu.

– Não era você mesmo que estava reclamando da camisa? – perguntou Alvin, rindo.

– Acho que aprendi a gostar.

– Você realmente aprendeu muitas coisas. Mas preciso lhe dizer que meus amigos estão morrendo de rir.

Jeremy ergueu o copo e bebeu mais um gole. Havia uma hora que ele estava segurando aquele copo e a cerveja já estava quente.

– Isso não me incomoda nem um pouco. Metade deles está com camisetas compradas em shows de bandas de rock e a outra metade está usando couro. Eu ficaria diferente de todos, independentemente do que estivesse vestindo.

– Isso até pode ser verdade – respondeu Alvin, com um sorriso forçado no rosto. – Mas observe a energia que estão trazendo à sua festa. Não posso nem imaginar ter de passar a noite inteira só com Nate por perto.

Jeremy procurou seu agente, que estava do outro lado da sala. Usando um terno apertado, com a careca brilhando de suor e um respingo de molho de tomate no queixo, Nate parecia mais

deslocado que Jeremy. Ao perceber que Jeremy o observava, acenou com um pedaço de pizza.

– É verdade, e isso me lembra... obrigado por convidar seus amigos para a minha despedida de solteiro.

– E quem eu iria convidar? Tentei falar com o pessoal da revista, mas eles não demonstraram interesse. Todas as outras pessoas que me vieram à cabeça, fora seus irmãos, eram mulheres. Nunca percebi que você era um ermitão enquanto vivia aqui. Além disso, essa é só a pré-festa, que vai nos deixar no ponto para a noite.

– Tenho medo de perguntar o que você planejou para mais tarde.

– Não se preocupe. É surpresa.

Um barulho veio do grupo que, diante da televisão, comemorava. Copos de cerveja eram passados de mão em mão, enquanto eles vibravam com a reprise de Iverson fazendo uma cesta de três pontos.

– Ah, Nate já falou com você? – perguntou Alvin.

– Já, por quê?

– Porque não quero que ele estrague a noite falando sobre seus artigos o tempo todo. Sei que esse é um assunto delicado para você agora, mas teremos de deixá-lo para trás quando entrarmos na limusine.

– Isso não será problema – mentiu Jeremy.

– Ah, sei. É por isso que você está aqui, grudado nesta parede, em vez de estar assistindo ao jogo, né?

– Estou me preparando para a noite.

– Parece mais que você está se controlando para não se meter em encrenca. Se não tivesse certeza disso, acharia que você ainda está na primeira cerveja.

– E daí?

– Como assim, e daí? É a sua despedida de solteiro, cara! Você tem permissão para perder a linha. Na verdade, você precisa se soltar. Que tal eu pegar outra cerveja para você e então começamos a nos divertir de verdade?

– Estou bem – insistiu Jeremy. – Estou me divertindo.

Alvin analisou o amigo.

– Você mudou – concluiu.

*Sim, mudei mesmo*, pensou Jeremy. Mas não disse nada.

Alvin balançou a cabeça.

– Sei que você vai se casar, mas...

Quando ele se interrompeu, Jeremy o encarou.

– Mas o quê?

– Isso – respondeu Alvin. – Tudo isso. Seu modo de se vestir, de agir... É como se eu não soubesse mais quem você é.

Jeremy deu de ombros.

– Talvez eu esteja amadurecendo.

Alvin começou a arrancar o rótulo de sua garrafa de cerveja, enquanto respondia.

– É, pode ser.



Quando o jogo acabou, a maioria dos amigos de Alvin permaneceu perto da comida, fazendo questão de comer até o último pedaço de pizza, quando Alvin finalmente os expulsou dali. Depois, Jeremy desceu as escadas atrás de Alvin, de Nate e dos irmãos, e todos ficaram esperando a limusine. No carro havia outra caixa de cerveja gelada e até Nate já estava entrando no clima. Ele, porém, não era muito resistente ao álcool – ficava tonto depois de apenas três copos – e já estava com as pálpebras arriadas enquanto falava com Jeremy:

– Clausen. Você precisa escrever outra história como aquela que fez com Clausen. É isso que você precisa descobrir. Precisa matar um leão por dia. Está me entendendo?

– Matar um leão – repetiu, Jeremy, tentando ignorar o bafo de bebida. – Entendi.

– Isso mesmo. É isso que você precisa fazer.

– Eu sei.

– Mas tem de ser um leão.

– É claro.

– Um leão. Entendeu?

– Uma juba, dentes fortes, carnívoro. Leão. Entendi.

Nate balançou a cabeça, concordando.

– Agora você está pensando.

Dentro do carro, Alvin se adiantou para dar instruções ao motorista. Poucos minutos depois, o automóvel parou e os irmãos de Jeremy entornaram o resto das cervejas antes de se arrastarem para fora.

Jeremy foi o último a sair e percebeu que estavam no mesmo bar em que ele estivera para comemorar sua apresentação no programa *Ao Vivo no Horário Nobre*, em janeiro. Com um longo balcão de granito e efeitos de iluminação, o lugar era elegante e estava tão cheio quanto naquele dia.

Do outro lado das janelas de vidro, parecia só haver lugar em pé.

– Achei que você gostaria de começar por aqui – disse Alvin.

– E por que não? – concordou Jeremy.

– Ei! Estou reconhecendo este lugar. Já estive aqui – gritou Nate.

Jeremy ouviu um de seus irmãos chamar:

– Vamos, amigão, vamos entrar.

– Mas onde estão as dançarinas?

– Mais tarde – ouviu outro irmão dizer. – A noite é uma criança. Só estamos começando.

Quando Jeremy olhou para Alvin, ele apenas deu de ombros.

– Eu não planejei nada, mas você sabe como alguns caras se agitam quando se trata de despedidas de solteiro. Não posso ser responsabilizado pelo que acontecer nesta noite.

– Pode, sim.

– Puxa, você está mesmo com muita disposição de se divertir, né?

Jeremy seguiu Alvin porta adentro. Nate e seus irmãos já estavam se misturando ao pessoal e ele se deu conta de que aquela atmosfera já lhe fora familiar. A maioria das pessoas estava vestida na última moda e alguns usavam ternos, talvez por terem saído diretamente do trabalho. Ele logo concentrou a atenção em uma

linda morena sentada na outra ponta do bar, que parecia estar tomando um drinque tropical. Na sua vida anterior, ele teria se oferecido para lhe pagar uma bebida e, assim, iniciaria uma conversa. Agora, vê-la fez com que ele se lembrasse de Lexie e então Jeremy procurou o celular, imaginando se deveria telefonar para ela e avisá-la de que chegara bem. Talvez até pedir desculpas, quem sabe?

– O que você quer beber? – perguntou Alvin.

O amigo já tinha conseguido abrir caminho até o bar e estava inclinado para a frente, tentando chamar a atenção do barman.

– Estou bem, por enquanto – gritou Jeremy, esperando ser ouvido em meio ao barulho ensurdecedor.

Entre os grupos, viu os irmãos conversando na outra ponta do bar. Nate parecia um pouco cambaleante ao abrir caminho para outro grupo passar. Alvin balançou a cabeça em sinal de reprovação e pediu dois gins-tônicas. Depois de pagar, estendeu o copo na direção de Jeremy.

– Nem pensar – disse ele, enquanto passava a bebida ao amigo. – É sua despedida de solteiro. Como padrinho, não aceito esse comportamento e exijo que você se anime.

– Estou me divertindo – voltou a insistir Jeremy.

– Não está, não. O que foi? Você e Lexie brigaram outra vez?

Jeremy inspecionou o bar. Em uma das extremidades, achou ter visto uma moça com quem havia saído. Jane “alguma coisa”. Ou seria Jean?

Não fazia diferença, mas ele achou que seria uma forma de evitar a pergunta de Alvin e endireitou.

– Mais ou menos – admitiu.

– Vocês brigam o tempo todo – comentou Alvin. – Já pensou que isso pode ser algum sinal?

– Nós não brigamos o tempo todo.

– Qual o motivo dessa última? – perguntou Alvin, ignorando o comentário de Jeremy. – Você se esqueceu de beijá-la da maneira correta antes de ir para o aeroporto?

Jeremy franziu a testa.

– Ela não é assim.

– Bom, mas alguma coisa está acontecendo – insistiu Alvin. – Quer falar sobre isso?

– Não, agora, não.

Alvin arqueou uma sobrancelha.

– Deve ser sério, hein?

Jeremy bebeu um gole, que desceu queimando na garganta.

– Não – respondeu ele.

– Então, tudo bem – cedeu Alvin, balançando a cabeça. – Está certo, você não quer falar comigo sobre o assunto, mas talvez devesse conversar com seus irmãos. O que estou dizendo é que, desde que você chegou, está infeliz. – Ele fez uma pausa para que suas palavras pudessem ser assimiladas. – Talvez seja esse o motivo de você não estar conseguindo escrever.

– Eu não sei por que não estou conseguindo escrever, mas posso afirmar que não tem nenhuma relação com Lexie. E eu não estou infeliz.

– Não se pode enxergar direito uma situação em que se está envolvido.

– O que há com você? – perguntou Jeremy.

– Só estou tentando pensar com clareza em tudo isso.

– Tudo o quê? – reclamou Jeremy. – Parece que você não quer que eu me case com ela.

– Eu não acho que você deva se casar com ela – rebateu Alvin. – Foi isso que eu tentei lhe dizer antes de você se mudar para lá. Você nem a conhece e eu acho que parte do seu problema é que você começou a se dar conta disso. Ainda está em tempo...

– Eu amo a Lexie! – disse Jeremy, e seu tom de voz estava aumentando, devido à irritação. – Por que você está dizendo isso?

– Porque não quero que você cometa um erro! – disparou Alvin. – Estou preocupado, entendeu? Você não consegue escrever, está praticamente falido, não confia na Lexie nem ela confia em você o

suficiente para lhe contar que já tinha engravidado. E agora vocês dois estão brigando pela milésima vez...

Jeremy piscou.

– O que você disse?

– Disse que não quero que você cometa um erro.

– Depois disso! – berrou Jeremy.

– O quê?

– Você disse que Lexie já tinha engravidado uma vez.

Alvin balançou a cabeça.

– O que estou querendo dizer é...

– Como você sabe?

– Sei lá... acho que você mencionou isso mais cedo.

– Não – disse Jeremy. – Não mencionei. Só soube disso hoje de manhã. E não lhe contei. Então, me diga, como ficou sabendo dessa história?

Foi naquele instante, enquanto olhava para o amigo, que Jeremy viu as peças se encaixarem, fazendo sentido: os e-mails impossíveis de ser rastreados... O breve namoro de Alvin e Rachel e o convite para que ela o visitasse... O fato de Alvin não ter deixado de mencioná-la durante suas conversas, o que demonstrava que ele ainda pensava nela... e o desaparecimento recente de Rachel, junto com a necessidade urgente que o amigo demonstrara de desligar o telefone porque estava acompanhado.

Jeremy segurou a respiração enquanto todo o restante chegava simultaneamente, como as peças de um quebra-cabeça, tão difícil de acreditar e, ao mesmo tempo, tão óbvio que era impossível ignorar.

Rachel, que era a melhor amiga de Lexie desde a infância... que tinha acesso ao diário de Doris e conhecia seu conteúdo... que teria conhecimento do fato de Doris ter dado o diário a Jeremy... que estava tendo problemas com Rodney por causa de Lexie....

E Alvin, seu amigo, que ainda tinha contato com a ex-mulher de Jeremy...velhos amigos que compartilhavam tudo...

– Rachel estava na sua casa, não estava? – perguntou Jeremy por fim, com a voz trêmula de raiva. – Rachel veio ver você aqui em Nova York, não veio?

– Não.

– Você mandou aqueles e-mails – prosseguiu ele, sentindo a profundidade da traição de Alvin.

Jeremy encarou o amigo como se ele fosse um estranho.

– Você mentiu para mim.

As pessoas ao redor se viraram para olhar, mas Jeremy nem percebeu.

Alvin deu um passo involuntário para trás.

– Eu posso explicar.

– Por que você faria uma coisa dessas? Pensei que fosse meu amigo.

– Eu sou seu amigo – respondeu Alvin.

Jeremy não parecia tê-lo ouvido.

– Você sabia como eu andava estressado...

Ele balançou a cabeça, tentando assimilar a realidade daquela situação. Alvin pegou o braço de Jeremy.

– Está certo, é verdade. Rachel esteve na minha casa e fui eu que mandei os e-mails – confessou. – Eu nem sabia que ela viria, até o dia anterior, quando ela me ligou, e fiquei tão surpreso quanto você está agora. Jeremy, você precisa acreditar em mim. Quanto aos e-mails, só os mandei porque me preocupo com você. Desde que se mudou para o Sul, você nunca mais foi o mesmo, e eu não queria que fizesse uma burrada.

Jeremy não disse nada. Em meio ao silêncio, Alvin pressionou o braço de Jeremy e prosseguiu.

– Não estou dizendo que você não deva se casar com ela. Ela parece ser uma boa pessoa, parece mesmo. Mas você entrou de cabeça nessa história muito depressa e não estava raciocinando bem. Ela pode ser a melhor pessoa deste mundo, e espero mesmo que seja, mas você precisa saber onde está se metendo.

Jeremy expirou, ainda incapaz de olhar na cara de Alvin.

– A Maria lhe contou, não contou? Sobre o real motivo do nosso divórcio.

– Contou, sim – respondeu Alvin, mostrando-se aliviado por Jeremy começar a entender tudo. – Ela me contou. Disse que não havia possibilidade de Lexie estar grávida. Ela ficou muito mais desconfiada que eu, se você quer saber a verdade, e eu fiquei abalado, por isso mandei o e-mail. – Ele suspirou. – Talvez tenha sido errado fazer isso, e eu estava certo de que você acabaria descobrindo, mas então você me ligou e disse que estava preocupado e, de repente, percebi que tínhamos as mesmas dúvidas sobre a gravidez.

Alvin parou, dando algum tempo para a notícia ser digerida, e prosseguiu.

– E aí a Rachel apareceu, nós bebemos um pouco e ela começou a me contar sobre quanto Rodney ainda era apaixonado por sua noiva, e eu me lembrei do fato de Lexie ter mentido, e juntei isso ao lance de ela ter passado a noite com Rodney. Enquanto isso, à medida que Rachel falava, mais eu descobria sobre o passado de Lexie, sobre o cara que ela tinha namorado e sobre a outra gravidez, e isso só confirmou como você a conhecia pouco.

– O que você está tentando dizer?

Alvin suspirou profundamente, escolhendo as palavras com cuidado.

– Só estou dizendo que essa é uma grande decisão, e que você deve saber onde está se metendo.

– Você acha que o filho é de Rodney?

– Não sei o que pensar – respondeu Alvin. – Mas o ponto não é esse...

– Não? – perguntou Jeremy, e sua voz saía cada vez mais alto. – Então, qual é o ponto? Você quer que eu abandone minha noiva, que está grávida, e venha para Nova York farrear com você?

Alvin jogou as mãos para o alto.

– Não é isso que estou dizendo.

– Mas é o que parece! – enfureceu-se Jeremy, demonstrando não desejar ouvir mais nada.

Mais uma vez, as pessoas ao redor deles se viraram para olhar. E mais uma vez ele as ignorou, prosseguindo:

– E vou lhe dizer mais: não estou nem aí para o que você acha que eu devo fazer. É minha filha! Vou me casar com Lexie! E vou morar em Boone Creek porque lá é o meu lugar!

– Não precisa gritar...

– Você mentiu para mim!

– Eu estava tentando ajudar...

– Você traiu minha amizade...

– Não – gritou Alvin no mesmo tom de Jeremy. – Tudo o que eu fiz foi fazer as perguntas que você deveria ter feito a si mesmo.

– Não era da sua conta!

– Eu não fiz isso para magoar você! – gritou Alvin, de novo. – Não sou o único a achar que você está se apressando demais com tudo isso! Seus irmãos concordam comigo!

O comentário fez Jeremy congelar por um segundo. Alvin aproveitou a oportunidade para se explicar.

– Casar é uma decisão muito importante, Jeremy! Não estamos falando de sair para jantar com ela, estamos falando de acordar todo dia de manhã, pelo resto de sua vida, ao lado dela. As pessoas não se apaixonam em dois dias e, apesar do que você possa achar, você também não se apaixonou assim tão depressa. Você acha que ela é ótima, que é inteligente, ou bonita, ou sei lá o quê... mas decidir, de uma hora para a outra, que quer passar a vida inteira com ela é algo muito diferente... E você vai abrir mão de sua casa, de sua carreira, por um capricho?

A voz de Alvin tinha um tom de súplica que fez Jeremy associá-lo a um professor que tentasse se comunicar com um aluno inteligente, mas teimoso. Ele podia imaginar muitas respostas. Podia ter dito a Alvin que não tinha nenhuma dúvida de que era o pai da criança. Podia ter dito que enviar e-mails fora uma atitude não apenas errada, mas também tenebrosa. Podia ter dito que amava Lexie, que

sempre a amara e que sempre a amaria. Mas eles já haviam discutido tudo isso e, mesmo que estivesse errado, Alvin jamais admitiria.

E Alvin estava errado. Em cada detalhe da história.

Em vez de todas aquelas reações possíveis, Jeremy escolheu olhar para o copo de bebida e o girar, antes de encarar Alvin e, com um rápido empurrão, atirar o resto de bebida na cara dele, segurando-o pelo colarinho. Inclinando-se para a frente, ele o fez dar alguns passos para trás, até pressioná-lo contra uma coluna.

Então quase bateu nele. Mas não: apenas colocou o rosto tão perto do de Alvin, que podia sentir seu hálito quando lhe disse:

– Nunca mais quero olhar na sua cara.

Depois Jeremy se virou e saiu do bar, a passos largos.

# 12

– Ele não me deu notícias – confessou Lexie na tarde seguinte, diante de Doris, à mesa do restaurante da avó.

– Tenho certeza de que tudo vai ficar bem – disse Doris, acalmando-a.

Lexie hesitou, tentando entender se ela estava falando a verdade ou simplesmente dizendo o que a neta gostaria de ouvir.

– Você não viu a expressão no rosto dele ontem. O jeito como ele me olhava... como se me odiasse.

– E você pode culpá-lo?

Lexie olhou para Doris.

– E o que você quer dizer?

– Exatamente o que eu disse. Como você se sentira se descobrisse algo sobre Jeremy que a fizesse sentir que não poderia confiar nele?

Lexie enrijeceu o corpo e protestou:

– Eu não vim até aqui para ouvir isso.

– Bem, você está aqui e agora vai ouvir. Você veio aqui esperando que eu fosse passar a mão em sua cabeça, mas, quando contou sua história, fiquei pensando sobre como Jeremy deve ter encarado tudo isso. Ele a vê de mãos dadas com Rodney, você desmarca um jantar com ele para passar a noite com Rodney e, em seguida, ele descobre que você já esteve grávida. Não me admira que estivesse zangado!

Lexie abriu a boca para dizer algo, mas Doris levantou as mãos para interrompê-la.

– Sei que você não queria ouvir nada disso, mas ele não é o único culpado nessa história.

– Eu me desculpei. Expliquei tudo a ele.

– Você já disse, mas algumas vezes isso não basta. Você escondeu coisas dele, não uma nem duas vezes, mas três. Você não pode fazer isso, não se quiser conquistar a confiança dele. Você devia ter contado o que aconteceu quando namorou Trevor. Pensei que já tivesse contado, senão não teria dado a ele o diário.

– Por que deveria ter contado? Não pensava nisso havia anos. Aconteceu há tanto tempo...

– Não para ele. Para ele, aconteceu na sexta-feira. Acho que eu também ficaria zangada.

– Parece que você está do lado dele.

– Nesse caso, estou.

– Doris!

– Você está comprometida, Lexie. Sei que Rodney é seu amigo há anos, mas você ficou noiva de Jeremy, e as regras mudaram. Não teria problema se você logo tivesse contado a ele o que estava fazendo, mas você agiu escondido.

– Porque eu sabia como ele iria reagir.

– Ah, é mesmo? E como você sabia? – Doris lançou um olhar firme sobre Lexie. – Tudo o que você precisava fazer era ligar para ele e dizer que queria conversar com Rodney, que tentaria descobrir onde Rachel estava, que queria saber se, de alguma forma, você tinha sido a responsável. Tenho certeza de que ele entenderia. Mas você não contou a história toda, e já não era a primeira vez... E então ele descobre que você já engravidou.

– Então você quer dizer que eu tenho de contar tudo a ele, tim-tim por tim-tim, sempre?

– Não foi isso que eu disse. Mas esse fato? Esse você deveria ter contado, sim. Não era nenhum grande segredo aqui na cidade e, mesmo que fosse algo que você quisesse esquecer, tinha de ter

imaginado que ele acabaria descobrindo, de um jeito ou de outro. Seria muito melhor se você tivesse contado, em vez de ele descobrir como descobriu. Ou, pior ainda: imagine se ele tivesse ouvido isso de outra pessoa?

Lexie se virou para a janela, com uma expressão de teimosia no rosto, e Doris achou que ela fosse embora. Mas ela permaneceu sentada, então Doris pegou a mão da neta.

– Eu a conheço, Lexie. Você pode ser teimosa, mas não se faz de vítima. Nem Jeremy. O que está acontecendo com vocês, todo esse estresse em cima dos dois... isso se chama vida. E a vida tem uma tendência a pregar peças quando a gente menos espera. Todo casal tem seus altos e baixos, todos brigam, mas o importante é isto: que vocês são um casal, e casais não conseguem funcionar sem confiança. Você precisa confiar nele e ele precisa confiar em você.

Em silêncio, Lexie refletiu sobre os comentários de Doris, sem desviar o olhar da janela. Um tico-tico-rei pousou no peitoril, pulou de um canto a outro, como se ele estivesse pegando fogo, e então seguiu voando. Ela já vira aquele pássaro pousar ali centenas de vezes, talvez milhares, mas, enquanto o observava, se sentiu presa à ideia absurda de que ele estava tentando lhe dizer algo. Esperou, observando para ver se ele iria reaparecer, esperando que voltasse. Mas ele não voltou, e ela percebeu quanto aquela ideia era tola. Acima dela, o ventilador de teto zumbia, movimentando o ar em círculos vazios.

– Você acha que ele vai voltar? – perguntou, por fim, e sua voz traiu o medo que estava sentindo.

– Ele vai voltar – assegurou Doris, apertando a mão de Lexie com toda a convicção.

Lexie queria acreditar, mesmo que não tivesse certeza.

– Ele não deu mais notícias desde que viajou – disse Lexie, num sussurro. – Não ligou nem uma vez.

– Ele vai ligar – garantiu Doris. – Dê um tempo a ele. Jeremy está tentando entender o que aconteceu e está com os amigos neste fim de semana. Não se esqueça de que é sua despedida de solteiro.

– Eu sei...

– Não enxergue nada diferente nessa atitude. Quando ele ficou de voltar?

– No domingo à noite. Mas...

– Então, ele estará aqui no domingo à noite. E quando ele chegar mostre-se feliz por vê-lo. Pergunte sobre o fim de semana e ouça com interesse quando ele lhe contar tudo. Depois, faça-o ter certeza de quanto ele é especial. Confie em mim, fui casada por muito tempo.

Apesar de toda a turbulência que sentia por dentro, Lexie sorriu.

– Você parece um conselheiro matrimonial.

Doris deu de ombros.

– Eu conheço os homens. Posso lhe afirmar que eles são exageradamente raivosos, ou frustrados, ou preocupados com o trabalho e com a vida, mas, no final das contas, são muito simples de entender, se soubermos como agradá-los. E uma das coisas que mais os fazem vibrar é sua necessidade quase desesperada de se sentirem apreciados e admirados. Se conseguir fazer com que se sintam desse jeito, você ficará impressionada com o que eles serão capazes de fazer por você.

Lexie ficou olhando para a avó. Doris prosseguiu com um sorriso malicioso.

– É claro: eles também querem ter transas maravilhosas, desejam que você mantenha a casa limpa e organizada e ainda pretendem que esteja linda e cheia de energia, para que possam se divertir juntos. Mas admiração e apreço estão no topo da lista.

Lexie ficou boquiaberta.

– Puxa, é mesmo? Ah! Então talvez eu deva ser uma dona de casa exemplar... sempre que não estiver fazendo o papel da amante perfeita, é isso?

– Não fique assim tão indignada, Lexie. – Doris estava séria outra vez. – Você não é a única a fazer sacrifícios quando se trata da vida a dois. Você acha que está em desvantagem? Os homens também fazem sacrifícios. Corrija-me se eu estiver errada, mas você quer

que o Jeremy pegue na sua mão e fique abraçadinho com você enquanto estiverem assistindo a um filme. Você quer que ele compartilhe os sentimentos com você e que a ouça. Que ele passe tempo com sua filha e que ganhe dinheiro suficiente não apenas para comprar uma casa, mas também para reformá-la. Ora! Vou lhe dizer de uma vez por todas o que nenhum homem diz a si mesmo enquanto caminha pela nave da igreja: "Puxa, vou trabalhar muito e me sacrificar para oferecer uma vida boa à minha família e vou passar horas com meus filhos, mesmo quando estiver exausto, enquanto cubro minha mulher de beijos e abraços, escuto seus problemas e conto a ela todos os meus problemas, mas *nunca vou esperar nada em troca.*"

Doris nem esperou resposta, foi prosseguindo:

– O homem promete fazer tudo para manter a mulher feliz, na esperança de que ela também faça o que tiver de ser feito para a felicidade dele.

Ela buscou a mão de Lexie.

– Como lhe disse, vocês estão juntos nisso. Os homens têm certas necessidades e as mulheres, também, só que elas são de tipos, muitas vezes, diferentes. Já era desse jeito centenas de anos atrás e permanecerá assim, e exatamente como agora, nos próximos mil. Se vocês entenderem esse fato e se esforçarem para suprir às necessidades um do outro, terão um casamento feliz. E parte dessa atitude positiva, para ambos, é traduzida em confiança. No final, é simples assim.

– Não entendo por que você está me dizendo tudo isso.

Doris sorriu, com um ar de quem sabe o que diz.

– Entende, sim. Mas minha esperança é de que você se lembre disso quando estiver casada. Se acha que é difícil, agora, então espere até lá. Quando achar que não pode piorar, perceberá que pode, sim. E quando julgar que não tem como melhorar, verá que melhora. Mas, com a condição de que se lembre de que ele a ama e de que você o ama, e desde que ambos nunca se esqueçam de agir com amor, tudo vai dar certo.

Lexie meditou sobre as palavras de Doris.

– Imagino que isso seja orientação pré-nupcial, certo? A conversa que você vem guardando todos esses anos...

Doris soltou a mão de Lexie.

– Ah, não sei! Acho que acabaria acontecendo, em algum momento, mas não planejei falar nada disso. Simplesmente veio, de forma natural.

Lexie refletiu em silêncio.

– Então, você tem certeza de que ele vai voltar?

– Tenho. Vejo como ele olha para você e sei o que isso quer dizer. Pode acreditar, tive minhas experiências...

– E se você estiver errada?

– Não estou. Você não se lembra? Sou médium.

– Você é adivinha, não médium.

Doris deu de ombros.

– Algumas vezes, a sensação acontece exatamente do mesmo jeito.



Do lado de fora do restaurante, Lexie parou, acostumando a vista à luz forte do sol da tarde. Procurando pelas chaves, ela se viu ponderando sobre a sabedoria das palavras de Doris. Não fora muito fácil ouvir as considerações da avó a respeito de sua situação, mas é fácil ouvir que estamos errados? Desde que Jeremy a deixara sozinha na varanda, ela estava tentando se justificar, sentindo-se furiosa, como se a raiva pudesse conter suas preocupações. Mas agora, diante daquelas lembranças, ela se dava conta dos erros que tinha cometido. Ela não desejava brigar: como Jeremy, ela também estava muito cansada de discutir. Aquela não era a melhor maneira de iniciar um casamento, e Lexie decidiu que acabaria com as brigas naquele instante. Destrancando o carro e sentando-se no banco do motorista, balançou a cabeça com determinação. Ela

mudaria, se fosse preciso – e também porque era a coisa certa a fazer.

Quando saiu do estacionamento, Lexie não sabia para onde ir. Por instinto, porém, acabou se dirigindo ao cemitério e parando diante dos túmulos dos pais. Ao ver seus nomes esculpidos no granito, pensou no casal que eles formavam, uma lembrança que ela não guardava e tentou imaginar como eles tinham sido. A mãe teria sido risonha, ou uma pessoa mais retraída? O pai fora fã de futebol ou de beisebol? Pensamentos inúteis, mas, mesmo assim, ela se pôs a imaginar quanto a mãe e a avó seriam parecidas. E se sua mãe teria lhe dado os mesmos conselhos que recebera de Doris. É mais que provável que sim, ela decidiu. Afinal, eram mãe e filha. Por alguma razão inexplicável, essa ideia a fez sorrir. Lexie decidiu que ligaria para Jeremy assim que voltasse para casa. Pediria desculpas mais uma vez e diria que estava com saudades.

Como se a mãe estivesse ouvindo, uma leve brisa agitou o ar, balançando as folhas da árvore de magnólias, quase como em um pacto, um consentimento silencioso.



Lexie passou quase uma hora no cemitério, lembrando-se de Jeremy e pensando no que ele estaria fazendo. Ela o imaginou sentado na velha poltrona da casa do Queens, conversando com o pai, e era como se ela estivesse na sala ao lado, ouvindo o que diziam. Passou a se lembrar de como ela se sentiu quando entrou pela primeira vez na casa em que ele passara a infância, cercada de pessoas que o conheciam há muito mais tempo que ela. Lembrou-se da maneira sedutora com que ele a observara naquela noite e da ternura com que afagara sua barriga um pouco mais tarde, quando já estavam no hotel Plaza.

Suspirando enquanto olhava para o relógio, percebeu que teria de estar fazendo muitas outras coisas: compras no mercado, trabalho administrativo na biblioteca, escolhendo presentes de aniversário

para alguns funcionários... Mas, ao balançar as chaves, Lexie sentiu um claro impulso de voltar para casa, uma vontade tão poderosa que era impossível controlar. Olhou mais uma vez para o túmulo dos pais, virou-se e caminhou até o carro, perplexa pela sensação de urgência.

Dirigiu sem pressa, tomando cuidado para evitar os coelhos e os guaxinins que costumavam atravessar aquele pedaço da estrada, mas, quanto mais se aproximava da casa, mais intensa era aquela sensação inexplicável de expectativa, o que a fez acelerar um pouco. Virou na rua que levava até sua casa, piscando, confusa ao ver o carro de Doris estacionado ali – até perceber a figura agachada nos degraus da frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos.

Lutando contra a vontade premente de pular do carro, saiu devagar e caminhou sem pressa, como se nada naquela cena fosse fora do comum.

Jeremy se levantou antes mesmo que ela colocasse a bolsa sobre os ombros.

– Ei! – cumprimentou ele.

Ela se esforçou para não alterar o tom de voz e sorriu quando o viu se aproximar.

– Por aqui as pessoas dizem “Oi!”, não “Ei!”.

Jeremy olhou para baixo, sem se dar conta do tom jocoso da voz de Lexie.

– Que bom ver você de novo, forasteiro – acrescentou ela, com a voz meiga. – Não é sempre que eu chego e dou de cara com um homem tão bonito à minha espera na varanda.

Quando Jeremy levantou a cabeça, ela pôde ver a exaustão no rosto do noivo.

– Eu já estava começando a imaginar onde você estaria.

Ela ficou parada na frente de Jeremy, lembrando-se do toque da pele dele na sua. Por um instante, pensou em se jogar nos braços do noivo, mas havia algo tão frágil e hesitante no comportamento de Jeremy que ela se controlou.

– Estou feliz em ver você – repetiu.

Jeremy respondeu com a sombra de um sorriso, mas não disse nada.

– Você ainda está zangado comigo?

Em vez de responder, ele apenas a olhou fixamente. Quando ela percebeu que ele não sabia o que responder, que estava medindo o que queria dizer e o que achava que ela queria ouvir, Lexie o pegou pelo braço.

– Porque, se você estiver, tem todo o direito de estar – comentou, ofegante, ansiosa para não deixar de dizer nada. – Você estava certo. Eu devia ter lhe contado tudo, e não mantido segredos, como fiz. Desculpe-me.

Ele pareceu satisfeito.

– Assim, sem mais nem menos?

– Tive bastante tempo para refletir sobre o que aconteceu.

– Também peço desculpas. Eu não devia ter reagido com tanta intensidade.

No silêncio que se seguiu, Lexie se deixou dominar por todo o cansaço e pela tristeza que exalavam dele. Instintivamente, ela se moveu na direção de Jeremy, que hesitou por um breve instante antes de abrir os braços para recebê-la. Ela se aninhou naquele abraço, beijou-o com suavidade nos lábios e recostou a cabeça em seu peito. Abraçados, os dois permaneceram de pé por um longo tempo, mas Lexie percebeu a falta de paixão naquele abraço.

– Você está bem? – perguntou ela, baixinho.

– Não muito. – Foi a resposta dele.

Lexie tomou a mão de Jeremy e o levou para dentro da casa, parando na sala, sem saber se deveria se sentar ao lado dele no sofá ou na poltrona que havia ao lado. Jeremy deu a volta e desabou no sofá. Em seguida, inclinando-se para a frente, ele passou as mãos pelos cabelos.

– Sente-se ao meu lado – pediu. – Tenho uma coisa para lhe dizer.

Ao ouvir essas palavras, o coração de Lexie parecia ter parado de bater. Ela se sentou perto dele, sentindo o calor da perna de Jeremy

contra a sua. Quando ele expirou bruscamente, ela sentiu o corpo enrijecer.

– É sobre nós dois? – perguntou.

Ele olhou na direção da cozinha, mas sem focar os olhos em nada.

– Pode-se dizer que sim.

– É sobre o casamento?

Quando ele balançou a cabeça, concordando, Lexie se preparou para o pior.

– Você vai voltar para Nova York? – perguntou, e sua voz saiu como um murmúrio.

Jeremy levou um tempo para entender o que Lexie estava perguntando, mas, quando se virou para ela, percebeu sua expressão confusa.

– Por que você pensou numa coisa dessas? Você quer que eu volte para Nova York?

– É obvio que não. Mas pelo modo como você está agindo, não sei o que pensar.

Jeremy balançou a cabeça.

– Sinto muito. Não queria ser tão evasivo. Acho que ainda estou tentando entender tudo o que aconteceu. Mas não estou zangado com você nem pensando em cancelar o casamento. Eu deveria ter explicado desde o início.

Lexie relaxou um pouco.

– O que está havendo? Aconteceu alguma coisa na despedida de solteiro?

– Aconteceu, sim – respondeu Jeremy. – Mas o problema não é só esse.

Ele começou a contar desde o início, revelando, afinal, toda a profundidade de sua luta para voltar a escrever, suas preocupações com o custo da casa, a frustração que às vezes experimentava naquela cidadezinha... Lexie já ouvira algumas partes desse relato antes, embora não tivesse percebido quanto tudo estava sendo difícil para ele. A voz de Jeremy não insinuava culpas, era como se estivesse conversando consigo mesmo tanto quanto com ela.

Lexie não tinha muita certeza dos rumos que aquela conversa iria tomar, mas sabia que devia ouvi-lo em silêncio. Ele se ajeitou no sofá.

– E assim – explicou –, vi você e Rodney de mãos dadas. Até mesmo quando vi a cena, sabia que não deveria me preocupar. Repeti isso inúmeras vezes para mim mesmo, mas acho que as outras situações estressantes me fizeram achar que houvesse algo mais. Eu sabia quanto a ideia era ridícula, mas imagino que estivesse procurando uma desculpa para descontar tudo em você. – Jeremy sorriu sem muita convicção. – Exatamente o que você me disse no outro dia. Aí você foi à casa de Rodney outra vez, e então eu perdi a cabeça. Mas tem outra coisa que eu não lhe contei. Algo que aconteceu depois de cada um desses eventos.

Ela segurou as mãos de Jeremy, sentindo-se aliviada quando ele não opôs resistência a seu gesto.

Então ele contou sobre os e-mails que recebera, descrevendo toda a raiva e a ansiedade que sentira. No início, ela não entendeu o que ele estava dizendo e tentou manter a voz calma e controlar a crescente sensação de choque que experimentava.

– Foi assim que você ficou sabendo sobre o que havia no diário?

– Foi. Não sei se teria percebido, caso não tivesse recebido o e-mail.

– Mas... quem teria feito uma coisa dessas?

– Alvin – respondeu Jeremy, suspirando.

– Alvin? Mas… isso não faz sentido. Como ele poderia saber…

– Rachel contou – explicou ele. – Quando ela desapareceu, sabe? Foi visitar Alvin em Nova York.

Lexie não pôde acreditar.

– Não, eu a conheço desde sempre. Ela não faria isso.

Jeremy lhe contou o restante da história, da melhor maneira possível.

– E depois que eu saí do bar, sentindo muita raiva, não sabia o que fazer. Caminhei por um tempo, até que percebi que havia gente correndo atrás de mim. Meus irmãos.... – Ele deu de ombros. – Eles

viram quanto eu estava com raiva e não pararam de falar. É só beberem uns drinques, e logo estão prontos para uma boa briga. Não pararam de perguntar o que Alvin tinha feito e se deveriam ter uma “conversinha” com ele. Eu lhes pedi que deixassem para lá.

Invertendo os papéis, agora era Jeremy que se expressava sem dificuldades, enquanto Lexie, aturdida, ainda tentava digerir tudo o que ouvira.

– Eles acabaram me levando de volta à casa de meus pais, mas eu não consegui dormir. Não conseguia falar com ninguém sobre nada daquilo, por isso mudei meu voo para o primeiro horário desta manhã.

Quando Jeremy terminou, Lexie sentia que o ar lhe faltava.

– Pensei que ele fosse seu amigo.

– Eu também.

– Por que ele faria uma coisa dessas?

– Não sei – respondeu Jeremy.

– Por minha causa? O que eu fiz para ele? Ele nem me conhece. Ele não nos conhece. Isso foi...

– Diabólico – completou Jeremy. – Eu sei.

Ela limpou uma lágrima inesperada.

– Mas... Ele... eu não ...

– Também não sei o que dizer. Estou tentando entender isso desde que descobri tudo, mas a única ideia que me vem à cabeça é que, da maneira distorcida dele, Alvin achou que estivesse me ajudando a evitar um desastre em potencial. Foi doentio, eu sei. De qualquer modo, não quero nunca mais olhar na cara dele.

Lexie olhou para Jeremy, sentindo uma raiva súbita.

– Por que você não me contou sobre os e-mails antes?

– Como eu disse, não saberia o que dizer. Não sabia quem os tinha enviado, não sabia por quê. E então, com tudo o mais...

– A sua família sabe?

– Sobre os e-mails? Não, eu não disse nada...

– Não – interrompeu Lexie, tremendo. – Que você ficou na dúvida sobre ser o pai?

– Sei que sou o pai.

– Você é o pai – afirmou ela. – Nunca dormi com Rodney. Você foi o único homem com quem fui para a cama em muitos anos.

– Eu sei...

– Mas quero que você ouça da minha boca. É nosso bebê, seu e meu. Juro.

– Eu sei.

– Mas você teve dúvidas, não teve? – Ela estava quase chorando. – Mesmo por um segundo, você duvidou. Primeiro você me viu na casa do Rodney, depois descobriu que eu tinha omitido o fato de já ter engravidado uma vez, e com tantas outras situações estressantes...

– Está tudo bem.

– Não está, não. Você devia ter me contado. Se eu soubesse o que estava acontecendo.... poderíamos ter atravessado tudo isso juntos. – Lexie lutava para se controlar.

– Já passou, está bem? Não podemos fazer mais nada quanto ao que aconteceu. Vamos passar por cima disso e seguir em frente.

– Você deve ter me odiado.

– Nunca senti ódio de você – afirmou ele, trazendo-a mais para perto de si. – Eu amo você. Vamos nos casar na próxima semana, está lembrada?

Ela afundou o rosto no peito de Jeremy, sentindo-se reconfortada no abraço do noivo. Depois de um tempo, ela suspirou.

– Não quero que Alvin venha ao casamento.

– Nem eu. Mas tem mais uma coisa que eu preciso lhe contar.

– Não, não quero ouvir. Pelo menos ainda não. Já tive muitas surpresas ruins por um dia.

– Essa é boa. Você vai gostar de saber.

Lexie o encarou, como se rezasse para que não fosse mentira.

– Obrigado – agradeceu ele.

– Pelo quê?

Com um sorriso carinhoso, ele a beijou nos lábios.

– Pelas cartas que você mandou para a minha família. Especialmente para a minha mãe. São essas coisas que me fazem lembrar que casar com você será a melhor coisa que vou fazer na vida.

# 13



Uma chuva fria e cortante, de uma fúria atípica, lançava água contra as janelas, em ondas. As nuvens pesadas e cinzentas que, na noite anterior, foram se acumulando no céu, trouxeram a névoa matinal e o vento que derrubou as últimas flores das árvores. Era princípio de maio e faltavam apenas três dias para o casamento. Jeremy combinara com os pais que iria encontrá-los no aeroporto de Norfolk. Lá, alugariam um carro e seguiriam para o farol do cabo de Hatteras, em Buxton. Enquanto eles não chegavam, Jeremy se ocupou em ajudar Lexie com os últimos preparativos e telefonemas: queriam se assegurar de que tudo estivesse em ordem.

Aqueles dias sombrios não conseguiram arrefecer a renovada paixão de Lexie e Jeremy. Na noite em que voltou de Nova York, os dois fizeram amor com uma intensidade que os surpreendeu e ele ainda guardava a lembrança vívida da sensação de eletricidade que o toque dos corpos causara. Era como se, ao fazerem amor, estivessem tentando apagar as dores e as traições, cada segredo e toda a raiva dos últimos meses.

Agora que o fardo de seus respectivos segredos tinha sido afastado, Jeremy sentia uma leveza que havia muito tempo não experimentava. O casamento iminente era uma desculpa válida para não pensar no trabalho, e ele não teve dificuldade de usá-la. Saiu para correr duas vezes e decidiu que o faria com regularidade depois que se casasse. Embora a reforma da casa ainda não

tivesse terminado, o empreiteiro lhes garantira que eles poderiam se mudar bem antes de o bebê nascer. Seria, provavelmente, no final de agosto, mas Lexie se sentiu confiante para pôr a própria casa à venda e prometeu que colocaria todo o dinheiro no banco, para reforçar a poupança cada vez menor dos dois.

Eles não iam mais ao Alecrim. Depois de saber da conversa de Rachel e Alvin, Lexie não podia se imaginar frente a frente com ela – ao menos não por enquanto. Na noite anterior, Doris tinha telefonado para saber por que ela e Jeremy não apareciam mais por lá, nem para dar um "alô". Lexie jurou que não estava zangada com ela e admitiu que, naquela última conversa que tiveram, a avó estava certa, que ela tinha razão em censurá-la. Mas, como Lexie continuou sem ir visitá-la, Doris telefonou outra vez.

– Estou começando a achar que você está me escondendo alguma coisa, e, se não me contar, agora, irei até sua casa e vou ficar acampada na sua varanda até que você me diga o que é.

– Só estamos muito ocupados com todos os preparativos para o fim de semana – justificou-se Lexie, tentando acalmar a avó.

– Eu não nasci ontem, Lexie, e sei reconhecer quando as pessoas estão me evitando. E o fato é que você está mesmo me evitando – reclamou Doris.

– Não estou, não.

– Então por que vocês não dão uma passada aqui no restaurante mais tarde? – Diante da hesitação de Lexie, Doris teve uma intuição. – Isso tem a ver com a Rachel, por acaso?

Lexie não respondeu nada, e Doris suspirou, dizendo:

– É isso, não é? Eu deveria ter percebido. Na segunda-feira, ela também parecia estar me evitando. Hoje, a mesma coisa. O que ela fez dessa vez?

Lexie, que estava de costas para a porta da cozinha, pensando no que responder à avó e no que contar a ela, ouviu, atrás de si, Jeremy entrar. Achou que ele estivesse querendo tomar água ou comer alguma coisa e apenas lhe dirigiu um sorriso distraído, até perceber a expressão do rosto do noivo.

– Rachel está aqui – informou ele. – Quer conversar com você.



Rachel sorriu nervosamente quando Lexie entrou na sala, e então logo desviou o olhar. Lexie a encarou sem dizer nada. Da porta da cozinha, Jeremy se mexeu, desconfortável, e em seguida resolveu sair pelos fundos da casa e deixar as duas a sós.

Lexie ouviu a porta se fechar e se sentou diante da amiga. Sem nenhuma maquiagem, a fisionomia de Rachel evidenciava ansiedade e esgotamento, e ela retorcia com nervosismo um lenço de papel que trazia nas mãos.

– Eu sinto muito. – pediu ela, sem preâmbulos. – Não tive intenção de que nada disso acontecesse e posso imaginar quanto você está zangada. Só quero que saiba que jamais desejei magoá-la. Não tinha ideia de que o Alvin fosse fazer o que fez.

Lexie não disse nada e Rachel levou as mãos às têmporas, massageando-as.

– Ele me telefonou no final de semana passado e tentou explicar, mas fiquei completamente horrorizada. Se eu soubesse, se ao menos tivesse a mínima ideia do que ele estava fazendo, nunca teria contado nada. Mas ele me enganou...

Ela ficou sem palavras e ainda não tinha coragem de olhar Lexie nos olhos.

– Você não foi a única. Ele também enganou o Jeremy – disse Lexie.

– Mas, mesmo assim, continua sendo minha culpa.

– É. É verdade – concordou Lexie.

Esse comentário interrompeu o fluxo do pensamento de Rachel. No silêncio que se seguiu, Lexie a observou, tentando avaliar se ela estava realmente arrependida do que tinha feito ou se só se sentia envergonhada por ter sido desmascarada. Ela era sua amiga, alguém em quem Lexie costumava confiar, mas a situação entre Jeremy e Alvin poderia ser descrita da mesma maneira.

– Conte como aconteceu – pediu Lexie, afinal.

Rachel endireitou o corpo, sentando-se ereta, e, quando falou, parecia que tinha ensaiado as palavras durante dias.

– Você sabe que o Rodney e eu estamos enfrentando problemas, não sabe?

Lexie confirmou, acenando com a cabeça.

– Foi por isso que tudo começou. Sei que você e o Rodney sempre enxergaram a relação de vocês de maneiras diferentes. Para você, ele era simplesmente um amigo, mas para Rodney... bem, você era uma fantasia, e até hoje não sei se ele algum dia vai conseguir esquecê-la. Às vezes, quando ele me olha, é como se na verdade quisesse ver você, Lexie. Sei que parece loucura, mas eu sentia isso sempre que ele aparecia lá em casa: como se eu nunca fosse boa o bastante, não importa o que estivesse usando ou o que tivéssemos planejado fazer. Então, um dia, quando entrei no escritório da Doris para guardar alguma coisa, encontrei o número de telefone do Alvin e... sei lá... eu estava deprimida e me sentindo sozinha, então resolvi telefonar para ele. Não sabia o que esperar: acho que não esperava nada. Mas começamos a conversar e eu contei a ele os problemas do meu relacionamento com o Rodney e como ele ainda parecia gostar de você. Bem, a princípio Alvin ficou em silêncio, depois me contou que você estava grávida. A maneira como ele me contou me fez pensar que ele não tivesse certeza de que Jeremy fosse o pai. E que acreditasse na possibilidade de que fosse Rodney.

Lexie sentiu um buraco no estômago.

– Quero que você saiba que nunca achei que o bebê fosse do Rodney. Nunca, nem por um minuto. Sabia que você e o Rodney nunca tinham dormido juntos e eu disse algo nesse sentido. E não dei mais atenção a isso. Com toda a honestidade, ao desligar o telefone, achei que nunca mais fôssemos nos falar, mas Alvin me ligou um tempo depois e eu só pensei que estava feliz em falar com ele. Então, quando eu e o Rodney brigamos de novo, só queria um tempo longe de tudo, de todos os problemas... E, num impulso,

resolvi ir para Nova York por alguns dias. Foi assim, não tem outra explicação, além da minha necessidade de sair da cidade de qualquer jeito, e de eu sempre ter desejado conhecer Nova York. Liguei para o Alvin quando cheguei lá, e acabamos conversando a noite toda. Eu estava chateada e acho que bebi demais, mas seu nome acabou aparecendo na conversa e eu deixei escapar que você já tinha engravidado uma vez e que isso estava até anotado no diário de Doris.

Quando Lexie levantou as sobrancelhas, Rachel hesitou antes de prosseguir.

– Doris guardava o diário no escritório e eu estava dando uma olhada quando vi suas iniciais e o nome do Trevor lá. Sei que não era da minha conta e que eu não devia ter dito nada, mas só estava conversando. Não sabia que ele estava mandando e-mails para Jeremy, tentando fazer vocês brigarem. Não fiquei sabendo de nada até o fim de semana passado, quando Jeremy já tinha voltado. Alvin me telefonou em pânico no sábado e me contou tudo. Fiquei enojada, e não só por ter ajudado a colocar aquilo em prática, mas também porque percebi que ele vinha me usando o tempo todo. – A voz de Rachel vacilou e seu olhar estava fixo no lenço de papel amassado. – Juro que não tive intenção de magoá-la, Lex. Pensei que eu e ele estivéssemos apenas conversando.

Os olhos de Rachel se encheram de lágrimas novamente, e ela continuou:

– Você tem todo o direito de ficar com raiva de mim e eu não me surpreenderia se você nunca mais quisesse me ver. Se eu fosse você, não iria querer falar comigo nunca mais. Levei todo esse tempo só para ter coragem de vir aqui. Não como nada há dois dias. Sei que, provavelmente, isso não faz mais a menor diferença, mas queria que você soubesse a verdade. Você tem sido como uma irmã para mim todos esses anos e sou mais próxima de Doris que de minha mãe... Meu coração fica partido só de pensar que magoei você, ou que posso ter tomado parte no que Alvin estava fazendo.

Sinto muito. Você nunca vai saber quanto estou triste por tudo o que aconteceu.

Quando ela terminou de falar, o silêncio tomou conta da sala. Rachel falara sem parar, de um só fôlego, e o esforço parecia tê-la exaurido. O lenço de papel havia desmanchado e alguns pedacinhos tinham se espalhado pelo chão, então Rachel se agachou para pegá-los. Enquanto isso, Lexie tentava avaliar se aquele relato diminuía a responsabilidade de Rachel e como deveria reagir. Estava dividida: tinha todos os motivos do mundo para dizer que nunca mais queria vê-la, mas, acima da raiva, crescia um sentimento de empatia, e ela podia compreender a amiga. Sabia que Rachel era volúvel e ciumenta, além de insegura e, por vezes, irresponsável, mas também sabia que traição não fazia parte de sua natureza. Lexie sentiu que ela falava a verdade, que havia sinceridade nas palavras de Rachel quando disse que não sabia o que Alvin estava tramando.

– Rachel – começou ela.

Rachel levantou o olhar.

– Ainda estou zangada – explicou. – Mas sei que você não fez de propósito.

– Desculpe-me, Lexie. De verdade.

– Sei que você está sendo sincera.

– O que você vai dizer ao Jeremy?

– A verdade. Que você não sabia.

– E a Doris?

– Vou precisar refletir sobre isso. Ainda não contei nada a ela. Para ser sincera, nem sei se vou contar.

Rachel suspirou. Seu alívio era evidente.

– Isso vale para o Rodney também – acrescentou Lexie.

– E quanto a nós duas? Podemos continuar a ser amigas?

Lexie deu de ombros.

– Acho que teremos de ser, já que você é a minha dama de honra.

Os olhos de Rachel brilharam.

– Você está falando sério?

– Estou – respondeu Lexie, sorrindo.

# 14



Era o dia do casamento e o sol nasceu sobre um oceano Atlântico sereno, formando prismas de luz na superfície da água. Uma névoa leve se demorava na praia, teimosa, enquanto no chalé Doris e Lexie preparavam o café da manhã para os convidados. Era a primeira vez que a avó encontrava os sogros da neta e parecia que se dera especialmente bem com o pai de Jeremy. Os irmãos e as cunhadas se comportavam com a animação de sempre e tinham passado quase toda a manhã debruçados no parapeito da varanda, olhando, maravilhados, para um ponto do mar logo depois da arrebentação, onde os pelicanos marrons pareciam montar nas costas dos golfinhos.

Como Lexie insistira muito em limitar o número de convidados, a presença dos irmãos de Jeremy tinha sido uma surpresa. Quando, no dia anterior, ele os viu descer do avião, em Norfolk, se perguntou se teriam sido convidados às pressas nos últimos dois dias, devido à situação com Alvin. Mas suas dúvidas acabaram quando as cunhadas correram para abraçá-lo, falando do telefonema de Lexie convidando cada uma delas e de quanto estavam loucas para conhecê-la um pouco mais.

Ao todo, havia dezesseis convidados: a família de Jeremy, junto com Doris, Rachel e Rodney e o último participante, chamado às pressas para substituir Alvin. Horas depois, enquanto estava em pé

na praia, à espera de Lexie, Jeremy sentiu o prefeito Gherkin bater em suas costas.

– Sei que já lhe disse isso – explicou Gherkin –, mas estou muito honrado por ter sido escolhido padrinho nesta ocasião tão maravilhosa.

Vestindo calças azuis de poliéster, uma camisa amarela e um paletó xadrez esporte, o prefeito, como sempre, era um espetáculo ambulante, e Jeremy sabia que a cerimônia não teria sido o que foi sem a presença dele. Ou de Jed.

Porque foi uma descoberta saber que Jed, além de taxidermista, era também pastor ordenado. E, além do cabelo penteado e do terno que vestia – provavelmente seu melhor traje –, era a primeira vez que ele ficava tão perto de Jeremy sem exibir uma carranca.

Respeitando a vontade de Lexie, a cerimônia foi ao mesmo tempo íntima e romântica. Os pais de Jeremy ficaram mais próximos do casal e irmãos e cunhadas formaram um pequeno semicírculo ao redor deles. Um violonista local, sentado mais ao canto, tocou música suave e um caminho estreito foi traçado com conchas marinhas – uma surpresa que os irmãos de Jeremy tinham preparado logo depois do almoço. Com o sol baixando no horizonte, a chama das tochas – uma dúzia delas – amplificava as cores douradas do dia. E Rachel parecia não querer se afastar nunca mais das flores que estava segurando, tamanha a força com que as apertava contra si.

Lexie trazia na cabeça uma pequena coroa de flores e estava descalça, assim como Jeremy. Doris exultava, caminhando ao lado da neta, que não teria escolhido nenhuma outra pessoa no mundo para entregá-la a Jeremy. Quando a noiva finalmente fez uma meia parada, Doris a beijou no rosto e se dirigiu para seu lugar, um pouco mais à frente. Pelo canto do olho, Jeremy pôde ver que a mãe enlaçara os ombros da avó de Lexie e a puxara para mais perto de si.

Enquanto prosseguia caminhando lentamente, com um buquê de flores do campo entre as mãos, Lexie parecia deslizar ao encontro

de Jeremy. Quando o alcançou, ele pôde sentir o delicado perfume de seus cabelos.

Ambos se viraram para Jed, que abriu a Bíblia e começou a falar. Jeremy se surpreendeu com o timbre suave e melódico de sua voz e se sentiu extasiado enquanto o ouvia dar as boas-vindas aos convidados e ler passagens da Bíblia. Encarando-os com uma expressão grave sob as sobrancelhas grossas, Jed lhes falou de amor e dedicação, paciência e honestidade e da importância de cultivar a presença de Deus na vida diária, que nem sempre seria fácil. Mas, continuou ele, se Lexie e Jeremy mantivessem a fé em Deus e no relacionamento dos dois – a confiança absoluta no Pai e um no outro –, sempre iriam encontrar o modo certo de superar todos os problemas. Falou com uma eloquência surpreendente e, como um professor que já conquistou o respeito dos alunos, conduziu-os com mestria ao momento dos votos. Foi Gherkin quem entregou as alianças que o casal trocou. Ao colocá-la no dedo de Lexie, Jeremy sentiu a mão tremer, no mesmo instante em que Jed os declarava marido e mulher. Jeremy a beijou gentilmente, enquanto tomava entre as suas a mão de sua esposa. Diante de Deus e da família, prometeu que a amaria e seria devotado a ela por toda a eternidade... e jamais teria imaginado que fazer isso seria algo tão natural e apropriado.



Após a cerimônia, os convidados permaneceram na praia. Doris tinha preparado um pequeno bufê e a comida foi servida em uma mesa de piquenique próxima. Um a um, os familiares de Jeremy e o prefeito cumprimentaram o casal com abraços e beijos. Jed desapareceu logo após a cerimônia, antes que Jeremy lhe pudesse agradecer o cerimonial, mas reapareceu alguns minutos depois, trazendo uma caixa de papelão do tamanho de um frigobar. Nesse ínterim, ele trocara de roupa, tendo vestido o macacão de sempre, e seus cabelos já tinham reassumido o jeito desgrenhado.

Lexie e Jeremy foram até ele quando o viram colocar o presente no chão.

– O que é isso? – indagou Lexie. – Você não precisava trazer nenhum presente.

Jed não respondeu. Apenas deu de ombros, dando a entender que ficaria chateado se ela não o aceitasse. Ela então se inclinou e o abraçou, perguntando se poderia abri-lo. Quando Jed deu de ombros mais uma vez, Lexie entendeu que significava um “sim”.

Dentro da caixa havia um javali empalhado, aquele no qual Jeremy o vira trabalhar. Bem ao feitio dos trabalhos de Jed, o animal parecia prestes a atacar qualquer um que se aproximasse.

– Obrigada – agradeceu Lexie, com a voz suave e, embora Jeremy acreditasse ter sido um acontecimento inédito, ele podia jurar que vira Jed enrubescer.



Mais tarde, depois de servidas as iguarias, quando a comemoração já estava quase no fim, Jeremy se afastou dos convidados e caminhou em direção à água. Lexie foi ao seu encontro.

– Você está bem?

– Estou bem. Na verdade, eu estou ótimo. Mas pensei em dar uma caminhada – respondeu Jeremy, depois de lhe dar um beijo.

– Sozinho?

– Eu quero assimilar isso... tudo.

– Está certo – respondeu ela, dando-lhe um beijo rápido. – Mas não demore. Vamos voltar para o chalé em poucos minutos.

Ele esperou até que Lexie se aproximasse dos pais dele, com quem ela queria conversar. Então se virou e caminhou devagar pela areia, ouvindo o som das ondas que se quebravam na praia. Enquanto fazia isso, relembrava o casamento: a aparência de Lexie ao caminhar em sua direção, o poder sereno e discreto da oratória de Jed, a sensação estonteante que experimentara horas antes, ao jurar seu amor eterno... A cada passo, era invadido por uma

sensação crescente de que tudo era possível e de que até o céu, com suas cores primorosas, parecia estar agitando uma bandeira e celebrando sua felicidade. Quando alcançou a sombra alongada do farol do cabo de Hatteras, avistou, em uma duna coberta de grama, um grupo de cavalos selvagens. Enquanto todos os demais pastavam, um deles olhou para Jeremy, que deu um passo à frente, observando a robustez da musculatura de suas ancas e o balançar suave e rítmico de sua cauda, acreditando, por um instante, que pudesse se aproximar o bastante para tocá-lo. Era uma ideia absurda, algo que ele nem mesmo tentaria pôr em prática, mas, quando diminuiu as passadas e por fim parou, Jeremy ergueu a mão, em um gesto de amizade. As orelhas do cavalo se levantaram, curiosas, e parecia que o animal tentava compreender. Em seguida, ele balançou a cabeça para cima e para baixo, como se retribuísse o gesto de amizade. Jeremy meditou sobre o acontecido, maravilhado com a ideia de que, de alguma maneira, eles estivessem se comunicando. E quando se virou e viu que sua mãe e Lexie estavam unidas em um abraço muito afetuoso, tudo em que conseguiu pensar foi que aquele estava sendo o dia mais maravilhoso de sua vida.

# 15



As semanas seguintes foram como um sonho. Era início do verão e uma onda de calor cobriu Boone Creek, conferindo à cidade um ritmo lento e calmo. Em meados de junho, também Lexie e Jeremy tinham assumido uma rotina confortável, em que as angústias das semanas anteriores tinham ficado para trás. Até a reforma da casa parecia transcorrer com mais tranquilidade, apesar dos gastos elevados e da lentidão. A facilidade com que os dois tinham se adaptado à nova vida não os surpreendeu. O que eles não esperavam eram as numerosas maneiras de o casamento ser muito diferente do noivado.

Depois de uma breve lua de mel no chalé, com manhãs que passavam preguiçosamente, enquanto se demoravam na cama, e tardes aproveitadas para longos passeios pela praia, eles voltaram para Boone Creek. Então, buscaram todos os pertences de Jeremy na hospedaria e se mudaram para a casa de Lexie. O escritório foi provisoriamente montado no quarto de hóspedes, mas, em vez de tentar escrever, Jeremy passava quase todas as tardes preparando a casa para mostrá-la a possíveis compradores: capinou e ajeitou todo o quintal, plantou flores em volta das árvores, podou as sebes e pintou o exterior e o interior da varanda, retirando uns objetos que a entulhavam e levando-os para um pequeno depósito nos fundos da casa de Doris. Como somente uma ou duas pessoas visitavam a propriedade a cada quinze dias, aproximadamente, e porque sua

venda era necessária para ajudar no financiamento – e na reforma – da casa nova, ele e Lexie queriam que o lugar estivesse o mais bonito e agradável possível. Fora isso, a vida em Boone Creek seguia sem grandes mudanças. O prefeito Gherkin estava agitado e ansioso por causa do festival de verão, Jed reassumira sua mudez e Rodney e Rachel tinham voltado a namorar e pareciam muito mais felizes.

Mas havia algumas coisas com as quais era mais difícil se acostumar. Por exemplo: agora que estavam finalmente casados, Jeremy não sabia a qualidade, nem a quantidade, nem tampouco a frequência do carinho que deveria demonstrar. Enquanto Lexie parecia satisfeita em ficar abraçada com ele o tempo todo, Jeremy tinha outras ideias, pensava em outras formas mais gratificantes de intimidade. No entanto, ele queria vê-la feliz. E para isso era preciso... o quê? Quanto era suficiente? Teriam de ficar abraçados todas as noites? Por quanto tempo? Em que posição? Ele deveria se aninhar nela também? Jeremy estava fazendo o possível para decifrar a complexidade dos desejos de Lexie, mas continuava se sentindo confuso.

Havia ainda a questão da temperatura do quarto durante a noite. Enquanto ele adorava que o ar-condicionado estivesse na potência máxima, com o ventilador de teto também ligado, Lexie estava sempre com frio. Quando a temperatura externa era de trinta e dois graus e o ar estava úmido, chegando a deixar janelas e paredes mornas, Jeremy regulava o termostato em vinte graus, sentindo o suor gotejar na testa, e se deitava completamente descoberto, usando apenas cuecas. Um minuto depois, Lexie saía do banheiro, ajustava o termostato para vinte e três graus, deitava-se sob um lençol e dois cobertores, puxava-os até as orelhas e tremia como se tivesse acabado de atravessar o Ártico.

– Por que está tão frio? – perguntava ela, ajeitando-se na cama.

– Porque estou suando – respondia ele.

– Como você pode estar suando? Está um frio de congelar aqui dentro.

*Ao menos estamos de acordo quando o assunto é fazer amor*, pensou ele. Nas semanas que se seguiram à cerimônia, Lexie parecia estar sempre disposta, que era o que se esperava de uma lua de mel – nem que fosse apenas na opinião de Jeremy. A palavra "não" estava fora de seu vocabulário e Jeremy atribuía isso ao fato de as inibições da esposa terem se afrouxado – não apenas por eles estarem oficialmente casados, mas também por ele ser, de fato, irresistível para ela. Além do mais, naquelas semanas, nada do que ele fizesse estaria errado, e ele ficou tão inebriado com esse sentimento, que, ao longo do dia, enquanto trabalhava na casa, sonhava acordado, pensando em Lexie: visualizava os contornos suaves do corpo da esposa e se lembrava da sensação do toque dela em seu corpo nu, suspirava profundamente ao se lembrar da doçura de seu hálito ou do contato sedutor de seus cabelos quando ele passava os dedos por entre eles. Quando ela voltava para casa, ele lhe dava um beijo amoroso e passava todo o jantar olhando para seus lábios enquanto ela comia, esperando a oportunidade de tomar a iniciativa. Ela nunca o rejeitava. Ele podia estar suado e malcheiroso do trabalho no quintal e, ainda assim, tinha a sensação de que não tinham tempo nem de tirar a roupa até chegarem ao quarto.

E então, de repente, tudo mudou. Foi como se, certo dia, entre o nascer e o pôr do sol, a Lexie conhecida tivesse sido substituída por uma gêmea indiferente e insensível. Ele se lembrava claramente de tudo daquele dia em que fora rejeitado pela primeira vez: era 17 de junho e ele passara o resto da manhã ora se convencendo de que aquilo não tinha sido nada de mais, ora imaginando o que teria feito de errado. Mais tarde, naquela noite, aconteceu de novo. E nos oito dias seguintes, esta era a história do relacionamento dos dois: ele tomava a iniciativa, ela dizia que estava cansada ou que não se sentia disposta e ele ficava deitado ao lado dela, zangado, tentando entender como era possível que tivesse passado a ser apenas uma espécie de amigo com quem ela dividia a casa. Mas um amigo que

ainda tinha de ficar abraçado com ela antes de adormecer, em um quarto que mais parecia um forno.

– Você acordou de mau humor hoje – comentou ela, na manhã seguinte à primeira rejeição.

– Não dormi bem.

– Pesadelos? – perguntou ela, demonstrando preocupação.

Apesar do cabelo desalinhado e do pijama comprido, ela estava estranhamente sedutora e, uma vez que ele só pensava em sexo sempre que a via, Jeremy não sabia se deveria se sentir zangado ou envergonhado. Mas este, ele sabia, era o perigo do hábito: enquanto as semanas anteriores tinham se tornado um padrão do qual ele gostava, a opinião dela, claramente, era bastante diversa. Mas se existia algo que ele tinha aprendido com o primeiro casamento era nunca reclamar da frequência do sexo. Nesse aspecto, homens e mulheres eram de fato diferentes: as mulheres algumas vezes sentiam vontade, os homens sempre tinham necessidade. Tratava-se de uma diferença enorme, que, na melhor das hipóteses, evoluía para um acordo razoável, que não satisfazia completamente a nenhum dos dois, mas era aceitável para ambos. Ele sabia, porém, que iria parecer que ele estava se lamuriando e reclamando caso dissesse que desejava que a lua de mel durasse ao menos um pouco mais – pelos próximos cinquenta anos, por exemplo.

– Não sei muito bem – respondeu ele, por fim.

A confusão mental de Jeremy era realçada pelo fato de que, durante o dia, Lexie continuava a agir como sempre. Eles liam o jornal, comentavam as notícias interessantes e ela lhe pedia que a acompanhasse até o banheiro enquanto ela se vestia, para que pudessem continuar a conversa.

E ele passava o dia inteiro tentando não pensar no assunto.

Entretanto, todas as noites, ele se deitava na cama e se preparava para outra série de rejeições, esforçando-se ao máximo para se convencer de que aquilo não iria aborrecê-lo. Mas nunca antes, é claro, de adotar a postura passivo-agressiva de voltar o termostato

para os vinte graus Celsius. À medida que as semanas passavam, ele se sentia cada vez mais frustrado e confuso. Certa noite, depois de assistirem à TV, apagaram as luzes e se deitaram abraçadinhos por algum tempo, antes de Jeremy se virar para o outro lado, tentando se acalmar. Então, ela pegou a mão dele.

– Boa noite – disse, com a voz doce e deslizando o polegar suavemente sobre a pele dele.

Ele nem se preocupou em responder, mas quando acordou no dia seguinte percebeu que Lexie parecia inquieta e um pouco desnorteada. Jeremy a seguiu até o banheiro e ambos escovaram os dentes e gargarejaram um antisséptico bucal antes de ela, finalmente, o encarar:

– Então, o que aconteceu com você na noite passada?

– Como assim? Não entendi sua pergunta.

– Eu estava com a maior disposição e você foi dormir.

– E como eu poderia adivinhar?

– Eu segurei sua mão, não segurei?

Jeremy pestanejou. Então era assim que ela se insinuava para ele?

– Desculpe-me. Não percebi.

– Tudo bem – disse Lexie, mas balançando a cabeça, como se nada estivesse bem de verdade.

Quando ela saiu em direção à cozinha, ele fez uma anotação mental sobre aquela história de dar as mãos quando estivessem na cama.

Duas noites depois, estavam deitados e Lexie novamente procurou a mão de Jeremy. Ele se virou para ela tão depressa, que ficou preso nos lençóis ao tentar beijá-la.

– O que você está fazendo? – perguntou ela, afastando-se.

– Você está segurando minha mão – explicou ele.

– E daí?

– Na última vez em que isso aconteceu, você disse que estava com vontade.

– Naquele dia eu estava, mas também estava acariciando sua mão, lembra-se? Hoje, eu não fiz isso.

Jeremy se esforçou ao máximo para assimilar aquela informação.

– Então, você não está com vontade?

– Não estou muito disposta. Você se importa se apenas dormirmos?

Ele tentou com todas as forças evitar um suspiro.

– Não, tudo bem.

– Podemos ficar só abraçadinhos?

Ele esperou um pouco antes de responder.

– Por que não?

Foi somente na manhã seguinte que tudo enfim se esclareceu. Ele acordou e a encontrou sentada no sofá – ou melhor, parecendo que estava tentando se deitar no sofá e se sentar ao mesmo tempo –, com a blusa do pijama levantada até o peito. O abajur estava inclinado, de modo que a luz incidisse em sua barriga.

– O que você está fazendo? – perguntou ele, alongando os braços acima da cabeça.

– Venha aqui depressa – pediu ela. – Sente-se ao meu lado.

Jeremy se sentou ao lado dela no sofá e Lexie apontou para a própria barriga.

– Fique olhando. Fique bem quietinho, e conseguirá ver.

Jeremy fez o que ela pedia e, de repente, uma pequena região da barriga de Lexie se estufou. Aconteceu tão rapidamente, porém, que ele não teve certeza do que poderia ter sido.

– Você viu? – perguntou ela, admirada.

– Acho que vi alguma coisa, sim. O que era?

– É o bebê. Ela está chutando. Nessas últimas semanas, achei que tivesse sentido ela se mexer um pouquinho, mas a primeira vez em que tive certeza disso foi nesta manhã.

A região estufou outra vez.

– Aqui! Eu vi! – exclamou Jeremy. – É o bebê?

Lexie balançou a cabeça, confirmando, e sua expressão deixava evidente todo o encantamento que sentia.

– Ela está bastante ativa nesta manhã, mas não quis acordá-lo, então dei uma escapulida e vim para cá, onde poderia ver melhor. Não é incrível?

– Fantástico – respondeu Jeremy, ainda olhando para a barriga, na expectativa de mais um movimento.

– Dê aqui sua mão – pediu Lexie.

Jeremy estendeu a mão, que Lexie colocou sobre sua barriga. Alguns segundos depois, ao sentir a saliência se formar, ele abriu um largo sorriso e perguntou:

– Dói?

– Não, é mais uma sensação de pressão, ou algo parecido. É difícil de descrever, mas é maravilhoso.

À luz suave e amarelada do abajur, ele a achou linda. Quando Lexie levantou os olhos, havia neles um brilho novo. Então ela perguntou:

– Isso faz tudo valer a pena, não é mesmo?

– Sempre valeu a pena – respondeu Jeremy.

Lexie colocou as mãos sobre as dele.

– Desculpe-me por não termos nos divertido ultimamente. É que nas duas últimas semanas tenho me sentido enjoada, e isso até me surpreendeu, porque eu não estava tendo enjoos. Mas meu estômago tem estado tão embrulhado, que tive medo de vomitar se fizéssemos amor. Ao menos agora sei por quê, né?

– Não faz mal. Eu nem tinha notado que havia tempo que não fazíamos amor.

– Ah, sim, claro. Só que eu sei quando você está aborrecido...

– Você sabe?

– Sei. Você se remexe todo, fica agitado. Algumas vezes, suspira. É bastante óbvio. Mas, sabe de uma coisa? Não estou me sentindo enjoada agora...

– Não está?

– Na verdade, estou me sentindo como naqueles dias logo depois do nosso casamento...

– Está?

Ela balançou a cabeça, concordando, e estava com uma expressão muito sedutora.

Se existia outra dificuldade naqueles dois primeiros meses de casamento, ela se devia ao trabalho. Assim como tinha feito em maio e em junho, no final de julho Jeremy enviou ao editor em Nova York uma das colunas pré-escritas. Mas aquela era a última. O relógio, agora, estaria contando os segundos, sem parar. Jeremy tinha quatro semanas para descobrir algo novo.

Ainda assim, quando se sentou diante do computador, não havia nada.

O mês de agosto trouxe à cidade um calor implacável – do tipo que Jeremy conhecia a fama, mas nunca a tinha experimentado. Embora o verão em Nova York fosse úmido e proporcionasse muitos dias de calor intenso e suor abundante, ele percebeu que sempre lidara com eles em ambientes fechados e altamente refrigerados. Boone Creek, por sua vez, era uma cidade voltada para o lado de fora, com um rio e um festival de verão que chamavam as pessoas às ruas.

Como Gherkin tinha previsto, o festival atraiu milhares de pessoas de toda a região leste do estado. Em ambos os lados das ruas apinhadas de gente havia dezenas de quiosques que vendiam tudo o que se podia imaginar, de sanduíches de carne a camarão no espeto. Próximo à água, um parque de diversões itinerante montara vários brinquedos e as crianças formavam fila para andar na pequena montanha-russa e na roda-gigante barulhenta. A fábrica de papel doara milhares de pedaços de madeira – eram retângulos, quadrados, círculos, triângulos, e de todos os tamanhos – e as crianças passavam horas construindo edifícios imaginários.

O astronauta fez muito sucesso e distribuiu autógrafos. A produção realizada pelo prefeito Gherkin, por sua vez, era estrambótica: o tema “espaço” estava no serviço de maquiagem artística – em vez de animais, os desenhos retratavam naves espaciais, meteoros, planetas e satélites –, e nos mil kits que ele conseguira convencer a Lego a doar ao festival, de modo que as crianças pudessem montar os próprios ônibus espaciais. Essa atividade, que se desenvolvia sob uma gigantesca tenda, foi uma das preferidas dos pais, por ser a única possibilidade de ficarem à sombra.

Em minutos a camisa de Jeremy ficou ensopada, mas era Lexie, agora com pouco mais de seis meses de gestação, quem se sentia pior. Apesar de ainda não estar com uma barriga muito grande, a gravidez já era bastante aparente e algumas das moradoras mais antigas da cidade, que só ficaram sabendo da novidade naquela ocasião, não conseguiram esconder seu espanto. Mesmo assim, após a obrigatória cara de surpresa, a reação geral era de grande entusiasmo e alegria.

Lexie se mostrava corajosa e fingia estar bem menos incomodada do que de fato estava, oferecendo-se para ficar o tempo que Jeremy quisesse. Ao observar o rosto vermelho da esposa, porém, ele achou melhor dizer que já tinham visto o suficiente e sugeriu que passassem o resto do final de semana longe da multidão. Depois de arrumarem a sacola de roupas para uma única noite, foram para o chalé em Buxton. Embora o calor não estivesse muito mais ameno por lá, a brisa que soprava constantemente do oceano e a temperatura da água tornavam o lugar mais refrescante. Quando voltaram para Boone Creek, ficaram sabendo que Rachel e Rodney tinham de alguma maneira conseguido resolver seus problemas e estavam noivos. Dois dias depois, Rachel convidou Lexie para ser sua dama de honra.

Até a casa já estava quase pronta. As reformas mais complexas já tinham sido concluídas, a cozinha e os banheiros estavam novos em folha e só era preciso os toques finais para que o lugar deixasse de ser um projeto e um canteiro de obras e se transformasse

definitivamente em um lar. A mudança fora marcada para o final do mês: a data perfeita, pois eles tinham acabado de receber uma oferta pela casa de Lexie – um simpático casal de aposentados da Virginia desejava se mudar tão logo fosse possível.

Com exceção do bloqueio criativo, a vida estava boa para Jeremy. E embora houvesse ocasiões em que lhe voltavam à memória as dificuldades enfrentadas antes do casamento, ele sabia que elas tinham servido para fortalecer a união dos dois. Quando olhava para Lexie, agora, tinha certeza de que nunca antes amara assim tão profundamente nenhuma mulher. O que ele não sabia, o que não poderia saber, era que os piores dias estavam por vir.

# 16



– Ainda não decidimos o nome do bebê – disse Lexie.

Era início de noite, na segunda semana de agosto. Apesar de ainda não terem se mudado, Lexie e Jeremy estavam sentados na varanda da casa nova, olhando para o rio. Os operários já tinham voltado para suas casas, ao final de mais um dia de trabalho. Como nem brisa soprava, a superfície da água, completamente parada e lisa, formava um espelho que refletia de tal forma os ciprestes da margem oposta, que dava a impressão de que eles cresciam em direções contrárias.

– Decidi deixar isso com você – respondeu Jeremy, abanando-se com uma revista de esportes que ele tinha pretendido ler antes de perceber que, em uma noite quente de verão, ela teria mais utilidade servindo àquele outro propósito.

– Você não pode simplesmente deixar que eu decida. É a nossa filha. Quero saber sua opinião.

– Já lhe disse qual seria minha escolha. Você é que não gostou do que ouviu.

– Não vou chamar nossa filha de Aisha.

– Como você pode não gostar de “Aisha Marsh”?

Ele tinha sugerido aquele nome na semana anterior, só de brincadeira. Lexie o achara tão horroroso, que ele começou a pressioná-la para que o aceitasse, pura provocação.

– Não gosto mesmo. De jeito nenhum. – Vestindo short e uma camiseta larga, ela estava vermelha de calor. Como os pés tinham começado a inchar, Jeremy pegara um balde velho, para que ela apoiasse as pernas.

– Você não acha que tem um som bonito?

– Não mais que outras combinações engraçadinhas com seu sobrenome. Daqui a pouco você vai dizer que quer chamá-la de Marsha Marsh.

– Estava guardando essa para o irmão dela.

– Ah! Tenho certeza de que eles lhe serão eternamente gratos – brincou ela, rindo. – Mas, sério, você não tem nenhuma ideia?

– Não. Como lhe disse, o que você decidir será o melhor.

– Aí é que está o problema: ainda não decidi.

– Mas você já entendeu por que está com essa dificuldade, não foi? Você comprou todos os livros com nomes de bebês que existem, e acabou se perdendo entre tantas escolhas possíveis.

– Eu só queria algo que se encaixasse perfeitamente, que se parecesse com ela.

– Mas esse é o problema, porque qualquer nome que a gente escolher não se encaixará de imediato. Nenhuma criança tem cara de Cindy ou de Jennifer. Todas se parecem com o Hortelino Troca-Letras.

– Não, não acho. Os bebês são fofos.

– Mas são todos iguais...

– Não são, não. E vou avisá-lo logo de cara de que vou ficar muito decepcionada se você não souber identificar a própria filha no berçário.

– Não precisa se preocupar: os nomes ficam escritos nos bercinhos.

– Sei... Você vai saber como ela é, Jeremy...

– É claro que vou saber. Ela será a menina mais linda da história da Carolina do Norte, e fotógrafos de todo o mundo virão tirar fotos e dirão coisas do tipo “Ela tem tanta sorte por ter as orelhas do pai...”.

– E a covinha – completou Lexie, rindo outra vez.

– É verdade. Não me deixe esquecer esse detalhe.

Ela segurou as mãos de Jeremy.

– E quanto ao que vamos fazer amanhã? Você está ansioso?

– Mal posso esperar. Quero dizer, a primeira ultrassonografia foi emocionante, mas essa... bem, nessa nós iremos realmente começar a vê-la, a distinguir os traços.

– Estou muito contente porque você também vai.

– Está brincando? Não perderia isso por nada neste mundo! As ultras são a melhor parte. Espero que imprimam uma foto, assim eu poderei exibi-la muito, enquanto me gabo com meus amigos.

– Que amigos?

– Eu não lhe contei? Sobre o Jed? Puxa, ele não me deixa mais sozinho, telefona o tempo todo e nunca para de falar...

– Acho que o calor o está afetando. As últimas informações que tive foram de que Jed ainda não tinha lhe dirigido nem uma única palavra.

– Ah, é verdade! Mas não faz mal. Ainda quero uma foto de nossa filha, só para ficar vendo como ela é linda.

Lexie levantou as sobrancelhas.

– Então agora você também se convenceu de que é uma menina?

– Acho que você me convenceu.

– E o que isso quer dizer com relação à Doris?

– Que em uma chance de acerto de cinquenta por cento, ela escolheu corretamente. Assim como cinquenta por cento da população escolheria.

– Você continua descrente, hein?

– Prefiro a palavra “cético”.

– O homem dos meus sonhos!

– É isso mesmo – concordou Jeremy. – E continue repetindo isso para si mesma, de modo que eu não precise lhe provar que você está certa.

Lexie se mexeu na cadeira, sentindo-se repentinamente desconfortável. Ela estremeceu antes de se ajeitar, encontrando

uma nova posição.

– O que você acha do casamento do Rodney e da Rachel?

– Sou a favor do casamento. Acho que é uma boa instituição.

– Ah, você entendeu aonde quero chegar. Acha que eles estão se precipitando?

– Quem somos nós para achar alguma coisa? Eu a pedi em casamento poucas semanas depois de conhecê-la, já eles se conhecem desde crianças. Eu diria que eles é que deveriam ter feito essa pergunta com relação ao nosso casamento, e não o contrário...

– Tenho certeza de que ainda a fazem. Mas não é esse o ponto...

– Espere aí – interrompeu-a Jeremy. – Você acha que eles falam de nós dois?

– Garanto que sim. Muitas pessoas falam de nós.

– É mesmo?

– Claro, seu tolinho! – respondeu Lexie, como se a resposta fosse óbvia. – Boone Creek é uma cidade pequena e é isto que fazemos por aqui: nós nos sentamos e conversamos sobre os outros moradores. Descobrimos o que está acontecendo na vida deles, damos nossas opiniões, debatemos se outras pessoas envolvidas estão certas ou erradas e resolvemos os problemas de todo mundo – na privacidade de nossas casas. É claro que ninguém admite, mas todos fazemos isso. É uma espécie de estilo de vida.

Jeremy refletiu sobre o que ela estava dizendo.

– Você acha que neste instante há pessoas falando sobre nós?

– Não tenho a menor dúvida. – Ela deu de ombros. – Alguns devem estar dizendo que nos casamos porque eu estava grávida; outros, que você não aguentará muito tempo nesta cidade, e outros, ainda, talvez se perguntem como conseguimos comprar a casa e deduzam que estejamos devendo até as nossas almas, ao contrário da vida tão modesta e econômica que eles levam. Ah, eles certamente estão falando e é muito provável que estejam se divertindo a valer!

– E isso não a incomoda?

– É claro que não. Por que me incomodaria? Eles jamais admitiriam que falam de nós e é certo que serão extremamente gentis na próxima vez em que nos encontrarmos, portanto nunca saberemos. Além do mais, nós também estamos fazendo isso. O que me traz de volta a Rodney e Rachel. Você não acha que eles estão se precipitando um pouquinho?



Naquela noite, na cama, tanto Jeremy quanto Lexie estavam lendo. Jeremy finalmente começara a ler a revista de esportes e estava entretido com uma história sobre jogadoras de vôlei quando Lexie pôs de lado seu livro.

– Você costuma pensar sobre o futuro?

– É claro que sim – respondeu Jeremy, baixando a revista. – E todos não pensamos?

– Como você acha que ele será?

– Para nós? Ou para o mundo?

– Estou falando sério.

– Eu também. Mas essa é uma questão complexa, que dá margem a todo tipo de assunto. Poderíamos falar sobre o aquecimento global, se ele está de fato acontecendo ou se é fruto de uma grande invenção, e considerar o destino da humanidade... Poderíamos também questionar a existência de Deus e o modo como as pessoas serão ou não aceitas no Paraíso na hora do Juízo Final, o que de certa forma faz com que a vida na Terra seja um tanto sem sentido. Quando você fez a pergunta, talvez estivesse pensando, ainda, na economia e na forma como ela irá afetar nossa vida ou até na política e na possibilidade de o próximo presidente nos guiar à ruína ou à prosperidade. Ou...

Ela pôs a mão sobre o ombro de Jeremy, interrompendo-o.

– Você será sempre assim?

– Assim como?

– Assim. Como está sendo, fazendo o que está fazendo... Sendo o Sr. Meticuloso, o Sr. Literal. Eu não fiz a pergunta desejando que começássemos uma discussão filosófica. Só estava perguntando...

– Acho que seremos felizes – arriscou ele. – Não poderia imaginar viver o resto da minha vida sem você.

Ela apertou o braço de Jeremy, contente.

– Também acho. Mas de vez em quando...

Jeremy a olhou.

– O quê?

– Fico pensando se seremos bons pais. Eu me preocupo com isso, às vezes.

– Seremos ótimos pais – disse ele. – Você se sairá maravilhosamente bem.

– Você diz isso agora, mas como podemos saber? E se ela se tornar uma daquelas adolescentes rebeldes, que se vestem de preto, usam drogas e dormem com todo mundo?

– Ela não será.

– Você não pode ter certeza disso.

– Posso, sim. Sei que ela será uma menina admirável. Como poderia ser diferente, sendo você a mãe dela?

– Você acha que é simples, mas não é. Crianças não são bonecos, são seres humanos, e quando vão ficando mais velhas, querem tomar as próprias decisões. Não há muito que fazer.

– Tudo depende da educação...

– Sim, mas algumas vezes não importa o que a gente faça. Podemos colocá-la na aula de piano e de futebol, podemos levá-la à igreja todos os domingos, mandá-la para a catequese e para aprender boas maneiras e podemos dar a ela todo o amor do mundo. Mas quando chega a adolescência... bem, algumas vezes, não podemos fazer nada. Com ou sem a nossa ajuda, no final das contas, as crianças crescem e se tornam as pessoas que nasceram para ser.

Jeremy pensou no que ela dissera e, em seguida, puxou-a para mais perto de si.

– Você está realmente preocupada com isso?

– Não, mas penso nisso, de vez em quando. Você não pensa?

– Para falar a verdade, não. As crianças devem se tornar quem nasceram para ser, e a tarefa dos pais, que é, na verdade, tudo o que eles podem fazer, é dar o melhor de si para guiá-las na direção certa.

– Mas e se não for o suficiente? Isso não preocupa você?

– Não – reafirmou ele. – Ela vai ficar bem.

– Como você pode ter tanta certeza disso?

– Porque sei que nossa filha ficará bem. Conheço você, acredito em você e sei que será uma mãe fantástica. E não se esqueça de que escrevi artigos sobre o tema “caráter *versus* educação”. Ambos são importantes, mas, na grande maioria dos casos, o ambiente é o maior indicador do comportamento futuro, superando a genética.

– Mas...

– Nós faremos o melhor que pudermos, Lexie, tudo o que estiver ao nosso alcance. E tenho certeza de que nossa filha será uma boa pessoa.

Lexie refletiu sobre o que ele dissera e perguntou em seguida:

– Você realmente escreveu artigos sobre esse assunto?

– Mais que isso: antes de escrevê-los, pesquisei profunda e detalhadamente. Sei do que estou falando.

– Você é muito inteligente – disse ela, sorrindo.

– Bem...

– Não estou me referindo às suas conclusões, mas ao que você acabou de dizer. Não me importa se é verdade ou não, mas era isso exatamente o que eu queria ouvir.



– Isto aqui é o coração do bebê, bem aqui – explicou o médico, no dia seguinte, apontando para a imagem nebulosa no monitor. – E aqui estão os pulmões e a coluna vertebral.

Jeremy tomou a mão da esposa, que estava deitada na mesa de exames. Estavam no consultório do obstetra e ginecologista de Lexie, que ficava em Washington, e Jeremy tinha de admitir que não era seu lugar preferido. É claro que ele queria muito ver o bebê outra vez – as imagens da primeira ultrassonografia ainda estavam penduradas na porta da geladeira –, mas a visão de Lexie sobre a mesa com as pernas penduradas em estribos... bem, ela o fazia se sentir como se ele estivesse interrompendo algo que seria mais bem-feito em particular.

É claro que o Dr. Andrew Sommers – um homem alto e elegante, de cabelos negros ondulados – fez o que pôde para que Lexie e Jeremy se sentissem à vontade, como se ele estivesse fazendo algo muito simples e trivial – por exemplo, medindo a pulsação da paciente –, e Lexie entrou no jogo. Enquanto ele prosseguia examinando e cutucando, os dois conversavam sobre a recente onda de calor e as notícias de incêndios florestais no Wyoming, e também sobre o desejo do médico de dirigir até Boone Creek só para comer no Alecrim, porque vários de seus pacientes tinham elogiado muito o restaurante. De vez em quando, ele fazia algumas perguntas mais comuns, sobre as chamadas contrações falsas ou sobre Lexie estar ou não sentindo enjoos e tontura. Ela respondia a tudo com naturalidade, como se estivessem conversando a uma mesa de almoço.

Para Jeremy, que estava sentado perto da cabeça de Lexie, a situação parecia surreal. Sim, o cara era médico, e Jeremy não tinha dúvidas de que ele examinava dezenas de pacientes todos os dias, mas, mesmo assim... Quando o Dr. Andrew tentou incluí-lo na conversa, Jeremy fez o melhor que pôde para olhar o médico nos olhos e ignorar o que ele estava fazendo com Lexie. Ele imaginou que ela já devia estar acostumada com tudo aquilo, mas era o tipo de coisa que o deixava feliz por ser homem.

Depois que o médico saiu, Jeremy e Lexie ficaram a sós por alguns minutos, à espera da técnica em ultrassonografia. Quando

ela entrou, pediu que Lexie levantasse a blusa e espalhou gel sobre sua barriga, o que a fez soltar um suspiro rápido.

– Desculpe-me. Eu deveria tê-la avisado de que o gel estaria frio. Mas vamos ver como está esse bebê?

Enquanto deslizava a sonda sobre a barriga de Lexie, pressionando-a ora com mais força, ora com suavidade, a moça explicava o que estava vendo.

– E você tem certeza de que é uma menina? – perguntou Jeremy.

Na última vez em que estiveram lá ela lhe assegurara que o bebê era uma menina, mas Jeremy tivera dificuldade de entender a imagem e não se sentira à vontade para dizer nada.

– Tenho certeza – disse a técnica, movendo a sonda mais uma vez. Fazendo uma pausa, ela apontou para a tela. – Ah, aqui está uma boa imagem... veja por si mesmo.

Jeremy semicerrou os olhos.

– Não tenho muita certeza do que estou vendo, não consigo distinguir direito...

– Aqui é o bumbum – explicou a moça, apontando para a tela – e aqui estão as perninhas. É como se ela estivesse sentada.

– Não estou vendo nada.

– Exatamente – disse ela. – E é por isso que sabemos que é uma menina.

Lexie achou graça e Jeremy se inclinou na direção dela, sussurando:

– Diga “olá!” à Aisha.

– Fique quieto. Estou tentando curtir esse momento – disse ela, apertando a mão de Jeremy.

– Muito bem, vou tirar algumas medidas, e assim poderemos ter certeza de que o bebê está se desenvolvendo normalmente, ok?

A moça moveu a sonda, apertou um botão e depois outro. Jeremy se lembrou de que ela fizera os mesmos movimentos na última vez em que tinham estado ali.

– Todas as medidas estão de acordo com o que seria esperado – explicou a técnica. – Aqui diz que o nascimento deve ser esperado

no dia 19 de outubro.

– Então ela está crescendo dentro dos padrões? – perguntou Jeremy.

– É o que tudo indica.

Ela moveu a sonda mais uma vez, para medir o coração e o fêmur e, de repente, parou. Em vez de apertar o botão, ela retirou a sonda de cima da imagem da perna e a pôs sobre uma linha branca que se alongava em direção à criança, algo que mais parecia ser efeito da estática ou um defeito da tela. Ela franziu ligeiramente a sobrancelha. De repente, começou a mover a sonda mais depressa, pausando com frequência para analisar a nova imagem. Parecia estar examinando o bebê de todos os ângulos.

– O que você está fazendo? – perguntou Jeremy.

A moça estava profundamente concentrada.

– Só estou fazendo uma verificação.

Ela tentou zerar a imagem antes de balançar a cabeça. Procedeu às demais medidas com pressa e voltou ao que estava fazendo anteriormente. Imagens do bebê, capturadas de todos os ângulos, apareciam e desapareciam no monitor. E mais uma vez ela zerou o instrumento sobre a linha ondulada.

– Está tudo bem? – pressionou Jeremy.

Os olhos da técnica continuavam focados na tela e ela deu um profundo suspiro, mas, ao responder à pergunta de Jeremy, sua voz soou surpreendentemente inalterada, firme:

– Estou vendo algo em que o médico vai querer dar uma olhada.

– O que isso quer dizer?

– Deixem-me chamar o Dr. Sommers – disse ela, levantando-se. – Ele poderá explicar melhor que eu. Fiquem aqui, que eu já volto.

O sangue sumiu das faces de Lexie, talvez devido ao tom das palavras da técnica, meticulosamente escolhidas. Jeremy sentiu que a mão da esposa apertava a sua outra vez, mas agora com bastante força. Imagens perturbadoras lhe vieram à mente, pois ele sabia muito bem ao que a moça se referira. Ela vira algo incomum, diferente... algo *ruim*. E, naquele instante, o tempo parou enquanto

sua mente apressadamente estudava todas as possibilidades. Ao tentar entender aquela linha branca que aparecera tantas vezes no monitor, Jeremy tinha a sensação de que a sala encolhera.

– O que está acontecendo? – perguntou Lexie, baixinho. – O que houve?

– Não sei.

– Tem alguma coisa errada com o bebê?

– Ela não disse isso – respondeu Jeremy, tanto para acalmar-se quanto para tranquilizar a esposa. Depois, engoliu em seco. – Tenho certeza de que não é nada.

Lexie estava quase chorando.

– Então, por que ela foi chamar o médico?

– É provável que ela tenha de fazer isso sempre que vê alguma coisa.

– O que ela viu? – perguntou Lexie, quase suplicante. – Eu não vi nada.

Ele refletiu um pouco antes de responder:

– Não sei.

– Então, o que era?

Sem saber o que fazer nem muito menos o que dizer, ele aproximou a cadeira da mesa de exames ao tentar alguma explicação:

– Não tenho certeza. Mas a batida do coração do bebê estava normal e ela está crescendo. A técnica teria dito alguma coisa mais cedo, se houvesse algum problema.

– Você viu a cara que ela fez? Parecia... assustada.

Dessa vez, Jeremy não conseguiu responder. Em vez disso, seus olhos se fixaram na parede oposta. Apesar de ele e Lexie estarem juntos, Jeremy subitamente se sentiu sozinho.

Alguns instantes depois, o médico e a técnica entraram na sala, com sorrisos forçados no rosto. A técnica se sentou em sua cadeira e o médico ficou em pé, atrás dela. Jeremy e Lexie não conseguiam dizer nada e, no silêncio que dominou o ambiente, era possível ouvir a própria respiração.

– Vamos dar uma olhada – disse o Dr. Sommers.

A técnica colocou mais gel e, ao movimentar a sonda sobre a barriga de Lexie, o bebê apareceu na tela mais uma vez. Quando a moça apontou para a tela, porém, não foi na direção do bebê.

– Está vendo? – perguntou ela ao médico.

O médico se inclinou para a frente, e Jeremy o imitou. De novo, lá estava a linha branca ondulada. Dessa vez, Jeremy observou que ela parecia vir das extremidades do espaço escuro que circundava o bebê.

– Bem ali.

O medico balançou a cabeça, concordando.

– Está aderida?

A técnica moveu a sonda e várias imagens do bebê apareceram. Ela balançou a cabeça e disse:

– Quando eu estava examinando antes, não vi aderência em nenhum lugar. Acho que verifiquei todos os locais.

– Vamos verificar outra vez – decidiu o médico. – Deixe-me assumir por um minuto.

A técnica se levantou e o médico tomou seu lugar. Ele permaneceu em silêncio enquanto movia a sonda mais uma vez. Parecia menos familiarizado com a máquina e as imagens apareciam mais devagar. Durante um longo tempo, ele e a técnica permaneceram muito concentrados no monitor, mas o silêncio na sala era total.

– O que está acontecendo? – A voz de Lexie saiu trêmula. – O que vocês estão procurando?

O médico lançou um olhar para a técnica, que em silêncio deixou a sala. Quando estavam a sós, ele apontou para a linha branca.

– Estão vendo isto aqui? Isto é o que chamamos de brida amniótica – explicou o médico. – O que estou tentando descobrir é se ela está ligada ao feto em algum lugar. Quando ela adere, em geral é nas extremidades, como nos braços e nas pernas. Até agora, porém, parece que não aderiu, o que é um bom sinal.

– Por que é um bom sinal? Não estou entendendo. E o que significa brida? – perguntou Jeremy

O médico suspirou lentamente.

– A brida é como um cordão feito do mesmo material fibroso do âmnio, que é a membrana que envolve o feto. Está vendo aqui? – Ele passou o dedo pelo que seria o contorno circular do saco gestacional e, em seguida, sobre o cordão. – Como vocês podem ver, uma das extremidades desse cordão está aderida aqui, à membrana, enquanto a outra está solta. Essa extremidade que está solta pode aderir ao feto. Se isso acontecer, o bebê nascerá com a Síndrome da Brida Amniótica, ou SBA.

Quando o médico retomou a fala, seu tom de voz era deliberadamente neutro.

– Serei totalmente franco com vocês: se isso acontecer, aumenta muito a probabilidade de anormalidades congênitas. Sei como é extremamente difícil ouvir uma notícia dessas, mas é por isso que levamos mais tempo examinando as imagens. Queríamos ter certeza de que a brida não estava aderida.

Jeremy mal podia respirar. Pelo canto do olho, viu que Lexie mordia os lábios.

– E vai aderir? – perguntou ele.

– Não há como prever. Neste momento, a outra ponta da brida está livre, flutuando no líquido amniótico. O feto ainda é pequeno. À medida que for crescendo, a possibilidade de haver aderência aumenta, mas a verdadeira Síndrome da Brida Amniótica é muito rara.

– Que tipo de anormalidades? – perguntou Lexie, e sua voz era um sussurro.

O médico deixou transparecer que aquela não era uma pergunta a que ele gostaria de responder.

– Bem, depende do local a que ela aderir, mas, se for uma verdadeira SBA, pode ser grave.

– Grave como?

Ele suspirou antes de responder:

– Se aderir às extremidades, o bebê pode nascer sem um dos membros, ou com pés tortos, ou com sindactilia, que é a fusão de

dois ou mais dedos, nas mãos ou nos pés. Se aderir a outro lugar, pode ser ainda pior.

À medida que o médico respondia às perguntas, Jeremy se sentia cada vez mais tonto.

– O que devemos fazer? – perguntou ele, com muito esforço. – Lexie vai ficar bem?

– Lexie ficará bem – explicou o Dr. Sommers. – A SBA não afeta a mãe. E, quanto ao que fazer, precisamos esperar. Não há motivos para repouso nem nada parecido. Recomendo que façamos um ultrassom 3D, que nos dará uma visão mais clara, mas insisto em que tudo o que conseguiremos ver é se a brida aderiu ou não ao feto. E, mais uma vez, repito: acho que não aderiu. Em seguida, faremos uma série de ultrassons, provavelmente um a cada duas ou três semanas, mas isso é tudo que podemos fazer por agora.

– Como isso aconteceu?

– A causa não foi nada que vocês tenham feito ou deixado de fazer. Lembrem-se de que, até agora, não parece que a brida tenha aderido. Sei que já disse isso antes, mas é muito importante que entendam. Até agora, não há nada de errado com o bebê de vocês. O crescimento está bom, o coração está forte e o cérebro está se desenvolvendo normalmente. Até agora, tudo bem.

No silêncio que se seguiu, Jeremy pôde ouvir o barulho constante e mecânico do aparelho de ultrassom.

– O senhor disse que a situação pode piorar, se a brida aderir a outro lugar – disse ele.

O médico se ajeitou na cadeira.

– Sim – admitiu. – Entretanto, é pouco provável que isso aconteça.

– Pode ser pior como?

O Dr. Sommers afastou a ficha de Lexi, que estava perto da máquina de ultrassom, ganhando tempo para pensar em quanto deveria dizer.

– Se aderir ao cordão umbilical, vocês podem perder o bebê – respondeu ele, por fim.

# 17



Eles podiam perder o bebê.

Assim que o médico saiu da sala, Lexie caiu em prantos e tudo o que Jeremy pôde fazer foi controlar as próprias lágrimas. Ele se sentia completamente esgotado e se expressava de forma automática, lembrando à esposa repetidas vezes que o bebê estava bem e que era provável que continuasse assim. Em vez de acalmá-la, porém, suas palavras faziam com que ela se sentisse ainda pior. Ele segurou Lexie, confortando-a, e as mãos dela estavam trêmulas, enquanto os ombros subiam e desciam, acompanhando seu choro convulsivo. Quando ela por fim se afastou um pouco, a camisa de Jeremy estava ensopada das lágrimas da esposa.

Enquanto se vestia, ela não disse nada, mas inspirava áspera e penosamente, como se tentasse segurar o choro, e esse era o único som que se ouvia naquela sala agora sobremodo apertada, asfixiante. Jeremy não se firmava nos próprios pés. Quando viu Lexie abotoar a blusa sobre a protuberância esférica de sua barriga, teve de travar os joelhos para não desabar.

O medo era sufocante e esmagador e a esterilidade da sala parecia surreal. Isso não podia estar acontecendo. Nada fazia sentido. As primeiras ultras não tinham mostrado nada. Lexie não ingerira nem mesmo uma xícara de café desde que soubera que estava grávida. Era forte, saudável e dormia o bastante. Mas algo estava errado. Enquanto a olhava, imaginou a brida flutuando no

líquido amniótico como se fosse os tentáculos de uma água-viva maligna – esperando, flutuando à deriva, pronta para o ataque.

Ele queria que Lexie se deitasse, que parasse de se mexer, para que o tentáculo não chegasse até o bebê. Ao mesmo tempo, queria que ela caminhasse, que continuasse a fazer o que vinha fazendo, já que o tentáculo ainda estava flutuando, livre de aderências. Ele queria saber o que fazer para aumentar as chances de que o bebê deles ficasse bem. Agora, o ar dentro da sala era quase nenhum e sua mente estava tomada pelo medo.

O bebê poderia morrer. Sua filhinha. Sua menininha, talvez a única que poderiam ter.

Ele queria sair dali e nunca mais voltar. Queria ficar ali e conversar com o médico mais uma vez, para ter certeza de que tinha entendido o que estava acontecendo. Queria contar para a mãe, os irmãos, o pai, e então poderia chorar nos ombros deles. Queria não dizer nada, e carregar o fardo com resignação e firmeza. Queria que a filha estivesse bem. Repetiu a frase inúmeras vezes em silêncio, como se pudesse adverti-la da presença do tentáculo, para que ela ficasse longe dele. Quando Lexie se aproximou para pegar a bolsa, ele percebeu seus olhos vermelhos, e aquela imagem quase partiu seu coração. Não era para nada daquilo ter acontecido: aquele devia ter sido um dia muito feliz. Mas aquela alegre expectativa não estava mais presente, e no dia seguinte seria ainda pior, porque a criança teria crescido e o tentáculo estaria mais próximo. A cada dia, o perigo seria maior.

No corredor, quando passaram em direção ao consultório do médico, viram que a técnica estava imersa em laudos e na sua papelada de trabalho. Quando se sentaram diante do médico, ele lhes mostrou a ultrassonografia impressa e repetiu todas as descrições e as informações sobre a brida amniótica. Explicou que tinha o costume de repetir o diagnóstico e as explicações, porque a maioria dos pacientes não o ouvia direito na primeira vez, devido ao impacto causado pelas notícias, ao sobressalto. Ele enfatizou que o bebê estava se desenvolvendo bem e que não acreditava que a

brida fosse aderir. Isso, ele repetiu, era uma ótima notícia. Mas Jeremy só conseguia visualizar o tentáculo flutuando dentro de sua esposa, vagando, movendo-se para perto do bebê e, em seguida, afastando-se. Perigo e segurança em um jogo mortal de pique-esconde. A criança crescendo, ficando cada vez maior, ocupando mais espaço no saco gestacional... Será que então a brida continuaria a flutuar livremente?

– Sei quanto é difícil ouvir isso – tornou a dizer o médico.

*Não, você não sabe, não*, pensou Jeremy. Não era a filhinha dele. A filha dele, de maria-chiquinha, ajoelhada perto de uma bola, estava sorridente em um porta-retratos colocado sobre a mesa do Dr. Sommers. A filha dele estava bem. Não, ele não sabia. Não poderia saber.

Do lado de fora do consultório, Lexie sucumbiu ao choro outra vez e ele a apoiou com firmeza. Quase não disseram nada um ao outro durante o percurso até a casa e, mais tarde, Jeremy mal se lembrava de ter dirigido até lá. Ao chegarem, ele foi direto acessar a internet e procurar informações sobre a Síndrome da Brida Amniótica. Viu fotos de crianças que não tinham pés, ou cujos dedos eram unidos, ou cujos membros eram atrofiados. Ele estava preparado para essas imagens, mas não para as deformidades faciais, que faziam com que os bebês quase nem parecessem humanos. Leu sobre deformidades na coluna vertebral e nos intestinos, resultado das situações em que a brida aderiu ao tronco da criança. Jeremy fechou as páginas, foi até o banheiro, jogou bastante água gelada no rosto e decidiu que não contaria a Lexie nada do que tinha acabado de ver.

Lexie ligou para Doris assim que entraram em casa e as duas estavam agora conversando na sala. Lexie chorou quando a avó apareceu na porta e chorou de novo quando se sentaram no sofá. Doris também começou a chorar, apesar de dizer a todo o instante que nada de mal aconteceria à criança, que havia um motivo para Deus tê-los abençoado com aquela gravidez, que Lexie deveria continuar a ter fé. Lexie pediu à avó que não comentasse nada

daquilo com ninguém e ela prometeu guardar segredo. Jeremy também não disse nada à sua família. Ele sabia como a mãe reagiria, o que ela diria ao telefone, os telefonemas regulares que daria, em busca de notícias... Ainda que ela pensasse que, ao agir daquele jeito, estaria dando apoio ao filho, Jeremy iria sentir exatamente o oposto, e ele não conseguiria lidar com algo assim: não se imaginava tendo de dar suporte a outra pessoa naquele instante – nem mesmo a própria mãe. Principalmente a mãe. Já era bastante difícil apoiar a esposa e manter as próprias emoções sob controle. Mas ele precisava ser forte – por ele e por Lexie.

Mais tarde, naquela noite, deitado na cama ao lado de Lexie, Jeremy tentou pensar em qualquer coisa que não fosse o tentáculo que aguardava o momento de prender sua filhinha em uma armadilha.



Três dias depois, eles foram ao Centro Médico da East Carolina University, em Greenville, para a realização da ultra em 3D. Não estavam nem um pouco entusiasmados quando chegaram e começaram a preencher os formulários. Na sala de espera, Lexie colocava a bolsa sobre a mesinha de canto e a recolocava no colo, repetindo o movimento várias vezes. Caminhou até onde estavam as revistas e escolheu uma delas, mas nem a abriu quando voltou ao lugar. Enfiou uma mecha de cabelo atrás da orelha e examinou a sala de espera. Enfiou outra mecha de cabelo atrás da outra orelha e olhou para o relógio.

Nos dias que precederam o exame, Jeremy procurou saber tudo o que pudesse sobre a Síndrome da Brida Amniótica, na esperança de que, ao compreendê-la, fosse possível não sentir mais tanto medo. Entretanto, quanto mais se informava, mais ansiedade sentia. À noite, ele se virava na cama, nervoso, e não apenas por saber que o bebê corria perigo, mas também por perceber a imensa probabilidade de que aquela fosse a única gravidez de Lexie. Ela já

nem deveria ter ocorrido e, de vez em quando, em seus momentos de tristeza mais profunda, ele se perguntava se aquele sofrimento não seria uma espécie de vingança do universo por ele ter desobedecido à regra. Ele não deveria ter filhos. Jamais.

Jeremy não falou sobre nada disso com Lexie. Nem contou a ela a verdade sobre a SBA.

– O que você descobriu na internet? – perguntara ela na noite anterior.

– Nada além do que o médico nos disse.

Ela balançou a cabeça, concordando. Ao contrário do marido, não tinha nenhuma ilusão de que o conhecimento iria diminuir o medo que sentia.

– Cada vez que me mexo, tenho medo de estar fazendo algo que não deveria.

– Acho que não funciona dessa maneira – respondeu ele, tentando tranquilizá-la.

Lexie balançou a cabeça outra vez.

– Estou com medo – disse ela, num sussurro.

Jeremy passou o braço em volta dela.

– Eu também.



Eles foram conduzidos à sala e Lexie levantou a blusa quando a técnica entrou. Embora sorrisse, a moça pôde sentir a tensão no ambiente e logo começou a trabalhar.

O bebê apareceu na tela e a imagem era muito mais bem-definida. Eles podiam ver os traços da criança: o nariz, o queixo, as pálpebras e os dedinhos. Quando Jeremy olhou para Lexie, ela apertou a mão dele com uma intensidade que era dolorosa, em todos os sentidos.

A brida amniótica, o tentáculo, não tinha aderido. Mas ainda havia dez semanas pela frente.

– Detesto essa expectativa – comentou Lexie. – Esperar, confiar e não saber o que vai acontecer.

Ela descrevera com exatidão o que Jeremy também estava pensando, o que revelariam as palavras que ele se recusava a pronunciar na presença dela. Uma semana se passara desde que tinham recebido a notícia e, embora estivessem sobrevivendo, parecia que era só isso que podiam fazer. Sobreviver, ter esperança e aguardar. Outra ultrassonografia estava marcada para dali a menos de duas semanas.

– Tudo vai ficar bem – disse Jeremy. – Só porque a brida está lá não significa que ela vá aderir.

– Mas por que eu? Por que nós?

– Não sei. Mas tudo vai dar certo. Tudo vai ficar bem

– Como você sabe? Você não tem como saber e não pode me prometer isso.

*Não, não posso*, pensou Jeremy. Mas preferiu dizer:

– Você está fazendo tudo certo. Tem saúde, come o que deve e se cuida. Eu digo a mim mesmo que, enquanto você continuar assim, nossa filha estará bem.

– Não é justo – lamentou-se ela, chorando. – Sei que é mesquinho o que vou dizer, mas, quando leio os jornais, sempre vejo histórias de mulheres que tiveram filhos quando nem sabiam que estavam grávidas. Ou que têm filhos perfeitamente normais e os abandonam. Ou que fumam e bebem, mas tudo dá certo. Não é justo. E agora eu nem posso curtir o fim da gravidez. Acordo todos os dias e, mesmo que não esteja pensando especificamente nisso, a sensação de ansiedade não me abandona e, de repente, *bum*! Tudo cai sobre a minha cabeça e eu me lembro e começo a pensar que algo dentro de mim pode matar nosso bebê. Dentro de mim! Sou eu que estou fazendo isso, meu corpo está fazendo isso, e, por mais que eu me esforce, não há nada que eu possa fazer.

– A culpa não é sua – afirmou Jeremy.

– Então, de quem é? Do bebê? – devolveu ela, com impaciência. – O que eu fiz de errado?

Pela primeira vez, Jeremy percebeu que não era apenas o medo que afligia Lexie, mas também a culpa, e isso o fez sofrer ainda mais.

– Você não fez nada errado.

– Mas essa coisa dentro de mim...

– Ainda não fez nada – completou ele, com suavidade. – E tenho certeza de que parte do motivo está no fato de você estar fazendo tudo certo. O bebê está bem. Por enquanto, é a única certeza que temos. O bebê está ótimo.

– Você acha que ela vai ficar bem? – perguntou Lexie, sussurrando tão suavemente que Jeremy mal pôde ouvi-la.

– Sei que vai.

Mais uma vez, ele estava mentindo, mas não podia dizer a verdade. Algumas vezes, ele aprendera, mentir era a atitude mais correta.



Jeremy não tinha muita experiência com a morte. Mas a morte fora a companheira de toda a vida de Lexie. Ela perdera os pais e, havia poucos anos, o avô. E embora dissesse que compreendia, Jeremy tinha certeza de que era incapaz de entender realmente quanto fora difícil para ela. Ele não a conhecia à época, então não sabia como ela tinha reagido, mas agora não tinha duvidas de como ela iria reagir se a filha deles morresse.

E se a próxima ultra também mostrasse que tudo estava bem? Não faria diferença, porque a brida amniótica ainda poderia aderir ao cordão umbilical. E se acontecesse quando ela entrasse em trabalho de parto? E se eles chegassem alguns minutos depois da hora? Sim, eles perderiam o bebê e isso seria de partir o coração. Mas como Lexie ficaria? Será que iria se culpar? Será que iria culpá-lo, uma vez que a chance de outra gravidez seria basicamente

nula? Como ela se sentiria quando entrasse no quarto do bebê na casa nova? Ela manteria ou venderia os móveis? Eles adotariam uma criança?

Jeremy não sabia nem podia imaginar as respostas.

O que mais o magoava, porém, era algo diferente. A Síndrome da Brida Amniótica raramente era fatal. Mas anormalidades e deformidades eram a regra, não a exceção. Esse era um tema que eles nunca abordavam, algo que nenhum dos dois desejava discutir. Quando falavam de suas preocupações, só mencionavam a possibilidade da morte do bebê, não o cenário mais realista: o de que a filha seria diferente, o de que teria anormalidades graves e precisaria enfrentar incontáveis cirurgias, o de que ela poderia sofrer.

Jeremy sentiu ódio de si mesmo por pensar que isso teria importância, porque no fundo ele sabia que amaria a filha de qualquer maneira. Ele não dava a mínima para membros ausentes nem para dedinhos unidos. Ele a educaria e cuidaria dela como qualquer outro pai. Mesmo assim, quando pensava na criança, não podia negar que todas as imagens que fazia dela eram como fotografias tiradas nas situações mais comuns: usando um lindo vestido na Páscoa, cercada por tulipas, chapinhando e se divertindo entre os aspersores de água do jardim, sentada na cadeirinha de alimentação, com um sorriso largo e a cara suja de chocolate... Ele nunca a imaginava com deformidades, nunca a via com lábio leporino ou sem o nariz, ou com uma orelha do tamanho de uma pequena moeda. Em sua imaginação, ela era sempre perfeita e tinha olhos cheios de vida. E Lexie, ele tinha certeza, a imaginava da mesma forma.

Jeremy sabia que todas as pessoas carregavam um fardo, que ninguém tinha uma vida perfeita. Mas alguns fardos eram mais pesados que outros e, apesar de sentir-se mal com esse pensamento, ele se perguntava se a morte não seria mais fácil que ter uma filha com severas anormalidades – não a falta de um membro, mas algo muito pior, que a fizesse sofrer pelo resto da

vida, qualquer que fosse a duração desse tempo. Ele não podia imaginar ter uma filha para quem a dor e o sofrimento fossem uma constante. Mas, e se esse fosse o destino reservado para ela? Era algo terrível demais de imaginar, e ele tentou se livrar daquele pensamento.

Mesmo assim, a pergunta o assombrava.

O tempo passou devagar na semana seguinte. Lexie foi trabalhar, mas Jeremy nem se propôs a escrever. Ele não conseguia encontrar energia suficiente para se concentrar e por isso passou a maior parte do tempo na casa nova. A reforma estava no estágio final e Jeremy assumiu a responsabilidade de começar a faxina: lavou as janelas por dentro e por fora, passou o aspirador nos cantos da escada, raspou restos de tinta acumulados nos balcões da cozinha. Era um trabalho entediante e entorpecedor, mas servia para clarear a mente e afastar os medos. Os pintores estavam terminando os cômodos do andar térreo e o papel de parede do quarto do bebê estava colocado. Lexie já tinha escolhido e comprado quase todos os móveis e, quando eles foram entregues, Jeremy passou duas tardes inteiras montando-os e terminando de ajeitar o quarto. Quando Lexie chegou do trabalho, ele a levou até a casa. No topo da escada, pediu a ela que fechasse os olhos e a conduziu porta adentro.

– Ok, pode abrir os olhos agora – instruiu ele.

E, por um instante, não havia preocupações pelo futuro nem temores pela filha. Ali, diante de si, Jeremy reencontrou a Lexie de antes, que ansiava por ser mãe, sorria com muita facilidade e achava simplesmente inesquecível tudo quanto se referia àquela experiência.

– Foi você que fez isso? – perguntou ela, com a voz suave.

– Quase tudo. Tive de pedir aos pintores que me ajudassem com as persianas e as cortinas, mas fiz todo o resto.

– Está lindo – murmurou ela.

Sobre o carpete havia um tapete decorado com patinhos. No canto, o berço – com um lençol de algodão macio já cobrindo o

colchão e protetores de berço coloridos já colocados – ficava sob o móbile que eles tinham comprado havia muito tempo. As cortinas combinavam com o tapete e com as pequenas toalhas colocadas sobre a cômoda. O trocador estava repleto de pacotes de fraldas, pomadas e lenços umedecidos. E um pequeno carrossel musical, tocando baixinho, cintilava à luz amarela e delicada de um abajur decorativo.

– Achei que, como estamos quase nos mudando, eu devia começar por este quarto e deixá-lo pronto.

Lexie foi até a escrivaninha e pegou um pequeno pato de porcelana.

– Foi você que escolheu isto?

– Combinava com o tapete e com as cortinas. Se você não gostar…

– Não, eu gosto. É que fiquei surpresa...

– Por quê?

– Quando fomos escolher as coisas do bebê, você não pareceu gostar muito.

– Acho que estou, finalmente, me acostumando à ideia. Além disso, eu não podia deixar que só você se divertisse. Acha que ela vai gostar do patinho?

Lexie se aproximou da janela, passando os dedos pela cortina.

– Ela vai amar. Eu amei.

– Fico feliz de saber.

Lexie soltou a cortina e foi até o berço. Ela sorriu ao ver os bichinhos de pelúcia, mas logo seu sorriso se apagou. Ela cruzou os braços e Jeremy percebeu que as preocupações haviam retornado.

– Acho que vamos poder nos mudar nesse fim de semana – explicou ele, desejando pensar em algo mais que dizer. – Na verdade, os pintores disseram que já podemos começar a trazer nossas coisas. Talvez tenhamos de guardar alguns móveis nos quartos enquanto eles terminam a pintura da sala, mas os outros cômodos estão prontos. Estava pensando em montar meu

escritório, em seguida, e, logo depois, o nosso quarto. De qualquer forma, já que você está trabalhando, vou cuidar disso.

– Está bem – concordou ela, balançando a cabeça. – Tudo bem.

Jeremy colocou as mãos nos bolsos.

– Estive pensando no nome para o bebê. E não se preocupe, não é Aisha.

Lexie o olhou, espantada.

– Não sei como não pensei nisso antes.

– O que é?

Jeremy hesitou, lembrando-se de como o nome apareceria se escrito em uma das páginas do diário de Doris, lembrando-se de sua imagem numa lápide ao lado da do pai de Lexie. Deu um suspiro profundo, sentindo-se estranhamente nervoso ao dizer, por fim:

– Claire.

Ele não conseguiu ler a expressão no rosto de Lexie e, por um instante, achou que pudesse ter cometido um erro. Mas quando ela andou na direção dele, era possível ver a sombra de um sorriso em seus lábios. Ela o abraçou e apoiou a cabeça no peito do marido, que também a envolveu em seus braços, trazendo-a para mais perto de si. Ali, no quarto da filha, eles ainda eram dois adultos amedrontados, mas já não se sentiam sozinhos.

– Minha mãe – sussurrou ela.

– Isso mesmo. Não posso imaginar nossa filha com nenhum outro nome.

Naquela noite, Jeremy rezou pela primeira vez em muitos anos.

Embora tivesse sido educado de acordo com os preceitos católicos e continuasse a ir à missa com a família na Páscoa e no Natal, raramente sentia qualquer tipo de conexão com a liturgia da missa ou com a própria fé. Não que ele duvidasse da existência de Deus, pois, apesar do ceticismo em que baseara toda a sua carreira,

Jeremy sentia que acreditar em Deus era uma atitude não apenas natural, mas também racional. De que outra forma poderia haver tamanha ordem no universo e seria possível que a vida tivesse evoluído da maneira como evoluiu?

Anos atrás ele escrevera uma coluna na qual expressara as próprias dúvidas quanto à existência de vida em qualquer outra parte do universo que não a Terra. Fazendo uso da matemática para reforçar seus argumentos, afirmara que, apesar dos milhões de galáxias e trilhões de estrelas, eram quase nulas as chances de existir *qualquer* outra forma de vida inteligente no universo, além das que conhecemos em nosso planeta.

Aquela tinha sido uma de suas colunas mais populares, que gerou muitas respostas dos leitores. A grande maioria expressou concordância com a posição de Jeremy – a de que Deus criara o universo –, mas houve também os que discordaram, com base na teoria do *big bang*. Em uma coluna subsequente, Jeremy escreveu, em termos leigos, sobre o *big bang* e a tese de que, em sua essência, essa teoria afirmava que toda a matéria do universo estivera comprimida em uma esfera densa do tamanho, aproximadamente, de uma bola de tênis. Ao explodir, ela teria gerado o universo como o conhecemos. Ele concluiu com a pergunta: “Considerando superficialmente, qual dessas teorias parece mais crível? A crença em Deus ou a crença de que, um dia, toda a matéria do universo – cada átomo e toda molécula – estiveram condensados em uma pequena esfera?”

Ainda assim, a crença em Deus era, em essência, uma questão de fé. Mesmo para os que, como Jeremy, acreditavam no *big bang*, essa teoria não dava conta de explicar nada sobre a própria criação daquela esfera, antes de tudo. Diriam os ateus que ela sempre estivera lá, ao passo que os que têm fé diriam que Deus a criara – e não haveria maneiras de comprovar nem uma nem outra crenças, sempre seria impossível saber qual dos grupos estaria com a razão. Esse era o motivo, Jeremy concluiu, de a palavra de ordem ser fé.

Por outro lado, ele também não estava disposto a aceitar que Deus desempenhava um papel ativo nos acontecimentos da vida humana. Apesar de ter sido educado na fé católica, não acreditava em milagres e já desmascarara fraudes cometidas por indivíduos que diziam poder curar pela fé. Ele não acreditava em um Deus que escolhia as preces, respondendo a algumas e ignorando outras, sem levar em conta o merecimento de cada um. Preferia acreditar em um Deus que abençoava todos os indivíduos com dons e habilidades e os colocava em um mundo imperfeito, pois só assim a fé seria testada e só assim seria verdadeiramente alcançada.

Suas crenças não estavam de acordo com as das religiões estabelecidas, e Jeremy de vez em quando ia à missa unicamente para agradar à mãe. Algumas vezes ela percebia o fato e sugeria que ele rezasse. Ele quase sempre prometia que iria tentar pôr em prática o que ela aconselhava, mas nunca o fazia. Bem, nunca o tinha feito... até agora...

Naquela noite, após decorar o quarto do bebê, Jeremy se viu de joelhos, implorando a Deus que ajudasse a manter a filha a salvo, que os abençoasse com uma criança saudável. Com as mãos em prece, rezou em silêncio, prometendo ser o melhor pai que pudesse ser. Prometeu que voltaria a ir à missa, que faria da oração parte de sua vida diária, que leria a Bíblia da primeira à última página... E pediu por um sinal que lhe permitisse saber que Deus o tinha escutado e que suas orações seriam atendidas. Mas nada aconteceu.



– Algumas vezes, não sei o que devo dizer nem o que ela espera que eu faça – admitiu Jeremy.

Ele conversava com Doris, no dia seguinte, a uma das mesas do Alecrim. Como não tinha contado nada à própria família, ela era a única pessoa em quem ele podia confiar.

– Sei que ela precisa que eu seja forte, e estou tentando ser. Procuro ser otimista, digo a ela que tudo vai dar certo e faço o melhor que posso para não deixá-la ainda mais nervosa do que já está. Mas...

Como ele diminuiu o ritmo das palavras, Doris completou seu pensamento.

– Mas é muito difícil, porque você está tão assustado quanto ela.

– Exatamente – concordou ele. – Desculpe-me: eu não queria arrastá-la para dentro do nosso problema.

– Eu já estou dentro dele, Jeremy. E tudo o que posso dizer é que eu sei quanto é difícil e que eu acho que você está fazendo a coisa certa. Neste exato momento, ela precisa de seu apoio. Esse foi um dos motivos pelos quais ela se casou com você: ela confiava em você, sabia que estaria ao lado dela quando fosse preciso. E todas as vezes em que conversamos ela sempre me diz que você a tem apoiado muito.

Do outro lado das janelas, Jeremy viu pessoas comendo na varanda, conversando sobre trivialidades, como se não tivessem nem mesmo uma única preocupação no mundo. No entanto nada mais era banal em sua vida.

– Não consigo parar de pensar no assunto. Temos outro exame marcado para amanhã e já estou morrendo de medo. Só fico imaginando que a brida vai estar aderida. É como se eu pudesse enxergar a expressão no rosto da técnica e o silêncio que ela vai fazer, e já sei que ela irá nos dizer que precisamos falar com o médico outra vez. Fico enjoado só de pensar nisso. E sei que Lexie se sente como eu. Ela tem estado muito calada nos últimos dois dias. Quanto mais próxima a ultra, mais preocupados ficamos.

– Isso é natural – comentou Doris.

– Tenho rezado muito – admitiu ele.

Doris suspirou e olhou para o teto, depois voltou a olhar para Jeremy ao dizer:

– Eu também.



No dia seguinte, as preces de Jeremy foram atendidas. O bebê estava crescendo, seu coraçãozinho batia com vigor e regularidade e a brida não havia aderido. O médico anunciara as boas notícias e, embora Lexie e Jeremy tivessem sentido uma onda de alívio, a preocupação voltou a tomar conta dos dois assim que eles entraram no carro e se deram conta de que teriam de retornar em quinze dias. E ainda havia oito semanas pela frente.



Eles se mudaram para a casa nova dois dias depois. O prefeito Gherkin, Jed, Rodney e Jeremy ajudaram a colocar os móveis no caminhão, enquanto Rachel e Doris lidavam com as caixas, seguindo as orientações de Lexie. Como a outra casa era pequena, a nova parecia vazia, mesmo depois de todos os móveis terem sido colocados em seus lugares.

Lexie os levou para conhecer a casa: o prefeito Gherkin logo sugeriu que a inscrevessem no tour das casas históricas e Jed se dedicou a reposicionar o javali empalhado, colocando-o mais perto da janela da sala, em destaque.

Enquanto observava Lexie e Rachel se encaminharem para a cozinha, Jeremy percebeu que Rodney ficara intencionalmente para trás. Ele olhou furtivamente para Jeremy ao dizer:

– Queria me desculpar.

– Por quê?

– Você sabe. – Ele balançou um pé. – Mas também queria agradecer o fato de vocês terem mantido a Rachel como dama de honra de Lexie. Há muito tempo que eu queria lhe dizer isso. Foi muito importante para ela.

– A presença de Rachel também foi importante para Lexie.

Rodney sorriu rapidamente, depois ficou sério outra vez.

– A casa está muito bonita. Nunca pensei que pudesse ficar assim. Vocês dois fizeram um excelente trabalho.

– Foi tudo ideia da Lexie. O mérito é todo dela.

– É seu também, sem dúvida. E esse lugar combina com vocês. Será ótimo para a família que vocês irão formar.

Jeremy engoliu em seco.

– Assim espero.

– Parabéns pelo bebê. Ouvi dizer que é uma menina. Rachel já escolheu várias roupinhas para ela. Não conte à Lexie, mas acho que a Rachel vai fazer um chá de bebê surpresa para ela.

– Garanto que ela vai gostar muito. Ah, e parabéns pelo noivado! Rachel é muito especial.

Rodney olhou para a cozinha e disse:

– Somos dois homens muito sortudos, não é mesmo?

Jeremy não conseguiu responder. Pela primeira vez na vida, estava totalmente sem palavras.



Finalmente, Jeremy telefonou para o editor em Nova York, uma ligação que vinha temendo e adiando havia semanas. Explicou que não enviaria nenhuma coluna naquele mês, a primeira que ele deixaria de mandar em tantos anos. O editor se mostrou surpreso e desapontado, mas, quando Jeremy lhe contou os problemas com a gravidez de Lexie, seu tom de voz logo ficou mais ameno, e ele quis saber se Lexie corria algum perigo e se estava de cama. Em vez de responder diretamente, Jeremy disse apenas que preferia não entrar em detalhes e, pela pausa do outro lado da linha, concluiu que o editor devia estar imaginando o pior.

– Sem problemas – disse ele. – Vamos reciclar uma de suas antigas colunas, algo que você tenha escrito há muitos anos. Há chance de que as pessoas nem se lembrem ou nem a tenham lido. Você quer escolher alguma ou prefere que eu mesmo faça isso?

Quando Jeremy hesitou, o editor respondeu à própria pergunta:

– Não tem problema. Vou escolher. Tome conta de sua mulher, que é o que mais importa agora.

– Obrigado. Fico muito agradecido.

Apesar de suas batalhas ocasionais com o editor, Jeremy percebeu que o sujeito tinha mesmo um coração batendo naquele peito, vejam só.

– Tem mais alguma coisa que eu possa fazer por você?

– Não, só queria mesmo que você soubesse.

Ele ouviu um rangido do outro lado da linha e visualizou o sujeito se inclinando para trás em sua cadeira, como de costume.

– Avise-me, por favor, se você não puder escrever a próxima, ok? Se não for possível, a gente recicla mais uma, certo?

– Pode deixar que eu o aviso – respondeu Jeremy, e logo em seguida completou: – Mas espero ter alguma coisa escrita em pouco tempo.

– Mantenha a confiança. É difícil, mas tenho certeza de que tudo vai acabar bem.

– Obrigado.

– Ah! E por falar nisso, mal posso esperar para ver o que você está preparando. Assim que estiver pronto. Sem pressa.

– Do que você está falando?

– De sua próxima história. Não tenho tido notícias suas, portanto imagino que você esteja preparando alguma coisa muito boa. Você sempre se esconde quando está trabalhando em alguma história bizarra. Sei que você tem outros problemas na cabeça, mas só queria que soubesse que muita gente ficou impressionada com o que você fez com o Clausen, e queríamos ter a chance de que seu próximo grande artigo fosse publicado aqui, e não nos jornais ou em qualquer outro lugar. Eu já estava pensando em falar isso com você, para lhe assegurar que seremos competitivos no que diz respeito à sua remuneração. Além do mais, pode ser bom para a revista, também. Quem sabe não fazemos um grande negócio e publicamos seu artigo como matéria de capa? Podemos pensar nisso...

Desculpe-me por falar nesse assunto agora... não há nenhuma pressão. E só para quando você estiver pronto.

Jeremy lançou um olhar para seu computador e suspirou ao responder:

– Vou me lembrar disso.



Embora não tivesse mentido, Jeremy omitira a verdade, e era por isso que, após desligar o telefone, ele começara a se sentir culpado. Não tinha percebido que, ao ligar para o editor, estava esperando, inconscientemente, que ele lhe mandasse dar um jeito, qualquer jeito, mas que lhe entregasse uma coluna, ou que lhe dissesse que iriam encontrar outra pessoa para escrevê-la, ou, ainda, que ele simplesmente cancelasse o acordo. Era para isso que Jeremy tinha se preparado. O que ele não esperara de jeito nenhum era aquela reação tão compreensiva, que fez aumentar sua culpa.

Parte dele queria ligar de novo para o sujeito e contar tudo, mas o bom senso prevaleceu. O editor fora compreensivo porque tivera de ser. O que mais ele poderia ter dito? *Oh, sinto muito sobre sua mulher e sua filha, mas você precisa entender que prazo é prazo e que você irá para a rua se eu não tiver nada em minhas mãos nos próximos cinco minutos*? Não, ele não diria isso – ele não poderia dizer isso –, sobretudo considerando o que ele explicou a seguir: que a revista queria a chance de publicar seu próximo grande artigo. Aquele no qual ele deveria estar trabalhando.

Mas ele não queria pensar naquele assunto agora – nem mesmo conseguia fazê-lo –, até porque não ser capaz de escrever nem mesmo uma coluna já era ruim o suficiente. Ele tinha feito, porém, o que era necessário: conseguira mais quatro semanas de prazo, talvez oito. Se não tivesse escrito nada até lá, diria toda a verdade ao editor. Seria obrigado a tomar essa atitude, porque não poderia ser um escritor se não fosse capaz de escrever. E não teria nenhum sentido continuar com aquela mentira.

Mas o que ele faria, se isso acontecesse? Como pagaria as contas? Como sustentaria a família?

Ele não sabia. E nem queria pensar naquilo. No momento, sua mente já estava ocupada demais com Lexie e Claire. Na atual escala de valores, elas eram muito mais importantes que quaisquer preocupações com sua carreira, e Jeremy sabia que, mesmo que estivesse escrevendo, Lexie e Claire sempre estariam em primeiro lugar. Mas, naquele momento, ele não tinha essa escolha.

# 18



Como ele poderia descrever as seis semanas que se seguiram? Como seriam as lembranças que elas despertariam quando Jeremy voltasse seu olhar para o passado? Será que se lembraria de tê-las passado com Lexie, em visitas a bazares de objetos usados e a lojas de antiguidade, quando encontraram as peças exatas que faltavam na decoração da casa? De que Lexie demonstrara ter não só um bom gosto extremo, mas também uma grande habilidade para enxergar como tudo se encaixaria em seu projeto de decoração? De que seus instintos de barganha permitiram que eles gastassem muito menos do que ele tinha imaginado? De que, no final, até o presente de Jed ficara simplesmente perfeito na casa?

Ou ele se lembraria de ter, finalmente, telefonado para os pais e contado sobre a gravidez – um telefonema que acabara com ele chorando de maneira inconsolável, como se tivesse acumulado e contido seus medos por um tempo longo demais, e só então tivesse a oportunidade de libertar as próprias emoções, sem preocupar ou magoar a esposa?

Talvez se lembrasse das intermináveis noites em que, sentado diante do computador, ele continuamente falhava em suas tentativas de escrever, alternando sentimentos de desespero e raiva, enquanto via o tempo passar inexorável rumo ao fim da carreira.

Nada disso: no final ele se lembraria de tudo aquilo como um momento de ansiosa transição, dividido em períodos de duas

semanas de avanço que se estendiam entre cada ultrassonografia.

Embora seus medos permanecessem, o choque inicial já tinha começado a diminuir e as preocupações não dominavam mais seus pensamentos dia e noite. Era como se algum mecanismo de sobrevivência tivesse contribuído na luta que travavam contra o peso insustentável e o tumulto de suas emoções. Era um processo gradual, quase imperceptível, e foi somente vários dias depois do último exame que ele se deu conta de que tinha passado quase a tarde toda sem se sentir paralisado pelo medo. Lexie também sofrera aquela mesma mudança gradual. Durante aquele período de seis semanas, eles tiveram mais de um jantar romântico, riram de comédias a que assistiram no cinema e se perderam nos livros que liam antes de dormir. Embora as preocupações ainda surgissem de repente e sem aviso – quando viam outra criança na igreja, por exemplo, ou quando uma contração particularmente dolorosa ocorria –, era como se ambos tivessem aceitado o fato de que não havia nada que pudessem fazer.

Havia também os momentos em que Jeremy achava que talvez nem devesse se preocupar. Em vez de projetar somente as piores hipóteses, ele agora os imaginava lembrando-se da gravidez com um suspiro de alívio. Ele conseguia visualizá-los contando histórias, enfatizando como aquele período tinha sido terrível e expressando uma enorme gratidão por tudo ter acabado bem.

Ainda assim, quando a data do exame seguinte se aproximava, os dois ficavam mais calados e no caminho até o consultório médico eles muitas vezes não diziam nem uma palavra. Lexie segurava a mão de Jeremy em silêncio e ficava observando a paisagem pela janela do carro.

A ultra seguinte, no dia 8 de setembro, não mostrou nenhuma mudança na brida amniótica. Faltavam seis semanas.

Eles comemoraram naquela noite com suco de maçã gelado. Ao se sentarem no sofá, Jeremy entregou a Lexie uma pequena caixa embrulhada para presente. Dentro dela havia uma loção, que Lexie olhou cheia de curiosidade. Então, Jeremy lhe pediu que se deitasse

ali mesmo e ficasse confortável. Em seguida, tirou suas meias e começou a massagear seus pés com as mãos embebidas da loção. Ele tinha percebido que os pés da esposa tinham voltado a inchar, mas, quando ela comentou o fato, ele disse que nem havia notado.

– Achei que você fosse gostar – afirmou ele.

Ela sorriu para Jeremy, um sorriso cético.

– Ah! E você nem percebeu que eles estavam inchados, não é mesmo?

– De jeito nenhum – respondeu ele, esfregando a loção por entre os dedos de Lexie.

– E a minha barriga? Dá para ver que cresceu?

– Agora que você falou. Mas, acredite, você está muito mais bonita que muitas mulheres grávidas.

– Estou enorme. Pareço alguém que quer esconder uma bola de basquete sob a blusa...

Ele achou graça.

– Você está linda. De costas, nem dá para ver que está grávida. Só quando você se vira de lado é que sinto medo de que você vá derrubar o abajur.

– Cuidado – brincou ela, rindo. – Sou uma mulher grávida, posso ficar nervosa e impaciente a qualquer momento.

– É por isso que estou esfregando seus pés. Sei que para mim tudo é mais fácil. Não sou eu que estou carregando a Claire na barriga.

Ela recostou a cabeça no sofá e diminuiu a luz.

– Aí, muito melhor – disse ela, colocando-se outra vez em uma posição confortável. – Já me sinto mais relaxada.

Ele esfregou os pés de Lexie em silêncio, ouvindo-a murmurar de prazer e sentindo que eles se aqueciam com sua massagem.

– Temos bombons de cereja em casa? – perguntou ela, sussurrando.

– Acho que não. Você comprou algum ontem?

– Não, mas pensei que você talvez tivesse comprado.

– Por que eu compraria isso?

– Por nada. É que me deu um desejo de comer bombom de cereja, só isso. Não seria uma boa ideia?

Ele parou de esfregar os pés dela.

– Você quer que eu vá comprar?

– É claro que não. Foi um dia longo. Além disso, estamos comemorando. Você não tem que sair correndo só porque eu estou com um desejo bobo.

– Então, vamos continuar com isso – disse ele, imediatamente pegando o vidro com a loção, despejando mais um pouco nas mãos e voltando à massagem.

– Mas você não acha que seria muito gostoso comer bombons de cereja agora?

Ele riu.

– Ok, está certo. Vou comprar alguns.

Ela olhou para o marido.

– Tem certeza? Não queria incomodar você, tirá-lo de casa.

– Não tem problema, meu amor.

– Você ainda vai massagear meus pés quando voltar?

– Vou massageá-los pelo tempo que você quiser.

Ela sorriu.

– Eu já lhe disse quanto me sinto feliz por ser casada com você? E como tenho sorte em tê-lo na minha vida?

Ele a beijou com suavidade na testa.

– Todos os dias.



No aniversário de Lexie, Jeremy a surpreendeu. Presenteou-a com um elegante vestido preto para gestantes, entradas para o teatro em Raleigh e uma limusine alugada. Primeiramente, um jantar romântico, e, para mais tarde, ele fizera reservas de pernoite em um luxuoso hotel.

Ele havia decidido que era exatamente daquilo que ela precisava: uma oportunidade para sair da cidade, um intervalo nas

preocupações e um tempo ao lado dele, um tempo em que pudessem ser apenas um casal. À medida que a noite acontecia, porém, Jeremy percebeu que ele também precisava muito daquilo. Durante a apresentação, observou Lexie, saboreando as emoções que via estampadas no rosto da esposa, sua completa absorção. Ela se inclinou na direção dele mais de uma vez, e houve momentos em que se viraram um para o outro ao mesmo tempo, como em um acordo não pronunciado, um entendimento sem palavras. Na saída, ele percebeu que outras pessoas a olhavam. Apesar da gravidez bastante adiantada, Lexie estava linda e mais de um homem virou a cabeça ao vê-la passar. O fato de ela não notar isso, de não perceber como chamava a atenção das demais pessoas, o enchia de orgulho, e, apesar de estarem casados, tudo ainda lhe parecia um sonho, tanto que Jeremy quase tremeu quando, na saída do teatro, ela lhe deu o braço. Ao abrir a porta do carro, a expressão no rosto do motorista deixava claro que ele considerava Jeremy um homem de sorte.

Dizem que é impossível haver romance nos últimos estágios da gravidez, mas Jeremy sabia quanto isso era mentira. Embora Lexie tivesse chegado à fase em que era desconfortável fazer amor, eles ficaram deitados juntinhos na cama, trocando confidências sobre a infância de cada um. Conversaram por horas a fio, rindo de algumas coisas que tinham feito e surpreendendo-se com outras, e quando resolveram apagar a luz, a vontade de Jeremy era de que a noite não tivesse fim. Então, no escuro, ele a abraçou, ainda maravilhado com a ideia de que poderia fazer isso para sempre, e quando estava começando a pegar no sono, sentiu a mão dela carinhosamente trazer as suas para tocar na barriga grávida. No quarto silencioso, a filha, acordada, se movia e chutava, e cada uma daquelas sensações fazia com que ele acreditasse que tudo estava certo e iria acabar bem. Quando, por fim, adormeceram, ele não queria nada além de poder passar outras dez mil noites como aquela que tinham acabado de compartilhar.

Na manhã seguinte, enquanto tomavam o café na cama, eles deram frutas um na boca do outro e se sentiram novamente um casal em lua de mel. Ele devia tê-la beijado uma dezena de vezes, então. Mas, a caminho de casa, eles voltaram ao silêncio: o encantamento das últimas horas tinha se quebrado e ambos temiam a chegada do futuro.



Na semana seguinte, sabendo que a expectativa ao longo de mais sete dias não seria nada fácil, Jeremy telefonou outra vez para o editor, e, de novo, ouviu a resposta de que não havia problema e de que ele entendia toda a situação que Jeremy estava vivendo. Mas um tom de impaciência quase imperceptível em sua voz lembrou a Jeremy que ele não poderia mais postergar o inevitável fim. Isso fez crescer a pressão – e o manteve insone por duas noites –, mas o problema parecia quase irrelevante se comparado à ansiedade de Lexie enquanto aguardava o próximo exame.

Era a mesma sala, a mesma máquina, a mesma técnica, mas, de alguma forma, tudo parecia diferente. Eles não estavam ali para observar o desenvolvimento da criança, mas para saber se ela seria deformada ou se iria morrer.

O gel foi espalhado sobre a barriga de Lexie e a sonda foi colocada sobre ele. Ambos imediatamente começaram a ouvir os batimentos cardíacos: fortes, rápidos e regulares. Lexie e Jeremy suspiraram ao mesmo tempo.

Agora, eles sabiam muito bem o que procurar, e os olhos de Jeremy logo foram atraídos para a brida amniótica e o espaço entre ela e o bebê. Ele já conseguia analisar se havia aderência ou não, podia antecipar o movimento que a técnica fazia com a sonda e sabia exatamente o que ela estava pensando ao fazê-lo. Ele viu as sombras e se obrigou a calar a vontade de pedir a ela que movesse o aparelho para a posição seguinte, mas se acalmou quando ela fez o que ele desejava que ela fizesse. Ele observava o que a técnica

observava, sabia o que ela estava enxergando, sabia o que ela sabia.

A criança estava cada vez maior, a moça observou, como se não estivesse falando com ninguém em particular, acrescentando que o tamanho do bebê dificultava uma leitura mais acurada. Ela continuou a fazer o exame devagar, gerando uma imagem após a outra. Jeremy sabia o que ela iria dizer, tinha certeza de que diria que a criança estava bem, porém as palavras que ouviu foram inesperadas. A técnica explicou que o médico lhe pedira que seguisse em frente com o exame e que informasse a eles o resultado, se tudo estivesse normal. Continuou dizendo que ela se sentia confortável em afirmar que a brida não tinha aderido, mas que preferia que o médico também visse o exame, para que não restasse nenhuma dúvida. Então se levantou e foi buscar o médico. Jeremy e Lexie esperaram na sala por um tempo que parecia não ter fim. O médico finalmente apareceu, mostrando-se tenso e cansado – talvez tivesse feito um parto na noite anterior. Mas ele foi paciente e metódico. Após conversar com a técnica, analisou o exame e concordou com a conclusão da moça.

– A criança está bem – disse ele. – Está melhor do que eu esperava. Mas observei que a brida está ligeiramente mais larga. Parece que está crescendo junto com o bebê, mas não posso afirmar.

– E se fizéssemos uma cesariana? – perguntou Jeremy.

O médico balançou a cabeça, como se já esperasse a pergunta.

– É uma possibilidade, mas uma cesariana traz riscos. É uma cirurgia grande e, embora a vida da criança seja viável, estaríamos criando outros problemas desnecessários. Levando-se em consideração que a brida não aderiu e que o bebê está bem, acho que uma cirurgia traria mais riscos, tanto para a mãe quanto para a filha. Mas vamos deixar essa possibilidade em aberto, certo? Por enquanto, vamos continuar como estamos.

Jeremy concordou, sem conseguir falar. Faltavam quatro semanas.

Jeremy e Lexie percorreram de mãos dadas o caminho de volta até o carro. Já dentro do automóvel, ele observou que no rosto da esposa estava estampada a mesma preocupação que ele trazia no seu. Ambos tinham ouvido o médico e a técnica dizerem que a criança estava bem, mas essa notícia parecia um sussurro, se comparada às declarações ensurdecedoras que se seguiram: a de que a brida parecia ter crescido – ainda que o médico não tivesse certeza – e a de que uma cesariana estava fora de cogitação no momento.

Lexie se virou para Jeremy, com os lábios comprimidos e a fisionomia subitamente cansada, e pediu:

– Vamos para casa.

E, instintivamente, pousou as mãos na barriga, enquanto seu rosto enrubesceu.

– Tem certeza?

– Tenho.

Ele estava prestes a ligar o carro quando a viu baixar a cabeça e cobrir o rosto com as mãos.

– Odeio isso! Odeio o fato de que, exatamente quando nos permitimos acreditar, ainda que por um instante, que tudo vai dar certo, acabemos descobrindo que aquele momento era apenas o prelúdio de algo pior. Estou tão cansada de tudo isso!

*Também estou*, Jeremy teve vontade de confessar.

– Sei que você está – disse ele, tentando acalmá-la.

Não havia mais o que dizer. Ele só queria encontrar um jeito de melhorar a situação, de consertá-la, reparando aquilo tudo. Quanto à Lexie, tudo o que ela queria no momento – e ele percebeu isso – era que alguém a ouvisse.

– Sinto muito – continuou ela. – Sei que isso é tão difícil para você quanto é para mim, e sei que está tão preocupado quanto eu. Mas é que você parece tão mais capaz de lidar com tudo isso...

Apesar de tudo, ele riu.

– Duvido. Minha barriga começou a roncar no instante em que o médico entrou na sala. Estou criando uma aversão a médicos: eles me dão arrepios. O que quer que aconteça, Claire não pode ser médica. Não vou permitir, de jeito nenhum.

– Como você pode brincar em um momento como este?

– É assim que eu lido com o estresse.

– Você poderia, por exemplo, ter um ataque de raiva – disse ela, sorrindo.

– Acho que não. Esse é mais o seu estilo.

– E eu o tenho praticado e defendido por nós dois, não é mesmo? Desculpe-me.

– Não precisa se desculpar, Lexie. Além disso, a notícia não foi ruim. Até agora, está tudo bem. Era isso que a gente queria.

Ela tomou a mão de Jeremy.

– Está pronto para ir para casa?

– Estou – respondeu ele. – E vou lhe dizer uma coisa: estou louco para tomar um suco de maçã com gelo, para acalmar meus nervos.

– Nada disso. Você vai tomar cerveja. E eu vou tomar o suco de maçã e olhar para você com inveja.



– Oi – disse Lexie, na semana seguinte.

Eles tinham acabado de terminar o jantar e Jeremy estava no escritório, olhando para a tela do computador.

Quando ouviu a voz da esposa, ele se virou. Ela estava parada na porta e ele mais uma vez pensou que, apesar da barriga muito saliente, ela era a mulher mais linda que ela já vira.

– Como você está? – perguntou ele.

– Estou bem. Mas achei que deveria dar uma olhada e checar como anda a situação aqui.

Desde o casamento, ele passara a contar a Lexie com exatidão o que estava acontecendo com sua capacidade de escrever, mas apenas quando ela lhe perguntava. Não havia motivos para que ele

voluntariamente oferecesse à esposa uma narração de suas batalhas diárias sempre que ela voltasse do trabalho. Quantas vezes uma pessoa precisaria ouvir que o cônjuge está fracassando até passar a acreditar que ele, de fato, é um fracassado? Em vez de confessar suas dificuldades, ele preferia se refugiar no escritório e esperar por uma intervenção divina, tentando tornar possível o impossível.

– A situação aqui está na mesma – informou ele, ao mesmo tempo evasivo e descritivo.

Com essa resposta, ele achou que ela iria assentir e ir embora, como fora sua reação nos últimos dois meses, desde que ficara sabendo que ele já tinha adiado as duas últimas colunas. Mas, em vez disso, ela entrou na sala.

– Quer que eu lhe faça companhia?

– Sempre é muito bom ter companhia – respondeu ele. – Principalmente quando nada parece dar certo.

– Dia difícil?

– Como eu lhe disse, tão difícil como sempre, ultimamente.

Ela entrou no escritório, mas, em vez de caminhar em direção à poltrona do canto, foi até onde estava o marido e colocou uma das mãos sobre o descanso de braço da cadeira dele. Jeremy entendeu o que ela queria: ajeitou-se mais no fundo, bem de encontro ao encosto, e deixou que ela se sentasse em seu colo. Lexie passou um braço pelos ombros dele, ignorando a surpresa que se estampara em seu rosto, e disse:

– Desculpe-me por amassar você. Sei que estou ficando pesada.

– Sem problemas. Sempre que você quiser se sentar no meu colo, sinta-se à vontade.

Antes de dar um longo suspiro, ela o olhou fixamente.

– Não tenho sido muito justa com você – confessou.

– Do que você está falando?

– De tudo – respondeu Lexie, traçando uma linha invisível no ombro de Jeremy. – Tenho sido injusta desde o começo.

– Não estou entendendo do que você está falando – reagiu ele, ignorando o toque dela.

– Estou falando de tudo, Jeremy – repetiu ela. – Tenho pensado muito em tudo o que você fez nos últimos nove meses e quero que saiba que desejo passar o resto da minha vida ao seu lado, não importa o que o destino nos reserve nem aonde a vida nos leve. – Ela fez uma pausa. – Sei que o que estou dizendo agora não está fazendo muito sentido, então me deixe ir direto ao assunto: eu me casei com um escritor. E é isso que eu quero que você seja.

– Estou tentando. Tudo o que tenho feito desde que vim para cá é tentar...

– Pois essa é a questão! – explicou ela. – Você sabe por que eu amo você? Eu o amo pela maneira como você agiu desde que soubemos da Claire. Porque você sempre parece ter certeza de que tudo vai dar certo, porque toda vez que eu fico triste você sabe o que dizer e o que fazer. Mas, acima de tudo, eu amo você pela pessoa que você é e quero que saiba que eu faria qualquer coisa para ajudá-lo.

Ela jogou novamente os braços ao redor do pescoço de Jeremy antes de continuar.

– Tenho pensado muito nos últimos tempos sobre tudo o que você tem enfrentado. Não sei... talvez tenha sido demais. Veja tudo o que mudou para você desde janeiro... o casamento, a casa, a gravidez… e, acima de tudo, teve a mudança para cá. Seu trabalho é diferente do meu. Em geral, eu sei o que vou fazer todos os dias, e isso às vezes é tedioso e frustrante, claro, mas eu tenho certeza de que a biblioteca não vai fechar se eu não fizer meu trabalho. Mas o seu... envolve criação. Eu não poderia fazer o que você faz, não conseguiria imaginar assuntos para as colunas mensais nem saberia escrever artigos, como você faz. E eles são tão incríveis!

Jeremy nem procurou esconder o espanto, a emoção que sentia, enquanto Lexie acariciava seus cabelos e continuava a falar.

– É isso que tenho feito na biblioteca, quando sobram alguns minutos. Acho que já li tudo o que você escreveu e, sei lá, não

quero que você pare. E se o fato de morar aqui é o que o está impedindo de escrever, não posso lhe pedir que faça esse sacrifício.

– Não é nenhum sacrifício – protestou ele. – Fui eu que quis vir para cá. Você não me obrigou.

– Não, mas você sabia qual era minha vontade. Sabia que eu não queria sair daqui. E não quero, mas sairei. – Ela o olhou nos olhos. – Você é meu marido e eu vou segui-lo, mesmo que isso signifique mudar para Nova York, se você achar que isso vai ajudá-lo.

Jeremy não sabia o que dizer.

– Você se mudaria de Boone Creek?

– Se você achar que é disso que precisa para voltar a escrever...

– E quanto a Doris?

– Não estou dizendo que deixaria de vir visitá-la. Mas ela entenderia. Já discutimos esse assunto.

Lexie sorriu, esperando pela resposta de Jeremy. Por um instante, ele cogitou aquela possibilidade: imaginou a energia da cidade, as luzes da Times Square, o horizonte iluminado pelos prédios de Manhattan durante a noite. Pensou em suas caminhadas diárias no Central Park e em seu restaurante favorito, nas infinitas alternativas de novos restaurantes, peças de teatro, lojas e pessoas...

Mas apenas por um instante. Quando olhou pela janela e viu os ciprestes, com seus troncos caiados, na beira do rio, e sua água tão parada que refletia o céu, ele soube que não poderia ir embora. E, com uma intensidade que o surpreendeu, ele percebeu que também não queria ir.

– Estou feliz aqui – disse. – E não acho que mudar para Nova York seja a solução para eu voltar a escrever.

– Mas assim, de repente? – perguntou ela. – Você não quer algum tempo para pensar no assunto?

– Não. Eu tenho tudo aquilo de que preciso exatamente aqui.

Depois que Lexie saiu do escritório, Jeremy permaneceu um bom tempo olhando fixamente para a escrivaninha, perdido em pensamentos. Decidiu parar um pouco, e já ia desligar o computador quando notou o diário de Doris perto da pilha de cartas. Ele estava ali desde a mudança e Jeremy se deu conta de que precisava devolvê-lo. Mas o abriu e observou os nomes nas páginas. Então ficou imaginando: o que teria acontecidos aos donos daqueles nomes e quantos ainda morariam naquela região? Teriam ido para a universidade? Estariam casados? Teriam sabido que suas mães procuraram Doris antes de eles nascerem?

Ele se perguntou quantas pessoas acreditariam em Doris se ela aparecesse na televisão com seu diário e contasse sua história. Imaginou que muitos acreditariam, talvez a metade dos telespectadores, ou até um pouco mais. Mas qual seria a causa disso? Por que alguém acreditaria em algo tão absurdo?

Aproximando-se mais do computador, pensou nessa pergunta, sugerindo respostas à medida que elas afluíam abundantes na mente. Fez anotações sobre como as teorias influenciavam a observação, como relatos e provas eram duas entidades distintas, como declarações audaciosas eram percebidas intuitivamente como verdades, como rumores quase nunca tinham base na realidade, como a maioria das pessoas raramente exigia que se provasse o que era dito... No final, tinha digitado quinze observações e passou a citar exemplos que as comprovassem. Enquanto digitava, não conseguia evitar a sensação de vertigem, de assombro, porque as palavras estavam fluindo. Ele temia parar, ou ligar o abajur, ou levantar para buscar uma xícara de café... e talvez confirmar que a inspiração pudesse tê-lo abandonado. Pela mesma razão, no princípio ele tinha receio de deletar qualquer ideia, ainda que errada, mas, depois, o instinto assumiu o lugar do medo e ele testou a própria sorte – e as palavras continuaram a surgir. Uma hora depois, ele olhava com enorme satisfação para o que seria sua próxima coluna: “Por que as pessoas acreditam em qualquer coisa.”

Ele imprimiu o trabalho e começou a lê-lo mais uma vez. Ainda não estava pronto. Estava bruto, áspero, e ele sabia que precisaria editá-lo. Mas o esqueleto estava ali e mais ideias continuavam a vir, então ele teve uma certeza súbita de que seu bloqueio tinha sido vencido. Mesmo assim, anotou vários pensamentos que tivera em uma página, caso precisasse.

Jeremy foi procurar Lexie e a encontrou na sala, lendo.

– Oi – disse ela. – Achei que você viesse se juntar a mim, depois que saí do escritório.

– Eu também – respondeu ele.

– O que você estava fazendo?

Ele levantou as folhas impressas, sem esconder um sorriso.

– Gostaria de ler minha próxima coluna?

Lexie precisou de alguns segundos para processar as palavras que acabara de ouvir, antes de se levantar do sofá. Parecendo incrédula – e extasiada –, pegou as páginas. Passou rapidamente os olhos por elas, então levantou o rosto para encarar o marido, sorrindo:

– Você acabou de escrever isto?

Ele concordou, balançando a cabeça.

– Isso é maravilhoso! É claro que gostaria de lê-la. Mal posso esperar!

Ela voltou para o sofá e, nos minutos que se seguiram, Jeremy ficou observando a esposa, que lia com muita atenção a coluna que ele acabara de escrever. Muito concentrada, Lexie enrolava uma mecha de cabelo com o dedo. Enquanto a contemplava ele suspeitou qual teria sido a causa de seu bloqueio: talvez não fosse o fato de morar em Boone Creek, mas a certeza – mesmo que inconsciente – de que nunca mais poderia sair dali.

Era uma ideia disparatada, que ele mesmo teria rejeitado se outra pessoa a sugerisse, mas Jeremy sabia que estava certo. Ele queria comemorar tomando Lexie nos braços e mantendo-a ali para sempre. Não podia esperar pela hora de educar a filha em um lugar onde pudessem pegar vaga-lumes no verão e observar, no conforto de sua varanda, as tempestades desabarem. Aquele agora era seu

lar, o lar de sua família, e perceber isso o levou a acreditar que tudo iria acabar bem. Eles já tinham superado tantos sofrimentos, que tudo só poderia ter um final feliz.

E quando fizeram a ultrassonografia seguinte, no dia 6 de outubro, a última antes do parto, Jeremy viu que estava certo. Até agora, Claire estava bem.

Até agora.

# 19

Quando ele finalmente percebeu o que estava acontecendo, tudo parecia confuso e fora de foco, mas, como estivera sonhando, imaginou que essa era a justificativa. Tudo o que ele sabia era que a primeira palavra que saiu de sua boca naquela manhã foi “Ai!”.

– Acorde – disse Lexie, cutucando-o mais uma vez.

Ainda tonto, ele puxou o lençol com mais força.

– Por que você está me dando cotoveladas? Estamos no meio da noite.

– São quase cinco horas, não estamos no meio da noite. Mas acho que está na hora.

– Hora de quê? – resmungou ele.

– De ir ao hospital.

Assim que assimilou as palavras, ele se levantou de imediato, jogando o lençol para trás. Então esfregou os olhos.

– Você está sentindo as contrações? Quando começaram? Por que você não me avisou? Tem certeza?

– Acho que sim. Já tinha sentido algumas contrações, mas essas são diferentes. E são mais regulares.

Ele engoliu em seco.

– Então, chegou a hora?

– Não tenho certeza. Mas acho que sim.

– Está certo – disse ele, suspirando profundamente. – Não vamos entrar em pânico.

– Não estou em pânico.
– Ótimo, porque não há motivo para pânico.
– Eu sei.
Por alguns instantes, eles apenas se entreolharam.
– Preciso tomar um banho – disse ele, por fim.
– Um banho?
– Isso mesmo – confirmou ele, pulando da cama. – Vou tomar um banho rápido e, logo em seguida, vamos embora.



Ele não foi rápido. O banho levou tempo suficiente para que os espelhos ficassem cobertos de vapor, a ponto de ele ter de limpá-los duas vezes para conseguir fazer a barba. Escovou os dentes, passou fio dental, usou loção pós-barba, gargarejou duas vezes. Deu-se o trabalho de abrir um desodorante novo, ligou o secador na potência mínima e passou espuma e gel antes de pentear os cabelos. Suas unhas estavam um pouco longas e ele as estava cortando e lixando quando ouviu a porta se abrir.
– Mas o que é que você está fazendo? – perguntou ela, arfando. Lexie estava curvada para a frente, segurando a barriga. – Por que está demorando tanto?
– Estou quase pronto – protestou ele.
– Você está aí dentro há quase meia hora!
– Estou?
– Está, sim!
Observando-o melhor, apesar da dor, ela pestanejou quando se deu conta do que ele estava fazendo.
– Você está *cortando as unhas?*
Antes que ele pudesse responder, ela se virou e saiu cambaleante.
Quando ensaiou para aquele dia, Jeremy nunca se imaginou agindo daquela forma. Ao contrário: ele seria um exemplo de calma e controle. Iria se vestir com a eficiência de uma máquina, não desgrudaria os olhos da esposa, aliviaria suas preocupações,

pegaria as malas que Lexie já tinha feito e correria para o hospital, com mãos firmes ao volante.

O que ele não esperava era que ficaria tão completamente apavorado. Ele não estava pronto para algo daquela magnitude. Como poderia ser pai? Não tinha a mínima ideia do que deveria fazer. Fraldas? Mamadeiras? Como segurar o bebê? Estava totalmente perdido. Precisava de mais um ou dois dias para ler um daqueles livros que Lexie vinha estudando havia meses. Mas agora era tarde demais... Sua tentativa inconsciente de adiar aquele momento fracassara.

– Não, ainda não saímos! – disse ela, ao telefone. – Ele ainda está *se arrumando*!

Ela estava falando com Doris, Jeremy logo percebeu. E nada satisfeita.

Jeremy já estava se vestindo, apressado, puxando uma camiseta por cima da cabeça, quando ela desligou. Arqueando as costas, Lexie sentiu outra contração, em silêncio, e ele esperou até que a dor passasse. Em seguida, ajudou-a a levantar-se e começou a guiá-la até o carro, sentindo-se, finalmente, adquirir algum controle.

– Não se esqueça da mala – pediu ela.

– Vou voltar para buscá-la.

Em um segundo, estavam dentro do automóvel. Naquele instante, outra contração teve início e ele deu marcha a ré e acelerou.

– A mala – berrou ela, contraindo-se.

Jeremy afundou o pé no freio e voltou correndo para dentro de casa. Ele realmente não estava pronto para tudo aquilo.



As estradas estavam vazias e escuras sob o céu negro e Jeremy acelerou o carro em direção a Greenville. Devido às possíveis complicações, eles acharam melhor fazer o parto em um centro cirúrgico mais bem-equipado e Jeremy já telefonara para o médico, avisando que estavam a caminho do hospital.

Depois que mais uma contração passou, Lexie, pálida, acomodou-se no assento. Jeremy acelerou ainda mais.

Eles passaram em alta velocidade pelas estradas desertas. Pelo espelho retrovisor, ele viu a luz acinzentada do alvorecer no horizonte. Lexie estava estranhamente calada, mas ele também estava. Nenhum dos dois disse nem uma única palavra desde que tinham entrado no automóvel.

– Você está bem? – perguntou Jeremy.

– Estou – respondeu ela. Mas ela não parecia estar muito bem. – Mas acho que você poderia ir mais depressa.

Jeremy sentiu o coração bater forte. *Mantenha-se calmo*, ele disse para si mesmo. *O que quer que você faça, mantenha a calma*. Ele pôde sentir o motor do carro quando fizeram uma curva em alta velocidade.

– Não tão depressa. Não quero morrer antes de chegar lá.

Ele diminuiu a velocidade, mas logo estava acelerando outra vez, a cada contração. Elas vinham em intervalos de oito minutos, mais ou menos. O que ele não sabia era se isso significava que tinham bastante tempo ou que não tinham tempo suficiente. Ele deveria mesmo ter lido o livro, qualquer um deles. Não fazia diferença agora.

Quando chegaram a Greenville, o trânsito piorou. Não havia muitos carros, mas o suficiente para ele precisar parar em mais de um sinal. No segundo, ele se virou para Lexie. Ela parecia muito mais grávida que quando tinham saído de casa.

– Você está bem?

– Pare de me perguntar isso. Pode acreditar: se eu não estiver bem, você será o primeiro a saber.

– Estamos quase chegando.

– Ótimo.

Jeremy olhou para o sinal, imaginando por que ele não ficava verde. Não era óbvio que eles estavam em uma emergência? Olhou para a esposa e lutou contra a necessidade de perguntar mais uma vez se ela estava bem.

Jeremy parou na entrada da emergência e seu olhar alucinado e o aviso em voz alta, para todos os presentes, de que sua mulher estava em trabalho de parto atraíram um funcionário do hospital, que trazia consigo uma cadeira de rodas. Jeremy ajudou Lexie a sair do carro e a se sentar na cadeira. Depois pegou a mala no banco traseiro e seguiu Lexie e o funcionário para dentro do hospital. Apesar da hora, o lugar estava lotado e três pessoas esperavam na recepção.

Jeremy achou que eles iriam diretamente para a maternidade, especialmente devido às circunstâncias, mas Lexie foi levada até o setor administrativo e ele foi obrigado a esperar na fila.

Nenhuma das pessoas que estava atrás do balcão parecia ter pressa, e as enfermeiras estavam muito mais interessadas em tomar um cafezinho e conversar. Jeremy mal podia conter a impaciência, principalmente por ter de esperar os que estavam na frente passar pelo processo de preenchimento de fichas. Nenhum deles parecia estar às portas da morte, a maioria tinha cara de quem só precisava de uma receita médica. Um deles até tentou flertar com a recepcionista. Finalmente – *finalmente*! – chegou sua vez. Antes que ele pudesse dizer uma única palavra, a enfermeira, que não se mostrava nem um pouco interessada na situação de sua esposa, passou para ele uma prancheta.

– Preencha as três primeiras páginas, assine a quarta e precisaremos da carteirinha do plano de saúde.

– Isso tudo é mesmo necessário neste momento? Quero dizer, minha esposa está em trabalho de parto. Não deveríamos ir direto para o quarto?

A enfermeira voltou a atenção para Lexie.

– De quanto em quanto tempo vêm as contrações?

– Cerca de oito minutos.

– Há quanto tempo você está em trabalho de parto?

– Não sei muito bem. Umas três horas?

A enfermeira balançou a cabeça e olhou para Jeremy.

– Primeiras três páginas, assinatura na quarta. E não se esqueça da carteirinha.

Jeremy pegou a prancheta e correu para sentar-se em algum lugar, sentindo-se mais que desconcertado. Papelada? Eles precisavam de papelada em uma hora como aquela? Em uma situação de emergência? Ele achava que o mundo já estava se afogando em papéis. O hospital tinha *montes* de papel e ele já estava prestes a deixar de lado a prancheta e a marchar de volta até o balcão para explicar, com muita calma, a situação. Afinal, parecia que a enfermeira não a tinha entendido muito bem.

– Oi?

Jeremy olhou na direção de onde vinha o som da voz de Lexie. A cadeira de rodas continuava parada perto do balcão, do outro lado da sala.

– Você vai me deixar aqui?

Jeremy sentiu os olhos das pessoas sobre ele. Mais de uma mulher o olhou de cara amarrada.

– Desculpe-me – disse Jeremy, levantando-se depressa.

Ele atravessou a sala correndo, tirou a cadeira de rodas do meio do caminho e, quando ia se sentando, ouviu a voz de Lexie.

– Não se esqueça da mala.

– Certo.

Ignorando os olhares de todos, ele voltou para pegar a mala e em seguida se sentou ao lado de Lexie, perguntando:

– Você está bem?

– Vou lhe dar um soco se você me perguntar isso mais uma vez. Estou falando sério.

- Ah, sim. Desculpe-me.

– Só prepare a papelada, ok?

Jeremy assentiu e voltou a cuidar dos formulários, mais uma vez achando que estavam perdendo tempo. Eles deveriam ter posto a

Lexie em um quarto, antes. Os formulários poderiam ser preenchidos depois.

Alguns minutos mais tarde, com toda a papelada pronta, ele se dirigiu ao balcão. Mas outra pessoa chegou lá antes dele, o que o forçou a esperar de novo. Quando chegou sua vez, ele estava extremamente agitado e entregou a prancheta sem dizer nem uma única palavra.

Sem a mínima pressa, a enfermeira examinou cada página, fez cópias e, em seguida, tirou da gaveta algumas pulseiras de identificação, anotando nelas o nome de Lexie e um número. Lentamente. Bem devagarzinho. Jeremy batia com o pé no chão enquanto esperava. Ele teria de escrever uma carta de reclamação. Aquela situação era absurda.

– Certo – disse a enfermeira, finalmente. – É só se sentar, que já viremos buscá-los.

– Vamos ter de esperar mais? – Foi a reação de Jeremy, mais uma exclamação que uma pergunta.

A enfermeira o olhou por cima dos óculos.

– Deixe-me adivinhar. Primeiro filho?

– É, sim.

A enfermeira balançou a cabeça de um lado para o outro, instruindo:

– Sente-se. Como eu disse, nós os chamaremos. E coloquem as pulseiras.

Cerca de dois anos depois, ele ouviu chamarem o nome de Lexie.

Está certo, não levou tanto tempo assim, mas parecia ainda mais demorado. Outra contração já tinha começado e Lexie apertava os lábios com força, com as mãos sobre a barriga.

– Lexie Marsh?

Jeremy se levantou como se suas calças estivessem pegando fogo e pulou para trás da cadeira de rodas. Rapidamente eles já tinham

chegado perto da porta vaivém.

– Sim, esta é Lexie Marsh – disse ele. – Vamos para o quarto, certo?

– Certo – respondeu a moça, sem se importar com o tom de voz de Jeremy. – Por aqui. Vamos para a ala da maternidade. Fica no terceiro andar. Você está bem, querida?

– Estou bem – respondeu Lexie. – Acabei de ter mais uma contração. Elas continuam com um intervalo de oito minutos.

– Acho que devemos ir – disse Jeremy, e Lexie e a enfermeira se viraram em sua direção.

É claro que o tom de voz de Jeremy tinha sido um tanto sarcástico, mas aquele não era o melhor momento para jogar conversa fora.

– Aquela ali é a sua mala? – perguntou a enfermeira.

– Vou pegá-la – Jeremy se prontificou, mentalmente dando um chute em si mesmo.

– Nós *esperaremos* – retrucou a enfermeira.

Jeremy queria dizer "Puxa, muito obrigado!" da maneira mais sarcástica possível, mas achou melhor não fazê-lo. Não sabia se haveria outra enfermeira para dar assistência durante o parto e a última coisa que queria era desentender-se com aquela ali.

Ele voltou correndo, pegou a mala, e eles foram caminhando por um labirinto de corredores. Subiram de elevador, seguiram pelo corredor e entraram no quarto. Até que enfim.



O quarto estava vazio, totalmente limpo e era bastante funcional, como todos os quartos de hospital. Lexie se levantou da cadeira de rodas e vestiu a camisola do hospital antes de subir, com todo o cuidado, na cama. Nos vinte minutos seguintes, as enfermeiras entravam e saíam do quarto a todo o instante: tomavam o pulso de Lexie e aferiam a pressão, mediam a dilatação e faziam as mesmas perguntas sobre a duração do trabalho de parto e o tempo entre as contrações, quando fora a última vez em que ela se alimentara, se

tinha havido algum problema durante a gravidez... No final, conectaram Lexie a um monitor e ela e Jeremy ficaram observando o ritmo acelerado das batidas do coração do bebê.

– É para ser rápido assim mesmo? – perguntou Jeremy.

– Está no tempo certo – assegurou a enfermeira. Em seguida, virando-se para Lexie, pendurou o gráfico na beira da cama, disse: – Meu nome é Joanie e serei a responsável por cuidar de você durante a manhã. Como suas contrações ainda não estão muito próximas, você vai ficar aqui por um tempo. Não há como dizer quanto tempo o trabalho de parto irá durar. Algumas vezes, acelera de repente; outras, a progressão é mais lenta e constante. Mas você não precisa ficar deitada. Algumas mulheres acham que caminhar ajuda, outras preferem sentar-se e há as que acham que andar de quatro alivia. Você ainda não está pronta para a anestesia peridural que requisitou, portanto, faça o que achar que precisa fazer para ficar o mais confortável possível.

– Está certo – respondeu Lexie.

– E... Sr... – continuou ela, virando-se para Jeremy.

– Marsh – respondeu ele. – Meu nome é Jeremy Marsh. E esta é Lexie, minha mulher. Vamos ter um bebê.

A enfermeira achou aquela resposta engraçada.

– Ah! Eu já tinha percebido. Mas seu papel, por enquanto, é apoiá-la. No final do corredor há uma máquina de fazer gelo: sinta-se à vontade para trazer para ela tantas pedrinhas quantas ela quiser. Há algumas toalhinhas perto da pia, que podem ser usadas para secar a testa dela. Se ela quiser caminhar, apenas fique ao lado e lhe dê apoio. Algumas vezes, as contrações chegam de repente e as pernas podem ficar bambas, então, não a deixe cair.

– Eu posso fazer isso – disse ele, repetindo a lista mentalmente.

– Se precisar de uma enfermeira, aperte este botão. Alguém virá aqui tão logo seja possível.

A enfermeira se encaminhou para a porta.

– Espere... Você vai embora? – perguntou ele.

– Tenho que atender outra paciente. E não há realmente mais nada que eu possa fazer neste momento, a não ser entrar em contato com o anestesista. Estarei de volta daqui a pouco, para ver como tudo está indo.

– E o que devemos fazer enquanto isso?

A enfermeira pensou um pouco.

– Acho que podem assistir à televisão, se quiserem. O controle remoto está ao lado da cama.

– Minha mulher vai dar à luz. Não acho que ela esteja disposta a ver televisão.

– Então, não precisam ver. Mas, como eu disse, vocês podem ter de ficar aqui por algum tempo. Uma vez, houve uma mulher que ficou em trabalho de parto por quase trinta horas.

Jeremy empalideceu, assim como Lexie. Trinta horas? Antes que pudessem pensar no assunto, porém, outra contração teve início, e a atenção de Jeremy se voltou não apenas para o desconforto de Lexie, mas também para a dor que ele mesmo sentiu quando as unhas de sua esposa foram cravadas em sua mão.



Eles ligaram a televisão meia hora depois.

Parecia errado, mas eles não conseguiam pensar em mais nada que fazer entre as contrações, que continuavam de oito em oito minutos. Jeremy teve a sensação de que o bebê não estava com nenhuma pressa. Ainda nem nascera, e já era mestre na arte de se atrasar com estilo. Mesmo que não o tivessem avisado antes, ele agora teria certeza de que esperavam uma menina.

Lexie estava bem. E ele sabia disso não só porque tinha perguntado, mas também porque, em seguida, ela lhe dera um soco no braço.



Doris apareceu cerca de uma hora depois, vestida com sua roupa mais bonita, o que parecia bastante apropriado para aquela data tão importante. E ele ficou feliz ao vê-la. Havia tempo de sobra, já que nenhuma alteração tinha acontecido no ritmo das contrações.

Doris parecia ter tomado conta de todo o quarto. Seus braços se agitavam, como se ela estivesse voando em direção à cama. Ela também tivera uma filha, lembrou, então sabia exatamente o que esperar, e Jeremy podia ver que Lexie ficara feliz com a chegada da avó. Quando ela perguntou como a neta estava se sentindo, Lexie não lhe deu um soco: simplesmente, respondeu à pergunta.

Ele tinha de admitir que isso o deixara um pouco chateado. Na verdade, também ficou aborrecido por Doris estar ali. Ele sabia que aquele sentimento era mesquinho, que ela tomara conta de Lexie e queria compartilhar com a neta aquele dia especial, mas parte de Jeremy acreditava que era algo que só os dois deveriam dividir. Mais tarde, haveria muito tempo para abraços, conversas e frivolidades. Mesmo assim, ele se sentou em uma cadeira no canto do quarto e não disse nada. Era um daqueles momentos em que até a mais delicada diplomacia poderia ofender.

Ele passou os quarenta e cinco minutos seguintes ouvindo a conversa das duas, ao mesmo tempo em que assistia, sem prestar muita atenção, ao noticiário da manhã. Grande parte do programa era dedicada à campanha de Al Gore e George W. Bush e Jeremy se distraía cada vez que um deles abria a boca. Entretanto, era mais agradável que ouvir os comentários de Lexie sobre quanto ele fora egoísta de manhã, quando ela o acordara.

– Ele estava cortando as unhas? – perguntou Doris, olhando para Jeremy com uma expressão de falsa crítica.

– Elas estavam um pouco compridas – justificou-se ele.

– E depois dirigiu como um louco – acrescentou Lexie. – Cantando os pneus.

Doris balançou a cabeça, como se estivesse desapontada com a atitude dele.

– Achei que ela fosse ter o bebê naquele instante – explicou Jeremy, na defensiva. – Como ia saber que ainda tínhamos muitas horas pela frente?

– Ouçam – disse Doris. – Já passei por isso antes e, sabendo como funciona, parei no caminho e comprei algumas revistas. Coisas sem muito conteúdo, mas que irão ajudar a passar o tempo.

– Obrigada, Doris – disse Lexie. – Que bom que você está aqui.

– Eu também fico feliz – disse Doris. – Espero por isso há muito tempo.

Lexie sorriu.

– Vou dar um pulinho lá embaixo para tomar um café, certo? – prosseguiu Doris. – Vocês se importam?

– Não. Pode ir.

– Você quer alguma coisa, Jeremy?

– Não, estou bem – respondeu ele, ignorando o ronco que vinha de seu estômago. Já que Lexie não podia comer, ele também não comeria. Parecia a coisa certa a fazer.

– Vejo vocês daqui a pouco – disse Doris. Quando estava a caminho da porta, ela tocou no ombro de Jeremy e se aproximou dele. – Meu marido fez exatamente como você: só que ele começou a limpar o escritório... É normal.

Balançando a cabeça, Jeremy concordou.



As contrações começaram a vir mais depressa. Primeiro a cada sete minutos, depois, seis. Uma hora mais tarde, elas se estabilizaram em cinco minutos. Joanie e Iris, a outra enfermeira, alternavam as visitas ao quarto.

Doris ainda estava lá embaixo e Jeremy se perguntou se ela teria lido a mente dele em relação a querer estar só com a esposa. A televisão ainda estava ligada, embora ninguém estivesse prestando atenção no que era exibido. Com as contrações vindo em períodos mais curtos, Jeremy enxugava a testa de Lexie e lhe dava cubos de

gelo. Ela ainda não tinha caminhado; ao contrário, seus olhos pareciam colados no monitor, onde controlava os batimentos do coração do bebê.

– Você está com medo? – perguntou ela, enfim.

Ele viu a preocupação no rosto de Lexie e não ficou surpreso: visto que a hora do nascimento se aproximava, achou natural.

– Não. Não estou. Não faz nem duas semanas que fizemos a última ultra, e ela estava bem naquele dia. Acho que se a brida fosse aderir, já teria acontecido naquela época. E mesmo que tivesse aderido, o médico disse que a gestação já estava adiantada o bastante e que os problemas seriam leves.

– Mas, e se aderir ao cordão umbilical no último momento? E se cortar o suprimento de sangue?

– Não vai cortar – garantiu Jeremy. – Tenho certeza de que tudo vai dar certo. Se o médico estivesse preocupado, você estaria ligada a muitas outras máquinas e conversando com muitos outros médicos.

Ela concordou, esperando que ele estivesse certo, mas não ficaria convencida enquanto não tivesse absoluta certeza, enquanto não segurasse a filha nos braços e visse por si mesma.

– Acho que ela deveria ter um irmão – comentou Lexie. – Não quero que ela seja filha única, como eu.

– Mas você se saiu muito bem.

– Sei, mas, mesmo assim, eu me lembro de crescer desejando ter o que a maioria das minhas amigas tinha. Alguém com quem brincar nos dias de chuva, com quem conversar à mesa do jantar... Você cresceu com cinco irmãos. Não achou maravilhoso?

– Algumas vezes – admitiu ele. – Mas havia ocasiões em que não era tão bom. Sendo o mais novo, eles sempre tiravam vantagem de mim, principalmente de manhã. Eu costumava dizer às pessoas que ser o mais novo de seis significava muitos banhos gelados e toalhas ensopadas.

Ela sorriu.

– Mesmo assim, ainda quero mais de um.

– Eu também. Mas vamos primeiro receber essa daqui. Depois, veremos o que acontece.

– Podemos adotar? Quero dizer... bem, você sabe...

– Se eu não a engravidar outra vez?

Ela balançou a cabeça, confirmando.

– Sim, podemos adotar. Mas ouvi dizer que leva muito tempo.

– Então talvez seja bom a gente dar início ao processo logo.

– Não acho que você esteja em condições de dar início a nada neste momento.

– Não, estou me referindo a quando o bebê tiver uns dois meses ou algo parecido. Podemos continuar a tentar ter mais um filho da maneira natural, mas, se não conseguirmos, já estaremos um passo à frente. Não quero que eles tenham idades muito diferentes.

Ele enxugou a testa de Lexie mais uma vez.

– Você andou pensando muito nisso.

– Tenho pensado nisso desde que descobrimos sobre a brida amniótica. Quando fiquei sabendo da possibilidade de perdermos o bebê, pensei em como meu desejo de ser mãe era grande. E, aconteça o que acontecer, ele permanecerá.

– Não vai acontecer nada. Mas entendo o que você está querendo dizer.

Ela pegou a mão do marido e beijou seus dedos.

– Eu amo você, você sabe disso.

– Sim, eu sei.

– E você não me ama, também?

– Meu amor é maior que a quantidade de peixes do oceano e vai mais longe que a distância daqui até a lua.

Ele deu de ombros quando ela o olhou com curiosidade, e então explicou:

– Era isso que minha mãe costumava me dizer quando eu era pequeno.

Ela beijou os dedos dele outra vez.

– Você vai dizer isso para Claire também?

– Todos os dias.

Dito isso, mais uma contração começou.



Doris retornou um pouco depois. Sem pressa, à medida que as horas passavam, as contrações vinham com um intervalo cada vez mais curto. Cinco minutos, quatro minutos e meio. Quando o tempo entre uma e outra passou a ser de quatro minutos, a dilatação foi medida outra vez – o que não era exatamente a visão mais linda do mundo, considerou Jeremy – e, logo depois, Joanie se levantou com um olhar de entendimento.

– Acho que está na hora de chamar o anestesista – disse. – Você já está com seis centímetros de dilatação.

Jeremy imaginou como ela poderia ter calculado aquilo com tamanha exatidão, mas achou que não fosse o melhor momento para perguntar.

– As contrações estão mais intensas? – perguntou a enfermeira, enquanto jogava a luva no lixo.

Quando Lexie confirmou, ela se dirigiu ao monitor.

– Até agora, o bebê está fazendo tudo certinho. Mas não se preocupe: quando tomar a anestesia, você não vai mais sentir dor.

– Ótimo – disse Lexie.

– Você ainda pode mudar de ideia, se quiser fazer tudo da forma natural – sugeriu Joanie.

– Não, obrigada – respondeu Lexie. – Quanto tempo mais você calcula que vá demorar?

– É difícil precisar, mas, se você se mantiver nesse ritmo, talvez na próxima hora.

O coração de Jeremy bateu forte outra vez. E embora pudesse ter sido apenas sua imaginação trabalhando, ele achou que o coração do bebê fez o mesmo. Tentou controlar a respiração.



Poucos minutos depois, o anestesista apareceu e Joanie pediu a Jeremy que saísse do quarto. Embora tivesse obedecido, enquanto permanecia no corredor com Doris ele achou que aquela ideia de privacidade era um tanto sem sentido: não havia nenhuma chance de que receber uma anestesia peridural pudesse ser algo tão invasivo quanto ter seu colo do útero medido.

– Lexie disse que voltou a escrever – comentou Doris.

– Voltei. Já escrevi algumas colunas na semana passada.

– Conseguiu alguma boa história?

– Algumas. Mas ainda não sei se vou escrevê-las. Com o bebê em casa, não sei se Lexie vai gostar que eu saia por algumas semanas. Mas há outra história que acho que posso escrever lá de casa mesmo. Não será como a história sobre Clausen, mas será boa o bastante.

– Parabéns – disse Doris. – Fico feliz por você.

– Eu também – respondeu ele, ao que ela riu.

– Fiquei sabendo que vocês vão chamar a menina de Claire.

– Isso mesmo.

– Sempre amei esse nome – disse Doris, baixinho.

No silêncio que se seguiu, Jeremy sabia que ela estava se lembrando da filha.

– Você devia ter visto quando ela nasceu. Tinha a cabeça repleta dos cabelos mais negros que você certamente já viu, e chorava alto. Soube na hora que teria de vigiá-la. Ela era indomável, desde o começo.

– Ela era indomável? – perguntou Jeremy. – Lexie me passou a impressão de que ela era a típica dama do Sul.

Doris riu.

– Está brincando? Ela era uma boa menina, pode acreditar, mas sabia testar os limites. No terceiro ano, foi mandada de volta para casa por ter beijado todos os garotos na hora do recreio. Ela fez com que alguns deles até chorassem. Então você acha que ela se meteu em problemas, foi? Nossa reação, minha e do pai dela, foi deixá-la de castigo pelo resto do dia, e ela ainda teve de arrumar o

quarto e ouvir sermões sobre por que aquele comportamento não tinha sido adequado. No dia seguinte, ela fez tudo de novo. Quando fomos buscá-la na escola, estávamos quase perdendo a paciência, mas ela disse que gostava de beijar garotos, mesmo que ficasse de castigo depois.

Jeremy achou graça.

– Lexie sabe disso?

– Não tenho certeza. Não sei por que eu me lembrei disso agora. Mas ter filhos é o que mais muda nossa vida. Será a tarefa mais árdua e também a melhor de toda a sua existência.

– Mal posso esperar – disse Jeremy. – Estou pronto.

– Está mesmo? Porque você parece apavorado.

– Não estou, não – mentiu ele.

– Hum... Posso segurar sua mão enquanto você diz isso?

Na última vez em que Doris fizera algo assim, Jeremy tivera a estranha sensação de que ela estava lendo sua mente – mesmo não acreditando que isso realmente tivesse acontecido, porque... bem, simplesmente porque não era possível.

– Acho melhor não.

– É normal ficar um pouco nervoso. E apavorado também. É uma responsabilidade muito grande. Mas você vai se sair muito bem – disse Doris, sorrindo.

Jeremy concordou, pensando que, em menos de quarenta minutos, ele iria descobrir.



Sob o efeito da anestesia peridural, Lexie não sentia dor e precisava olhar para o monitor para ter certeza de que estava tendo uma contração. Vinte minutos depois, o colo do útero estava com oito centímetros de dilatação. Quando estivesse com dez, a festa iria começar. Os batimentos cardíacos do bebê estavam perfeitamente normais.

Sem a presença da dor, o humor de Lexie estava muito melhor.

– Estou me sentindo *bem* – disse, quase cantando a última palavra.

– Parece que você tomou umas cervejas.

– Também sinto isso. É uma sensação sem dúvida bem melhor que a de antes. Gostei dessa peridural. Por que alguém desejaria fazer isso naturalmente? Dói *muito*.

– Já ouvi falar. Você quer mais cubos de gelo?

– Não, estou ótima, agora.

– A aparência também está melhor.

– Você também não está nada mal.

– Bem, eu tomei banho hoje de manhã.

– Eu *sei* – disse ela, cantando a palavra outra vez. – Não acredito que você fez aquilo.

– Queria aparecer bem nas fotos.

– Vou contar para todas as minhas amigas.

– É só mostrar as fotos.

– Não, quero dizer, sobre você ter demorado enquanto eu me contorcia de tanta dor.

– Você estava ao telefone com a Doris. Não estava se contorcendo.

– Estava me contorcendo *por dentro* – retrucou ela. – É que eu sou valente e não demonstro.

– E linda, também, não se esqueça.

– Ah, é mesmo. Você é um homem de sorte.

– Sou mesmo – disse ele, procurando a mão de Lexie. – Amo você.

– Eu também amo você.

Estava na hora.

As enfermeiras começaram a fazer uma série de preparativos na sala de parto. O médico apareceu e, como as enfermeiras vinham fazendo, verificou mais uma vez o colo do útero de Lexie. Em

seguida, inclinando o corpo para a frente no banquinho em que estava sentado, explicou o que iria acontecer. Disse que eles iriam pedir que ela empurrasse quando a contração começasse, e que poderiam ser necessários dois ou três empurrões até o bebê sair. Explicou que, nos intervalos, ela precisaria economizar as forças. Lexie e Jeremy prestaram atenção a cada uma das palavras.

– Ainda há a questão da brida amniótica – continuou ele. – Os batimentos cardíacos têm estado bons e regulares, portanto não espero nada de anormal com o bebê. Não acho que haja aderência ao cordão umbilical nem parece que a criança esteja em sofrimento. Entretanto, existe a possibilidade de que a brida ainda se enrole no cordão no último minuto. Nesse caso, não há nada que possamos fazer, a não ser tirar a criança o mais rapidamente possível, para o que eu estou preparado. Teremos uma pediatra na sala e ela vai examinar a menina, verificando se há problemas relacionados com a Síndrome da Brida Amniótica, mas, repito, acho que tivemos sorte.

Nervosos, Lexie e Jeremy balançaram a cabeça.

– Você vai se sair muito bem – prosseguiu o médico. – Faça tudo o que eu disser e, em poucos minutos, vocês serão pais, ok?

Lexie suspirou profundamente.

– Ok – concordou, buscando a mão de Jeremy.

– Onde eu fico? – perguntou Jeremy.

– Pode ficar aí mesmo, onde você está.

Quando o médico terminou de fazer todos os preparativos, outra enfermeira entrou na sala, juntamente com a pediatra, que se apresentou como Dra. Ryan. Uma bandeja com instrumentos esterilizados foi levada até a cama e descoberta. O médico estava totalmente à vontade e a Dra. Ryan conversava com a enfermeira.

Nesse instante, mais uma contração teve início. Lexie fez uma careta, por causa do esforço, e o médico mais uma vez verificou o coração do bebê. Lexie empurrou com força, apertando a mão de Jeremy.

– Ótimo, ótimo – disse o Dr. Sommers, ajeitando-se no banquinho. – Agora, relaxe por um minuto. Respire normalmente e em seguida

vamos repetir tudo outra vez. Empurre um pouco mais forte, se puder.

Ela balançou a cabeça, demonstrando ter entendido. Jeremy ficou imaginando se aquilo realmente seria possível, mas Lexie parecia bem e recomeçou a empurrar.

O médico estava concentrado.

– Ótimo, ótimo. Continue assim.

Lexie continuou a empurrar. Jeremy ignorou a dor na mão – a mão que ela segurava. A contração acabou.

– Relaxe outra vez. Você está indo muito bem.

Lexie retomou o fôlego enquanto Jeremy secava o suor de sua testa. Com a próxima contração, todo o processo foi repetido. Ela estava com os olhos e os dentes apertados e com o rosto vermelho, devido ao esforço. As enfermeiras estavam de prontidão. Jeremy, dando a mão à esposa, estava impressionado com a velocidade com que, de repente, tudo estava acontecendo.

– Ótimo, ótimo – disse o médico. – Só mais um empurrão e pronto...



Em seguida, tudo ficou nublado e ele não pôde explicar como aconteceu. Mais tarde, ele perceberia que só era capaz de se lembrar de algumas partes, e isso o deixava culpado. Sua última lembrança clara de Lexie era de vê-la puxar as pernas para cima ao sentir mais uma contração. Seu rosto brilhava de suor e ela respirava com força, atendendo ao pedido do médico de empurrar pela última vez com toda a energia possível. Ele teve a impressão de que ela sorrira.

E depois? Ele não tinha certeza, pois seu olhar estivera preso às pernas de Lexie e aos movimentos rápidos do médico. Embora se considerasse uma pessoa bem-informada e experiente, Jeremy se dera conta, de repente, de que aquela seria a primeira vez – e possivelmente a última – que ele testemunharia o nascimento de um

filho e, naquele momento, a sala pareceu ter encolhido. Ele tinha a impressão – muito vaga – de que Doris ainda estava ali, de que tinha ouvido Lexie gemer e de ter visto Claire começar a surgir. Primeiro, veio a cabeça e, em seguida, com um rápido movimento das mãos do médico, os ombros escorregaram para fora, seguidos, de imediato, pelo restante do corpo. Em um instante, Jeremy tinha se tornado pai e, assombrado, não conseguira mais desviar o olhar da nova vida que tinha diante de si.

Coberta de líquido amniótico e ainda presa ao cordão umbilical, Claire era uma massa escorregadia, cinzenta, vermelha e marrom, e, à primeira vista, parecia engasgada. Rapidamente, a Dra. Ryan enfiou um tubo de sucção em sua boca e limpou sua garganta, e somente então Claire começou a chorar. A pediatra passou a examiná-la. De onde estava, Jeremy não podia dizer se tudo corria bem. O mundo continuava encolhendo. Ele ouviu Lexie arfar, mas foi um som vago.

– Não vejo nenhum sinal de que a brida amniótica tenha aderido – disse a Dra Ryan. – Ela possui todos os dedos e é uma menininha linda. Está com uma cor boa e respira bem. Nota oito no teste de Apgar.

Claire continuou a chorar e Jeremy, enfim, se virou na direção de Lexie. Tudo se movia tão depressa que ele ainda não conseguia entender muito bem os acontecimentos.

– Você ouviu? – perguntou ele.

Foi naquele instante, enquanto olhava para a esposa, que Jeremy ouviu o bipe longo e inalterável da máquina às suas costas. Os olhos de Lexie estavam fechados e a cabeça, jogada para trás, sobre o travesseiro, como se ela estivesse dormindo.

Sua primeira impressão foi de achar estranho que ela não estivesse levantando a cabeça, tentando ver a filha. Então, em questão de segundos, o médico se levantou com tamanho ímpeto, que o banquinho em que estivera sentado foi bater contra a parede que havia atrás. A enfermeira gritou algo sobre um código e o

médico pediu, aos gritos, que a outra enfermeira tirasse Jeremy e Doris dali imediatamente.

Jeremy sentiu uma contração súbita no peito.

– O que aconteceu? – gritou.

A enfermeira o pegou pelo braço e o arrastou para fora da sala de parto.

– O que está acontecendo? O que há de errado com ela? Espere...

– Por favor – gritou a enfermeira. – Saia agora!

Jeremy arregalou os olhos, aterrorizado. Ele não conseguia parar de olhar para Lexie.

Doris também não. Como se viesse de algum lugar distante, ele ouviu a voz da enfermeira gritando, pedindo ajuda aos outros atendentes. O médico estava por cima de Lexie agora, pressionando seu peito.

Sua expressão era de pânico. Todos estavam em pânico.

– Nãão! – berrou Jeremy, tentando se libertar das mãos da enfermeira.

– Tire-o daqui! – gritou o médico.

Jeremy sentiu que alguém o agarrava pelo braço. Ele estava sendo empurrado para fora da sala. Isso não podia estar acontecendo. O que estava errado? Por que ela não se movia? Oh, Deus! Ela vai ficar bem. Isso não pode estar acontecendo. Acorde, Lexie… Oh! Por favor, Deus, acorde…

– O que está acontecendo? – gritou ele outra vez.

Jeremy foi levado para o corredor, mal ouvindo as vozes que lhe pediam que se acalmasse. Pelo canto do olho, viu uma maca ser levada às pressas pelo corredor, por dois funcionários, que desapareceram dentro do quarto.

Jeremy estava preso contra a parede, agarrado por dois funcionários. Sua respiração estava entrecortada, seu corpo, tenso como um fio elétrico. Ele ouvia Doris soluçar, mas mal podia compreender aquele som. Estava cercado de pessoas que corriam apressadas e, ao mesmo tempo, estava só. Aquela era a sensação do verdadeiro terror. Um minuto depois, Lexie era levada às pressas

em uma maca. O médico continuava em cima dela, fazendo os procedimentos para reanimá-la. Seu rosto estava coberto.

De repente, o tempo parou. Jeremy sentiu o corpo se soltar assim que Lexie desapareceu através das portas vaivém, no final do corredor. Ele perdeu as forças e mal conseguia ficar em pé. Estava tonto.

– O que aconteceu? – perguntou mais uma vez. – Para onde a estão levando? Por que ela não se move?

Nenhum dos funcionários nem a enfermeira conseguiam olhar para Jeremy.



Ele e Doris foram conduzidos a uma sala especial: não uma sala de espera, nem um quarto de hospital, um lugar diferente. Cadeiras de vinil azul contornavam duas paredes da sala acarpetada. No canto, uma mesinha repleta de revistas, uma bagunça espalhafatosa sob as frias lâmpadas fluorescentes. Uma cruz de madeira estava pendurada em uma das paredes. Uma sala vazia, só para os dois.

Pálida e trêmula, Doris se sentou, e seu olhar estava parado, sem foco. Jeremy se sentou ao lado dela, depois se levantou e começou a andar de um lado para o outro. Ele perguntou o que estava acontecendo, mas Doris não soube responder. Ela cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar.

Jeremy não conseguia engolir. Não conseguia raciocinar. Tentou se lembrar do que havia acontecido, juntar as peças, mas não conseguia se concentrar. O tempo desacelerou.

Segundos, minutos, horas... Ele não tinha noção de quanto tempo havia passado nem do que estava acontecendo, não sabia se ela ficaria bem, não sabia o que fazer. Queria voltar para o corredor e encontrar as respostas. Mais do que isso: precisava ver Lexie e saber se ela estava bem. Doris continuava a chorar ao lado dele, com as mãos trêmulas e unidas numa prece desesperada.

Estranhamente, ele jamais esqueceria os detalhes daquela sala, mas, por mais que tentasse, nunca conseguiria se lembrar do rosto do psicólogo do hospital que, depois de algum tempo, veio conversar com ele. Até mesmo o médico estava com uma aparência diferente daquela da sala de parto ou dos encontros em seu consultório.

A única sensação que Jeremy jamais esqueceria seria a do pavor gélido que tomou conta dele quando os viu se aproximar. Ele se levantou, como Doris, e, embora achasse que quisesse respostas, de repente não desejava que eles dissessem nada. Doris se apoiou em seu braço, como se tivesse esperança de que ele fosse forte o suficiente para apoiar ambos.

– Como ela está? – perguntou Jeremy.

O médico parecia exausto.

– Sinto muito por ter de lhe dizer isso – começou ele –, mas acho que sua mulher sofreu o que chamamos de embolia por líquido amniótico.

Mais uma vez, Jeremy se sentiu tonto. Tentando se acalmar, focalizou os olhos nas manchas de sangue e fluido que tinham respingado no jaleco do médico durante o parto. As palavras ecoavam como se viessem de muito longe quando o Dr. Sommers prosseguiu.

– Não achamos que a brida amniótica tenha nenhuma relação com o que aconteceu. Foram eventos completamente distintos. O líquido amniótico, de alguma maneira, deve ter penetrado em um dos vasos do útero. Não havia como prever algo assim. Não pudemos fazer nada.

O quarto se fechou ao redor de Jeremy e Doris vergou o corpo contra o dele, com a voz angustiada.

– Oh... não... não... não...

Jeremy esticou o corpo para conseguir respirar. Entorpecido, ouviu a voz do médico, que prosseguia explicando.

– É muito raro, mas, de alguma forma, o líquido entrou em um vaso – repetiu ele. – Ele deve ter se deslocado até o coração. Sinto

muito, mas ela não resistiu. A criança, no entanto, está bem...

Doris desfaleceu, mas Jeremy a segurou – de que forma, ele não tinha certeza. Nada daquilo fazia sentido. Lexie não poderia ter morrido. Ela estava bem. Era saudável. Eles estavam conversando minutos atrás. Ela tinha dado à luz. Ela tinha empurrado.

Isso não podia estar acontecendo. Não podia ser verdade.

Mas era.

O médico também estava chocado, enquanto continuava a dar explicações. Jeremy o via por entre as lágrimas, sentindo-se fora da realidade e nauseado.

– Eu posso vê-la? – perguntou, de repente, e sua voz saiu baixa e áspera.

– Ela está no berçário, na incubadora – disse o médico, como se, enfim, ouvisse uma pergunta a que pudesse responder satisfatoriamente. Ele era um homem bom e tudo aquilo estava, nitidamente, sendo difícil para ele também. – Como eu disse, ela está bem.

– Não. – Jeremy lutava para formar as palavras, com a voz sufocada. – Minha mulher. Posso ver minha mulher?

# 20



Jeremy se sentia entorpecido ao caminhar pelo corredor. O médico seguia meio passo atrás dele, em silêncio.

Ele não queria acreditar, não conseguia se forçar a processar as palavras do médico. *Ele está enganado, Lexie não está morta de verdade*, pensou Jeremy. Enquanto o médico ia procurá-lo, alguém pode ter percebido algo, alguma atividade cerebral, e todos entraram em ação. Então, naquele momento, estavam lá ao lado dela, que, de alguma maneira, estava melhorando. Era um acontecimento jamais visto, um verdadeiro milagre, mas Jeremy tinha certeza de que ela se sairia bem. Lexie era jovem e forte. Acabara de completar 32 anos e não podia ter partido. Não podia.

O Dr. Sommers parou do lado de fora de uma sala próxima à unidade de tratamento intensivo e Jeremy sentiu o coração saltar no peito ao pensar que o que médico dissera poderia ser verdade.

– Pedi que a trouxessem aqui para que vocês tivessem mais privacidade – explicou o médico. Sua expressão era sombria e ele pôs a mão no ombro de Jeremy. – Fique o tempo que precisar. Eu, realmente, sinto muito.

Jeremy ignorou as palavras do médico. Suas mãos tremiam quando ele abriu a porta, que pesava uma tonelada, dez toneladas, cem... Mas, de alguma maneira, ele conseguiu abri-la. Seu olhar pousou na figura sobre a cama. Ela estava deitada, imóvel, desligada de qualquer equipamento, sem monitores, sem terapia

intravenosa. Ele a vira com aquela mesma expressão durante tantas manhãs! Ela estava dormindo, com os cabelos sobre o travesseiro, os braços estendidos ao lado do corpo. Retos, como se tivessem sido colocados naquela posição por alguém que não a conhecesse.

Jeremy sentiu a garganta apertar e sua visão se transformou em um túnel no qual tudo era escuro, menos ela. Lexie era o único foco que ele conseguia enxergar, mas ele não queria vê-la daquele jeito. Não daquele jeito. Não com os braços naquela posição. Ela não podia estar assim. Tinha apenas 32 anos. Era saudável, forte, uma lutadora. Ela o amava. Ela era a *vida* de Jeremy.

Mas aqueles braços... aqueles braços estavam errados... eles deveriam estar dobrados, e uma da mãos deveria estar sobre a cabeça, enquanto a outra estaria sobre a barriga...

Ele não podia respirar.

Sua mulher se fora...

Sua *mulher*...

Não era um sonho. Agora, ele tinha certeza, e deixou que as lágrimas corressem. Não as reprimiu: elas jamais teriam fim.

Algum tempo depois, Doris também entrou na sala para se despedir e Jeremy a deixou a sós com a neta. Em transe, ele atravessou o corredor, percebendo vagamente a presença das enfermeiras que passavam e de uma voluntária que empurrava um carrinho. Todos pareciam ignorá-lo por completo e ele não entendia se evitavam olhar em sua direção porque sabiam do acontecido ou porque não sabiam.

Sentindo-se exaurido e frágil, voltou para a sala em que estivera com o médico. Não podia mais chorar. Não havia mais nada e ele, simplesmente, não tinha forças. Era tudo o que podia fazer para não desabar. As imagens dos acontecimentos da sala de parto passaram por sua cabeça centenas de vezes enquanto ele tentava descobrir o momento exato em que a embolia tinha ocorrido,

imaginando se algum detalhe poderia tê-lo alertado para o que viria. Teria sido quando ela arfou? Ou fora um pouco depois? Ele não conseguia se livrar do sentimento de culpa, como se devesse tê-la convencido a fazer uma cesariana, ou ao menos a não se desgastar tanto quanto o fizera, como se o esforço extenuante tivesse provocado tudo aquilo. Jeremy estava com raiva de si mesmo, com raiva de Deus, com raiva do médico.

Ele nem queria ver a filha, pensando que, ao receber a vida, ela tivesse levado outra, em troca. Se não fosse pelo bebê, Lexie ainda estaria ao seu lado. Se não fosse pelo bebê, os últimos meses que passaram juntos teriam sido livres de angústia. Se não fosse pelo bebê, ele poderia fazer amor com sua mulher. Mas agora, tudo estava acabado. A criança levara tudo embora. Por causa dela, sua mulher estava morta. E Jeremy se sentia morto também.

Como poderia amar a filha? Como poderia lhe perdoar? E como olharia para ela, e a carregaria no colo, e esqueceria que, para poder viver, ela tirara a vida de Lexie? Como ele poderia não odiá-la pelo que ela fizera à mulher que ele amava?

Ele reconhecia a irracionalidade desses sentimentos, tinha noção de sua natureza traiçoeira e cruel. Era errado sentir daquela forma, tão contrária a tudo o que um pai deveria sentir, mas como silenciar o próprio coração? Como dizer adeus à Lexie em um instante e, logo em seguida, dizer oi a uma criança? Como deveria agir? Deveria tomá-la em seus braços e brincar com ela, com doçura, como os outros pais estariam fazendo? Como se nada tivesse acontecido a Lexie?

Então, o que fazer? E depois que ela fosse para casa? Naquele momento, ele não podia nem mesmo imaginar ter de cuidar de outra pessoa, quando mal conseguia se controlar para não se jogar no chão e ficar encolhido em um canto qualquer. Ele não sabia nada sobre crianças e a única certeza que tinha era de que elas deveriam ficar com suas mães. Lexie lera todos os livros, cuidara de crianças quando pequena. Durante toda a gravidez, ele se mantivera

confortavelmente instalado na própria ignorância, na certeza de que Lexie lhe mostraria o que fazer. Mas a criança tinha outros planos...

A criança que matara sua mulher.

Em vez de ir ao berçário, ele desabou em uma das cadeiras da sala de espera. Não queria se sentir daquele jeito em relação à filha, sabia que não deveria se sentir assim, mas... Lexie morrera durante o parto. No mundo moderno, em um hospital, isso simplesmente não acontecia. Onde estavam as curas miraculosas? Os momentos de alegria filmados para a televisão? Onde, em nome de Deus, havia em tudo aquilo qualquer semelhança com a realidade? Ele fechou os olhos, convencendo-se de que, se conseguisse se concentrar o suficiente, acordaria daquele pesadelo no qual sua vida se transformara de um momento para o outro.

Algum tempo depois, Doris o encontrou. Ele não a ouviu entrar na sala, mas, quando ela tocou em seu ombro, os olhos de Jeremy se abriram e ele pôde ver seu rosto inchado de tanto chorar. Como Jeremy, ela parecia prestes a desabar.

– Você telefonou para seus pais? – perguntou ela, com a voz entrecortada.

Jeremy balançou a cabeça.

– Não posso. Sei que é preciso, mas não consigo fazer isso agora.

Os ombros de Doris começaram a tremer.

– Oh, Jeremy! – Sua voz era arfante.

Jeremy se levantou e a envolveu em seus braços. Choraram juntos, abraçados, como se tentassem salvar um ao outro. Em seguida, ela se afastou e enxugou as lágrimas.

– Você já viu a Claire? – perguntou, sussurrando.

Aquele nome trouxe de volta todos os sentimentos.

– Não – respondeu ele. – Não depois da sala de parto.

Doris sorriu com tristeza, um sorriso que quase esmagou o que sobrara de seu coração.

– Ela se parece muito com a Lexie.

Jeremy se virou para o outro lado. Não queria ouvir aquilo, não queria ouvir nada sobre a criança. Era para ele se sentir feliz com

aquela revelação? Algum dia ele voltaria a ser feliz?

Era impossível de acreditar! Aquele que deveria ser o dia mais feliz de sua vida, de repente, se transformara no pior de todos, e nada poderia preparar um ser humano para um fato como aquele. E agora? Ele não apenas teria de sobreviver ao inimaginável, como também precisaria tomar conta de uma criança? A criança que matara sua mulher?

– Ela é linda – afirmou Doris, quebrando o silêncio. – Você deveria ir vê-la.

– Eu... hum... não posso – balbuciou Jeremy. – Ainda não. Não quero.

Ele sentiu o peso do olhar de Doris, como se ela pudesse ler através da névoa de sua dor.

– Ela é sua filha.

– Eu sei – respondeu Jeremy, mas tudo o que ele conseguia sentir era a raiva que pulsava sob sua pele.

– Lexie iria querer que você cuidasse dela. – Doris tomou a mão de Jeremy. – Se você não puder fazê-lo por si, faça-o por sua mulher. Ela iria querer que você visse sua filha, que a tomasse nos braços. Sim, é duro, mas você não pode dizer não à Lexie. Você não pode dizer não a mim e você não pode dizer não à Claire. Agora, venha comigo.

Onde Doris encontrara forças e autocontrole para lidar com ele, Jeremy jamais saberia, mas, depois de dizer essas palavras, ela o pegou pelo braço e caminhou com ele a passos largos e decididos pelo corredor, em direção ao berçário. Ele se movia no piloto automático, mas, a cada passo, sentia a ansiedade aumentar.

Jeremy tinha medo da ideia de conhecer a filha. Embora soubesse que a raiva que sentia dela era absurda, temia não ficar mais enfurecido quando a visse, e isso também lhe parecia errado – como se fosse a prova de ter perdoado o que ela fizera à Lexie. Sua única certeza era de que ele não estava pronto para nenhuma das duas possibilidades.

Mas Doris não mudaria de ideia com tanta facilidade. Ela avançava por uma série de portas e, nos quartos, via mulheres grávidas e mães cercadas de suas famílias. O hospital estava repleto de pessoas, enfermeiras que passavam por eles de um lado para o outro, com determinação. Ele se aproximou da sala de parto e teve de se segurar na parede para não cair.

Atravessaram a sala das enfermeiras e viraram, em direção ao berçário. Os azulejos salpicados de cinza criavam uma imagem confusa e Jeremy se sentiu tonto. Queria se livrar da mão de Doris e fugir, queria chamar sua mãe e contar a ela tudo o que acontecera. Ele queria chorar ao telefone, queria uma desculpa para ir embora, para não ter de assumir aquela tarefa...

Mais adiante, um grupo de pessoas amontoadas no corredor admirava os bebês pela janela do berçário. Apontavam e sorriam e ele as ouviu dizer: “Ela tem o nariz do pai”, ou “Acho que vai ter olhos azuis”. Ele não conhecia nenhuma daquelas pessoas, mas, de repente, odiou todas, pois estavam vivenciando a alegria e o entusiasmo que também deveriam ter sido dele. Jeremy não conseguia se imaginar sendo obrigado a ficar ao lado delas, a ouvi-las perguntar qual das crianças ele tinha ido ver, a ouvi-las dizer como sua filha era meiga e linda. Do outro lado, na direção dos consultórios, viu a enfermeira que estivera com Lexie trabalhando, desempenhando suas tarefas diárias, como se aquele fosse mais um dia comum, sem grandes novidades.

Vê-la o deixou chocado e, como se pudesse ler seus sentimentos, Doris apertou seu braço e parou.

– É ali que você vai entrar – disse ela, indicando a porta.

– Você não vai entrar comigo?

– Não. Vou esperar aqui fora.

– Por favor – pediu ele. – Entre comigo.

– Não. Isso é algo que você tem de fazer sozinho.

Jeremy a olhou fixamente.

– Por favor – sussurrou ele.

A expressão no rosto de Doris se suavizou.

– Você vai cair de amores por ela. Assim que a vir, você vai amá-la.



Será que de fato é possível amar alguém à primeira vista?

Ele não conseguia conceber essa possibilidade. Com passos hesitantes, Jeremy entrou no berçário. A expressão da enfermeira mudou assim que o viu. Embora ela não estivesse presente na sala do parto, a história já se espalhara: aquela moça, Lexie, uma jovem, vibrante e saudável, tinha morrido de repente, deixando para trás um marido em estado de choque e uma filha recém-nascida órfã de mãe. Teria sido fácil oferecer alguma palavra de conforto ou mesmo virar-se para o outro lado, mas a enfermeira não fez nada disso. Ao contrário, forçou um sorriso e apontou na direção de um dos berços próximos à janela.

– Sua filha está à esquerda – disse. E sua expressão se modificou, o que foi suficiente para lembrá-lo de como aquela cena estava errada. Lexie também deveria estar ali. Lexie. Ele engasgou, sentindo-se, subitamente, sem ar. De algum lugar distante, ele ouviu um murmúrio:

– Ela é linda.

Jeremy se moveu automaticamente em direção ao berço, desejando voltar, mas, ao mesmo tempo, querendo vê-la. Era como se estivesse observando aquele processo através dos olhos de outra pessoa. Ele não estava ali. Não era ele de verdade. Aquela não era sua filha.

Ao ver o nome de Claire escrito no bercinho, titubeou e sentiu um nó na garganta. Com os olhos marejados, parou e ficou olhado para a filha. Pequenina e vulnerável sob as luzes de aquecimento, ela estava embrulhada em uma manta e usava um gorro, e Jeremy percebeu como sua pele era suave, de um tom de rosa saudável. Seus olhos estavam cobertos de pomada e ela tinha todos os maneirismos próprios de um recém-nascido: os movimentos dos

braços eram vez por outra agitados, como se ela se esforçasse para se acostumar a respirar por si mesma, sem usar o oxigênio recebido da mãe. O peito subia e descia com rapidez e Jeremy a ficou observando, fascinado por aqueles movimentos estranhamente incontroláveis. E percebeu que, embora fosse ainda recém-nascida, ela se parecia com Lexie no formato das orelhas e na ponta suave do queixo. A enfermeira apareceu por trás de seus ombros.

– Ela é um bebê maravilhoso. Dorme quase o tempo todo e, quando acorda, quase não chora.

Jeremy não disse nada. Não sentiu nada.

– Ela poderá ir para casa amanhã – explicou a mulher. – Não houve nenhuma complicação e ela já consegue sugar. Algumas vezes, as crianças têm problemas para sugar, mas ela logo pegou a mamadeira. Oh, veja! Ela está acordando.

– Bom – murmurou Jeremy, que mal ouvira o que ela tinha dito. Ele só conseguia olhar para a menina.

A enfermeira colocou a mão no minúsculo tórax de Claire.

– Oi, bonequinha. Seu papai está aqui.

Os braços do bebê se agitaram outra vez.

– O que é isso?

– Isso é normal – explicou ela, ajeitando a manta. – Oi, bonequinha! – repetiu.

Do outro lado da janela, Jeremy podia sentir o olhar de Doris sobre ele.

– Você quer pegá-la?

Jeremy engoliu em seco, pensando em como ela parecia frágil, como se qualquer movimento fosse capaz de quebrá-la. Ele não queria tocá-la, mas a resposta saltou de sua boca antes que ele pudesse evitar.

– Posso?

– É claro.

A enfermeira pegou Claire nos braços e Jeremy logo se impressionou com a naturalidade e a eficiência com que ela carregava uma recém-nascida.

– Eu não sei o que devo fazer – sussurrou ele. – Nunca fiz isso antes.

– É fácil – respondeu a mulher, com voz suave. Ela era mais velha que Jeremy, mas mais nova que Doris, e Jeremy se perguntou se ela teria filhos. – Sente-se na cadeira de balanço, que eu lhe darei o bebê. Tudo o que você precisa fazer é segurá-la apoiando as costas com um braço e sempre mantendo a cabecinha bastante firme. E depois, o mais importante: amá-la por toda a vida.

Jeremy se sentou, apavorado, lutando contra a vontade de cair em prantos. Ele não estava pronto para aquilo. Precisava de Lexie, precisava chorar sua dor, precisava de tempo. Ele notou Doris mais uma vez do outro lado da janela e teve a impressão de tê-la visto dar um leve sorriso. A enfermeira se aproximou, entregando-lhe o bebê com a destreza e o aconchego de alguém que fez o mesmo gesto milhares de vezes.

Jeremy estendeu os braços e, quando a pegou, sentiu o peso delicado do corpo de Claire. Em um piscar de olhos, ela estava abrigada em seu colo.

Um milhão de emoções sentiu Jeremy naquele momento: o fracasso que sentiu no consultório do médico, com Maria; o alarme e o horror que experimentou na sala de parto; o vazio da caminhada pelo corredor; a ansiedade vivida havia apenas um minuto.

Em seus braços, Claire o observava, olhos acinzentados focados no rosto do pai. Ele só conseguia pensar que ela era tudo o que restara de Lexie. Ela era a filha de Lexie, nos traços e no espírito, e Jeremy teve de prender a respiração. Visões da esposa atravessaram sua mente: Lexie, que confiara nele o bastante para ter uma filha com ele, que se casara com ele sabendo que, embora ele não fosse perfeito, seria o pai que Claire merecia. Lexie sacrificara a vida para dar-lhe de presente a filha, e, naquele exato momento, Jeremy teve certeza de que, se ela tivesse outra chance, faria tudo de novo. Doris estava certa: Lexie queria que ele amasse Claire como ela a teria amado e, agora, ela precisava que ele fosse forte. A filha precisava que ele fosse forte. Apesar de toda a

comoção da última hora, ele olhou para Claire e fechou os olhos, com a súbita certeza de que o que estava fazendo naquele momento era a única razão de estar neste mundo. Amar outra pessoa. Cuidar dela, ajudá-la, encarregar-se de suas preocupações até que ela seja forte o bastante para se encarregar delas por si mesma. Cuidar incondicionalmente, pois, afinal, era isso que dava sentido à vida. E Lexie dera a vida a Claire sabendo que Jeremy seria capaz de desempenhar seu papel.

Então, enquanto olhava fixamente para a filha através de milhares de lágrimas, ele se apaixonou perdidamente, e já não desejava nada além de abraçá-la e de mantê-la em segurança para sempre.

# Epílogo



*Fevereiro de 2005*

Jeremy piscou repetidamente quando o telefone tocou.

A casa ainda estava em silêncio, abrigada em uma densa capa de neblina, e ele se obrigou a ficar sentado, surpreso por ter conseguido dormir. Passara a noite acordado e, nas duas últimas semanas, só conseguira dormir poucas horas. Seus olhos ainda estavam inchados e vermelhos, a cabeça latejava e ele sabia que sua aparência revelava o extremo cansaço que sentia. O telefone tocou outra vez. Ele o pegou e apertou o botão para atender.

– Jeremy? – Era a voz do irmão. – Quais são as novidades?

– Nenhuma – respondeu ele, com voz de sono.

– Você estava dormindo?

Instintivamente, Jeremy olhou para o relógio.

– Só por vinte minutos. Não o suficiente para causar problemas.

– Acho melhor eu desligar.

Olhando para o paletó e para as chaves sobre a cadeira, Jeremy pensou outra vez no que queria fazer à noite. Seria mais uma das muitas que passaria quase sem dormir e sentiu-se grato por aquela soneca inesperada.

– Não, não vou adormecer outra vez. Estou feliz em falar com você. Como está tudo por aí? – Olhando para o corredor, ficou atento para ver se ouvia algum som vindo de Claire.

– Estou telefonando porque recebi sua mensagem – explicou o irmão, com um tom de culpa na voz. – Aquela que você deixou dois dias atrás. Você parecia um pouco esquisito. Como se fosse um zumbi, ou algo parecido.

– Desculpe-me. É que fiquei acordado a noite inteira.

– Outra vez?

– O que eu posso dizer? Isso acontece.

– Você não acha que tem acontecido com muita frequência nos últimos tempos? Até mamãe está preocupada com você. Ela acha que, se continuar assim, você vai ter alguma doença grave.

– Estou bem – respondeu ele, enquanto se espreguiçava.

– Sua voz não está boa. Parece que está meio morto.

– Mas minha aparência está ótima.

– É, posso imaginar. Ouça, mamãe me pediu que lhe dissesse que dormisse mais, e eu assino embaixo. Quero dizer, depois de ter acordado você. Portanto, volte para a cama.

Apesar da exaustão, Jeremy riu.

– Não posso. Ao menos não agora.

– Por quê?

– Não iria adiantar. Eu ficaria deitado aqui a noite inteira, acordado.

– Não a noite inteira.

– Sim, senhor, a noite inteira – repetiu Jeremy. – É isso que insônia significa.

Ele ouviu o irmão hesitar no outro lado da linha.

– Eu ainda não entendi – disse ele, confuso. – Por que você não pode dormir?

Jeremy olhou para fora da janela. Uma neblina prateada impenetrável cobria toda a visão do céu e ele se viu pensando em Lexie.

– Pesadelos – respondeu.

Os pesadelos tiveram início no mês anterior, logo após o Natal, sem nenhum motivo aparente.

O dia começou da maneira mais comum: Claire o ajudou a fazer ovos mexidos e eles tomaram o café da manhã juntos, à mesa. Em seguida, Jeremy a levou ao mercado e depois a deixou com Doris por cerca de duas horas, durante a tarde. Ela assistiu à *Bela e a Fera*, como já fizera dezenas de vezes. Comeram peru com macarrão e queijo no jantar e, depois do banho, ele leu as mesmas histórias de todas as noites. Ela não estava com febre nem tivera nenhum outro problema na hora de dormir e, quando Jeremy foi vê-la, vinte minutos depois, a filha dormia profundamente.

Mas, logo depois da meia-noite, Claire acordou, aos gritos.

Jeremy correu para o quarto da menina e a confortou, enquanto ela chorava. Algum tempo depois, ela se acalmou, ele a cobriu e lhe deu um beijo na testa, desejando-lhe boa noite.

Uma hora depois, ela acordou gritando de novo.

E depois, mais uma vez.

E assim foi durante toda a noite, mas, de manhã, ela não se lembrava do que tinha acontecido. Exausto, com os olhos sem vida, Jeremy simplesmente ficou feliz, achando ter sido o fim do problema. Mas isso era o que ele pensava... Na noite seguinte, tudo se repetiu. E na seguinte. E na seguinte.

Depois de uma semana, ele levou Claire ao médico, que lhe assegurou que não havia nenhum problema físico com a menina, mas que terrores noturnos, se não eram comuns, também não eram assim tão raros. Com o tempo, eles desapareceriam, afirmou o médico.

Mas não desapareceram. Parecia até que tinham piorado. Se antes ela acordava duas ou três vezes durante a noite, agora eram quatro ou cinco sobressaltos, como se Claire tivesse um pesadelo a cada ciclo do sono. A única coisa que a acalmava eram as palavras suaves que Jeremy lhe sussurrava aos ouvidos enquanto a balançava nos braços.

Ele já tentara levá-la para a cama dele, ou mesmo dormir na cama dela, e então passava horas segurando a filha no colo, enquanto ela dormia. Tentou pôr música, aumentar ou diminuir a luz, mudar a dieta e acrescentar leite quente antes de dormir. Ligou para a mãe, ligou para Doris. Quando Claire passou a noite na casa da avó, acordou gritando lá também. Nada parecia ajudar.

Se a falta de sono o deixava tenso e ansioso, isso também acontecia a Claire: eram mais ataques de birra, mais lágrimas inesperadas, mais impertinência. Aos 4 anos, ela não conseguia controlar suas explosões, mas quando Jeremy se viu respondendo de volta com raiva, não pôde usar a imaturidade como desculpa. A exaustão o deixava frustrado, sempre tenso. E a ansiedade era o que mais o incomodava. O medo de que algo estivesse errado, de que, se ela não voltasse a dormir com regularidade, alguma coisa terrível pudesse acontecer. Ele sobreviveria, tomaria conta de si mesmo, mas, e Claire? Ele era responsável por ela. Ela precisava do pai e, de alguma maneira, ele a estava decepcionando.

Jeremy se lembrou de como seu pai ficara no dia em que seu irmão mais velho, David, sofreu um acidente de automóvel. Naquela mesma noite, então com 8 anos, Jeremy encontrou o pai sentado em uma poltrona, olhando para o infinito. Ele se lembrava de ter pensado que estava difícil de reconhecer o próprio pai. Ele parecia ter encolhido e, por um instante, Jeremy achou que tivesse entendido errado quando lhe explicaram que David estava bem. Talvez seu irmão tivesse morrido e não tivessem com coragem de lhe contar a verdade. Ele se lembrou de ter perdido o fôlego, mas, quando estava prestes a cair no choro, seu pai saiu daquele estado de transe no qual parecia ter mergulhado. Então Jeremy se sentou em seu colo e sentiu a aspereza de sua barba. Quando perguntou sobre David, o pai balançou a cabeça de um lado para o outro.

– Ele vai ficar bem – explicou –, mas isso não impede que eu fique preocupado. Como pai, você sempre se preocupa.

– Você se preocupa comigo? – perguntou Jeremy.

O pai o abraçou com força.

– Eu me preocupo com todos vocês, todo o tempo. Nunca tem fim. Costumamos achar que, quando os filhos crescerem, não iremos mais nos preocupar. Mas não para nunca.



Pensando nesse episódio de sua infância, Jeremy foi dar uma olhada em Claire, morrendo de vontade de abraçá-la, ao menos para tentar afastar os pesadelos. Ela já estava dormindo havia uma hora e ele sabia que não faltava muito para que ela acordasse gritando outra vez. Dentro do quarto, ele observou o movimento suave do tórax da filha.

Mais uma vez, ele refletiu sobre os pesadelos, considerando que tipo de imagens a mente dela estaria criando. Como todas as crianças, ela se desenvolvia com muita rapidez, dominando a linguagem e a comunicação não verbal, desenvolvendo a coordenação, testando limites de comportamento e aprendendo as regras do mundo. Como Claire não entendia o suficiente da vida, de modo que não se justificava que ela pudesse estar obcecada pelos medos que mantinham os adultos acordados durante a noite, ele concluiu que os pesadelos fossem produto de sua imaginação hiperativa, ou uma tentativa de sua mente de entender a complexidade do mundo. Mas, de que maneira isso se manifestava naqueles sonhos? Ela veria monstros? Estaria sendo perseguida por algo assustador? Jeremy não tinha respostas, não conseguia imaginar nenhuma. A mente de uma criança era mesmo um mistério.

No entanto, algumas vezes ele se perguntava se teria culpa naquilo. Será que a filha se sentia diferente das outras crianças? Será que observava, quando iam ao parque, que ela quase sempre era a única acompanhada apenas do pai? Será que se perguntava por que todo mundo tinha mãe, e ela, não? Ele sabia que não era culpado disso, que não era culpa de ninguém... Que era, na verdade

– como ele sempre procurava se lembrar – o resultado de uma tragédia sem culpados.

E um dia ele contaria a Claire qual era exatamente o pesadelo do pai dela. O pesadelo de Jeremy sempre acontecia em um hospital, mas para ele nunca era apenas um sonho.



Jeremy entrou no quarto da filha e, na ponta dos pés, foi até o armário, abriu a porta sem fazer barulho e pegou um paletó. Parou para olhar mais uma vez aquele cômodo, lembrando-se da surpresa de Lexie ao ver que ele o tinha decorado.

Como Claire, o quarto tinha mudado bastante desde então. Agora estava pintado em tons claros de amarelo e roxo. Na altura da metade da parede havia uma faixa decorativa na qual se viam meninas angelicais vestidas para ir à igreja. Claire o ajudara a escolhê-la e tinha ficado sentada no quarto, de pernas cruzadas, enquanto Jeremy aplicava sozinho o papel de parede.

Acima da cama, havia dois dos itens que ele tentaria salvar em primeiro lugar, se a casa pegasse fogo. Quando Claire era bem pequena, ele pedira a um profissional que fizesse várias fotos dela em preto e branco. Algumas mostravam seus pés, outras, suas mãos, e outras, ainda, seus olhos e o nariz. Ele montou as fotos em duas enormes colagens emolduradas e toda vez que as via, Jeremy se lembrava de como ela era pequena quando a tomara nos braços.

Nas semanas que se seguiram ao nascimento de Claire, Doris e a mãe de Jeremy trabalharam em conjunto para ajudar pai e filha. A mãe de Jeremy, que mudou seus planos e foi passar um tempo em Boone Creek, ajudou-o a aprender as noções básicas da paternidade: como trocar fraldas, a temperatura correta das mamadeiras, a melhor maneira de dar remédios, para evitar que Claire os cuspisse de volta. Para Doris, alimentar a menina era terapêutico, e ela embalava Claire durante horas depois da mamadeira. A mãe de Jeremy se sentia responsável por ajudar

Doris também e, algumas vezes, tarde da noite, ele as ouvia conversando baixinho na cozinha. Quando Doris chorava, sua mãe murmurava palavras de conforto.

Elas se tornaram grandes amigas e, embora também estivessem enfrentando uma batalha, impediram que Jeremy se afogasse em autopiedade. As duas lhe deram um tempo e assumiram parte da responsabilidade pelos cuidados com Claire, mas também insistiram para que ele se fizesse presente na rotina da menina, por maior que fosse seu sofrimento. E ambas sempre o lembravam de que ele era o pai e de que Claire era responsabilidade dele. Nisso, estavam sempre unidas.

Pouco a pouco, Jeremy foi forçado a aprender como tomar conta da filha e, à medida que o tempo passava, a dor ia cedendo. Se antes ele se sentia sufocado desde a hora de acordar até a hora de desabar na cama, agora achava possível esquecer-se da angústia, porque estava absorvido na tarefa de cuidar de Claire. Mas Jeremy estava operando no piloto automático, e quando chegou a hora de sua mãe ir embora, ele entrou em pânico só de pensar em ficar sozinho. A mãe lhe explicou cada detalhe meia dúzia de vezes e lhe garantiu que, caso tivesse dúvidas, ele só precisaria telefonar. E o lembrou de que Doris estaria sempre por perto e de que ele sempre poderia conversar com o pediatra, se tivesse qualquer tipo de preocupação.

Jeremy recordou a maneira calma como a mãe lhe explicara tudo, mas, mesmo assim, ele tinha implorado para que ela ficasse só mais um pouquinho ao lado dele.

– Não posso – disse ela. – Além disso, acho que você precisa assumir a responsabilidade. Sua filha depende de você.

Na primeira noite que passou sozinho com Claire, ele levantou para vê-la mais de uma dezena de vezes. Ela estava no berço ao lado da cama de Jeremy. Na mesinha de canto, havia uma lanterna que ele usava para ter certeza de que ela estava respirando. Quando ela acordava chorando, ele a alimentava e a fazia arrotar. De manhã, lhe dava um banho e entrava em pânico outra vez

quando a via tremer. Vesti-la era uma tarefa que levava muito mais tempo do que ele podia ter imaginado. Depois, ele a colocava deitada sobre um lençol na sala e ficava vigiando a menina enquanto tomava café. Jeremy achou que poderia trabalhar quando ela tirasse uma soneca, mas não conseguiu; pensou o mesmo quando ela adormeceu de novo, mas não conseguiu mais uma vez. No primeiro mês, o máximo que ele conseguiu fazer foi manter os e-mails em dia.

As semanas se transformaram em meses e ele acabou pegando o jeito. Seu trabalho foi, aos poucos, se organizando em função da troca de fraldas, das mamadeiras, do banho e das visitas ao pediatra. Levava Claire para tomar vacinas e ligava para o pediatra, horas depois, quando a perninha dela ainda estava inchada e vermelha. Ele a colocava na cadeirinha para automóveis, e a levava ao mercado e à igreja. Em um piscar de olhos, Claire começou a sorrir e a gargalhar. Ela esticava os dedinhos no rosto do pai e ele descobriu que podia passar horas só observando a filha, assim como ela o observava. Tirou centenas de fotos e gravou em vídeo o momento em que ela se soltou da mesa de canto e deu os primeiros passos.

Pouco a pouco, aniversários e férias chegaram e passaram. À medida que Claire crescia, sua personalidade se tornava mais visível. Até os 2 anos, ela só usava rosa, depois, azul, e agora, aos 4 anos, só lilás. Sua filha adorava colorir, mas detestava pintar. Sua capa de chuva favorita tinha na manga um desenho de Dora, a Aventureira, e ela a usava mesmo quando o sol estava brilhando. Claire escolhia as próprias roupas, sabia se vestir sozinha, embora ainda não conseguisse amarrar os sapatos, e era capaz de reconhecer quase todas as letras do alfabeto. Sua coleção de DVDs da Disney ocupava a maior parte do móvel ao lado da televisão e, depois do banho, Jeremy lia para ela três ou quatro histórias, antes de os dois se ajoelharem para as orações.

Se havia prazer em sua vida, também havia tédio, e o tempo lhe pregava peças: voava, desaparecia, toda vez que Jeremy tentava

sair de casa – ele estava sempre dez minutos atrasado –, mas, quando ele se sentava no chão e brincava de boneca ou de colorir pelo que imaginava terem sido horas, percebia, surpreso, que apenas oito ou nove minutos tinham passado. Havia momentos em que ele sentia que devia fazer algo mais importante da própria vida, mas, quando pensava um pouco mais detidamente no assunto, percebia que não tinha vontade de mudar nada.

Como Lexie tinha previsto, Boone Creek era o lugar ideal para a criação de Claire, e ele e a filha iam sempre ao Alecrim. Embora Doris, agora, se movesse um pouco mais devagar, ela se deliciava com os momentos passados ao lado da bisneta. E Jeremy não podia deixar de sorrir quando via uma mulher grávida entrar no restaurante e perguntar por Doris, mas isso já era esperado. Três anos antes, Jeremy tinha decidido aceitar a oferta que ela lhe fizera e realizara um experimento científico: Doris escreveu, ao todo, noventa e três previsões, para noventa e três mulheres com as quais tinha estado, e, um ano depois, quando eles as abriram, constataram que todas estavam certas. Então, no ano seguinte, o pequeno livro que ele escrevera sobre Doris ficou cinco meses na lista dos mais vendidos. Em seu epílogo, Jeremy admitira não haver nenhuma explicação científica para o fato.

Jeremy voltou para a sala. Depois de colocar o casaco de Claire sobre a cadeira, ao lado do seu, foi até a janela e abriu as cortinas. Ali ao lado, quase fora de visão, estava o jardim que ele e Lexie tinham começado a organizar juntos, assim que se mudaram para a casa.

Ele pensava em Lexie com frequência, principalmente em noites tranquilas como aquela. Desde que sua mulher partiu, ele não namorou ninguém, nem teve vontade. Sabia que as pessoas se preocupavam com ele. Um por um, amigos e familiares conversavam sobre outras mulheres, mas sua resposta era sempre

a mesma: ele estava ocupado demais tomando conta da Claire, e não tinha tempo de pensar em tentar outro relacionamento. Embora de certa forma isso fosse verdade, o que ele não dizia era que aquela parte de sua vida morrera junto com Lexie. Ela estaria com ele para sempre. Quando ele a imaginava, nunca a via deitada na cama do hospital, muito pelo contrário: ele a via sorrindo ao observar a cidade do topo do monte Riker, ou com a expressão que tinha no rosto ao sentir a filha chutar pela primeira vez. Ele ouvia a alegria contagiante de sua risada, enxergava a concentração de seu rosto ao ler um livro. Ela estava viva, sempre viva, e Jeremy se perguntava quem ele seria se Lexie não tivesse entrado em sua vida. Será que ele teria se casado novamente, depois de Maria? Ainda viveria em Nova York? Ele não sabia, jamais saberia, mas, quando pensava no passado, sentia que sua vida tinha começado cinco anos atrás. E imaginava se, dali a mais alguns anos, ainda teria alguma lembrança de sua vida em Nova York ou da pessoa que ele um dia foi lá.

Apesar de tudo, ele não era infeliz. Estava satisfeito com o homem em que se transformara, o pai em que se tornara. Lexie estivera certa o tempo todo, pois o que dava sentido à sua vida era o amor. Ele apreciava aqueles momentos em que, ainda sonolenta, Claire descia as escadas de manhã, enquanto ele lia o jornal e tomava café. O pijama dela estava sempre desalinhado – uma das mangas para cima, a barriga de fora, as calças ligeiramente retorcidas – e seus cabelos negros, sempre para cima, formando um halo desengonçado. À luz radiante da cozinha, ela fazia uma pausa momentânea e apertava os olhos antes de esfregá-los.

– Oi, papai – dizia ela, com a voz quase inaudível.

– Oi, meu amor – respondia Jeremy.

E então Claire corria para seus braços. Quando ele a pegava no colo, ela relaxava, com a cabeça em seus ombros e os bracinhos em volta de seu pescoço.

– Eu amo tanto você... – dizia Jeremy, sentindo o leve movimento da respiração da filha.

– Eu também amo você, papai.

Em momentos como esse, ele sentia uma dor imensa por ela nunca ter conhecido a mãe.



Estava na hora. Jeremy vestiu um casaco e fechou completamente o zíper. Em seguida, caminhou pelo corredor, em direção ao quarto de Claire, carregando o casaco, o chapéu e as luvinhas da filha. Colocou a mão nas costas da menina e sentiu o rápido batimento de seu coração.

– Claire, meu amor – sussurrou. – Preciso que você acorde.

Ele a sacudiu com suavidade e ela virou a cabeça de um lado para o outro.

– Vamos, querida – pediu.

Lentamente, Jeremy a pegou no colo, pensando em como ela era leve e que, em poucos anos, não conseguiria mais fazer aquilo.

Ela gemeu levemente e perguntou, sussurrando:

– Papai?

Ele sorriu, pensando que ela era a menina mais bonita do mundo.

– Está na hora.

De olhos ainda fechados, ela respondeu.

– Está bem, papai.

Ele a sentou na cama, colocou suas galochas sobre o pijama grosso e pendurou o casaco nos ombros da filha, observando-a enfiar os bracinhos nas mangas. Colocou nela as luvas e o chapéu e novamente a pegou no colo.

– Papai?

– Sim, querida?

– Aonde estamos indo? – perguntou ela, em meio a um bocejo.

– Vamos dar um passeio – respondeu Jeremy, carregando-a pela sala.

Quando ela se acomodou em seus braços, ele bateu no bolso da calça, para se certificar de que tinha pegado as chaves.

– De carro?

– Isso mesmo querida, de carro.

Ela olhou ao redor, seu rosto demonstrando a confusão infantil que ele simplesmente adorava. Ela se virou em direção à janela.

– Mas ainda está escuro – percebeu.

– Está. E com muita neblina também.



Do lado de fora, o ar estava frio e úmido e parecia que uma nuvem caíra naquele trecho ermo da estrada que passava perto de sua casa. No céu, não era possível ver nem a lua nem as estrelas, como se o universo tivesse sido apagado. Ele mudou a posição de Claire em seu colo, tentando pegar as chaves, e, em seguida, colocou-a na cadeirinha para crianças.

– Está esquisito aqui fora – comentou ela. – Como no desenho do *Scooby-Doo*.

– Mais ou menos – admitiu ele, afivelando o cinto. – Mas nós vamos ficar bem.

– Eu sei – disse ela.

– Eu amo você. Você sabe quanto?

– Sei. Seu amor é maior que a quantidade de peixes no oceano e vai mais longe que a distância daqui até a lua – respondeu Claire, revirando os olhos, fazendo charme.

– Ah! – exclamou Jeremy.

– Está frio.

– Vou ligar o aquecedor assim que ligar o carro.

– Nós vamos para a casa da vovó?

– Não. Ela está dormindo. Vamos a um lugar especial.

As ruas de Boone Creek estavam silenciosas e a cidade parecia adormecida. Com exceção das luzes das varandas, a maioria das casas estava às escuras. Jeremy dirigiu devagar, enfrentando com cuidado as colinas cobertas pela neblina.

Depois de parar em frente ao cemitério Cedar Creek, pegou uma lanterna que estava guardada no porta-luvas. Tirou Claire da cadeirinha e rumou para o cemitério, de mãos dadas com a filha.

Olhando para o relógio, observou que passava da meia-noite, mas sabia que ainda tinha alguns minutos. Claire estava segurando a lanterna, e, andando ao lado da menina, Jeremy ouvia o farfalhar das folhas sob seus pés. A neblina impedia que enxergassem mais que alguns passos à frente em qualquer direção, mas Claire não levou mais de um instante para perceber onde estavam.

– Nós vamos ver a mamãe? – perguntou. – Porque você se esqueceu de trazer flores.

No passado, quando ele a levava até lá, sempre comprava flores. Há mais de quatro anos, Lexie fora enterrada ao lado dos pais. Para tanto, foi necessária uma consideração especial por parte dos administradores, mas o prefeito Gherkin a conseguira, em atenção a Doris e a Jeremy.

Jeremy parou.

– Você vai ver – prometeu.

– Então, o que a gente veio fazer aqui?

Jeremy apertou a mão de Claire.

– Você vai ver – repetiu.

Os dois deram alguns passos em silêncio.

– Podemos ver se as flores ainda estão lá?

Ele sorriu, feliz por ela se preocupar e também por ela não ter medo de andar no cemitério no meio da noite.

– É claro que podemos, querida.

Desde o funeral, Jeremy visitava o cemitério ao menos a cada duas semanas, em geral levando Claire com ele. Foi ali que ela aprendera sobre a mãe. Ele lhe contou sobre os passeios ao topo do monte Riker, que foi lá que ele descobriu que amava Lexie, e que se mudara para Bonne Creek porque não podia conceber a vida sem ela. Era uma maneira de manter Lexie viva em sua memória, e ele contava todas as histórias duvidando de que a filha estivesse prestando atenção. Entretanto, embora ainda nem tivesse

completado 5 anos, Claire já era capaz de repetir todas aquelas histórias como se as tivesse vivido. Na última vez em que estiveram no cemitério, ela o ouvira em silêncio e parecia quase reflexiva quando voltaram para o carro. Mas antes de chegarem ao automóvel, caminhando com o pai, Claire disse: “Eu queria que ela não tivesse morrido.” Isso acontecera um pouco depois do Dia de Ação de Graças e ele imaginou que o fato talvez estivesse ligado aos pesadelos de Claire, que começaram no mês seguinte. Mas Jeremy não tinha certeza.

Caminhando com dificuldade pela noite fria e úmida, eles chegaram até os túmulos, em direção aos quais Claire apontou a luz da lanterna. Jeremy viu os nomes de James e Claire. Ao lado deles, o nome “Lexie Marsh” e as flores que eles haviam colocado ali na véspera do Natal.

No lugar em que ele e Lexie tinham visto as luzes pela primeira vez, ele se sentou e colocou a filha no colo. Jeremy se lembrou da história que Lexie lhe contara, sobre os pais dela e os pesadelos que ela tinha quando criança. Sentindo que algo especial estava prestes a acontecer, Claire ficou quieta e imóvel.

Claire se parecia com Lexie de mais maneiras do que ele mesmo podia perceber, pois, quando as luzes começaram a dançar pelo céu, ele sentiu a filha se recostar nele. Claire, cuja bisavó garantia que fantasmas existiam, observava, maravilhada, o show que acontecia diante de seus olhos. Era apenas uma sensação, mas, enquanto a segurava, ele teve certeza de que Claire não teria mais pesadelos. Naquela noite, eles teriam fim, e Claire voltaria a dormir em paz. Não, ele não podia explicar – e mais tarde sua hipótese seria confirmada –, mas nos últimos anos ele aprendera que a ciência não tinha todas as respostas.

As luzes, como sempre, eram uma maravilha celestial, subindo e descendo de forma espetacular, e Jeremy ficou hipnotizado, tanto quanto a filha. Naquela noite, as luzes pareciam durar alguns segundos mais que o normal e, ante todo aquele brilho, ele viu a expressão de assombro no rosto da menina.

– É a mamãe? – perguntou ela, por fim, com a voz baixa como o som do vento que balançava as folhas das árvores.

Jeremy sorriu, sentindo um nó na garganta. No silêncio da noite, era como se eles fossem os dois únicos seres vivos no mundo todo. Jeremy respirou profundamente, lembrando-se de Lexie, acreditando que ela estava ali com eles e sabendo que, se pudesse vê-la naquele momento, ela estaria sorrindo de alegria, feliz por saber que a filha e o marido ficariam bem.

– Sim – respondeu ele, abraçando Claire com toda a força. – Acho que ela queria se encontrar com você.

# Sobre o autor



NICHOLAS SPARKS lançou seu primeiro livro aos 31 anos, ao qual se seguiram outros 19. Suas obras foram traduzidas para 50 idiomas e já venderam mais de 100 milhões de exemplares no mundo todo, sendo 12 milhões só de *Diário de uma paixão*. Doze de seus livros ganharam adaptações para a TV e o cinema. *Diário de uma paixão* ganhou as telonas com Ryan Gosling e Rachel McAdams nos papéis principais e também serviu de inspiração para um filme de Bolywood. O autor mora na Carolina do Norte e tem cinco fihos.

www.nicholassparks.com

Foto do autor reproduzida com permissão da Warner Bros. Entertainment Inc. Todos os direitos reservados.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

*Queda de gigantes* e *Inverno do mundo*, de Ken Follett

*Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada* e *Fique comigo*, de Harlan Coben

*A cabana* e *A travessia*, de William P. Young

*A farsa, A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich

*Água para elefantes*, de Sara Gruen

*Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto* e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

*Uma Longa Jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento* e *À primeira vista*, de Nicholas Sparks

*Julieta*, de Anne Fortier

*O guardião de memórias*, de Kim Edwards

*O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!* e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

*O nome do vento* e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss

*A passagem* e *Os doze*, de Justin Cronin

*A revolta de Atlas*, de Ayn Rand

*A conspiração franciscana*, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
e curta nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

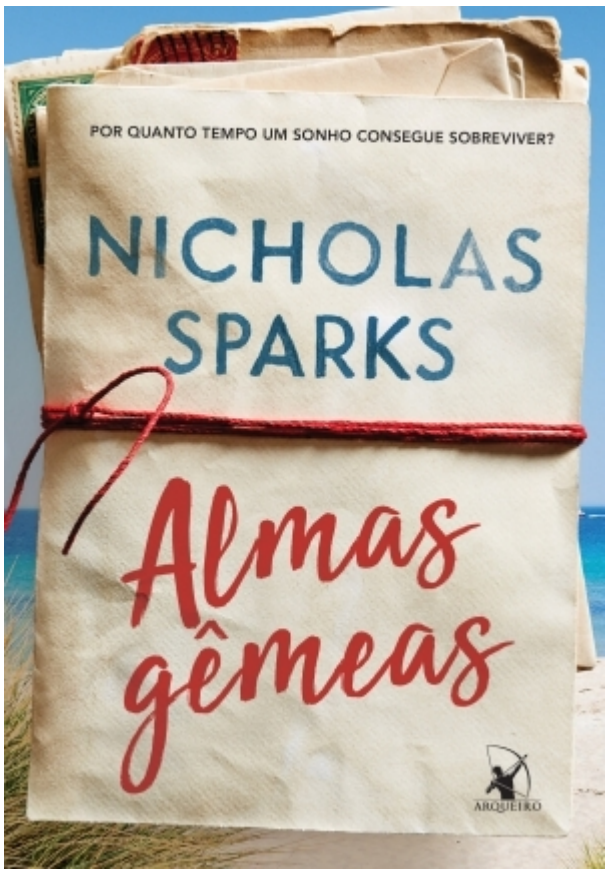
 instagram.com/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

# Sumário

Créditos
Prólogo
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
Epílogo
Sobre o autor
Conheça os clássicos da Editora Arqueiro
Informações sobre a Arqueiro


POR QUANTO TEMPO UM SONHO CONSEGUE SOBREVIVER?
NICHOLAS SPARKS
Almas gêmeas
ARQUEIRO

# Almas gêmeas

Sparks, Nicholas
9788580418644
288 páginas

Compre agora e leia

Hope Anderson está numa encruzilhada. Aos 36 anos, namora o mesmo homem há seis, mas não tem perspectivas de casamento. Quando seu pai é diagnosticado com uma grave doença degenerativa, ela resolve passar uma semana na casa de praia da família, na Carolina do Norte, para pensar nas difíceis decisões que precisa tomar em relação ao próprio futuro. Tru Walls nasceu numa família rica no Zimbábue. Nunca esteve nos Estados Unidos, até receber uma carta de um homem que diz ser seu pai biológico, convidando-o a encontrá-lo numa casa de praia na Carolina do Norte. Intrigado, ele aceita e faz a viagem.Quando os dois estranhos se cruzam na praia, nasce entre eles uma ligação eletrizante e imediata. Nos dias que se seguem, os sentimentos que desenvolvem um pelo outro os obrigam a fazer escolhas que colocam à prova suas prioridades e reais chances de felicidade.O novo romance de Nicholas Sparks, na tradição de Diário de uma paixão e Noites de tormenta, aborda as muitas facetas do amor, os arrependimentos e a esperança que nunca morre."Nicholas Sparks é conhecido por escrever romances que despertam emoções profundas, e confirma seu talento nesta encantadora e comovente história de um amor que desafia o tempo." – Booklist

Compre agora e leia


Pode o amor resistir
às mais duras provações?
Da autora
de DESEJO
PROIBIDO
eternamente
você
SOPHIE JACKSON
ARQUEIRO

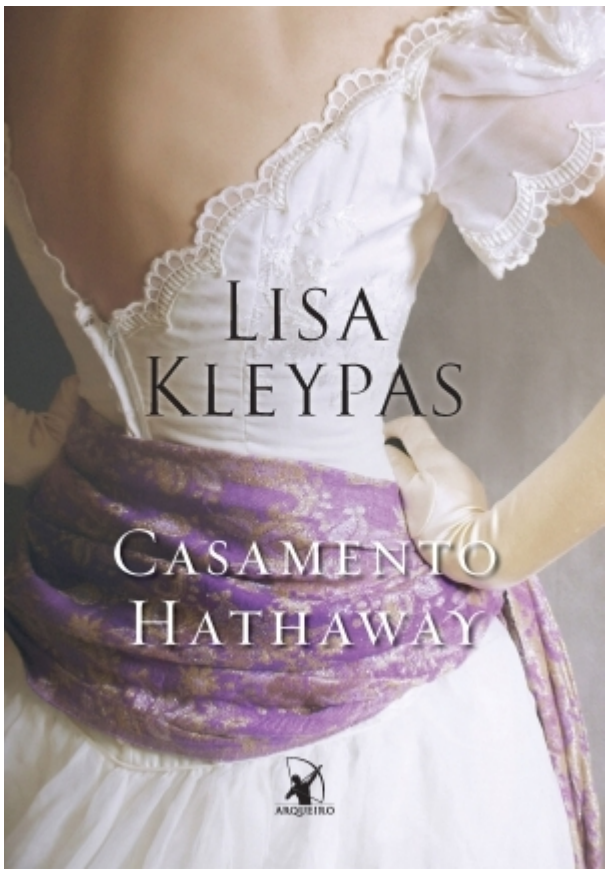
# Eternamente você

Jackson, Sophie
9788580414820
80 páginas

Compre agora e leia

Eternamente você é um e-book gratuito que se passa entre os livros 1 e 2 da trilogia que se iniciou com Desejo proibido.Quando conheceu o arrogante presidiário Wesley Carter em Desejo proibido, a professora Kat Lane sentiu um misto de atração e ódio. Mas, à medida que o relacionamento entre eles se intensificou, ela descobriu um novo lado de seu aluno e se apaixonou por ele.Agora os dois resolvem se casar, mas a mãe de Kat não fica nem um pouco satisfeita com a notícia do noivado. Além disso, Carter acaba de assumir a presidência da empresa da família, uma grande responsabilidade em sua nova vida fora da prisão, e precisa apoiar seu melhor amigo, que não consegue se livrar das drogas.Equilibrar problemas pessoais, da família e de um negócio de bilhões de dólares não deixa muito tempo para o casal aproveitar a vida a dois.Em meio a esse turbilhão, será que Carter e Kat vão conseguir manter a chama da paixão acesa?

Compre agora e leia


LISA
KLEYPAS
CASAMENTO
HATHAWAY
ARQUEIRO

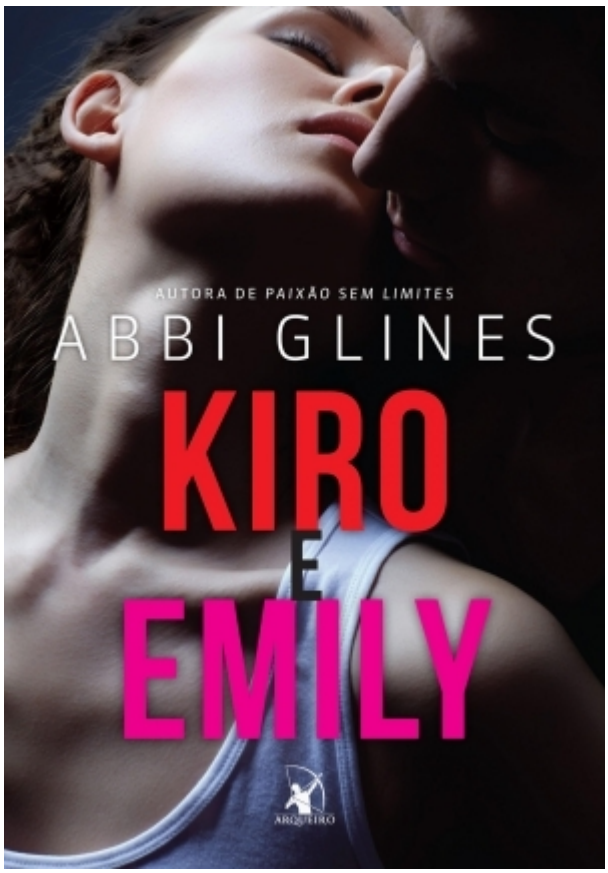
# Casamento Hathaway

Kleypas, Lisa
9788580418484
36 páginas

Compre agora e leia

A família Hathaway recebeu uma herança inesperada, que lhes deu dinheiro, terras, título e prestígio. Mas nem tudo são flores. Ninguém imaginava que seria tão difícil navegar pelo complicado sistema de normas e procedimentos da sociedade londrina. Ainda assim, os cinco irmãos, Leo, Amelia, Winnifred, Poppy e Beatrix, se esforçam para se integrar aos círculos aristocráticos, sem deixar de lado seu jeito confuso e excêntrico. E, de quebra, descobrem que é possível encontrar o amor, não importa a circunstância.Você está cordialmente convidado para o casamento de Win Hathaway e Kev Merripen, uma cerimônia repleta de amor, improviso e convidados surpresa.Casamento Hathaway é um conto exclusivo da série Os Hathaways, presente de Lisa Kleypas para seus leitores. A história se passa entre os livros 2 e 3.

Compre agora e leia


AUTORA DE PAIXÃO SEM LIMITES
ABBI GLINES
KIRO
E
EMILY
ARQUEIRO

# Kiro e Emily

Glines, Abbi
9788580416107
120 páginas

Compre agora e leia

O ano é 1992, e a Slaker Demon é a maior banda do momento. Ganhadores do disco múltiplo de platina, tendo turnês inteiras com ingressos esgotados, liderando as paradas de sucessos e acumulando rios de dinheiro, seus integrantes são a definição perfeita de deuses do rock.Por isso, não é de estranhar que o bad boy incrivelmente sedutor Kiro Manning, vocalista da banda, tenha todas as mulheres a seus pés. Ou pelo menos era isso que ele pensava até ser rejeitado por Emily, uma jovem linda que apareceu inesperadamente em uma das badaladas festas pós-show.Emily é diferente. Determinada. Pura. Especial. Ele a deixou escapar quando se conheceram, mas não para de pensar nela desde então. E ao se reencontrarem, Kiro promete não desistir desse sentimento novo que faz com que ele queira ser alguém melhor. Alguém que mereça ser amado.Nesse livro emocionante, Abbi Glines nos transporta de volta no tempo para apresentar o romance secreto que todos os jornalistas tentaram desvendar em A primeira chance. E, nessa jornada, ela mostra que o amor verdadeiro supera qualquer barreira.

Compre agora e leia


Antes dos irmãos Bridgertons, havia OS ROKESBYS
Julia Quinn
UM
MARIDO
DE FAZ DE
CONTA
ARQUEIRO
2
OS ROKESBYS

# Um marido de faz de conta

Quinn, Julia
9788580419238
304 páginas

Compre agora e leia

Enquanto você dormia…Depois de perder o pai e ficar sabendo que o irmão Thomas foi ferido durante uma batalha, Cecilia Harcourt tem duas opções: se mudar para a casa de uma tia ou se casar com um vigarista. Para fugir desses destinos, ela cruza o Atlântico, determinada a cuidar do irmão. Após uma semana sem conseguir localizá-lo, ela encontra o melhor amigo dele, Edward Rokesby, inconsciente e precisando desesperadamente de cuidados. Mas, para permanecer a seu lado, Cecilia precisa contar uma pequena mentira...Eu disse a todos que era sua esposa.Quando Edward recobra a consciência, não entende nada. A pancada na cabeça o fez esquecer tudo que aconteceu nos últimos três meses, mas ele certamente se lembraria de ter se casado. Apesar de saber que Cecilia é irmã de Thomas, eles nunca foram apresentados. Mas, já que todo mundo a trata como esposa dele, deve ser verdade. Quem dera fosse verdade…Cecilia coloca o próprio futuro em risco ao se entregar ao homem que ama. Mas, quando a verdade vem à tona, Edward também pode ter algumas surpresas guardadas para a nova Sra. Rokesby. "Esse é um daqueles romances em que queremos gritar com os personagens e mandá-los contar logo a verdade um para o outro." – Kirkus Reviews"Um romance fabuloso! Um marido

de faz de conta evoca todo o encanto dos primeiros livros de Julia Quinn." – Freshfiction.com

Compre agora e leia